

A décima terceira tribo

por

Arthur Koestler

PARTE UM

Ascensão e queda dos Cazares

"Na Cazária, ovelha, mel e judeus existem em grandes quantidades." *Muqaddasi, Descriptio Imperii Moslemici* (século X).

EU ASCENSÃO

1

SOBRE o tempo quando Carlos Magno foi coroado imperador do Ocidente, fronteiras orientais da Europa entre o Cáucaso e Volga foram governadas por um Estado judeu, conhecido como o Império Khazar. No auge de seu poder, do sétimo ao décimo século AD, desempenhou um papel significativo em moldar os destinos dos medievais e, conseqüentemente, do moderno, Europa. O imperador bizantino e historiador, Constantino Porfirogênito (913-959), devem ter sido bem conscientes disto quando ele gravou em seu Tratado sobre protocolo Tribunal .1 que cartas endereçadas ao Papa em Roma e da mesma forma para o imperador do Ocidente, tinham um selo ouro vale dois sólidos anexados a eles, Considerando que mensagens para o rei dos Cazares exibido um selo vale três sólidos. Não se tratava de lisonja, mas *Realpolitik*. "No período que nos preocupam," escreveu Bury, "é provável que o Khan de Cazares foi de pouco menor importância, atendendo a política externa imperial de Charles o grande e seus sucessores". .2 O país dos Cazares, um povo de estocagem turca, ocupava uma posição estratégica chave no gateway vital entre o mar Negro e o mar Cáspio, onde as grandes potências orientais do período confrontaram. Ele agiu como um buffer protegendo Byzantium contra invasões por tribos bárbaras lusty das estepes do Norte - búlgaros, magiares, pechenegues, etc. - e, mais tarde, os Vikings e os russos. Mas igualmente, ou ainda mais importante, tanto do ponto de vista da diplomacia bizantina e da história da Europa, é o fato de que os exércitos de Khazar bloqueado a avalanche de árabe em seus estágios iniciais mais devastadoras e, assim, impediram a conquista muçulmana da Europa Oriental. professor Dunlop da Columbia University, das principais autoridades sobre a história dos Cazares, deu um resumo conciso deste episódio decisivo ainda praticamente desconhecido:

O país de Cazar... leigos em toda a linha natural do avanço dos árabes. Dentro de alguns anos da morte de Maomé (632 AD) os exércitos do califado, varrendo para o norte através dos destroços dos dois impérios e carregando tudo antes, chegaram a barreira da grande montanha do Cáucaso. Esta barreira uma vez aprovada, a estrada a postura aberta para as

terras do leste da Europa. Como era, na linha do Cáucaso, os árabes conheceu as forças de um poder militar organizada que efetivamente impediu-os de estender suas conquistas nesse sentido. As guerras árabes e Cazares, que durou mais de cem anos, embora pouco conhecidos, assim, têm considerável importância histórica. Francos de Carlos Martel em matéria de Tours virou a maré da invasão árabe. Em aproximadamente o mesmo tempo a ameaça para a Europa, no Oriente foi mal menos aguda. ... Os muçulmanos vitoriosos foram atendidos e realizados pelas forças do Império Khazar. ... Ele pode... dificilmente ser duvidado isso, mas para a existência dos Cazares na região norte do Cáucaso, Bizâncio, o baluarte da civilização européia no Oriente, teria encontrado a própria submergidos pelos árabes, e a história da cristandade e o Islão poderia bem ter sido muito diferente do que nós know.³

Talvez não é de surpreender, dadas essas circunstâncias, que em 732 - após uma retumbante vitória Khazar sobre os árabes - o futuro imperador Constantino V casou-se com uma princesa de Cazar. Dentro do prazo, o seu filho tornou-se o imperador Leão IV, conhecido como Leo o Cazar. Ironicamente, a última batalha da guerra, AD 737, terminou com uma derrota de Cazar. Mas por esse tempo que foi gasto o impulso da guerra santa islâmica, o Califado foi abalado por dissensões internas, e os invasores árabes refez seus passos através do Cáucaso sem ter ganhou uma posição permanente no norte, enquanto os cazares tornou-se mais poderoso do que tinham sido anteriormente. Alguns anos mais tarde, provavelmente 740 AD, o rei, sua corte e a classe dirigente militar abraçaram a fé judaica e Judaísmo se tornou a religião dos Cazares. Sem dúvida seus contemporâneos eram tão surpreendido pela presente decisão como os estudiosos modernos eram quando eles vieram em toda a evidência das fontes árabes, bizantino, Russo e hebraico. Um dos comentários mais recentes deve ser encontrada num trabalho pelo historiador marxista húngaro, Dr Antal Bartha. Seu livro sobre *A sociedade de Magyar no oitavo e nono séculos*⁴ tem vários capítulos sobre os cazares, como durante a maior parte desse período, os húngaros eram governados por eles. Ainda, sua conversão ao judaísmo é discutida em um único parágrafo, com embaraço evidente. Ele lê:

Nossas investigações não podem ir para problemas relativos à história das idéias, mas nós deve chamar a atenção do leitor para o assunto da religião oficial do Império Khazar. Foi a fé judaica, que se tornou a religião oficial dos estratos da sociedade dominante. Escusado será dizer, a aceitação da fé judaica como a religião de um povo etnicamente judeu poderia ser o assunto de especulações interessantes. Nós devem, no entanto, limitar-na observação que essa conversão oficial - desafiando do proselitismo cristão por Bizâncio, a influência muçulmana do Leste e apesar da pressão política destes dois poderes - a uma religião que não tinha nenhum apoio de qualquer poder político, mas foi perseguido por quase todos - tem vir como uma surpresa para todos os historiadores preocupados com os cazarese não pode ser considerado como acidental, mas deve ser considerada como um sinal da política independente desse reino.

Que nos deixa apenas um pouco mais confuso do que antes. Ainda que as fontes diferem em pequenos detalhes, os principais fatos são além da disputa. O que está em disputa é o destino dos Cazares judaica após a destruição de seu império, no século décimo terceiro ou décimo segundo. Sobre este problema, as fontes são escassas, mas vários assentamentos de Khazar medievais tardio são mencionados na Crimeia, na Ucrânia, na Hungria, a Polónia e a Lituânia. A imagem geral que emerge destes pedaços

fragmentários de informações é a de uma migração de tribos cazares e comunidades das regiões da Europa Oriental - sobretudo a Rússia e a Polónia - onde, no alvorecer da idade moderna, verificou-se as maiores concentrações de judeus. Isto tem conduzido vários historiadores a conjecturar que uma parte substancial e talvez a maioria dos judeus orientais - e, portanto, do mundo judaísmo - pode ser de Khazar e não de origem semita. «As implicações de grande alcance desta hipótese podem explicar o grande cuidado exercido pelos historiadores em abordar esta questão - se eles não evitá-lo completamente. Assim, na edição de 1973 da *Encyclopaedia Judaica* o artigo "Cazares" é assinado por Dunlop, mas há uma secção separada relativa aos "Khazar judeus após a queda do Reino", assinado pelos editores e escrito com a intenção óbvia de evitar perturbar os crentes no dogma da raça escolhida:

As línguas turca caraítas [uma seita judaica fundamentalista] da Criméia, Polónia e noutros locais afirmaram uma conexão com os cazares, que talvez é confirmado por provas de folclore e antropologia, assim como linguagem. Parece haver uma quantidade considerável de elementos de prova que ateste a presença continuada na Europa dos descendentes dos Cazares.

Quão importante, em termos quantitativos, é essa "presença" dos filhos caucasianos de Jafé nas tendas de Shem? Um dos propounders mais radicais da hipótese sobre as origens de Khazar do judaísmo é Professor de história judaica medieval na Universidade de Tel Aviv, r. s. Poliak. Seu livro *Cazária* (em Hebraico) foi publicado em 1944 em Tel Aviv, e uma segunda edição em 1951.5 em sua introdução ele escreve que a procura de fatos-

uma nova abordagem, tanto para o problema das relações entre o judaísmo cazar e outras comunidades judaicas e à questão de como distante nós pode ir em quanto este judaísmo [Khazar] como o núcleo do grande assentamento judaico na Europa Oriental. ... Os descendentes desta resolução - aqueles que ficaram onde estavam, aqueles que emigraram para os Estados Unidos e para outros países e aqueles que foi para Israel - agora constituem a grande maioria do Judaísmo Mundial.

Este foi escrito antes de toda a extensão do Holocausto era conhecida, mas que não altera o fato de que a grande maioria dos sobreviventes judeus do mundo é do Leste Europeu - e, portanto, talvez principalmente de Khazar - origem. Se assim for, isso significaria que seus antepassados vieram não de Jordão mas do Volga, não de Canaã, mas do Cáucaso, uma vez que se pensa ser o berço da raça ariana; e que geneticamente são mais estreitamente relacionados com as tribos Hun, uigure e Magyar do que para a semente de Abraão, Isaac e Jacó. Deve este vir a ser o caso, então o termo "anti-semitismo" tornaria nulo de significado, com base num equívoco compartilhado por ambos os assassinos e suas vítimas. A história do Império Khazar, como ressalta lentamente do passado, começa a olhar como o mais cruel hoax que história jamais tenha perpetrado.

"Attila foi, afinal, apenas o rei de um Reino de tendas. Seu estado passado afastado - Considerando que o desprezado cidade de Constantinopla permaneceu uma potência. As tendas desapareceram, as cidades permaneceram. O estado de Hun foi um turbilhão.

..." Assim, Cassel, 6 um orientalista do século XIX, o que implica que os cazares partilhada, por razões semelhantes, um destino semelhante. Ainda a presença de Hun na cena europeia durou um meros oitenta anos, * [de cerca de 372, quando os hunos começaram a mover para o oeste de estepes norte do mar Cáspio, para a morte de Átila em 453.] Considerando que o Reino dos Cazares realizou sua própria para a melhor parte de quatro séculos. Eles também viviam principalmente em tendas, mas eles também tinham grandes aglomerados urbanos e estavam em processo de transformação de uma tribo de guerreiros nômades em uma nação de agricultores, criadores de gado, pescadores, -vicultores, comerciantes e artesãos. Arqueólogos soviéticos desenterraram evidências de uma civilização relativamente avançada que era completamente diferente do "turbilhão Hun". Eles encontraram os vestígios de aldeias, estendendo-se por vários quilômetros, 7 com casas ligadas por galerias cattlesheds enorme, canetas ovinos e estábulos (estas medida 3-31/2 x 10-14 metros e foram apoiadas por columns.8 algum boi-arados restantes mostraram notável artesanato; assim fizeram os preservados artefactos - fivelas, fechos, placas ornamentais sela. De particular interesse foram as fundações, afundadas no chão, de casas construídas em um shape.9 circular de acordo com os arqueólogos soviéticos, estes foram encontrados todo os territórios habitaram pelos cazares e eram de uma data anterior do que seus edifícios "normais", retangulares. Obviamente as casas redondas simbolizam a transição do portátil, em forma de cúpula-tendas para habitações permanentes, de nômades para uma existência se estabeleceram, ou melhor semi-settled. Para o árabe contemporâneo fontes dizem-nos que Cazares só ficaram em suas cidades - incluindo até mesmo seu capital, Itil - durante o Inverno; Come Primavera, eles embalados suas barracas, deixaram suas casas e saíram para frente com suas ovelhas ou gado em estepes ou acamparam em suas searas ou vinhas. As escavações mostraram também que o Reino foi, durante seu período posterior, rodeado por uma elaborada Cadeia de fortificações, datando dos séculos oitavo e nono, que protegia suas fronteiras do Norte que enfrentam as estepes abertas. Estas fortalezas formaram um arco semi-circular áspero da Criméia (que Cazares governaram por um tempo) em todo o curso inferior do Donets e Don ao Volga; enquanto em direção ao sul eram protegidas pelo Cáucaso, a oeste com o mar Negro e a leste pelo "Mar Khazar", o Caspian.* ["até hoje, os muçulmanos, recordando o terror árabes das incursões de Khazar, chamada ainda o mar Cáspio, um mar, mudando como os nômades e lavagem para suas peças de estepe-terra, *Bahr-ul-Khazar* -"o mar Khazar".] (W. E. O. Allen, Londres *A história do povo georgiano*, 1952).] No entanto, a cadeia norte das fortificações marcado apenas um anel interno, protegendo o núcleo estável do país Khazar; os limites reais da sua regra sobre as tribos do Norte oscilaram de acordo com as fortunas da guerra. No auge de seu poder eles controlada ou exigido tributo de alguns trinta diferentes nações e tribos que habitam os vastos territórios entre o Cáucaso, o mar de Aral, os Montes Urais, a cidade de Kiev e as estepes ucranianas. As pessoas sob a suserania de Khazar incluem búlgaros, Burtas, Ghuzz, magiães (húngaros), as colônias grego e gótico da Criméia e as tribos eslavas em woodlands noroeste. Para além destes domínios estendidos, Khazar exércitos também invadiram a Geórgia e a Arménia e penetraram no Califado árabe, na medida do Mossul. Nas palavras do arqueólogo soviético m. i. Artamonov:10

Até o século IX, Cazares não tinham nenhum rivais à sua supremacia nas regiões norte do mar Negro e os estepe e floresta as regiões adjacentes do rio Dnieper. Os cazares foram os mestres supremos do Sul metade da Europa Oriental para um século e um hall e apresentaram um poderoso baluarte,

bloqueando o gateway de Ural-Cáspio da Ásia para a Europa. Durante este período, eles retidos a investida das tribos nômades do Oriente.

Tendo uma visão panorâmica da história dos grandes impérios nômades do Oriente, o Reino de Khazar ocupa uma posição intermediária na hora, tamanho e grau de civilização entre os impérios Avar que precedeu e Hun, e o Império Mongol que sucederam.

3

Mas quem eram estas pessoas notáveis - notáveis, tanto pelo seu poder e realizações pela sua conversão a uma religião de párias? As descrições que vieram para baixo nos originam de fontes hostis e não podem ser tomadas pelo seu valor nominal. "Como os cazares," um cronista árabe 11 escreve, "eles estão ao norte da terra habitada em direção a 7ª clime,. tendo sobre as suas cabeças a constelação do arado Sua terra é frio e úmido.

Nesse sentido, sua tez é branco, seus olhos azuis, seus cabelos fluindo e predominantemente avermelhado, seus corpos grandes e suas naturezas frias. Seu aspecto geral é selvagem." Após um século de guerras, o escritor árabe não tinha, obviamente, nenhuma grande simpatia para Cazares. Nem tinha o georgiano ou armênias escribas, cujos países, de uma cultura muito mais antiga, tinham sido repetidamente devastadas pelo Khazar cavaleiros. Uma crônica georgiana, ecoando uma antiga tradição, identifica-los com os hosts de Gogue e Magogue - "homens selvagens com caras hideous e os costumes das feras selvagens, comedores de sangue". 12 um escritor armênio refere-se ao "horrrível multiplicidade de Cazares com rostos insolente, amplos, lashless e longa queda do cabelo, como as mulheres". 13 por fim, o geógrafo árabe Istakhri, uma das principais fontes árabes, tem este a dizer: 14 "Cazares não se assemelham os turcos. Eles são cabelos de preto e são de dois tipos, um chamado Kara-Cazares, [Black Cazares] que são Moreno beirando preto profundo como se fosse uma espécie de indiano e um tipo branco [Ak-Cazares], que são impressionantemente bonito." Isso é mais lisonjeiro, mas só aumenta a confusão. Para ele era costume entre os povos turcos para se referir a classes dominantes ou clãs como "branco", para os estratos mais baixos como "preto". Assim, não há nenhuma razão para acreditar que os búlgaros "branco" estavam mais brancos do que os búlgaros "preto", ou que os "Hunos brancos" (Ephtalites) que invadiram a Índia e a Pérsia nos séculos quinto e sexto eram de pele mais justa do que as outras tribos Hun que invadiram a Europa. Pele preto Cazares da Istakhri - como muito mais nos escritos de seus e seus colegas - foram baseadas em boatos e legenda; e nós somos nenhum o mais sábio sobre a aparência física dos Cazares, ou suas origens étnicas. A última pergunta só pode ser respondida de forma vaga e geral. Mas é igualmente frustrante investigar as origens dos hunos, alanos, ávaros, búlgaros, magiares, bashkires, Burtas, Sabirs, uigures, Saragurs, Onogurs, Utigurs, Kutrigurs, Tarniaks, Kotragars, Khabars, Zabenders, pechenegues, Ghuzz, patrimônio, Kiptchaks e dezenas de outras tribos ou pessoas que de uma vez ou outra no tempo de vida do Reino de Khazar atravessou as catracas desses playgrounds migratórias. Até mesmo os hunos, dos quais sabemos muito mais, são de origem incerta; seu nome é derivado aparentemente os chineses *Hiung-nu*, que designa por nômades bélicos em geral, enquanto outras nações aplicado o nome Hun em uma maneira da mesma forma indiscriminada de hordas nômades de todos os tipos, incluindo os "Hunos brancos", mencionado acima, o Sabirs, magiares e Khazars.* [é divertido notar que enquanto os britânicos na primeira Guerra Mundial usou o termo

"Hun" no mesmo sentido pejorativa na minha nativa Hungria estudantes foram ensinados a olhar para cima "nossos gloriosos Hun antepassados" com orgulho patriótico um exclusivo clube de remo em Budapeste foi chamados de "Hunnia", e ainda é um nome popular.] No primeiro século D.C., o chinês levou estes vizinhos Hun desagradáveis para oeste e assim começaram uma dessas avalanches periódicas que varreu por muitos séculos da Ásia para o oeste. Partir do quinto século, muitos destas tribos ligados ao oeste foram chamados pelo nome genérico de "Turcos". O termo também é suposto para ser de origem chinesa (aparentemente derivada do nome de uma colina) e posteriormente foi usado para se referir a todas as tribos que falavam línguas com determinadas características em comum - o grupo de idiomas "Turcos". Assim, o termo Turk, no sentido em que ela foi usada pelos escritores medievais - e muitas vezes também por etnólogos modernos - refere-se principalmente a língua e não a raça. Neste sentido os hunos e cazares eram "Turcos" americano [mas não os magiares, cuja língua pertence ao grupo de idioma Finno-Ugrian.] A língua Khazar supostamente era um dialeto do Chuvash do turco, que ainda sobrevive na República Soviética Autônoma Tchuvache, entre o Volga e o Sura. Os povos do Chuvash realmente acredita-se serem descendentes dos búlgaros, que falavam um dialeto semelhante aos Cazares. Mas todas essas conexões são bastante ténue, com base em deduções mais ou menos especulativas dos filólogos orientais. Tudo o que podemos dizer com segurança é que os cazares eram uma tribo "Turcos", que entrou em erupção das estepes asiáticas, provavelmente no século V de nossa era. A origem do nome Khazar e as derivações modernas a que deu origem, também tem sido objecto de muita especulação engenhoso. Provavelmente a palavra é derivada da raiz turca *gaz*, "vagar" e significa simplesmente "nômade". De maior interesse para o não-especialista são algumas alegaram derivações modernas dele: entre eles, o Cossaco russo e o húngaro *Huszar* - ambas significando cavaleiros marciais; * [Huszar provavelmente é derivado através de servo-croata gregas referências aos Cazares.] e também o alemão *Ketzer* - herege, ou seja, judeu. Se estas derivações são corretas, que eles iria mostrar que Cazares tiveram um impacto considerável sobre a imaginação de uma variedade de povos na idade média.

4

Algumas crônicas persa e árabe fornecem uma combinação atraente de coluna legenda e fofocas. Eles podem começar com a criação e terminam com petiscos de parada-press. Assim, Yakubi, um historiador de árabe do século IX, rastreia a origem dos Cazares volta para Jafé, terceiro filho de Noé. O motivo de Jafé se repete com frequência na literatura, enquanto outras lendas conexão-los com Abraham ou Alexander o grande. Uma das primeiras referências factuais para Cazares ocorre em uma crônica de Syriac por "Zacharia Rhetor", * [foi realmente escrito por um compilador anônimo e nomeado após um historiador grego anteriormente, cujo trabalho é resumido na compilação.] datam de meados do século VI. Ele menciona os cazares em uma lista de pessoas que habitam a região do Cáucaso. Outras fontes indicam que eles já estavam muito em evidência um século mais cedo e intimamente ligado com os hunos. Em 448 AD, o imperador bizantino Teodósio II enviou uma embaixada a Átila, que incluía um retórico famoso pelo nome de Prisco. Ele manteve uma minuta conta não apenas as negociações diplomáticas, mas também das intrigas da corte e acontecimentos no hall de Banquetes suntuoso de Átila - ele era de fato o colunista perfeito e ainda é uma das principais fontes de informação sobre Hun costumes e hábitos. Mas Prisco também tem histórias para contar sobre um povo sujeito a hunos a quem ele chama Akatzirs - isto é, muito

provavelmente, o Ak-Cazares, ou "Branco" Cazares (como distinto de "Black" Kara-Cazares). ** ["Akatzirs" também são mencionados como uma nação de guerreiros por Jordanes, o grande historiador Godo, um século mais tarde e o assim - chamado "Geógrafo de Ravenna" expressamente identifica-los com os cazares. Isto é aceito por autoridades mais modernas. (Uma exceção notável foi Marquart, mas ver refutação de Dunlop de seus pontos de vista, op. cit., pp. 7f). Cassel, por exemplo, assinala pronúncia do Prisco e ortografia segue o armênio e georgiano: Khazir.] O imperador bizantino, Prisco diz-nos, tentou conquistar esta raça do guerreiro ao seu lado, mas o cacique Khazar ganancioso, chamado Karidach, considerado o suborno oferecido a ele inadequados e de um lado e com os hunos. Átila derrotou chefes rivais do Karidach, instalado ele como o único governante do Akatzirs e o convidou para visitar sua corte. Karidach profusamente agradeceu o convite e passou a dizer que "seria muito difícil em um homem mortal a olhar para o rosto de um Deus. Para, como um não pode olhar fixamente no disco do sol, menos ainda poderia um olhar para o rosto do Deus maior sem sofrer um prejuízo." Átila deve ter sido satisfeita, pois ele confirmou Karidach em seu governo. Crônica da Priscus confirma que Cazares apareceram na cena europeia sobre o meio do século v como um povo sob soberania huno e podem ser considerado, juntamente com os magiares e outras tribos, como uma prole posterior da Horda de Átila.

5

O colapso do Império do Hun depois da morte de Átila deixou um vácuo de poder na Europa Oriental, através do qual mais uma vez, onda após onda de hordas nômades varreu de Leste para oeste, proeminente entre eles o Uigurs e ávaros. Cazares durante a maior parte deste período pareciam alegremente ocupados com invadindo as regiões ricas de trans-caucasiana da Geórgia e a Armênia, e coletando preciosas saquear. Durante a segunda metade do século VI eles se tornou a força dominante entre as tribos norte do Cáucaso. Um número destas tribos - a Sabirs, Saragurs, Samandars, Balanjars, etc. - está desde esta data em diante já não mencionada pelo nome em fontes: eles tinham sido subjugados ou absorvidos pelos cazares. A resistência mais difíceis, aparentemente, foi oferecida pelos búlgaros poderosos. Mas eles também foram derrotadas (*cerca de 641*), e como resultado o país dividido em dois: alguns deles migraram para oeste para o Danúbio, na região da Bulgária moderna, outros norte-leste para Volga médio, permanecendo este último sob a suserania de Cazar. São freqüentemente encontramos búlgaros do Danúbio e búlgaros do Volga no decurso da narrativa. Mas antes de se tornar um Estado soberano, Cazares ainda tinham que servir sua aprendizagem sob outro poder de curta duração, o chamado Império turco ocidental ou Reino de Turkut. Foi uma Confederação de tribos, realizada em conjunto por uma régua: o Kagan ou Khagan * [Kaqañ ou ou Khaqañ ou Chagan, etc. Os Orientalistas têm fortes idiossincrasias sobre ortografia (ver apêndice I). Eu deve furar a Kagan como o menos ofensivo aos olhos ocidentais. H no Khazar, no entanto, é uso geral.] -um título que os governantes Khazar também foram posteriormente adotar. Este primeiro Estado turco - se um pode chamar assim - durou um século (cerca de 550-650) e então se desfez, deixando praticamente nenhum traço. No entanto, foi apenas após o estabelecimento deste Reino que o nome "Turk" foi usado para aplicar a uma nação específica, como distinto de outros povos de língua turcomana como os cazares e Bulgars.* [isso, no entanto, não impediu o nome "Turk" ainda ser aplicada indiscriminadamente para qualquer tribo nômade das estepes como um eufemismo para bárbaro, ou um sinônimo para "Hun". Ele levou a muita confusão na interpretação de fontes antigas.] Cazares tinham sido

sob a tutela de Hun, então sob tutela turca. Após o eclipse dos turcos em meados do século sétimo foi sua vez de governar o "Reino do Norte", como os persas e os bizantinos vieram a chamá-lo. Segundo uma tradição, 15 o grande rei persa Khusraw (Khosrov) Anushirwan (abençoado) tinha três comentários de clientes-tronos douradas em seu palácio, reservado para os imperadores de Bizâncio, China e dos Cazares. Nenhum Estado de visitas desses potentados que se materializou e os tronos dourados - se tivessem existido - devem ter servido uma finalidade puramente simbólica. Mas se o fato ou lenda, a história se encaixa bem com conta oficial do imperador Constantino o triplo selo ouro atribuído pela chancelaria Imperial para a régua de Cazares.

6

Assim, durante as primeiras décadas do século VII, pouco antes do furacão muçulmano foi desencadeado da Arábia, o Médio Oriente foi dominado por um triângulo de potências: Byzantium, Pérsia e o Império turco ocidental. Os primeiros dois destes tinham sido travando intermitente guerra uns contra os outros por um século, e ambos pareciam à beira do colapso; na sequência, Byzantium recuperados, mas o Reino persa foi logo atender a sua desgraça e Cazares encontravam efectivamente sobre o matar. Eles estavam ainda nominalmente sob a suserania do Reino turco ocidental, na qual eles representaram a maior força eficaz, e ao qual eles foram logo suceder; Nesse sentido, em 627, o Roman Emperor Heraclius concluiu uma aliança militar com os cazares - o primeiro de vários a seguir - nos preparando sua campanha decisiva contra a Pérsia. Existem várias versões do papel desempenhado pelos cazares nessa campanha que parece ter sido um pouco inglório - mas os fatos principais são bem estabelecidos. Cazares fornecido Heraclius com 40000 cavaleiros sob um cacique chamado Ziebel, que participou no avanço para a Pérsia, mas em seguida - presumivelmente alimentado acima com a estratégia cautelosa dos gregos - voltou para sitiar em Tiflis; Isto não teve êxito, mas no ano seguinte eles novamente juntaram forças com Heráclio, tomaram a capital georgiana e retornado com rica pilhagem. Gibbon deu uma descrição colorida (baseada no Teófanos) da primeira reunião entre o Imperador Romano e a chieftain.16 de cazar

...À Liga hostil de Khosrov com os ávaros, o imperador romano contra a Aliança útil e honrosa do Turks.* [por "Turcos", como mostra a seqüela, ele significa Cazares.] Seu convite liberal, a Horda de Chozars transportados suas barracas das planícies do Volga para as montanhas da Geórgia; Heráclio-los recebido na vizinhança de Tiflis e khan com seus nobres desmontado de seus cavalos, se podemos gregos de crédito e caiu prostrados no chão, adorar o roxo da César. Tal homenagem voluntária e auxílios importantes tinham direito a mais calorosos agradecimentos; e o imperador, tirando seu próprio diadema, colocou-o sobre a cabeça do Príncipe Turco, quem ele saudado com um abraço terno e a denominação de filho. Depois de um sumptuoso banquete, ele apresentou Ziebel com a placa e ornamentos, o ouro, as gemas e a seda, que tinha sido utilizada na mesa Imperial, e, com sua própria mão, distribuídas ricas jóias e brincos para seus novos Aliados. Em uma entrevista secreta, ele produziu um retrato de sua filha Eudócia, leito para bajular o bárbaro com a promessa de uma noiva justa e agosto e obteve um socorro imediato de quarenta mil cavalo...

Eudóxia (ou Epiphania) foi a única filha de Heráclio com sua primeira esposa. A promessa de dar-lhe em casamento para o "Turco" indica mais uma vez o elevado valor fixado pelo Tribunal bizantino sobre a Aliança de Cazar. No entanto, o casamento veio a nada porque Ziebel morreu enquanto Eudóxia e sua suíte estavam em seu caminho a ele. Há também uma referência ambivalente no Teófanos que Ziebel "apresentou seu filho, um menino imberbe" ao imperador - como um *quid pro quo*? Há outra passagem pitoresca em uma crônica Armênia, citando o texto de que poderia ser chamado de uma ordem de mobilização emitido pelo governante cazar para a segunda campanha contra a Pérsia: dirigia-se a "todas as tribos e povos [sob autoridade Khazar], habitantes das montanhas e as planícies, vivendo sob telhados ou a céu aberto, tendo suas cabeças raspou ou vestindo seus cabelos longos". 17 Isso nos dá um anúncio marca o seu primeiro do heterogêneo mosaico étnico que foi para compor o Império Khazar. Cazares"reais" que governou provavelmente eram sempre uma minoria - como os austríacos foram na monarquia Austro-Húngaro.

7

O estado persa nunca se recuperou da derrota esmagadora infligida pelo imperador Heráclio em 627. Houve uma revolução; o rei foi morto por seu próprio filho que, por seu turno, morreu alguns meses mais tarde; uma criança foi elevada ao trono, e após dez anos de anarquia e caos o primeiro árabe exércitos para entrar em erupção na cena entregue o *golpe de misericórdia* ao Império Sassanide. At quase ao mesmo tempo, a Confederação turca Ocidental dissolvido em seus componentes tribais. Um novo triângulo das potências substituiu o anterior: o Califado islâmico - Christian Bizâncio e o novo Reino de Khazar do Norte. Coube a último para suportar o peso do ataque árabe em sua fase inicial e para proteger as planícies do leste da Europa contra os invasores. Nos primeiros vinte anos da Hégira - vôo de Mohammed para Medina em 622, com que inicia o calendário árabe - muçulmanos tinham conquistou a Pérsia, Síria, Mesopotâmia, Egito e cercado o centro bizantino (atual Turquia) em um semicírculo mortal, que se estendia do Mediterrâneo para o Cáucaso e a margem sul do mar Cáspio. O Cáucaso foi um formidável obstáculo natural, mas proibindo a não mais do que os Pirenéus; e que poderia ser negociado pelo pass de Dariel * [agora chamado pass. Kasbek] ou contornado através do desfiladeiro de Darband, ao longo da Costa do mar Cáspio. Este defile fortificada, chamado pelos árabes *Bab al Abwab*, o portão das portas, foi uma espécie de histórico turnstile através do qual os cazares e outras tribos saqueadores tinham desde tempos imemoriais atacou os países do Sul e recuada novamente. Agora foi a vez dos árabes. Entre 642 e 652 eles romperam o portão Darband e avançadas profundamente na Cazária repetidamente, tentando capturar Balanjar, a cidade mais próxima e assim garantir um foothold no lado europeu do Cáucaso. Eles foram espancados volta em todas as ocasiões nesta primeira fase da guerra árabe-Khazar; a última vez em 652, em uma grande batalha em que ambos os lados usado artilharia (catapultas e ballistae). Quatro mil árabes foram mortos, incluindo seu comandante, Abdal-Rahman ibn-Rabiah; o restante fugiu em desordem através das montanhas. Para os próximos trinta ou quarenta anos os árabes não procuraram qualquer outras incursões em Fortaleza Cazar. Seus principais ataques agora eram destinadas a Byzantium. Sobre várias ocasiões [AD 669, 673-8, 717-18.] eles montaram cerco a Constantinopla por terra e por mar; tinha sido capazes de flanquear a capital através do Cáucaso e arredondar o mar Negro, o destino do Império Romano teria provavelmente tenham sido selado. Cazares, entretanto, tendo subjuguou os búlgaros e magiares, completou sua expansão ocidental para a Ucrânia e a Criméia. Mas estes já

não foram incursões casual a acumular booty e prisioneiros; eles eram guerras de conquista, incorporando povos conquistados em um império com uma administração estável, governado pelo poderoso Kagan, que nomeou seus governadores provinciais para administrar e cobrar impostos nos territórios conquistados. No início do século VIII seu estado consolidou-se suficientemente para Cazares tomar a ofensiva contra os árabes. De uma distância de mais de mil anos, o período de guerras intermitentes que se seguiram (os chamados 'segunda guerra árabe', 722-37) se parece com uma série de episódios entediantes em escala local, seguindo o padrão mesmo, repetitivo: a cavalaria cazar em suas armaduras pesadas rompendo o passe de Dariel ou portão de Darband em domínios do califa para o Sul; seguido por counter-thrusts árabes através a mesma passagem ou defile, no sentido do Volga e voltar novamente. Olhando assim a extremidade errada do telescópio, lembra do jingle velho sobre o nobre Duque de York, que tinha dez mil homens; "ele marchou-los até a parte superior do Morro. E ele lhes marchou para baixo novamente." Na verdade, as fontes árabes (embora muitas vezes eles exageram) falam dos exércitos de 100000, mesmo de 300000, homens envolvidos em ambos os lados - provavelmente ultrapassando os exércitos que decidiram o destino do mundo ocidental durante a batalha de Tours, quase ao mesmo tempo. O fanatismo desafiando a morte que caracteriza estas guerras é ilustrado por episódios como o suicídio pelo fogo de uma cidade inteira de Khazar como uma alternativa para render; o envenenamento do abastecimento de água de Bab al Abwab por um árabe geral; ou pela exortação tradicional que iria parar a derrota um exército árabe derrotado e torná-lo lutar até o último homem: "para o jardim, os muçulmanos, não o fogo" - as alegrias do paraíso, sendo garantida a cada soldado muçulmano morta na Guerra Santa. Em um estágio durante estes quinze anos de lutas Cazares invadiram a Geórgia e a Arménia, infligiu uma derrota total do exército árabe na Batalha de Ardabil (AD 730) e avançou até Mossul e Dyarbakir, mais de meio caminho de Damasco, capital do califado. Mas um exército muçulmano recentemente levantado proveio a maré e Cazares recuaram homewards através das montanhas. No ano seguinte Maslama ibn-Abd-al-Malik, árabes mais famosos geral de seu tempo, que antigamente comandou o cerco a Constantinopla, tomou Balanjar e mesmo tem tanto quanto Samandar, outro grande Khazar cidade ainda mais norte. Mas mais uma vez os invasores não conseguiram estabelecer uma guarnição permanente, e mais uma vez eles foram forçados a recuar através do Cáucaso. O suspiro de alívio experimentado no Império Romano assumiu uma forma tangível através de outra aliança dinástica, quando o herdeiro do trono casou-se com uma princesa de Khazar, cujo filho foi a regra Bizâncio como Leo o Cazar. A última campanha de árabes foi liderada pelo futuro califa Marwan II e terminou com uma vitória de Pirro. Marwan fez uma oferta da Aliança para o Khazar Kagan e, em seguida, atacou de surpresa através de dois passes. O exército de Khazar, incapaz de recuperar do choque inicial, retirou-se tão longe como o Volga. O Kagan foi forçado a pedir para termos; Marwan, de acordo com a rotina seguida noutros países conquistados, requisitado a conversão da Kagan para a verdadeira fé. O Kagan respeitados, mas sua conversão ao Islã deve ter sido um ato de serviço de bordo, para não mais é ouvida do episódio em árabe ou fontes bizantinas - em contraste com os efeitos duradouros do estabelecimento do Judaísmo como religião do Estado, que teve lugar alguns anos turística [A data provável para a conversão é em torno de AD 740 - Veja abaixo.] Satisfeito com os resultados alcançados, Marwan despedir Cazária e marchou com seu exército Voltar à Transcaucásia - sem deixar qualquer guarnição, governador ou aparelho administrativo para trás. Pelo contrário, pouco tempo depois ele pediu termos outra aliança com os cazares contra as tribos rebeldes do Sul. Tinha sido uma fuga complicada. Os motivos que levaram a magnanimidade aparente do Marwan são uma matéria de conjectura -

como muito mais neste capítulo bizarro da história. Talvez os árabes perceberam que, ao contrário do relativamente civilizado persas, armênios ou georgianos, estes ferozes bárbaros do Norte não poderiam ser governados por um príncipe muçulmano fantoche e uma pequena guarnição. Ainda Marwan necessário cada homem de seu exército para esmagar grandes rebeliões na Síria e outras partes do Califado Omayyad, que estava em processo de ruptura. Marwan ele próprio era o comandante chefe na guerra civil que se seguiu e se tornou, em 744, o último dos califas Omayyad (apenas para ser assassinado seis anos mais tarde, quando o califado passou para a Dinastia Abássida). Perante este pano de fundo, Marwan simplesmente não estava em uma posição para esgotar os seus recursos por outras guerras com os cazares. Ele teve que contentar-se em ensinar-lhes uma lição que seria dissuadi-las de outras incursões através do Cáucaso. Assim, o gigantesco movimento pinça muçulmano através dos Pirinéus, a oeste e o Cáucaso na Europa Oriental foi interrompido em ambas as extremidades ao mesmo tempo. Como francos de Carlos Martel salvou Gália e Europa Ocidental, tão Cazares salvo as abordagens orientais do Volga, Danúbio e o Império Romano Oriental propriamente dito. Sobre este ponto, pelo menos, o arqueólogo soviético e historiador, Artamonov e historiador norte-americano, Dunlop, estão plenamente de acordo. Eu já citou este último no sentido de que, mas para os cazares, "Byzantium, o baluarte da civilização Europeia ao leste, teria encontrado-se submergidos pelos árabes", e que história poderia ter tomado um rumo diferente. Artamonov é da mesma opinião: 18

Cazária foi o primeiro Estado feudal da Europa Oriental, que classificou com o Império Bizantino e o Califado árabe.... Ele foi apenas devido aos ataques de Khazar poderosos, desviando a maré dos exércitos Árabes para o Cáucaso, que Byzantium resistido-los....

Por último, o Professor de história russa na Universidade de Oxford, Dimitry Obolensky:19 "A principal contribuição dos Cazares a história mundial foi seu sucesso em prender a linha do Cáucaso contra o ataque dos árabes para o Norte." Marwan não foi apenas passado árabe geral para atacar os cazares, ele também foi o último califa de praticar uma política expansionista dedicada, pelo menos em teoria, o ideal de tornar o triunfo do Islã no mundo inteiro. Com os califas abássidas guerras de conquista cessado, a influência da cultura persa antigo revivida criou um clima cido e eventualmente deu origem ao esplendor de Bagdá sob Harun al Rashid.

8

Durante a longa trégua entre as primeiras e segunda guerras de árabes, Cazares envolveu-se em um dos episódios mais escabrosos da história bizantina, característico dos tempos e do papel que Cazares tocou nele. Em 685 AD Justiniano II, Rhinotmetus, tornou-se imperador romano do Oriente com a idade de dezesseis anos. Gibbon, em sua maneira inimitável, chamou retrato: 20 a juventude

Suas paixões eram fortes; seu entendimento foi fraco; e ele estava embriagado com um orgulho tolo.... Seus ministros favoritos foram dois seres menos suscetíveis de simpatia humana, um eunuco e um monge; corrigida a antiga mãe do imperador com um flagelo, este último suspenso os afluentes insolventes, com suas cabeças para baixo, sobre um fogo lento e fumado.

Após dez anos de desgoverno intolerável foi uma revolução e o novo imperador, Leôncio, ordenou que Justiniano mutilação e banimento: 21

A amputação do nariz, talvez da sua língua, foi imperfeitamente realizada; a flexibilidade da língua grega feliz poderia impor o nome de Rhinotmetus ("nariz de cut-off"); e o tirano mutilado foi banido para Chersonae em Crim-Tartária, um assentamento solitário onde milho, vinho e óleo foram importados como luxuries.* estrangeira [O tratamento dado a Justiniano realmente foi considerado como um acto de clemência: a tendência geral do período foi para humanizar o direito penal, substituindo a mutilação de pena de morte-amputação da mão (para furtos) ou do nariz (fornicaçãoetc.) sendo a forma mais freqüente. Governantes bizantinos também foram dadas para a prática de cegueira rivais perigosos, poupando magnanimamente suas vidas.] .Durante seu exílio em Quersoneso, Justiniano mantidos conspirando recuperar o seu trono. Após três anos ele viu suas chances de melhorar quando, em Bizâncio, Leôncio foi de-throned e também teve o nariz cortado. Justiniano escapou de Quersoneso na cidade de Doros governou Khazar na Crimeia e teve uma reunião com o Kagan dos Cazares, rei Busir ou Bazir. O Kagan deve ter saudado a oportunidade de colocar seus dedos no bolo rico das políticas dinásticas bizantinas, ele formou uma aliança com Justiniano e deu-lhe sua irmã em casamento. Esta irmã, que foi batizada com o nome de Theodora e mais tarde devidamente coroada, parece ter sido a pessoa apenas decente nesta série de intrigas sórdidas e ter o amor genuíno para seu marido noseless (que era ainda somente em seus trinta e poucos anos). O casal e seu grupo de seguidores foram agora mudou-se para a cidade de Fanagória (Taman presente) na margem oriental do Estreito de Kerch, que tinha um governador de Cazar. Aqui eles fizeram preparações para a invasão de Bizâncio com a ajuda dos exércitos Khazar que rei Busir aparentemente havia prometido. Mas os enviados do imperador, Tiberias III, persuadiram Busir para mudar sua mente, oferecendo-lhe uma rica recompensa em ouro se ele entregue Justiniano, vivo ou morto, aos bizantinos. Rei Busir nesse sentido deu ordens para dois de seus capangas, denominadas Papatzes e Balgitres, para assassinar seu cunhado. Mas fiel Theodora ficou sabendo da trama e alertou seu marido. Justiniano convidou Papatzes e Balgitres separadamente para seus aposentos e estrangulado cada um por sua vez com um cordão. Então ele tomou navio, navegado através do mar Negro no estuário do Danúbio e fez uma nova aliança com uma poderosa tribo de Bulgar. Seu rei, Terbolis, revelou-se para o tempo sendo mais confiável que Khazar Kagan, no 704 ele desde Justiniano com 15000 cavaleiros para atacar Constantinopla. Os bizantinos tinham, depois de dez anos, quer esquecido os lados mais escuros da regra antiga de Justiniano, ou senão sua régua presente ainda mais intolerável, para eles prontamente subiu contra Tiberíades e reintegrado Justiniano no trono. O rei de Bulgar foi recompensado com "uma pilha de moedas de ouro que ele mediu com seu chicote cita" e fui para casa (somente para se envolver numa nova guerra contra Bizâncio alguns anos mais tarde)...Segundo reinado de Justiniano (704-711) provou ser ainda pior do que o primeiro; "ele considerou o Machado, o cabo e o rack como instrumentos únicos da realeza",²² tornou-se mentalmente desequilibrado, obcecado com ódio contra os habitantes do Quersoneso, onde ele passou a maior parte dos anos amargos de seu exílio e enviou

uma expedição contra a cidade. Alguns cidadãos líderes do Quersoneso foram queimados vivos, outros se afogou e muitos prisioneiros tomados, mas isso não foi suficiente para amenizar a luxúria de Justiniano por vingança, pois ele enviou uma segunda expedição com ordens para arrasar a cidade até o chão. No entanto, desta vez sua tropas foram interrompidas por um poderoso exército de Khazar; quando então representante de Justiniano na Crimeia, uma certa Bardanes, mudou de lado e se juntou a Cazares. A força expedicionária bizantina desmoralizada abjurou sua lealdade a Justiniano e eleito Bardanes como imperador, sob o nome de Filípico. Mas como Filípico estava nas mãos de Khazar, os insurgentes tinham de pagar um pesado resgate para Kagan para voltar seu novo imperador. Quando a força expedicionária retornou a Constantinopla, Justiniano e seu filho foram assassinados e Filípico, saudado como um libertador, foi instalado no trono apenas para ser deposto e cegado um par de anos mais tarde. O ponto deste conto sangrento é mostrar a influência que os cazares nesta fase exercida sobre os destinos do Império Romano Oriental - além de seu papel como defensores do baluarte do Cáucaso contra os muçulmanos. Filípico Bardanes foi um imperador da tomada dos Cazares e o final do reinado de terror de Justiniano foi provocado por seu cunhado, o Kagan. Para citar o Dunlop: "Não parece um exagero para dizer que neste momento o Khaquan conseguiu praticamente dar um novo governante do Império grego."²³

9

Do ponto de vista cronológico, o próximo evento a ser discutido deve ser a conversão dos Cazares ao judaísmo, em torno de 740 AD. Mas para ver esse evento notável em sua devida perspectiva, um deve ter pelo menos alguma idéia esquemático dos hábitos, costumes e vida quotidiana entre os cazares antes para a conversão. Infelizmente, não temos nenhum relato de testemunha ocular animada, tais como descrição de Priscus da corte de Átila. O que temos são principalmente as contas de passivo e compilações por cronistas bizantinos e árabes, que são bastante esquemático e fragmentadas - com duas exceções. Um é uma carta, supostamente de um rei de Khazar, para ser discutido no capítulo 2; o outro é um livro de viagens por um atento viajante árabe, Ibn Fadlan, que - como Prisco - era um membro de uma missão diplomática de um Tribunal civilizado para os bárbaros do Norte. O Tribunal foi que o califa al Mukhtadir, e a missão diplomática viajou de Bagdá através da Pérsia e Bukhara para a terra dos búlgaros do Volga. O pretexto oficial para esta grandiosa expedição foi uma carta convite do rei búlgaros, que perguntou o califa (a) para os instrutores religiosos para converter seu povo ao islamismo e (b) para construir-lhe uma fortaleza que permitem-lhe desafiar seu suserano, o rei dos Cazares. O convite - que sem dúvida foi previamente combinado por anteriormente contactos diplomáticos - também constituiu uma oportunidade para criar boa vontade entre os várias tribos turcos que habitavam territórios através da qual a missão teve de passar, pregando a mensagem do Corão e distribuindo enormes quantidades de ouro bakhshish. Os parágrafos de abertura de conta do nosso viajante Leia: * [as citações seguintes baseiam-se na tradução alemã do Zeki Zuriq une do texto árabe e a tradução inglesa de extractos por Blake e Frye, ambos ligeiramente parafraseado de legibilidade.]

Este é o livro de Ahmad ibn Fadlan ibn-al-Abbas, ibn-Rasid, ibn-Hammad, um funcionário dos serviços de [General] Muhammed ibn-Sulayman, o embaixador de [califa] al Muktadir ao rei dos búlgaros, na qual ele relata o que viu na terra dos turcos, Cazares, Rus, os búlgaros, os bashkires e outros, seus variados tipos de religião, as histórias de seus reise sua conduta em muitas esferas da vida. «A carta do rei dos búlgaros chegou o comandante dos fiéis, al Muktadir; Ele pediu-lhe para enviar-lhe alguém para lhe dar instrução religiosa e acostume ele com as leis do Islã, construir-lhe uma mesquita e um púlpito para que ele pode realizar sua missão de converter as pessoas ao seu país; Ele também entreated o califa-lhe construir uma fortaleza para defender-se contra kings.* hostile [isto é, como mais tarde passagens show, o rei dos Cazares.] Tudo o que o rei pediu foi concedido pelo califa. Eu foi escolhido para ler mensagem do califa para o rei, a entregar os presentes que do califa lhe enviou e supervisionar o trabalho dos professores e intérpretes da lei....[Lá seguem alguns detalhes sobre o financiamento da missão e de nomes de participantes.] E então começamos na quinta-feira a 11 Safar do ano 309 [21 de Junho, AD de 921] da cidade de paz [Bagdá, capital do Califado].

A data da expedição, ele vai ele observou, é muito mais tarde do que os eventos descritos na seção anterior. Mas como diz respeito a costumes e instituições de países vizinhos pagãos dos Cazares, isto faz provavelmente não muita diferença; e vislumbres que obtemos da vida destas tribos nômades transmitem pelo menos alguma idéia do que a vida entre os cazares pode ter sido durante esse período anterior - antes da conversão - quando eles aderiu a uma forma de xamanismo semelhante ao que ainda praticada por seus vizinhos em vez de Ahmad Ibn Fadlan. «O progresso da missão foi lento e aparentemente sem intercorrências até que eles alcançaram Khwarizm, na província de fronteira do Califado sul do mar de Aral. Aqui o governador da província tentou impedi-los de processo mais, argumentando que entre seu país e o Reino dos búlgaros eram "mil tribos dos disbelievers" que foram-se para matá-los. Na verdade suas tentativas de ignorar as instruções do califa para deixar a missão de passar poderiam ter sido devido a outros motivos: ele percebeu que a missão destinava-se indirectamente contra os cazares, com quem ele manteve relações amigáveis e um comércio florescente. No final, no entanto, ele teve que ceder, e a missão foi autorizada a seguir para Gurganj no estuário do Amu Dária. Aqui eles hibernated por três meses, por causa do frio intenso - um factor que paire nos contos de muitos viajantes árabes:

O Rio foi congelado por três meses, nós olhou para a paisagem e pensei que tiveram sido abertos os portões do inferno frio para nós. Verily eu vi que o mercado local e as ruas estavam totalmente vazias por causa do frio.... Vez, quando eu vim do banho e cheguei em casa, vi que minha barba havia congelado em um pedaço de gelo, e eu tinha que descongelá-lo na frente do fogo. Eu fiquei por alguns dias em uma casa que foi dentro de outra casa [composta]? e em que ficou lá uma tenda de feltro turca e eu coloco dentro da barraca envolvida em roupas e peles, mas, no entanto, meu rosto frequentemente congelou a almofada....

Em meados de fevereiro o degelo definido. A missão organizados para se juntar a uma caravana poderosa de 5.000 homens e 3000 animais pack para atravessar as estepes do Norte e comprou os suprimentos necessários: camelos, barcos de pele de camelo oculta de passagem rios, pão, milho e carne com especiarias para três meses. Os nativos advertiram sobre o frio ainda mais terrível no norte e aconselhou-os qual roupa para vestir:

Assim que cada um de nós colocar em um Kurtak, [camisola] sobre o que um cafetã lã, sobre o que um buslin, [casaco forrado de peles] sobre o que a burca [casaco de peles]; e um gorro, que poderiam ser vistos apenas os olhos; um simple par de cuecas e um par de linhas e sobre eles as calças; sapatos de casa de kaymuht [shagreen couro] e sobre estas também outro par de botas; e quando um de nós montado um camelo, ele foi incapaz de se mover por causa de sua roupa.

Ahmad Ibn Fadlan, os árabes exigente, gostei nem o clima nem o povo de Khwarizm:

Eles estão, de sua língua e Constituição, o mais repugnante dos homens. Sua língua é como a vibração de estorninhos. A viagem de um dia, há uma aldeia chamada Ardkwa, cujos habitantes são chamados Kardals; sua linguagem parece inteiramente o coaxar das rãs.

Eles deixaram em 3 de Março e pararam para a noite em um caravançarai chamado Zamgan - o gateway para o território dos turcos Ghuzz. A partir daqui avante a missão foi em terra estrangeira, "confiando nosso destino a Deus todo-poderoso e exaltado". Durante uma das frequentes tempestades de neve, Ibn Fadlan andava junto a um turco, que se queixaram: "O que o governante quer de nós? Ele é matar-nos com frio. Se soubéssemos o que ele quer que nós lhe daria a ele." Ibn Fadlan: "tudo o que ele quer é que pessoas que você deve dizer: "Não há nenhum Deus salve Allah". O turco riu: "Se soubéssemos que é assim, nós deve dizê-lo." Existem muitos desses incidentes, que Ibn Fadlan relata sem apreciar a independência de espírito que eles refletem. Nem fez o enviado da corte de Bagdade apreciar desprezo fundamental de tribos nômades de autoridade. O episódio seguinte ocorreu também no país dos turcos Ghuzz poderoso, que prestou homenagem aos Cazares e, de acordo com algumas fontes, eram estreitamente relacionados com eles: 24

Na manhã seguinte um dos turcos reuniu-se conosco. Ele era feio em compilação, suja na aparência, desprezível em boas maneiras, base na natureza; e nós estavam se movendo através de uma forte chuva. Então, ele disse: "Halt". Em seguida, a caravana inteira de 3000 animais e 5.000 homens foi interrompida. Então, ele disse: "não um único um de vocês é permitido ir." Nós interrompido em seguida, obedecendo seus orders.* [obviamente, os líderes da grande caravana tinham a todo o custo evitar um conflito com os membros Dumas tribo Ghuzz.] Então nós dissemos a ele: "Nós somos amigos de Kudarkin [vice-rei]". Ele começou a rir e disse: "quem é o Kudarkin? Eu merda em sua barba." Então, ele disse: "Pão." Eu dei-lhe alguns pães. Ele levou-os e disse: "continuar sua jornada; Tomei pena em você."

Métodos democráticos de Ghuzz, praticada quando tinha uma decisão a tomar, foram ainda mais desconcertante para o representante de uma teocracia autoritário:

Eles são nômades e tem casas de feltro. Eles ficar por um tempo em um só lugar e, em seguida, seguir em frente. Pode-se ver suas barracas dispersas aqui e ali toda sobre o lugar de acordo com costumes nômades. Embora eles levam uma vida difícil, eles se comportam como burros que perderam seu caminho. Eles têm nenhuma religião que seria vinculá-las a Deus, nem eles são guiados pela razão; eles não adorar qualquer coisa. Em vez disso, eles chamam seus chefes de Lordes; Quando um deles consulta seu cacique, ele pergunta: "Ó Senhor, o que

devo fazer este ou aquele assunto?" O curso de ação que adoptarem é decidido, tendo advogado entre si; mas quando eles decidiram sobre uma medida e estão prontos para levá-lo através de, até mesmo os mais humildes e mais humilde entre eles podem vir e perturbar essa decisão.

Os mores sexuais o Ghuzz - e outras tribos - eram uma mistura notável do liberalismo e selvageria:

As mulheres vestem sem véus na presença de seus homens ou estranhos. Nem fazem as mulheres cobrir todas as partes do seu corpo na presença de pessoas. Um dia nós ficamos no lugar de um Ghuzz e estavam sentados ao redor; sua esposa também esteve presente. Como temos conversado, a mulher revelou suas partes íntimas e arranhou-los, e todos nós vimos ele. Então nós cobertos nossos rostos e disse: "Podem Deus me perdoe." O marido riu e disse para o intérprete: "diga-lhes nós descobrir na sua presença, para que você possa ver e contê-vos; mas não podem ser atingido. Isto é melhor do que quando é coberto acima e ainda atingível." Adultério é estrangeiro **ainda quando eles descobrem que alguém é um adúltero eles dividem ele em duas metades.** Isto eles fazem, reunindo os ramos de duas árvores, amarrá-lo aos ramos e deixe ambas árvores ir, para que o homem amarrado a eles é dividido em dois.

Ele não diz se a mesma punição foi dispensada à mulher culpada. Mais tarde sobre, ao falar sobre os búlgaros do Volga, ele descreve um método igualmente selvagem de dividir adúlteros em duas, aplicado a homens e mulheres. Ainda, ele observa com espanto, búlgaros de ambos os sexos nadam nus em seus rios e têm como pouca vergonha corporal como o Ghuzz. Quanto a homossexualidade - que, em países árabes, foi tomada como uma questão de curso - Ibn Fadlan diz que é "considerada pelos turcos como um pecado terrível". Mas no episódio só que ele relata para provar seu ponto, o sedutor de uma "Juventude imberbe" fica afastado com uma multa de 400 ovelhas. Acostumados aos banhos esplêndidos de Bagdá, nosso viajante não poderia começar sobre o dirtiness dos turcos. "O Ghuzz não lavem-se depois de defacating ou urinar, nem fazem eles tomar banho depois de poluição seminal ou em outras ocasiões. Eles se recusam a ter qualquer coisa fazer com a água, especialmente no inverno...." Quando o comandante-chefe Ghuzz tirou seu casaco luxuoso da brocade a usar um casaco novo que a missão tinha lhe trouxe, eles viram que seu underclothes eram "desgaste além da sujeira, por isso é seu costume nunca para tirar a roupa que desgastam perto de seus corpos, até que ele se desintegra". Outro tribo Turco, bashkires, 'raspar suas barbas e comer seus piolhos. Eles procurar as dobras de suas roupas e rachar os piolhos com seus dentes." Quando Ibn Fadlan assisti um Bashkir fazê-lo, este último observou-lhe: "Eles são deliciosos." Em suma, não é uma imagem atraente. Desprezo do nosso viajante exigente para os bárbaros foi profundo. Mas ele só foi despertado por sua impureza e o que ele considerava como exposição indecente do corpo; a selvageria de suas penas e ritos de sacrifício deixá-lo completamente indiferente. Assim ele descreve punição os búlgaros por homicídio culposo com interesse isolada, sem seus caso contrário freqüentes expressões de indignação: "eles fazer para ele [o delinquente] uma caixa do birchwood, colocá-lo dentro, prego a tampa na caixa, coloque três pães de pão e uma lata de água ao lado dele e suspender a caixa entre dois pólos altos, dizendo:" vamos ter colocá-lo entre o céu e a terra que ele pode estar exposto ao sol e a chuva, e que a divindade talvez pode perdoá-lo. " E assim ele continua suspenso até que o tempo deixa ele decadência e os ventos surpreendê-lo." Ele também descreve, com distanciamento semelhante, o sacrifício

de funeral de centenas de cavalos e rebanhos de outros animais e a matança ritual macabro de um Rus [Rus: os fundadores de Viking dos primeiros assentamentos russos - veja abaixo, capítulo III.] menina do escravo no bier do seu mestre. Sobre religiões pagãs ele tem pouco a dizer. Mas cult de falo dos bashkires desperta seu interesse, pois ele pede através do seu intérprete um dos nativos a razão para sua adorando um pênis de madeira e observa para baixo sua resposta: "Porque eu emitidos a partir de algo semelhante e sei de nenhum outro criador que me fez." Em seguida, acrescenta que «alguns deles [bashkires] acreditam em doze divindades, um Deus para o Inverno, outro para o Verão, uma para a chuva, uma para o vento, um para as árvores, uma para homens, uma para o cavalo, um para água, um para a noite, um para o dia, um Deus da morte e outro para a terra; enquanto que o Deus que habita no céu é o maior entre eles, mas tem advogado com os outros e, assim, todos é contentou com feitos uns dos outros.... Nós vimos um grupo entre eles que adora cobras e um grupo que adora peixe e um grupo que adora guindastes....". Entre os búlgaros do Volga, Ibn Fadlan encontrou um estranho costume:

Quando observam um homem que se destaca por meio de quickwittedness e conhecimento, eles dizem: "para um presente é mais condizente com a servir o nosso Senhor." Eles apreender-lhe, colocar uma corda de seu pescoço e penduram dele em uma árvore onde ele deixou até que ele apodrece afastado.

Ao comentar esta passagem, a orientalista turca Zeki Zuriqune, autoridade indiscutível no Ibn Fadlan e seus tempos, tem isto para dizer: 25 "não há nada misterioso sobre o tratamento cruel dispensado pelos búlgaros para as pessoas que estavam demasiado inteligentes. Ele foi baseado no raciocínio simple, sóbrio dos cidadãos médios, que só queria levar o que eles consideram ser uma vida normal e para evitar qualquer risco ou aventura na qual o "gênio" pode levá-los." Ele, em seguida, cita um provérbio de tártaro: "se você sabe demais, eles vão travar você, e se você é muito modesto, eles vão pisotear você." Ele conclui que a vítima ' não deve ser considerado simplesmente como uma pessoa aprendeu, mas como um gênio indisciplinado, aquele que é muito inteligente pela metade ". Isto leva a crer que o costume deve ser considerado como uma medida de defesa social contra a mudança, uma punição de não-conformistas e potenciais innovators.* [em apoio do seu argumento, o autor fornece citações Turco e árabe no original, sem tradução - mau hábito comum entre os especialistas modernas no campo.] Mas algumas linhas ainda mais para baixo ele dá uma interpretação diferente:

Ibn Fadlan descreve não simple assassinato de pessoas muito inteligentes, mas um dos seus costumes pagãos: sacrifício humano, pelo qual o mais excelente entre os homens eram oferecidos como sacrifício a Deus. Esta cerimônia provavelmente não foi realizada pelos búlgaros comuns, mas por sua Tabibs, ou homens de medicina, ou seja, seus xamãs, cujos equivalentes entre os búlgaros e os Rus também exercia o poder da vida e da morte sobre o povo, em nome de seu culto. De acordo com Ibn Rusta, os homens de medicina dos Rus poderia colocar uma corda do pescoço de ninguém e pendurar dele em uma árvore para invocar a misericórdia de Deus. Quando isso foi feito, eles disseram: "Esta é uma oferta a Deus."

Talvez os dois tipos de motivação foram misturados entre si: «como sacrifício é uma necessidade, vamos sacrificar os trouble-makers ". . Veremos que os sacrifícios

humanos também foi praticado pelos cazares - incluindo a matança ritual do rei no final do seu reinado. Podemos assumir que muitas outras semelhanças entre os costumes das tribos descritas por Ibn Fadlan e dos Cazares. Infelizmente ele foi excluída do visitando a capital Khazar verificação e tiveram que confiar em informações recolhidas nos territórios sob domínio cazar e particularmente no Tribunal de Justiça de Bulgar.

10

Demorou missão do califa de quase um ano (a partir de 21 de Junho de 921, de 12 de Maio de 922) para chegar ao seu destino, a terra dos búlgaros do Volga. A rota direta de Bagdá para o Volga leva em todo o Cáucaso e Cazária - para evitar este, tinham de fazer o enorme desvio volta a costa oriental do "Mar Khazar", o mar Cáspio. Mesmo assim, eles eram constantemente lembrados da proximidade dos Cazares e seus perigos potenciais. **Um episódio característico teve lugar durante a sua permanência com o chefe do exército Ghuzz (aquele com o underwear disreputable).** Eles estavam no primeiro poço recebido e dado um banquete. Mas mais tarde os líderes Ghuzz tinham segundos pensamentos por causa das suas relações com os cazares. O chefe reuniu os líderes para decidir o que fazer:

O mais ilustre e influente entre eles foram Tarjan; Ele era coxo e cego e tinha uma mão mutilada. O chefe disse-lhes: "estes são os mensageiros do rei dos árabes, e não me sinto autorizado para deixá-los prosseguir sem consultar você." Então o Tarjan falou: "Esta é uma questão semelhantes de que temos nunca visto ou ouvido antes; nunca tem um embaixador do sultão viajou através de nosso país desde que nós e nossos antepassados estiveram aqui. Sem dúvida o sultão é enganar-nos; **essas pessoas ele realmente está enviando para os cazares, agitá-los contra nós.** O melhor será cortar cada um destes mensageiros em dois e confiscar todos os seus pertences." Um outro disse: "não, devemos tirar seus pertences e deixá-los executar volta nu proveniência." Outro disse: "Não, o rei de Khazar mantém reféns de nós, vamos enviar essas pessoas como refém-los."

Eles argumentaram entre si durante sete dias, enquanto Ibn Fadlan e seu povo temeu o pior. No final o Ghuzz deixá-los ir; não dizem porquê. Provavelmente Ibn Fadlan conseguiu persuadir-lhes que sua missão foi de fato dirigida contra os cazares. O Ghuzz anteriormente tinha lutado com os cazares *contra* outro tribo Turco, os pechenegues, mas mais recentemente tinham mostrado uma atitude hostil; Daí tomaram reféns Cazares. **A ameaça khazares apareceu grande sobre o horizonte ao longo de toda a viagem. Norte do mar Cáspio, eles fizeram outro enorme desvio antes de atingir o acampamento de Bulgar em algum lugar perto da confluência do Volga e o Kama.** Lá o rei e os líderes dos búlgaros estavam esperando por eles em um Estado de ansiedade aguda. Tão logo as cerimónias e festividades terminaram, o rei enviou para Ibn Fadlan discutir negócios. Ele lembrou Ibn Fadlan em linguagem enérgica ("sua voz soou como se ele estivesse falando do fundo do barril") da finalidade principal da missão a saber, o dinheiro para pagar-lhe ' para que serei capaz de construir uma fortaleza para me proteger contra os judeus que subjugaram-me ". Infelizmente esse dinheiro - um montante de quatro mil dinares - tinha não foi entregue para a missão, devido a alguma questão complicada da burocracia; era para ser enviada mais tarde. Em aprender isto, o rei - "uma personalidade de aparência impressionante, ampla e corpulento" - parecia estreito ao desespero. Ele suspeita que a missão de ter defraudado o dinheiro: "" o que você pensaria de

um grupo de homens que recebem uma soma de dinheiro destinado para um povo que é fraco, sitiada e oprimidos, mas estes homens defraudar o dinheiro?" Eu respondi: "Isso é proibido, os homens seriam maus." Ele perguntou: "É esta uma questão de opinião ou uma questão de consentimento geral?" Eu respondi: "Uma questão de consentimento geral." " -Gradualmente Ibn Fadlan conseguiu convencer o rei que o dinheiro só foi adiado, * [aparentemente ele chegar a algum tempo, como não há menção da questão.], mas não para aliviar suas ansiedades. O rei manteve a repetir que o ponto inteiro do concurso foi a construção da fortaleza "porque ele estava com medo do rei dos Cazares". E aparentemente ele tinha todos os motivos para ter medo, como Ibn Fadlan diz respeito:

Filho do rei búlgaros foi realizado como refém pelo rei dos Cazares. Foi relatado ao rei dos Cazares que o rei de Bulgar tinha uma bela filha. Ele enviou um mensageiro a apelar para ela. O rei de Bulgar usou pretextos para recusar o seu consentimento. O Khazar enviou outro mensageiro e levou-a pela força, embora ele era um judeu e um muçulmano; mas ela morreu em sua corte. O Khazar enviou outro mensageiro e pediu para o rei de Bulgar de outra filha. Mas na hora muito quando o Mensageiro chegou-lhe, o rei de Bulgar apressadamente se casou com ela para o Príncipe de Askil, que era seu assunto, temendo que a cazar iria levá-la também pela força, como havia feito com sua irmã. Isso por si só foi a razão que fez o rei de Bulgar entrar em correspondência com o califa e convidou-o a ter uma fortaleza construída porque temia que o rei dos Cazares.

Soa como um refrão. Ibn Fadlan também especifica o tributo anual o rei búlgaros tiveram de pagar os cazares: um sable peles de cada lar em seu Reino. Desde que o número de famílias de Bulgar (ou seja, tendas) estima-se ter sido cerca de 50000, e desde Bulgar peles sable foram altamente valorizado no mundo inteiro, o tributo foi muito bonito.

11

O Ibn Fadlan tem a nos dizer sobre Cazares se baseia - como já mencionado - recolha de inteligência no decurso da sua viagem, mas principalmente no Tribunal de Justiça de Bulgar. Ao contrário do resto de sua narrativa, derivada a partir de observações pessoais vívidas, as páginas sobre Cazares contêm informações de segunda mão, em vaso e caem bastante planas. Além disso, as fontes de suas informações são tendenciosas, de antipatia compreensível do rei búlgaros de seu suserano Khazar - enquanto ressentimento do Califado de um Reino abraçando uma religião rival dificilmente precisa ser sublinhado. -A narrativa alterna abruptamente de uma descrição do Tribunal Rus ao Tribunal Khazar:

No que se refere o rei dos Cazares, cujo título é Kagan, ele aparece em público apenas uma vez a cada quatro meses. Eles chamam do grande Kagan. Seu substituto é chamado Kagan Bek; Ele é aquele que comanda e fornece os exércitos, gerencia os assuntos de Estado, aparece em público e leva na guerra. Os reis vizinhos obedecem suas ordens. Ele entra todos os dias para a presença de grande Kagan, com deferência e modéstia, descalços, carregando uma vara de madeira na mão. Ele faz reverência, acende o pau, e quando foi queimado para baixo, ele se senta no trono à direita do rei. Próximo a ele no rank é um homem chamado K-nd-r Kagan e Avançar para que um, o Jawshyghr Kagan. -É o costume de Kagan grande não ter relações sociais com as pessoas e não para

falar com eles e de admitir ninguém a sua presença exceto aqueles que já mencionamos. O poder para ligar ou liberar, mete fora castigo e para governar o país pertence ao seu adjunto, Kagan Bek. **É um costume mais de Kagan grande que quando ele morre um grande edifício é construído para ele, contendo vinte câmaras, e em cada câmara uma sepultura é cavada para ele.** Pedras são quebradas até que se tornem como em pó, que é espalhar sobre o chão e coberto com arremesso. Debaixo do edifício corre um rio, e este rio é grande e rápida. Eles desviar a água do Rio sobre o túmulo e eles dizem que isso é feito para que nenhum diabo, nenhum homem, nenhum worm e nenhuma criatura insidiosa pode começ nele. Depois que ele foi enterrado, quem enterrou-lhe são decapitados, para que ninguém pode saber em qual das câmaras é seu túmulo. O túmulo é chamado de "Paraíso" e eles têm um ditado que diz: "Ele entrou Paradise". Todas as câmaras são espalhadas com brocade de seda entrelaçado com fios de ouro. **É o costume do rei dos Cazares ter vinte e cinco esposas; cada uma das esposas é filha de um rei que lhe deve lealdade. Ele leva-os por consentimento ou pela força. Ele tem sessenta meninas para concubinas, cada um de requintada beleza.**

Ahmad Ibn Fadlan, em seguida, prossegue para dar uma descrição bastante fantasia do harém do Kagan, onde cada um dos oitenta e cinco esposas e concubinas tem um "Palácio de sua própria", e um atendente ou um eunuco que, no comando do rei, traz ela sua Alcova "mais rápido que o piscar de olhos." Depois de algumas observações mais dúbios sobre os "costumes" a Khazar Kagan (voltaremos a eles mais tarde), Ibn Fadlan finalmente fornece algumas informações factuais sobre o país:

O rei tem uma grande cidade no Rio Itil [Volga] em ambas as margens. Em um banco vivem os muçulmanos, na outra margem o rei e sua corte. Os muçulmanos são regidos por um dos funcionários do rei, que é ele próprio um muçulmano. Judiciais dos muçulmanos vivem na capital cazar e de visitar comerciantes do estrangeiro são pesquisados por esse funcionário. Ninguém mais se imiscui nos seus assuntos ou senta-se no acórdão sobre eles.

Relatório de viagem de Ahmad Ibn Fadlan, tanto quanto é preservado, termina com as palavras:

Cazares e seu rei são todos os Jews.* [isso soa como um exagero, atendendo à existência de uma comunidade muçulmana na capital. Zeki Zurique adequadamente suprime a palavra "todos". **Devemos supor que "os cazares" aqui se refere à nação dominante ou tribo, dentro do mosaico étnico da Cazária, e que os muçulmanos gostava de autonomia jurídica e religiosa, mas não foram considerados como "real Cazares".]** Os búlgaros e todos os seus vizinhos estão sujeitos a ele. Eles tratá-lo com obediência Venerável. Alguns são de opinião que Gogue e Magogue são Cazares.

Eu ter citado Odisséia de Ahmad Ibn Fadlan longamente, não tanto por causa da escassa informação fornece sobre Cazares próprios, mas por causa da luz que ele lança sobre o mundo que cercou-os, a barbárie austera do povo em meio a quem eles viviam, refletindo o seu próprio passado, antes para a conversão. Para, no momento da visita de

Ahmad Ibn Fadlan para os búlgaros, Cazária foi um país surpreendentemente moderno em comparação com seus vizinhos. O contraste é evidenciado pelos relatos de outros historiadores árabes, * [as páginas que se seguem baseiam-se nos trabalhos de Istakhri, al - Masudi, Ibn Rusta e Ibn Hawkal (ver apêndice II).] e está presente em todos os níveis, de habitação para a administração da Justiça. Os búlgaros ainda vivem exclusivamente em tendas, incluindo o rei, embora a tenda real é "muito grande", segurando um mil pessoas ou mais. 26 por outro lado, o Khazar Kagan habita um castelo construído em tijolo queimado, seus Senhores são disse para habitar "palácios com telhados de teca", 27 e os muçulmanos têm várias mesquitas, entre eles "aquele cujo minarete ergue-se acima do castelo real".28 Em regiões férteis, suas fazendas e cultivat áreas de ed esticada continuamente mais sessenta ou setenta quilômetros. Eles também tinham extensas vinhas. Assim, Ibn Hawkal: "Em Kozr [Cazária] lá é uma determinada cidade chamada Asmid [Samandar] que tem muitos pomares e jardins que a partir de Darband para Serir o país inteiro é coberto com jardins e plantações pertencentes a esta cidade. Diz-se que existem cerca de quarenta mil deles. Muitos destes produzem uvas."29 A região norte do Cáucaso foi extremamente fértil. Em 968 AD Ibn Hawkal conheceu um homem que tinha visitado ele após um ataque russo: "ele disse lá é não uma ninharia deixou para os pobres em qualquer vinha ou jardim, não uma folha sobre o galho.... [Mas] devido à excelência da sua terra e a abundância de sua produção não vai demorar três anos até que se torne mais uma vez o que era." Vinho caucasiano ainda é uma delícia, consumida em grandes quantidades na União Soviética. However, principal fonte dos tesouros reais de renda foi comércio exterior. O grande volume de caravanas comerciais que operam seu caminho entre a Ásia Central e a região do Volga-Ural é indicado por Ibn Fadlan: Lembre-se que a caravana se juntou a sua missão em Gurganj consistia de "5.000 homens e 3000 animais pack". Fazendo devido o subsídio para o exagero, deve ainda ter sido uma caravana poderosa, e nós não sabemos quantos desses foram a qualquer momento em movimento. Nem o que mercadorias que eles transportadas - embora têxteis, frutas secas, mel, cera e especiarias parecem ter desempenhado um papel importante. Uma segunda importante rota de comércio levou através do Cáucaso à Arménia, à Geórgia, Pérsia e Bizâncio. Um terceiro consistia em aumentar o tráfego do Rus comerciante frotas para baixo Volga para a costa oriental do mar Khazar, transportar principalmente preciosos peles muito na demanda entre a aristocracia muçulmana e escravos do Norte, vendido no mercado escravo de Itil. Em todos estes bens de trânsito, incluindo os escravos, o governante de Khazar cobrado um imposto de dez por cento. Adicionando a isto o tributo pago pelos búlgaros, magiares, Burtas e assim por diante, se percebe que Cazária era um país próspero - mas também que sua prosperidade dependia em grande medida seu poder militar e o prestígio que ele transmitiu em seus coletores de impostos e funcionários aduaneiros. Além de férteis regiões do Sul, com suas vinhas e pomares, o país era pobre em recursos naturais. Um historiador árabe (Istakhri) diz que o produto somente nativo que eles exportados foi argilosa. Novamente é certamente um exagero, mas a verdade é que a sua principal actividade comercial parece ter consistido em reexportar produtos trazidos do exterior. Entre essas mercadorias, mel e cera de vela particularmente peguei imaginação dos cronistas árabes. Assim Muqaddasi: "No Cazária, ovelha, mel e judeus existem em grandes quantidades."30. É verdade que uma fonte - o Darband *Namah* - menciona minas de ouro ou prata em território Khazar, mas sua localização não se verificou. Por outro lado, várias das fontes mencionam Khazar mercadoria vista em Bagdá e a presença de comerciantes de cazar em Constantinopla, Alexandria e tão distantes como Samara e Fergana. Assim Cazária era de nenhuma maneira isolada do mundo civilizado; em comparação com seus vizinhos do Norte

tribais era um país cosmopolita, aberto a todos os tipos de influências culturais e religiosas, ainda defendendo ciosamente sua independência contra as duas potências do mundo eclesiásticas. Vamos ver que esta atitude preparou o terreno para o *golpe de teatro* - ou *d'tat golpe* - que estabeleceu o Judaísmo como religião do Estado. „Artes e ofícios parecem que floresceram, incluindo *haute couture*. Quando o futuro imperador Constantino V casou com a filha de Khazar Kagan (ver acima, seção 1), ela trouxe com seu dote um esplêndido vestido que impressionou o corte bizantina que foi adoptado como um manto cerimonial *masculino* ; chamaram-lhe *tzitzakion*, derivado do nome de animal de estimação do Khazar-turca da Princesa, que foi Chichak ou "flor" (até que ela foi batizada Irene). "Aqui," Comentários de Toynbee, "temos um fragmento iluminante de história cultural".³¹ Quando outro Khazar Princesa casou-se com o governador muçulmano da Armênia, sua cavalgada contida, além de atendentes e escravos, dez tendas montadas sobre rodas, "feitas de seda mais fino, com o ouro- e portas prateadas, o chão coberto com peles sable. Vinte outros carregou os vasos de ouro e prateado e outros tesouros que eram seu dote".³² Kagan próprio viajou em um móvel tenda ainda mais luxuosamente equipados, carregando em seu topo uma romã de ouro.

13

Arte Khazar, como a dos búlgaros e magiães, foi essencialmente imitativo, inspirado nos padrões de persa-Sassanide. O arqueólogo soviético Bader³³ enfatizou o papel dos Cazares na disseminação do estilo persa prata-ware em direção ao norte. Alguns destes achados podem reexportados pelos cazares, fiel ao seu papel como intermediários; outros eram imitações feitas em oficinas de Khazar - as ruínas que rastreou perto da antiga fortaleza cazar de Sarkel.* [Infelizmente, Sarkel, cazar mais importante sítio arqueológico foi inundado pelo reservatório de uma central hidroelétrica recém-construído.] A joalheria desenterradas dentro dos limites de fortaleza foi de manufacture.³⁴ local o arqueólogo Sueco t. j. Arne menciona placas ornamentais, fechos e fivelas encontradas na medida da Suécia, de Sassanide e de inspiração bizantina, fabricados na Cazária ou territórios sob a sua influence.³⁵ „Assim, os cazares eram os principais intermediários na difusão da arte persa e bizantino entre as tribos semi-barbaric da Europa Oriental. Após o seu levantamento exaustivo das evidências arqueológicas e documentais (principalmente de fontes soviéticas), Bartha conclui:

O saque de Tiflis pelos cazares, presumivelmente na Primavera de AD 629, é relevante para o nosso assunto.... [Durante o período de ocupação] o Kagan enviado inspectores para supervisionar a fabricação de produtos de cobre, prata, ferro e ouro. Da mesma forma os bazares, comércio em geral, mesmo nas pescarias, estavam sob o seu controle.... [Assim] no decurso das suas campanhas de caucasionos incessantes durante o século VII, Cazares fez contato com uma cultura que tinha crescido fora da tradição persa Sassanide. Nesse sentido, os produtos dessa cultura se espalhou para os povos das estepes não só pelo comércio, mas por meio de pilhagem e mesmo por tributação.... Todas as faixas que nós seguiram assiduamente na esperança de descobrir as origens da arte de Magyar no décimo século nos conduziram para cazar territory.³⁶

A última observação do estudioso húngaro refere-se aos espetaculares achados arqueológicos, conhecidos como o "Tesouro de Nagyszentmiklos" (ver frontispício). O tesouro, constituído por vasos twentythree ouro, datando do século x, foi encontrado em 1791 nas proximidades de aldeia de que name.* [agora pertence a Romênia e é chamado

Sinnicolaul Mare.] Bartha salienta que a figura do "Príncipe vitorioso" arrastando um prisioneiro por seu cabelo e a cena mitológica na parte de trás do jarro dourado, bem como a concepção de outros objectos de ornamentação, mostrar estreitas afinidades com os achados em Novi Pazar na Bulgária e na Khazar Sarkel. Como magiares e búlgaros estavam sob a suserania de cazar por períodos prolongados, isto não é muito surpreendente, e o guerreiro, juntamente com o resto do Tesouro, dá-nos, pelo menos, alguma idéia das artes praticada dentro do Império Khazar (a influência persa e bizantino é predominante, como seria de esperar). * [O leitor interessado encontrará uma excelente colecção de fotografias de Gyula László *Arte do período de migração* (apesar de seus comentários históricos devem ser tratados com prudência).] **Uma escola de arqueólogos húngaros sustenta que o décimo século ouro- e silversmiths trabalhando na Hungria foram realmente Khazars.**³⁷ como veremos mais tarde (consulte III, 7, 8), quando os magiares migraram para a Hungria em 896 eles eram liderados por uma dissidente Khazar tribo, conhecida como o Kabars, que se estabeleceram com eles em sua nova casa. Kabar-cazares eram conhecidos como ouro qualificado e prateiros; os magiares (originalmente mais primitivos) só adquiriram essas competências nos seus novos países. Assim, a teoria da origem Khazar pelo menos alguns dos achados arqueológicos na Hungria não é implausível - como se tornará mais claro à luz da nexus Magyar-Khazar discutidas mais tarde.

14

Se o guerreiro no jarro dourado é de origem Magyar ou Khazar, ele nos ajuda a visualizar a aparência de um cavaleiro desse período, talvez pertencentes a um Regimento de elite. Masudi diz que no exército Khazar ' sete mil deles * [Istakhri tem 12000.] andar com o rei, arqueiros com chapas de peito, capacetes e casacos de mail. Alguns são lanceiros, equipados e armados como os muçulmanos.... Nenhum dos Reis nesta parte do mundo tem um exército regular exceto o rei dos Cazares." E Ibn Hawkal: "este rei tem doze mil soldados no seu serviço, dos quais quando um morre, outra pessoa imediatamente é escolhida em seu lugar." **Aqui temos outra pista importante para a dominação de Khazar: um exército profissional permanente, com uma guarda pretoriana que, em tempos de paz, efectivamente controlada o mosaico étnico e em tempos de guerra serviu como um núcleo duro para a Horda armada, que, como vimos, pode ter inchado por vezes cem mil ou more.* [de acordo com Masudi, a "Royal Army" consistia de muçulmanos emigraram "do bairro de Kwarizm. Há muito tempo, após o aparecimento do Islã, havia guerra e pestilência no seu território, e eles reparados ao rei Khazar.... Quando o rei dos Cazares está em guerra com os muçulmanos, eles têm um lugar separado no seu exército e não lutar contra o povo de sua própria fé"**[citado por Dunlop (1954), p. 206] que o exército "consistia" dos muçulmanos é evidentemente um exagero, contradito por Masudi-se algumas linhas mais tarde, onde ele fala do contingente muçulmano tendo um "lugar separado" do exército de Cazar. Além disso, Ibn Hawkal diz que "o rei tem em seus trem 4000 muçulmanos e este rei tem 2000 soldados em seu serviço". O Kwarizmians provavelmente formou uma espécie de guarda suíço dentro do exército e seus compatriotas "conversa de "reféns"(ver acima, seção 10) pode referir-se a eles. **Vice-versa, o imperador bizantino Constantino Porfirogênito tinha uma *corpo d'élite* de cazar guardas estacionados às portas de seu palácio.** Este foi um privilégio muito caro comprado: "estes guardas tão bem foram remuneradas a que eles tinham que adquirir seus postos para somas consideráveis, em que seus salários representavam uma anuidade variando de cerca de 2,25 a 4 por cento." (Constantino, *De*

Ceremoniis, pp. 692-3). Por exemplo, "um Khazar que receberam 7.4s. tinha pago sua inscrição 302.8s." (Enterrar, p. 228n).]

15

A capital deste império heterogêneo foi inicialmente provavelmente a fortaleza de Balanjar no sopé norte do Cáucaso; Após incursões árabes no século VIII, foi transferido para Samandar, na costa ocidental do mar Cáspio; e por último a Itil no estuário do Volga. Temos várias descrições de Itil, que são bastante coerentes entre si. Foi uma cidade gêmea, construída em ambos os lados do Rio. A metade oriental foi chamada Khazaran, o Itil metade Ocidental; * [A cidade foi em diferentes períodos também mencionada sob diferentes nomes, por exemplo, al-Bayada, "The White City".] os dois estavam ligados por uma ponte de barcas. A metade ocidental foi cercada por uma muralha, construída de tijolo; Ele continha os palácios e cortes do Kagan e Bek, as habitações de seus atendentes [Masudi coloca estes edifícios em uma ilha, perto de west bank, ou uma península.] e de "Cazares reprodutores de raça pura". O muro tinha quatro portões, um deles frente para o rio. **Através do Rio, na margem leste, viveram "os muçulmanos e adoradores do ídolo"; 38 esta parte também abrigava as mesquitas, mercados, banhos e outros serviços públicos.** Vários escritores árabes ficaram impressionados com o número de mesquitas no bairro muçulmano e a altura do minarete principal. Eles também mantiveram salientando a autonomia que gozam as cortes muçulmanas e clero. Aqui está o que al-Masudi, conhecido como "o Heródoto entre os árabes", tem a dizer sobre este assunto em sua obra citada oft *prados de minas de ouro e pedras preciosas*:

O costume na capital Khazar é ter sete juízes. Estes dois são para os muçulmanos, dois são para os cazares, julgar de acordo com a Torá (lei mosaica), dois para os cristãos, julgando de acordo com o evangelho e outra para o Saqualibah, Rus e outros pagãos, julgar de acordo com a lei pagã.... Em sua cidade [Khazar do rei] são muitos os muçulmanos, os comerciantes e artesãos, que vieram ao seu país por causa de sua justiça e a segurança que ele oferece. Eles têm uma mesquita principal e um minarete que sobe acima do castelo real e há outras mesquitas além, com as escolas onde as crianças aprendem o Corão.

Em lendo estas linhas, o mais importante historiador árabe, escrito na primeira metade do século x, * [supostamente entre AD 943 e 947.] um é tentado a ter uma visão talvez demasiado idílica da vida no Reino de Khazar. Assim, lemos no artigo "Cazares" no *Encyclopaedia judaica*: "Em um tempo quando o fanatismo, a ignorância e a anarquia reinaram na Europa Ocidental, o Reino dos Cazares poderia ostentar sua administração justa e broad-minded."*[*Encyclopaedia judaica*, publicado 1901-6. No *Encyclopaedia Judaica*, 1971, o artigo sobre Cazares por Dunlop é de objetividade exemplar.] Isso, como já vimos, é em parte verdadeiro; mas apenas em parte. Não há nenhuma evidência dos Cazares participando de perseguição religiosa, quer antes de quer após a conversão ao judaísmo. A este respeito elas podem ser chamadas mais tolerante e esclarecido que o Império Romano Oriental, ou o Islã em seus estágios iniciais. **Por outro lado, eles parecem ter preservado alguns rituais bárbaros do seu passado tribal.** Já ouvimos Ibn Fadlan sobre os assassinatos de gravediggers reais. Ele também tem algo a dizer sobre outro regicídio personalizado arcaico: "O período de governo do rei é de quarenta anos. Se ele exceder esse tempo em um único dia, seus temas e atendentes matá-lo, dizendo:

"seu raciocínio já estiver esmaecido, e sua visão confusa". "Istakhri tem uma versão diferente do mesmo:

Quando pretendem entronizar esta Kagan, eles colocaram um fio de seda em seu pescoço e apertaram-no até que ele começa a engasgar. Em seguida, eles perguntam-lhe: "quanto tempo você pretende governar?" Se ele não morrer antes daquele ano, ele é morto quando ele alcança-lo.

Bury³⁹ é duvidoso se deve acreditar este tipo de sabedoria do viajante árabe e um seria, de facto, ser inclinado a rejeitá-lo, se o rito ritual não tivesse sido um fenómeno generalizado entre os povos primitivos (e não-animado). Frazer deu grande ênfase na conexão entre o conceito de divindade do rei e a obrigação sagrada de matá-lo após um determinado período, ou quando sua vitalidade está em declínio, para que o poder divino possa encontrar uma encarnação.* mais jovem e vigorosa [Frazer escreveu um Tratado especial sobre estas linhas em "The Killing of the Khazar Kings" (*folclore* XXVIII, 1917).] "Ele fala a favor da Istakhri que a cerimônia bizarra de "asfixia" futuro rei foi relatada na existência aparentemente não tanto tempo atrás entre outro povo, os turcos Kok. Zeki Zuriq cite um antropólogo francês, St Julien, escrevendo em 1864:

Quando foi eleito o novo chefe, seus funcionários e atendentes... Faça-lhe montar seu cavalo. Eles apertaram uma fita de seda em seu pescoço, sem muito estrangulá-lo; então eles afrouxaram a faixa de opções e pediram-lhe com grande insistência: "Quantos anos você pode ser nosso Khan?" O rei, em sua mente perturbada, sendo incapaz de nomear uma figura, seus súditos decidiram, com a força das palavras que escaparam dele, se sua regra será longa ou breve.⁴⁰

Não sabemos se o rito de caçar e matar o rei (se existiu) caiu em desuso quando eles adotaram o judaísmo, caso em que os escritores árabes eram confusos do passado com as atuais práticas como fizeram o tempo todo, compilando relatórios dos viajantes anteriores e atribuindo-os a seus contemporâneos. Entretanto que pode ser o ponto a ser retido e que parece indiscutível, é o papel divino atribuído a Kagan, independentemente ou não implicava seu sacrifício supremo. Já ouvimos antes que ele era venerado, mas virtualmente mantida em reclusão, cortado a partir do povo, até que ele foi enterrado com grande cerimônia. Assuntos de Estado, incluindo a liderança do exército, eram geridos pela Bek (às vezes também chamado Kagan Bek), que exercia todo o poder eficaz. Sobre este ponto árabe fontes e historiadores modernos estão de acordo, e este último geralmente descreve o sistema de Khazar do governo como uma realeza "dupla", o divino representando Kagan, o secular Bek, poder. "A realeza dupla Khazar foi comparada - bastante por engano, parece - com a espartana diarquia e com a liderança dupla superficialmente semelhante entre várias tribos turcas. No entanto, os dois reis de Esparta, descendentes de duas famílias principais, exercia o poder igual; e quanto a liderança dupla entre tribos nômades, * [Alföldi tem sugerido que os dois líderes eram os comandantes das duas asas da Horda (citado por Dunlop, p. 159, n. 123).] não há nenhuma evidência de uma divisão básica de funções entre os cazares. Uma comparação mais válida é o sistema de governo no Japão, desde a idade média até 1867, onde o poder secular foi concentrado nas mãos do shogun, enquanto o Mikado foi adorado de longe como uma figura divina. "Cassel⁴¹ sugeriu uma atraente analogia entre o sistema de Khazar do governo e o jogo de xadrez. A realeza dupla é representada no tabuleiro de xadrez pelo rei

(Kagan) e a Rainha (Bek). O rei é mantido em reclusão, protegido por seus assistentes, tem pouco poder e pode somente mover um curto passo por vez. A Rainha, por outro lado, é a mais poderosa presença a bordo, que ela domina. Ainda a rainha pode ser perdida e o jogo continuou ainda, Considerando que a queda do rei é a catástrofe final que instantaneamente traz o concurso para um fim. «A realeza dupla, assim, parece indicar uma distinção categórica entre o sagrado eo profano na mentalidade dos Cazares. Os atributos divinos do Kagan estão muito em evidência na seguinte passagem do Ibn Hawkal: * [Ibn Hawkal, outro muito-viajou árabes geógrafo e historiador, escreveu sua *Geografia Oriental* próximo AD 977. A passagem aqui citada é praticamente uma cópia do que Istakhri escreveu quarenta anos antes, mas contém menos obscuridades, portanto tenho seguido tradução do Ouseley (1800) de Ibn Hawkal.]

O Khacan deve ser sempre da raça Imperial [Istakhri: "... .of uma família de notáveis"]. Ninguém está autorizado a aproximar-se dele, mas em negócios de importância: então eles próprios prostrate antes dele e esfregar seus rostos em terra, até que ele dá ordens para seus aproximando-se dele e falando. Quando um Khacan... morre, quem passa perto de seu túmulo deve ir a pé e prestar suas homenagens no túmulo; e quando ele é à partida, não deve montar a cavalo, contanto que o túmulo está no modo de exibição. Tão absoluta é a autoridade deste soberano, e assim implicitamente são seus comandos obedecidos, que se parecia conveniente a ele que um dos seus nobres deveria morrer, e se ele lhe disse: "vá e matar-se," o homem seria imediatamente ir a sua casa e matar-se em conformidade. **A sucessão para o Khacanship sendo assim estabelecida na mesma família [Istakhri: "em uma família de notáveis que possuem poder nem riquezas"];** Quando o turno da herança chega a qualquer indivíduo dele, ele está confirmado na dignidade, embora ele possui não um dirhem único [moeda]. E eu ouvi de pessoas dignas de crença, de que um certo homem jovem costumava sentar-se um pouco loja do mercado público-local, vendendo artigos mesquinhos [Istakhri: 'vendendo pão "]; e que o povo costumava dizer: "Quando a Khacan presente deve ter partiu, esse homem sucederá ao trono" [Istakhri: "Não há nenhum homem mais do khaganato do que ele"]. Mas o homem era um Mussulman, e eles dão o Khacanship só para judeus. O Khacan tem um trono e um pavilhão de ouro: estes não são permitidos para qualquer outra pessoa. O Palácio do Khacan é mais do que as outras edífices.⁴²

A passagem sobre o jovem virtuoso, venda de pão, ou seja o que for, os sons de Bazar um pouco como um conto sobre Harun al Rashid. Se ele era herdeiro do trono dourado reservado para os judeus, por que então ele cresceu como um muçulmano pobre? Se quisermos fazer qualquer sentido em tudo da história, devemos assumir que o Kagan foi escolhido com a força de suas virtudes nobres, mas escolhido entre os membros da "Raça Imperial" ou "família de notáveis". Isto é, de facto, o modo de exibição de Artamonov e Zuriq Zeki. Artamonov detém que Cazares e outros povos turcos eram governados por descendentes da dinastia de Turkut, os soberanos erstwhile do extinto Império Turk (ver acima, seção 3). Zeki Zuriq sugere que a "Raça Imperial" ou "família de notáveis", que deve pertencer a Kagan, refere-se à dinastia antiga de Asena, mencionado em fontes chinesas, uma espécie de deserta aristocracia, da qual Turco e o Mongol governantes tradicionalmente reclamava descendência. **Isto soa bastante plausível e vai de alguma forma no sentido de conciliar os valores contraditórios implicados na narrativa acaba de citar: a juventude nobre sem um dirhem para seu nome - e a pompa e circunstância que cercam o trono dourado.** Assiste-se a sobreposição

de duas tradições, como a interferência óptica de dois padrões de onda em uma tela: o ascetismo de uma tribo de nómadas deserta vida difícil e o brilho de uma corte real prosperando em seu comércio e do artesanato e esforçando-se para ofuscar seus rivais em Bagdá e Constantinopla. Afinal, os credos professados por esses tribunais sumptuosos também tinham sido inspirados pelo deserto ascéticos-profetas no passado. Tudo isto não explica a divisão surpreendente do poder divino e secular, aparentemente exclusivo naquele período e região. Como Bury escreveu: 43 "Não temos nenhuma informação a que horas a autoridade ativa do Chagan foi trocada por sua nulidade divina, ou por que ele foi exaltado a uma posição semelhante a que o imperador do Japão, em que sua existência e não seu governo, foi considerada essencial para a prosperidade do Estado." Artamonov recentemente propôs uma resposta a esta pergunta especulativa. Ele sugere que a aceitação do Judaísmo como religião do Estado foi o resultado de um *golpe de Estado*, que, ao mesmo tempo, reduziu a Kagan, descendente de uma dinastia pagão cuja lealdade à lei mosaica não poderia realmente ser confiável, a um mero figurehead. Esta é uma hipótese tão bom como qualquer outra - e com tão pouca evidência para apoiá-lo. No entanto, parece provável que os dois eventos - a adoção do judaísmo - e a criação da realeza dupla foram de alguma forma connected.* [antes da conversão que o Kagan ainda foi relatado para desempenhar um papel activo - como, por exemplo, nas suas relações com Justiniano. Para complicar ainda mais, as fontes árabes, por vezes, consulte "Kagan" ao significam claramente o "Bek" (como "kagan" foi o termo genérico para a "régua" entre muitas tribos), e eles também usam nomes diferentes para o Bek, como mostra a seguinte lista (após Minorsky, *Hudud al Alam*, p. 451):

Const. Porphyr.	<i>Khaqan</i>	<i>Bek</i>
Ibn Rusta Khazar	<i>Khaqan</i>	<i>Aysha</i>
Masudi	<i>Khaqan</i>	<i>Malik</i>
Istakhri	<i>Malik Khazar</i>	<i>Khaqan Khazarl.</i>
<i>Ibn Hawkal</i>	<i>Khaqan Khazar</i>	<i>Malik Khazar or Bek</i>
Gardezi	<i>Khazar Khaqan</i>	<i>Abshad</i>

■A ordem dos governantes parece ter sido comutada.]

A décima terceira tribo

por

Arthur koestler

II
CONVERSÃO

1

"A religião dos Hebreus," escreve Bury, "tinha exercido uma profunda influência sobre o credo do Islã, e que tinha sido uma base para o cristianismo; Ele tinha ganho dispersos prosélitos; mas a conversão dos Cazares para a religião não diluída de Jehova é única na história."¹ Qual foi a motivação deste evento exclusivo? Não é fácil de obter sob a pele de um príncipe Khazar - coberto, como foi, por um brasão de correio. Mas se nós raciocinamos em termos de política de poder, que obedece essencialmente as mesmas regras ao longo dos tempos, uma analogia bastante plausível oferece propriamente dito. No início do século VIII que o mundo foi polarizado entre os dois super-poderes que representa o cristianismo e o islamismo. Suas doutrinas ideológicas foram soldadas a política do poder exercida pelos métodos clássicos de propaganda, subversão e conquista militar. Império Khazar representou uma terceira força, que havia provado igual a qualquer um deles, tanto como um adversário e um aliado. Mas ela somente conseguiu manter sua independência por aceitar nem o cristianismo nem o Islã - para ambas as opções iria ter automaticamente subordinado-lo à autoridade do imperador romano ou o califa de Bagdá. Não havia nenhuma falta de esforços por qualquer tribunal converter Cazares ao cristianismo ou Islã, mas todos eles resultaram em foi o intercâmbio de cortesias diplomáticas, inter-marriages dinásticos e deslocando alianças militares com base no interesse mútuo. Dependendo de sua força militar, o Reino de Khazar, com seu interior das tribos vassalo, determinou-se para preservar a sua posição como a terceira força, líder das Nações não confirmadas das estepes. Ao mesmo tempo, seus contatos íntimos com Bizâncio e o Califado tinham ensinado os cazares que seu xamanismo primitivo não só foi bárbaro e desatualizado em comparação com os grandes credos monoteístas, mas também não é possível conferir os líderes a autoridade espiritual e legal que os governantes das potências de dois mundo teocrático, o califa e pelo imperador, gostei. Ainda a conversão em qualquer credo significaria submissão, o fim da independência e assim poderia ter derrotado seu propósito. O que poderia ter sido mais lógico do que abraçar uma terceira credo, que era não confirmado no sentido de qualquer um dos dois, ainda representou a Fundação venerável de ambos? A lógica aparente da decisão é evidentemente devido à clareza enganosa da retrospectiva. Na realidade, a conversão ao judaísmo necessário um ato de gênio. Ainda o árabe e o hebraico fontes sobre a história da conversão, no entanto variada em detalhes, apontam para uma linha de raciocínio como indicado acima. Para citar enterrar mais uma vez:

Não pode haver nenhuma pergunta que o governante foi accionado por motivos políticos na adoção de judaísmo. Abraçar Mohammadanism teria feito dele dependente espiritual dos califas, que tentou pressionar sua fé no cazares e no cristianismo põem o perigo de seu tornar-se um vassalo eclesiástico do Império Romano. O Judaísmo era uma religião respeitável com livros sagrados que Christian e Mohammadan respeitados; cadeal acima os bárbaros pagãos e garantiu-lhe contra a interferência do califa ou imperador. Mas ele não apresentou, juntamente com a circuncisão, a intolerância do culto judaico. Ele permitiu que a massa de seu povo habitar em seu heathendom e adorar seus idols.²

Embora a conversão do Tribunal Khazar foi, sem dúvida, politicamente motivado, ainda seria absurdo imaginar que eles abraçaram durante a noite, cegamente, uma religião cujos princípios eram desconhecidos para eles. Na verdade, no entanto, eles tinham sido bem familiarizados com os judeus e suas observâncias religiosas pelo menos um século antes da conversão, através do contínuo afluxo de refugiados da perseguição religiosa em Bizâncio e em menor medida, de países da Ásia menor, conquistada pelos árabes. Sabemos que Cazária era um país relativamente civilizado entre os bárbaros do Norte, ainda não comprometidos com qualquer um dos credos militantes, e assim tornou-se um refúgio natural para o êxodo periódico dos judeus sob o domínio bizantino, ameaçado

pela conversão forçada e outras pressões. Perseguição em variadas formas tinha iniciado com Justiniano I (527-65) e assumiu formas particularmente cruel sob Heráclio no século VII, Leão III em oitavo, Basil e Leão IV na nona, Romanus em décimo. Assim, Leão III, que governou durante as duas décadas imediatamente anterior a conversão ao judaísmo cazar, "tentou acabar com a anomalia [do status tolerada de judeus] com um golpe, ordenando todos os seus súditos judaicos para ser batizado". 3 Embora a implementação da ordem parecia ter sido bastante ineficaz, levou para o vôo de um número considerável de judeus de Byzantium. Masudi diz respeito:

Nesta cidade [Khazaran-Itil] são muçulmanos, cristãos, judeus e pagãos. Os judeus são o rei, seus assistentes e Cazares da sua kind.* [isto é, presumivelmente a tribo dominante do "White Cazares", veja acima, capítulo I, 3.] O rei dos Cazares já havia se tornado um judeu no Califado de Harun al-Rashid * [isto é, entre AD 786 e 809; mas supõe-se geralmente que Masudi usado um marco histórico conveniente e que a conversão ocorreu em torno de 740 AD.] e ele foi acompanhado por judeus de todas as terras do Islão e do país dos gregos [Byzantium]. Na verdade o rei dos gregos no momento actual, o ano da Hégira 332 [AD 943-4] converteu os judeus em seu reino ao cristianismo por coerção.... Assim, muitos judeus tomaram vôo do país dos gregos a Cazária....3a

As duas últimas frases citadas referem-se a eventos de duzentos anos após a conversão de cazar e mostram como persistentemente as ondas de perseguição seguiram uns aos outros ao longo dos séculos. Mas os judeus eram igualmente persistentes. Muitos sofreu tortura, e aqueles que não tinha forças para resistir retornou mais tarde sobre a sua fé - "como cães ao seu vômito", como um cronista cristã graciosamente colocou it.4 igualmente pitorescas é a descrição de um writer⁵ em Hebraico de um método de conversão forçada usada sob o imperador Basílio contra a comunidade judaica de Oria no sul da Itália:

Como eles forçá-los? Alguém se recusar a aceitar sua crença errônea foi colocada num lugar de azeite em uma prensa de madeira e espremida em azeitonas maneira é espremidos em maquinaria da fábrica.

Outro source⁶ em Hebraico observações sobre a perseguição sob o imperador Romanus (o "rei grego" a quem se refere Masudi): "E mais tarde surgirá um rei que irá persegui-los não pela destruição, mas felizmente por condução-los fora do país." "A misericórdia somente mostrada pela história para aqueles que levaram ao vôo, ou foram levados a ele, foi a existência da Cazária, tanto antes como após a conversão. Antes, era um refúgio de refugiado; Depois, tornou-se uma espécie de casa nacional. Os refugiados foram produtos de uma cultura superior, e foram, sem dúvida, um factor importante na criação de que cosmopolita e tolerante outlook que impressionou as cronistas árabes citado antes. Sua influência - e, sem dúvida, seu zelo catequizador * [isto foi uma idade quando convertendo descrentes pela força ou persuasão foi a principal preocupação. Que os judeus, também, o espectáculo de ela é mostrada pelo fato de que, desde o governo de Justiniano, direito bizantino ameaçado punições severas para a tentativa de converter cristãos ao judaísmo, enquanto para os judeus "molestar" converte ao cristianismo a pena seria a morte pelo fogo (Sharf, p. 25).] -teria feito-se sentir sobretudo no Tribunal de Justiça e entre líderes notáveis. Eles podem ter combinado em seus argumentos teológicos esforços missionários e profecias messiânicas com uma avaliação perspicaz das vantagens políticas Cazares iria derivar de adotar uma religião "neutra". "Os exilados também trouxeram com eles bizantinos artes e ofícios, métodos superiores na agricultura e no comércio e o alfabeto hebraico quadrado. Nós não sei que tipo

de script Cazares usado antes, mas o *Fihrist* de Ibn Nadim, 7 um tipo de bibliografia universal escrito *cerca de 987 AD*, informa-nos que, em seu tempo, Cazares utilizou o alfabeto hebraico. Ele serviu o duplo objectivo de discurso acadêmico em Hebraico (análogo ao uso do latim medieval no Ocidente) e como um alfabeto escrito para as diversas línguas faladas na Cazária (análogo ao uso do alfabeto latino para os vários vernáculos na Europa Ocidental). Da Cazária o alfabeto hebraico parecia ter propagado para os países vizinhos. Assim Khvolson relata que "inscrições numa língua não-semíticas (ou possivelmente em duas diferentes línguas não-semíticas) usando caracteres hebraicos foram encontradas em duas lápides de Fanagória e Parthenit na Crimeia; eles têm não sido decifrados ainda."* [Essas inscrições são uma categoria aparte as falsificações de Firkovitch, famoso entre os historiadores (ver apêndice III).-Poliak (4/3) citando Khvolson, D.A. (1865).] (Criméia foi, como vimos, intermitentemente sob domínio cazar; mas teve também uma comunidade judaica estabelecida pelo antigo, e as inscrições podem até mesmo antes da conversão.) Algumas letras hebraicas (*shin* e *tsadei*) também encontraram seu caminho em alfabeto cirílico, 9 e além disso, muitas moedas de prata polônês foram encontradas, datando desde o décimo segundo ou décimo terceiro século, que ostentam polônês inscrições em caracteres hebraicos (por exemplo, *Leszek krol Polski* - Leszek rei da Polônia), lado a lado com moedas inscritas em alfabeto latino. Poliak Comentários: "estas moedas são a prova final para a propagação do alfabeto hebraico da Cazária aos países vizinhos eslavos. O uso destas moedas não estava coligado a qualquer questão de religião. Eles foram cunhados porque muitos do povo polaco eram mais usados para esse tipo de script do que para a escrita romana, não a considerar como especificamente judaica."¹⁰ Assim, enquanto a conversão sem dúvida foi inspirada por motivos oportunistas - concebida como uma astuta manobra política - que trouxe em sua esteira a evolução cultural que dificilmente poderia ter sido prevista por aqueles que o iniciou. O alfabeto hebraico foi o início; três séculos mais tarde o declínio do Khazar estado é marcado por repetidos surtos de um sionismo messiânico, com pseudo-Messiahs como David El-Roi (herói de um romance de Disraeli) líder quixotesca cruzadas para a reconquista de Jerusalem.* [ver abaixo, capítulo IV, II.] Após a derrota pelos árabes em 737, o Kagan forçado adoção do Islã tinha sido uma formalidade quase imediatamente revogada, que aparentemente não deixou nenhuma impressão sobre seu povo. Em contraste com isso, a conversão voluntária ao Judaísmo era produzir efeitos profundos e duradouros.

judaica."¹⁰ Assim, enquanto a conversão sem dúvida foi inspirada por motivos oportunistas - concebida como uma astuta manobra política - que trouxe em sua esteira a evolução cultural que dificilmente poderia ter sido prevista por aqueles que o iniciou. O alfabeto hebraico foi o início; três séculos mais tarde o declínio do Khazar estado é marcado por repetidos surtos de um sionismo messiânico, com pseudo-Messiahs como David El-Roi (herói de um romance de Disraeli) líder quixotesca cruzadas para a reconquista de Jerusalem.* [ver abaixo, capítulo IV, II.] Após a derrota pelos árabes em 737, o Kagan forçado adoção do Islã tinha sido uma formalidade quase imediatamente revogada, que aparentemente não deixou nenhuma impressão sobre seu povo. Em contraste com isso, a conversão voluntária ao Judaísmo era produzir efeitos profundos e duradouros.

2 As circunstâncias da conversão são obscurecidas por legenda, mas as contas principais de árabe e hebraico dele têm algumas características básicas em comum. Conta do al-Masudi da regra judaica na Cazária, citada anteriormente sobre, termina com uma referência a um trabalho anterior seu, em que ele deu uma descrição dessas circunstâncias. Esse trabalho anterior do Masudi é perdido; mas existem duas contas que baseiam-se no livro perdido de lado a lado. O primeiro, pelo Dimaski (escrito em 1327), reitera que ao tempo do califa Harun al Rashid, o imperador bizantino forçou os judeus a emigrar; Estes emigrantes vieram para o país de Khazar, onde eles encontraram "uma inteligente mas iletrada corrida a quem ofereceram sua religião. Os nativos achou melhor do que seus próprios e o aceitou."¹¹ A

segunda, conta muito mais detalhada está em do al-Bakri *Livro dos reinos e estradas* (século XI):

A razão para a conversão ao judaísmo do rei dos Cazares, que tinha sido anteriormente um pagão, é o seguinte. Ele tinha adoptado Christianity.* [nenhuma outra fonte, tanto quanto sei, menciona isso. Pode ser uma substituição mais palatável aos leitores muçulmanos para adopção de curta duração da Kagan do Islã antes ao judaísmo]. Em seguida, ele reconheceu sua falsidade e discutido esta questão, que muito preocupado com ele, com um dos seus altos funcionários. Este disse-lhe: Ó Rei, aqueles na posse das Sagradas Escrituras se enquadram em três grupos. Creature--los e pedir-lhes para seu caso de Estado e, em seguida, siga a pessoa que está na posse da verdade. **Então ele mandou aos cristãos para um bispo.** Agora havia com o rei judeu, hábil no argumento, que lhe envolvidos em disputas. Ele perguntou ao bispo: "O que vocês dizem de Moisés, o filho de Amran e a Torá que foi revelada a ele?" O bispo respondeu: "Moisés é um profeta e a Torá fala a verdade." Então, o judeu disse ao rei: "ele já admitiu a verdade do meu credo. Pedir-lhe agora o que ele acredita em." **Assim que o rei pediu-lhe e ele responderam: "Eu digo que Jesus o Messias é o filho de Maria, ele é a palavra, e ele revelou os mistérios em nome de Deus."** Então, disse o judeu do rei dos Cazares: "Ele prega uma doutrina que eu sei que não, enquanto ele aceita meus proposições." Mas o bispo não era forte na produção de provas. Então o rei pediu para um muçulmano, e mandaram-lhe um homem erudito e inteligente que era bom em argumentos. Mas o judeu contratado alguém que envenenou-lo na viagem, e ele morreu. E o judeu conseguiu vencer o rei por sua fé, para que ele abraçou Judaism.¹²

Os historiadores árabes certamente tinham um dom para a adição de sacarose a pílula. O estudioso muçulmano foi capaz de participar no debate que ele teria caído na mesma armadilha como o bispo, para ambos aceitaram a verdade do Antigo Testamento, Considerando que os defensores do Novo Testamento e do Corão foram cada dois anulada para um. **Aprovação do rei este raciocínio é simbólica: ele só está disposto a aceitar doutrinas que são compartilhadas por todos os três - seu denominador comum - e se recusa a comprometer-se a qualquer uma das reivindicações rivais que excedam as que.** Mais uma vez é o princípio do mundo não confirmado, aplicado à teologia. **A história também implica, como Bury¹³ salientou, que influência judaica na corte Khazar já deve ter sido forte antes da conversão formal, para o bispo e o estudioso muçulmano tem que ser "enviado", enquanto o judeu é already "com ele" (o rei).**

3

Agora, nós da principal fonte de árabes sobre a conversão - Masudi e seus compiladores - a principal fonte judaica. Este é o chamado "Khazar correspondência": uma troca de cartas, em Hebraico, entre Hasdai Ibn Shaprut, o ministro-chefe judaico do califa de Córdoba e Joseph, rei dos Cazares ou, pelo contrário, entre seus respectivas escribas. A autenticidade da correspondência foi objecto de controvérsia, mas é hoje geralmente aceite com o devido subsídio para os caprichos de copyists.* posterior [um resumo da controvérsia será encontrado no apêndice III.] **A troca de cartas aparentemente teve lugar depois de 954 e antes de 961, que é aproximadamente o tempo quando Masudi escreveu. Para apreciar sua importância deve ser dito uma palavra sobre a personalidade de Hasdai Ibn Shaprut - talvez a figura mais brilhante na "era dourada" (900-1200) dos judeus na Espanha. Em 929, Abd-al-Rahman III, um membro da dinastia Omayyad, conseguiu unificar as possessões dos mouros nas partes centrais e Sul da Península Ibérica sob o seu governo e fundou o Califado Ocidental. Sua capital, Córdoba, tornou-se a glória de Espanha árabe e um centro focal da cultura europeia com uma biblioteca**

de 400000 volumes catalogados. Hasdai, nascido em 910 em Córdoba em uma família judia, distinta, primeiro atraiu a atenção do califa como um médico com algumas curas notáveis para o seu crédito. Abd-al-Rahman nomeou-o seu médico da corte e confiáveis tão completamente que Hasdai foi convocado, em primeiro lugar, para colocar as finanças do Estado na ordem e, em seguida, para atuar como Ministro dos negócios estrangeiros e ajude diplomática nas relações complexas do Califado novo com Bizâncio, o imperador alemão Otto, com Castela, Navarra, Arragon e outros reinos cristãos em seu julgamento do Norte de Espanha. Hasdai foi um verdadeiro uomo universale séculos antes do Renascimento que, no meio dos Assuntos do Estado, ainda encontrou tempo para traduzir os livros de medicina em árabe, para corresponder com os rabinos sábios de Bagdá e para atuar como um Maecenas para poetas e gramáticos em Hebraico. «Ele obviamente era um iluminado, ainda que um judeu devotado, que usaram seus contactos diplomáticos para coletar informações sobre as comunidades judaicas dispersos em várias partes do mundo e para intervir em seu nome, sempre que possível. Ele estava particularmente preocupado com a perseguição dos judeus no Império Bizantino sob Romanus (ver acima, seção I). Felizmente, ele exercia considerável influência na corte bizantina, que foi extremamente interessada em adquirir a neutralidade benevolente de Cordoba durante as campanhas contra os muçulmanos do Oriente bizantinas. Hasdai, quem estava conduzindo as negociações, usou esta oportunidade para interceder em nome do judaísmo bizantina, aparentemente com success.¹⁴ «De acordo com sua própria conta, Hasdai ouviu pela primeira vez da existência de um reino judaico independente de algum comerciantes comerciantes de Khurasan na Pérsia; mas ele duvidou a verdade de sua história. Mais tarde ele questionou os membros de uma missão diplomática bizantina para Córdoba, e eles confirmaram conta dos comerciantes, contribuindo com uma quantidade considerável de detalhes factuais sobre o Reino de Khazar, incluindo o nome - Joseph - do seu actual rei. Arrefecida Hasdai decidiu enviar mensageiros com uma carta ao rei D. José. «A carta (que irá ser discutida em mais detalhes mais tarde) contém uma lista de perguntas sobre o estado Khazar, seu povo, método de governo, forças armadas, e assim por diante - incluindo um inquérito ao qual das doze tribos Joseph pertencia. Isto parece indicar que Hasdai pensei Cazares judaica de granizo da Palestina - como os judeus espanhóis fez - e talvez até mesmo para representar uma das tribos perdidas. Joseph, não sendo de ascendência judaica, pertencia, obviamente, a nenhuma das tribos; na sua resposta ao Hasdai, ele fornece, como veremos, uma genealogia de natureza diferente, mas sua principal preocupação é dar Hasdai uma detalhada - se lendário - conta a conversão - que teve lugar dois séculos mais cedo - e as circunstâncias que levaram a ela. «Narrativa de Joseph começa com um elogio do seu antepassado, o rei Bulan, um grande conquistador e um homem sábio que "expulsou os feiticeiros e idolators de sua terra". Um anjo apareceu posteriormente rei Bulan em seus sonhos, exortando-o a adorar o Deus único e verdadeiro e prometendo que em troca ele teria "abençoe e multiplique da Bulan prole e entregar seus inimigos em suas mãos e fazer seu Reino duram até o fim do mundo". Isto, naturalmente, é inspirado na história da Aliança em Gênesis; e isso implica que os cazares alegaram também o status de uma raça escolhida, que fez sua própria Aliança com o Senhor, mesmo que eles não eram descendentes de semente de Abraão. Mas neste momento a história de Joseph toma um rumo inesperado. Rei Bulan é bastante disposto a servir o todo-poderoso, mas ele levanta uma dificuldade:

Tu sabes, meu Senhor, os pensamentos secretos do meu coração e thou hast pesquisados meus rins de confirmar minha confiança em TI; mas o povo sobre o qual eu governar tem uma mente pagã e não sei se eles vão acreditar em mim. Se

eu tiver encontrado favor e misericórdia em thine eyes, então imploro te aparecer também para seu grande Príncipe, para fazê-lo a apoiar-me. **Um eterno concedeu o pedido da Bulan, ele apareceu a este Príncipe em um sonho, e quando ele se levantou de manhã ele veio para o rei e fez saber-lhe....**

Não há nada no Gênesis, nem nas contas árabes da conversão, sobre um grande príncipe cujo consentimento tem de ser obtido. É uma referência inconfundível para a realeza dupla Khazar. O "grande Príncipe, aparentemente, é a Bek; mas não é impossível que o "rei" foi o Bek e o "Príncipe" o Kagan. Além disso, de acordo com fontes árabes e o armênio, o líder do exército Khazar que invadiu a Transcaucásia em 731 (ou seja, alguns anos antes da data presumível da conversão) foi chamado "Bulkhan". 15 **Carta de Joseph continua relacionando como o anjo apareceu uma vez mais para o rei sonhando e ordenou-lhe para construir um local de culto em que o senhor pode habitar, para: "o céu e o céu acima do céu não é grande bastante prender-me". Rei Bulan bashfully responde que ele não possui o ouro e a prata necessários para dessa empresa, "embora é meu dever e o desejo de realizá-lo".** O anjo tranquiliza-lo: Bulan todos tem que fazer é liderar seus exércitos em Dariela e Ardabil na Armênia, onde um tesouro de prata e um tesouro de ouro estão à espera dele. Isso se encaixa com o raid do Bulan ou da Bulkhan anterior a conversão; e também com fontes árabes que Cazares controlado de uma só vez a prata e minas de ouro em Bulan Caucasus.¹⁶ faz como o anjo disse-lhe, retorna vitoriosamente com o loot e cria "um Santo Tabernáculo equipado com um cofre sagrado [a "Arca da Aliança"], um candelabro, um altar e implementa sagrada que têm sido preservadas até hoje e que ainda está na posse do meu [rei José]". **Carta de Joseph, escrita na segunda metade do século x, mais de duzentos anos depois dos acontecimentos que se propõe a descrever, obviamente, é uma mistura do fato e da lenda. Sua descrição dos escassos móveis de lugar de culto e a escassez de relíquias preservadas, está em contraste marcado para a conta que ele dá em outras partes da carta de prosperidade presente do seu país. Os dias do seu antepassado Bulan aparecer-lhe como remota antiguidade, quando o rei pobre mas virtuoso não tinha sequer o dinheiro para construir o Tabernáculo sagrado - que foi, afinal, apenas uma barraca. No entanto, a carta de Joseph up to esta apontar é apenas o prelúdio para o verdadeiro drama da conversão, que ele agora passa a relacionar. Aparentemente renúncia da Bulan idolatria em favor do "Deus único e verdadeiro" foi apenas o primeiro passo, que ainda deixou a escolha aberto entre os três credos monoteístas. Pelo menos, isso é o que parece implicar a continuação da carta de Joseph:**

Após essas proezas de braços [a invasão da Armênia], fama da King Bulan se espalhou para todos os países. O rei de Edom [Byzantium] e o rei de Ishmaelim [muçulmanos] ouviu a notícia e mandaram-lhe enviados com dons preciosos e dinheiro e homens instruídos para convertê-lo em suas crenças; mas o rei era sábio e enviado para um judeu com muito conhecimento e perspicácia e colocar todos os três juntos para discutir suas doutrinas.

Por isso temos outro Brains Trust, ou conferência de mesa redonda, tal como em Masudi, com a diferença que o muçulmano não tem sido envenenado antecipadamente. **Mas o padrão do argumento é o mesmo.** Após discussões longas e fútil, o rei suspender o encontro de três dias, durante o qual as discutants são deixados para esfriar seus saltos em suas respectivas barracas; em seguida, ele reverterá para uma estratagem. Ele convoca o discutants separadamente. Ele pede o cristão que das outras duas religiões é mais perto da verdade, e o cristão responde, "os judeus". Ele confronta o muçulmano com a mesma pergunta e Obtém a mesma resposta. Neutralism levou mais uma vez ao dia.

Tanto para a conversão. O que mais podemos aprender com a célebre "correspondência Khazar"? Ter carta do Hasdai primeiro: ele começa com um poema em Hebraico, da forma, em seguida, na moda de *piyut*, uma forma de verso rhapsodic que contém alusões ocultas ou charadas e freqüentemente acrostics. O poema exalta as vitórias militares do destinatário, rei D. José; ao mesmo tempo, as letras iniciais das linhas formam um acróstico que explicita o nome completo do Hasdai bar Isaac barra barra de Ezra Shaprut, seguido do nome de Menahem ben Sharuk. Agora este Menahem foi um célebre poeta hebraico, lexicógrafo e gramático, um secretário e protoge do Hasdai. Ele, obviamente, foi dada a tarefa de elaborar a Epístola ao rei D. José em seu estilo mais ornamentado, e ele aproveitou a oportunidade para imortalizar-se inserindo seu nome o acróstico depois que de seu patrono. Várias outras obras de Menahem ben-Sharuk são preservadas e pode haver dúvida de que letra do Hasdai é seu handiwork.* [ver apêndice III.] Após o poema, os elogios e floreios diplomáticos, a carta dá um relato brilhante da prosperidade da Espanha mourisca e a feliz condição dos judeus sob seu califa Abd al Rahman, "semelhantes de que nunca foi conhecido.... E assim as ovelhas abandonadas foram tomadas em cuidados, os braços de seus perseguidores estavam paralisados e o jugo foi descartado. O país que vivemos é chamado em Hebraico Sefarad, mas chamá-lo das ismaelitas que habitam- *al-Andalus*." Hasdai, em seguida, prossegue para explicar como ouviu pela primeira vez sobre a existência do Reino judeu de comerciantes de Khurasan, então com mais detalhes de emissários bizantinos, e ele relata o que esses emissários disseram-lhe:

Eu questionei eles [os bizantinos] sobre isso e eles responderam que era verdade, e que o nome do Reino é al-Khazar. Entre Constantinopla e neste país há uma viagem de quinze dias por mar, * [isto provavelmente refere-se à chamada "rota Khazar": de Constantinopla através do mar Negro até o Don, em seguida, entre o portage Don-Volga e baixo Volga ao Itil. (Uma rota alternativa, mais curta foi de Constantinopla para a costa leste do mar Negro).] mas eles disseram que, por via terrestre existem muitas outras pessoas entre nós e eles. O nome do rei governante é Joseph. Navios vêm-nos de suas terras, trazendo peixes, peles e todo tipo de mercadoria. Eles estão em aliança com a gente e honrado por nós. Podemos trocar presentes e embaixadas. Eles são poderosos e têm uma fortaleza para seus postos avançados e as tropas que sair em incursões de tempo para time.* [A fortaleza é evidentemente Sarkel sobre o Don. "Eles são honrados por nós" se encaixa com a passagem em Constantine Born em roxo sobre o selo de ouro especial usado em cartas para o Kagan. Constantino foi o imperador bizantino na época da Embaixada de Espanha.]

Este bit de informações oferecidas pela Hasdai o rei Khazar sobre o país do rei destina-se, obviamente, para desenhar uma resposta pormenorizada de Joseph. Foi bom Psicologia: Hasdai deve ter sabido que a crítica dos fluxos de instruções erradas mais fácil da caneta do que uma exposição original. Em seguida, Hasdai prende-se com seus esforços anteriores para entrar em contato com Joseph. Primeiro ele tinha enviado um mensageiro, um certo Isaac bar Nathan, com instruções para prosseguir para a cazar da corte. Mas Isaac ficou apenas na medida em Constantinopla, onde ele com cortesia foi Tratado, mas impedido de continuar a viagem. (Compreensível assim: atitude ambivalente do Império para o Reino judeu, foi certamente não no interesse de Constantino para facilitar uma aliança entre Cazária e o Califado de Córdoba com seu ministro-chefe judaica.) Então o mensageiro da Hasdai retornou à Espanha, missão concretizada. Mas logo outra oportunidade ofereceu-se: a chegada em Cordoba de uma embaixada da Europa Oriental. Entre os seus membros foram dois judeus, Saul Mar e Mar José, que se ofereceu para entregar Carta da Hasdai ao rei D. José. (De acordo com a resposta de Joseph para Hasdai, foi efectivamente entregue por uma terceira pessoa,

um Isaac ben-Eliezer.) „Tendo assim descrita em detalhes como sua carta chegou a ser gravado e seus esforços para que ele seja entregue, Hasdai continua a pedir uma série de perguntas diretas que refletem sua avidez para obter mais informações sobre todos os aspectos da terra Khazar, da sua geografia para seus ritos em observar o sábado. A passagem final na carta do Hasdai golpeia uma nota bem diferente dos seus números de abertura:

Me sinto à vontade para conhecer a verdade, se há realmente um lugar na terra onde Israel assediado pode governar-se, onde está sujeito a ninguém. Se eu sei que este é realmente o caso, eu não hesitaria abandonar todas as honras, a demitir-se meu alto cargo, abandonar minha família e para viajar sobre montanhas e planícies, em terra e água, até que cheguei no lugar onde meu Senhor, [judaico] regras do rei.... E tenho também um pedido mais: para ser informado se você tem qualquer conhecimento da [data possível] do milagre Final [a vinda do Messias] que, vagando de país para país, estamos a aguardar. Gorias e humilhados em nossa dispersão, temos de escutar em silêncio para aqueles que dizem: "cada povo tem sua própria terra e só você possui nem sequer uma sombra de um país na terra".

O início da carta elogia o Monte feliz dos judeus na Espanha; final respira a amargura do exílio, fervor sionista e esperança messiânica. Mas estas atitudes opostas têm sempre coexistiram no coração dividido de judeus ao longo da sua história. A contradição na carta do Hasdai dá-lhe um toque adicional de autenticidade. Até que ponto sua oferta implícito para entrar ao serviço do rei de Khazar é para ser levado a sério é outra questão, que não podemos responder. Talvez ele pudesse não quer.

5

Resposta do rei D. José é menos realizado e movimento de letra do Hasdai. Não admira - como observações de Cassel: ' bolsa de estudos e cultura reinaram não entre os judeus do Volga, mas nos rios da Espanha ". O destaque da resposta é a história da conversão, já citada. Sem dúvida Joseph também empregado um escriba para penning-lo, provavelmente um refugiado acadêmico de Byzantium. No entanto, a resposta parece uma voz fora do Antigo Testamento em comparação com as cadências polidas do estadista moderno de décimo-século. „Ele começa com uma fanfarra de saudações e, em seguida, reitera o teor da carta do Hasdai, orgulhosamente enfatizando que o Reino de Khazar contradiz aqueles que dizem que "o cetro de Judá para sempre caiu de mãos dos judeus" e "que não há lugar na terra para um Reino do seus próprios". Isto é seguido por uma observação bastante enigmática no sentido de que "já nossos pais trocaram cartas amigáveis que são preservadas em nossos arquivos e são conhecidas por nossos idosos". * [isto pode se referir a um viajante judeu do século IX, Eldad ha-Dani, cujos contos fantásticos, muito lidos na idade média, incluem menções de Cazária que, diz ele, é habitada por três das tribos perdidos de Israel e recolhe tributos de vinte e oito reinos vizinhos. Eldad visitou Espanha cerca de 880 e Maio ou pode não visitaram o país Khazar. Hasdai brevemente menciona-lo em sua carta a Joseph - como se para perguntar o que fazer com ele.] „Joseph continua a fornecer uma genealogia de seu povo. Embora um nacionalista judeu feroz, orgulhoso de empunhando a ' cetro de Judá ', ele não pode e não, reclamar para eles ascendência semita; Ele traça sua ascendência não Shem, mas terceiro filho de Noé, Jafé; ou mais precisamente ao neto de Jasmine, Togarma, o ancestral de todas as tribos turcas. "Nós temos encontrado nos registos familiares de nossos pais", afirma corajosamente, Joseph "que Togarma teve dez filhos, e os nomes de seus descendentes são os seguintes: uigure, Dursu, ávaros, hunos, Basillii, Tarniakh, Cazares, Zagora, búlgaros, Sabir. Nós somos os filhos de Khazar, a sétima..." „A identidade de algumas destas tribos, com nomes de

espelta em alfabeto hebraico é bastante duvidosa, mas que praticamente não importa; a característica neste exercício genealógica é a fusão de Genesis com turcos tradition.* tribal [ele também lança uma iluminação lateral com intensidade na descrição freqüente dos Cazares como o povo de Magogue. Magog, de acordo com Gênesis X, 2-3 foi muito maligned tio de Togarma.] .Depois de Genealogia, Joseph menciona brevemente algumas conquistas militares por seus antepassados que transportou-os, tanto quanto o Danúbio; então segue longamente a história de conversão do Bulan. "De hoje em diante," Joseph continua, "o Senhor Ihe deu força e ajudou; tinha ele próprio e seu seguidores circumcized e enviado para sábios judeus que lhe ensinaram a lei e explicaram os mandamentos." Siga lá mais se orgulha sobre vitórias militares, Nações conquistadas, etc. e, em seguida, uma passagem significativa:

Após estes acontecimentos, um dos netos do seu [Bulan] tornou-se rei; seu nome era Obadiab, ele era um homem corajoso e venerado que reformou a regra, adiciona-se o direito de acordo com a tradição e uso, construídas sinagogas e escolas, reuniu uma multidão de Sábios de Israel, deu-lhes presentes pródigos de ouro e prata e fez-los interpretar os livros [sagrados] vinte e quatro, a Mishná [preceitos] e o Talmud e a ordem na qual as liturgias estão a ser dito.

Isso indica que, sobre um par de gerações depois Bulan, um revival religioso ou reforma teve lugar (possivelmente acompanhado por um *golpe de Estado d'tat* nas linhas projectadas por Artamonov). Na verdade, parece que a judaização dos Cazares procedeu em várias etapas. Lembre-se que o rei Bulan expulsou "feiticeiros e idolators" *antes que* o anjo Ihe apareceu; e que ele fez sua aliança com o "verdadeiro Deus" *antes de* decidir se ele era o judeu, cristão ou muçulmano de Deus. Parece altamente provável que a conversão do rei Bulan e seus seguidores era outra etapa intermediária, que eles adotaram uma forma primitiva ou rudimentar de judaísmo, baseada na Bíblia por si só, excluir o Talmud, literatura rabínica de tudo e as observâncias derivado dele. A este respeito eles se assemelhava as caraítas, uma seita fundamentalista que se originou no século oitavo na Pérsia e se espalhou entre os judeus todo o mundo, particularmente em "Little Cazária", ou seja, a Criméia. Dunlop e algumas outras autoridades supôs que entre Bulan e Obadias (ou seja, aproximadamente entre 740 e 800) alguma forma de Karaism prevaleceu no país, e que judaísmo ortodoxo de "Rabínico" só foi introduzido no decurso da reforma religiosa do Obadiah. O ponto é de alguma importância porque Karaism aparentemente sobreviveu na Cazária para o efeito, e aldeias de língua turca Karaite judeus, obviamente, de origem Khazar, ainda existiam nos tempos modernos (veja abaixo, capítulo V, 4). .Assim, a judaização dos Cazares foi um processo gradual que, acionada por conveniência política, lentamente penetrou nas camadas mais profundas de suas mentes e eventualmente produzidos o messianismo do seu período de declínio. Seu compromisso religioso sobreviveu ao colapso do seu estado e persistentes, como veremos, nos assentamentos Khazar-judeus da Rússia e da Polónia.

6

Depois de mencionar as reformas religiosas de Obadiah, Joseph dá uma lista de seus sucessores:

Hiskia seu filho e seu filho Manasseh e Chanucá irmão de Obadiah e Isaac seu filho, seu filho, Manasseh Nissi seu filho, Menahem seu filho, Benjamin, seu filho, Aaron seu filho e eu sou José, filho de Aaron o abençoado e nós éramos

todos filhos de Reis e nenhum estranho foi autorizado a ocupar o trono de nossos pais.

Em seguida, Joseph tenta responder a perguntas do Hasdai sobre o tamanho e topografia do seu país. Mas ele não parece ter uma pessoa competente em sua corte que poderia corresponder a habilidade dos geógrafos árabes e suas obscuras referências a outros países e nações adicionar pouco para o que nós sabemos de Ibn Hawkal, Masudi e outras fontes do persa e do árabe. Ele pretende recolher tributo de trinta e sete nações - que parece uma proposta bastante alta; ainda Dunlop aponta que nove deles parecem ser tribos que vivem na área nuclear Khazar, e os restantes vinte e oito concordo muito bem com menção de Ahmad Ibn Fadlan de vinte e cinco esposas, cada filha de um rei vassalo (e também com contos duvidosa do Eldad ha-Dani). Devemos ainda ter em mente o grande número de tribos eslavas ao longo da parte superior chega do rio Dnieper e até Moscou, que, como veremos, prestou homenagem aos Cazares. Contudo, que pode ser, não é feita referência na carta de Joseph para um harém real - apenas uma menção a uma única Rainha e suas empregadas domésticas e dos eunucos. Estas são disse para viver em um dos três bairros da capital de Joseph, Itil: "na segundo israelitas ao vivo, Ishmaelis, cristãos e outras nações que falam outras línguas; o terceiro, que é uma ilha, eu habito-me, com os príncipes, bondsmen e todos os servos que pertencem ao me..... * [Esta divisão de Itil em três partes é também mencionado, como vimos, em algumas das fontes árabes.] Vivemos na cidade através de todo o Inverno, mas no mês de Nisan [março-abril] nós estabelecidos e todo mundo vai ao trabalho em seu campo e seu jardim; cada clã tem sua propriedade hereditária, para o qual eles cabeça com alegria e júbilo; nenhuma voz de um intruso pode ser ouvido lá, que nenhum inimigo é para ser visto. O país não tem muita chuva, mas existem muitos rios com uma multiplicidade de peixe grande e muitas fontes e é geralmente férteis e gordura em seus campos e vinhedos, jardins e pomares que são irrigadas pelos rios e frutos ricos... e com ajuda de Deus eu vivo em paz". A próxima passagem dedica-se à data da vinda do Messias:

Temos nossos olhos sobre os sábios de Jerusalém e Babilônia, e apesar de vivermos longe de Sião, que ouvimos, no entanto, que os cálculos estão errados devido à grande profusão de pecados e nós não sabemos nada, só o eterno sabe como manter a contagem. Não temos nada para conter em apenas as profecias de Daniel e o eterno pode acelerar a nossa libertação....

O parágrafo conclusivo da carta de Joseph é uma resposta à oferta aparente do Hasdai para entrar ao serviço do rei Khazar:

Tu hast mencionado na tua carta um desejo de ver meu rosto. Desejo muito e muito tempo para contemplar a tua face graciosa e o esplendor da tua magnificência, a sabedoria e a grandeza; Eu desejo que tuas palavras virão verdadeiras, que eu deveria saber a felicidade para manter-te no meu abraço e ver tua face querido, amigável e agradável; Tu wouldst ser para mim como um pai e eu a TI como um filho; meu povo iria beijar teus lábios; Gostaríamos de vir e ir de acordo com tua vontade e teu sábios conselhos.

Há uma passagem na carta de Joseph que lida com a actualidade política e é bastante obscuro:

Com a ajuda do todo-poderoso eu guarda a foz do Rio [Volga] e não permitem que o Rus que vêm em seus navios para invadir a terra dos árabes.... Eu lutar guerras pesadas com eles [Rus] para se permiti-lo iria devastar as terras de Ismael ainda para Bagdá.

Joseph aqui aparece a posar como o defensor do Califado de Bagdá contra os invasores de Norman-Rus (ver capítulo III). Isso pode parecer um pouco tactless, atendendo a amarga hostilidade entre o Califado de Córdoba (que está servindo Hasdai) Omayad e o Abassid Califas de Bagdá. Por outro lado, os caprichos da política bizantina para Cazares tornou conveniente para Joseph a aparecer no papel de defensor do Islã, independentemente do cisma entre os dois califados. Pelo menos ele poderia esperar que Hasdai, diplomata experiente, levaria a dica. «O encontro entre os dois correspondentes - se alguma vez seriamente destina - nunca teve lugar. Sem novas letras - se qualquer foram trocadas - foram preservadas. O conteúdo factual da "Correspondência Khazar" é magro e adiciona pouco para o que já era conhecido de outras fontes. Seu fascínio encontra-se nas vistas bizarras, fragmentárias que transmite, como um holofote errático, centrando-se em regiões desassociadas no nevoeiro denso que abrange o período.

7

Entre outras fontes em Hebraico, existe o "documento de Cambridge" (assim chamada depois de sua atual localização na biblioteca da Universidade de Cambridge). Foi descoberto no final do século passado, juntamente com outros documentos inestimáveis em "Cairo Geniza", o quarto de loja de uma antiga sinagoga, pelo estudioso de Cambridge, Solomon Schechter. O documento está em mau estado; é uma letra (ou cópia de uma carta) que consiste de cerca de cem linhas em Hebraico; o início e o fim estão faltando, para que seja impossível saber quem o escreveu e a quem foi endereçada. **Rei D. José é mencionado em TI como um contemporâneo e referida como "meu Senhor", Cazária é chamada "nossa terra";** Então, a inferência mais plausível é que a carta foi escrita por um judeu de Khazar da corte do rei D. José na vida de Joseph, isto é, que é aproximadamente contemporânea com a "correspondência Khazar". Algumas autoridades ainda têm sugerido que era dirigida ao Hasdai ibn Shaprut e entregue em Constantinopla ao enviado sem êxito do Hasdai, Isaac bar Nathan, que trouxe de volta para Córdoba (onde ele encontrou o seu caminho para o Cairo quando os judeus foram expulsos da Espanha). De qualquer forma, a evidência interna indica que o documento se originou não mais tarde do que no século XI e mais provável no tempo de vida de Joseph, em décimo. «Ele contém outra conta lendária da conversão, mas seu significado principal é político. O escritor fala de um ataque a Cazária pelos alanos, agindo sob instigação bizantina, nos termos do pai de José, Aaron o abençoado. Nenhuma outra fonte de grego ou árabe parece mencionar esta campanha. Mas há uma passagem significativa em de Constantino Porfirogênito *De Adminisdrando Imperio*, escrito em 947-50, que empresta alguma credibilidade às demonstrações desconhecido letra-do escritor:

No que diz respeito a Cazária, como guerra deve ser feita sobre eles e por quem. Como o Ghuzz são capazes de fazer a guerra sobre os cazares, sendo perto deles, assim também a régua de Alânia, porque os nove climas da Cazária [a fértil região norte do Cáucaso] estão perto de Alânia, e o Alan pode, se assim o entender, raid-los e causar grande dano e socorro aos Cazares do trimestre.

Agora, de acordo com a carta de Joseph, o governante dos alanos prestou homenagem a ele, e se de fato ele fez ou não, seus sentimentos em direção a Kagan foram, provavelmente, muito mesmo como búlgaros do rei. A passagem em Constantine, revelando os seus esforços para incitar os alanos para a guerra contra os cazares, ironicamente lembra da missão de Ahmad Ibn Fadlan com um propósito paralelo. Evidentemente, os dias da aproximação bizantino-Khazar foram longos passado no tempo de Joseph. Mas eu estou antecipando a evolução posterior, a ser discutido no capítulo III.

8

Cerca de um século após a correspondência de cazar e a data presumida do documento Cambridge, Jehuda Halevi escreveu seu livro uma vez celebrado, *Kuzari*, *Cazares*. Halevi (1085-1141) é geralmente considerado o maior poeta hebraico da Espanha; o livro, no entanto, foi escrito em árabe e traduzido posteriormente em Hebraico; seu subtítulo é "O livro da prova e argumento em defesa de the desprezado fé". Halevi foi um sionista que morreu em uma peregrinação a Jerusalém; *Kuzari*, escrito um ano antes de sua morte, é um trato filosófico propor que a nação judaica é o único mediador entre Deus e o resto da humanidade. No final da história, todas as outras nações serão convertidas ao judaísmo; e a conversão dos Cazares aparece como um símbolo ou um sinal de que o evento final. Apesar de seu título, o aparelho tem pouco a dizer sobre Khazar próprio país, que serve principalmente como pano de fundo ainda outra conta lendária da conversão - o rei, o anjo, erudito judeu, etc. - e os diálogos entre o rei e os protagonistas das três religiões filosóficos e teológicos. No entanto, existem algumas referências factuais, que indicam que Halevi tinha ler a correspondência entre Hasdai e Joseph ou que tinha outras fontes de informação sobre o país de Cazar. Assim, estamos informados que após o aparecimento do anjo o rei dos Cazares "revelou o segredo do seu sonho para o General do seu exército" e "geral" também paire mais tarde em - outra referência óbvia à regra dual de Kagan e Bek. Halevi também menciona as "histórias" e "livros dos Cazares" - que lembra um de Joseph falando de "nossos arquivos", onde são mantidos os documentos do Estado. Por último, Halevi duas vezes, em lugares diferentes do livro, dá a data da conversão como tendo sido realizadas "400 anos atrás" e "no ano 4500" (de acordo com o calendário judaico). Isso aponta para 740 AD, que é a data mais provável. Em suma, é uma fraca colheita quanto declarações factuais são, de um livro que gozou de imensa popularidade entre os judeus da idade média. Mas a mente medieval foi menos atraídos pelo facto do que pela fábula, e os judeus estavam mais interessados na data da vinda do Messias do que em dados geográficos. Os geógrafos árabes e cronistas tiveram uma atitude cavalheiresca da mesma forma para as distâncias, as datas e as fronteiras entre o fato e fantasia. Isto também se aplica para o famoso viajante judeu, rabino Petachia de Ratisbon, que visitou a Europa Oriental e Ásia Ocidental entre 1170 e 1185. Seu livro de viagens, *Sibub Ha'olam*, "Journey around the World", aparentemente foi escrito por um aluno, baseado em suas notas ou ditado. Se refere como chocada o bom rabino era pelas observâncias primitivas dos judeus Khazar norte da Criméia, que ele atribuiu a sua adesão a heresia Karaites:

E o rabino Petachia perguntou-lhes: "Por que você não crê nas palavras dos Sábios [i.e., os Talmudists]?" Eles responderam: "porque nossos pais não ensinam-lhes a nós." Na véspera do sábado eles cortaram todo o pão que comem no sábado. Eles comem-lo no escuro e sentam o dia inteiro em um ponto. Suas

orações consistem apenas o psalms.17*[Spending o sábado no escuro foi um bem conhecido Karaita personalizado.]

Estava tão furioso o rabino que, quando ele posteriormente atravessou o coração Khazar, tudo que ele tinha a dizer era que ele levou oito dias, durante a qual "ele ouviu os wailing das mulheres e o latido de cães" 18. Ele mencionou, no entanto, que enquanto ele estava em Bagdá, tinha visto enviados do Reino de Khazar procurando carentes eruditos judeus da Mesopotâmia e mesmo do Egito, "para ensinar seus filhos a Torá e Talmude". Enquanto alguns viajantes judaicos do oeste comprometeram-se a viagem perigosa para o Volga, eles gravaram encontros com os khazares judeus em todos os principais centros do mundo civilizado. Rabino Petachia se reuniu em Bagdá; Outro famoso viajante do século XII, Benjamin de Tudela, visitou Khazar notáveis em Constantinopla e Alexandria; Ibrahim ben Daud, contemporâneo de Judah Halevi, relata que ele tinha visto em Toledo "alguns dos seus descendentes, alunos dos Sábios". 19 a tradição conta que estes eram príncipes Khazar - somos tentados a pensar em príncipes indianos enviados para Cambridge para estudar. Existe ainda uma curiosa ambivalência na atitude em direção a Cazares dos líderes do judaísmo ortodoxo do Oriente, centrado na Academia de talmúdica em Bagdá. *Gaon* (Hebraico para "excelência") que estiveram à frente da Academia foi o líder espiritual dos colonatos judeus dispersos todo o próximo e Médio Oriente, enquanto o *exilarca*, ou o "Príncipe do cativo", representou o poder secular sobre estas comunidades mais ou menos autônomas. Saadiah Gaon (882-942), mais famoso entre as Excelências de spiritual, que deixou escritos volumosos, refere-se repetidamente em-los aos Cazares. Ele menciona um judeu da Mesopotâmia que passou a Cazária para resolver lá, como se isto fosse uma ocorrência diária. Ele fala obscuramente do Tribunal Khazar; em outros lugares ele explica que a expressão bíblica "Hiram de tiro", Hiram não é um nome próprio, mas um título real, como "Califa para o governante dos árabes." e Kagan para o rei dos Cazares. Assim Cazária era muito "no mapa", no sentido literal e metafórico, para os líderes da hierarquia eclesiástica do judaísmo oriental; mas ao mesmo tempo os cazares eram vistos com certas dúvidas, tanto por motivos raciais e por causa de suas inclinações suspeitas em direção a heresia caraíta. Um décimo primeiro século em Hebraico autor, Jafé ibn-Ali, ele próprio uma caraíta, explica a palavra *mamzer*, "bastardo", por exemplo dos Cazares que tornou-se judeus sem pertencer à raça. Seu contemporâneo, Jacob ben-Reuben, reflete o lado oposto desta atitude ambivalente falando dos Cazares como "uma única nação que não ostentem o jugo do exílio, mas são grandes guerreiros não pagando nenhum tributo dos gentios". Em suma as fontes em Hebraico no cazares que vieram para baixo para nós, percebe-se uma reação mista de entusiasmo, cepticismo e, acima de tudo, perplexidade. Uma guerreiro-nação dos judeus turcos deve ter parecido para os rabinos tão estranhos como um unicórnio de circumcized. Durante mil anos de dispersão, os judeus tinham esquecido como era ter um rei e um país. O Messias foi mais real para eles do que o Kagan. Como um postscript para o árabe e o hebraico fontes relativas à sua conversão, refira-se que o aparentemente mais antiga origem cristã antecede os dois. Numa data mais cedo do que 864, o monge vestefaliano, Christian Druthmar de Aquitania, escreveu um Tratado latino *Expositio em Evangelium Mattei*, no qual ele relata que "existem pessoas sob o céu em regiões onde não há cristãos podem ser encontrados, cujo nome é Gogue e Magogue, e quem são os hunos; entre eles está um, chamado Gazari, que são circumcized e observar o judaísmo em sua totalidade". Esta observação ocorre à propos de Matthew 24.14* ["E este evangelho do Reino será pregado em todo o mundo para

testemunho a todas as Nações; e então virá o fim."] que tem não aparente tendo nele e não mais é ouvida do sujeito.

9

Em aproximadamente o mesmo tempo quando Druthmar escreveu para baixo o que ele sabia de boatos sobre o judeu Cazares, um famoso missionário cristão, enviado pelo imperador bizantino, tentou convertê-los ao cristianismo. Ele não menos uma figura de S. Cirilo, "Apóstolo dos eslavos", alegou-se desenhador do alfabeto cirílico. Ele e seu irmão mais velho, St Methodius, foram confiados com esta e outras missões de proselitismo pelo imperador Miguel III, sob o Conselho do patriarca Fócio (ele mesmo aparentemente de ascendência Khazar, para ele é relatado que o imperador uma vez chamou de raiva "Cara de cazar"). Os esforços de proselitismo estavam Cyril parecem ter sido bem sucedida entre o povo eslavo na Europa Oriental, mas não entre os cazares. Ele viajou para o seu país através do Quersoneso na Crimeia; em Quersoneso ele disse ter passado seis meses aprendendo Hebraico em preparação para a sua missão; Ele então tomou o "Khazar Way - portage Don-Volga - a Itil e de lá viajou ao longo do mar Cáspio para atender o Kagan (não diz onde). Seguiram as costume metafísicas teológicas, mas eles tiveram pouco impacto sobre os khazares judeus mesmo adulatory *Vita Constantino* (nome original de Cyril) diz apenas que Cyril fez uma boa impressão sobre o Kagan, que algumas pessoas foram batizadas e duzentos prisioneiros cristãos foram lançados pela Kagan como um gesto de boa vontade. Era que o mínimo que ele poderia fazer para enviado do imperador que tinha ido para tantos problemas. Há um curioso iluminação lateral com intensidade lançada na história por estudantes de Filologia Eslava. Cyril é creditado pela tradição não só ter concebido o cirílico, mas também o alfabeto Glagolytic. Este último, de acordo com Baron, foi "utilizado na Croácia do século XVII. Seu endividamento para o alfabeto hebraico em pelo menos onze caracteres, que representa em parte os sons Slavonic, há muito foi reconhecido". (Os onze caracteres são A, B, V, G, E, K, P, R, S, Sch, t.) Isto parece confirmar o que foi dito anteriormente sobre a influência do alfabeto hebraico na propagação de alfabetização entre os vizinhos dos Cazares.

A décima terceira tribo

por

Arthur koestler

III DECLÍNIO

1

"Era", escreveu d. Sinor, 1 "na segunda metade do século VIII que o Império Khazar atingiu o acme de sua glória" ou seja, entre a conversão de Bulan e religioso reformar em Obadias. Isso não deve implicar que Cazares devido sua boa fortuna a sua religião

judaica. É um pouco o inverso: eles poderiam ter recursos para ser judeus porque eles eram economicamente e militarmente fortes. «Um símbolo vivo do seu poder foi o imperador Leão Khazar, que governava a Byzantium 775-80 - assim em homenagem a sua mãe, a Princesa Khazar "flor" - aquele que criou uma nova moda na corte. Devemos lembrar que seu casamento ocorreu logo após a grande vitória de Khazar sobre os muçulmanos na Batalha de Ardabil, que é mencionado na carta de Joseph e de outras fontes. Os dois eventos, Dunlop observações, "são quase independentes". 2. No entanto, em meio as intrigas cloak-and-dagger do período, promessas e casamentos dinásticos poderiam ser perigosas. Eles repetidamente deram causa - ou, pelo menos, desde um pretexto - para iniciar uma guerra. O padrão aparentemente foi criado por Attila, o suserano erstwhile de Cazares. Em 450 que Attila é dito ter recebido uma mensagem, acompanhada por um anel de noivado, de Honória, irmã a oeste de imperador romano Valentiniano III. Esta senhora romântica e ambiciosa implorou o cacique Hun para resgatá-la de um destino pior do que a morte - um casamento forçado com um velho senador - e mandou-o seu anel. Átila prontamente alegou ela como sua noiva, juntamente com metade do Império como dote; e quando Valentiniano recusou, Átila invadiu a Gália. Diversas variações sobre este tema quasi-archetypal surgem ao longo da história Cazar. Devemos lembrar a fúria do rei Bulgar sobre o rapto de sua filha, e como ele deu este incidente como o motivo principal da sua demanda que o califa deve construir-lhe uma fortaleza contra os cazares. Se pudermos acreditar as fontes árabes, incidentes semelhantes (embora com uma torção diferente) levou à última crise das guerras Khazar-muçulmano no final do século VIII, após um prolongado período de paz. «De acordo com al-Tabari, no AD 798, * [A data, no entanto, é incerta.] o califa ordenou que o governador da Armênia para tornar a fronteira Khazar ainda mais seguro ao se casar com uma filha do Kagan. Este governador foi um membro da poderosa família de Barmecides (que, aliás, lembra do Príncipe de que epónimo família em Arabian Nights que convidou o mendigo para uma festa consistindo de capas de pratos ricos com nada abaixo). O Barmecide concordou, e a Princesa de cazar com sua suite e o dote foi devidamente expedida para ele em uma cavalgada luxuosa (ver I, 10). Mas ela morreu em childbed; o recém-nascido morrido também; e seus cortesãos, em seu retorno a Cazária, insinuou para o Kagan que ela tinha sido envenenada. O Kagan prontamente invadiu a Armênia e teve (de acordo com duas fontes árabes) 3 50000 prisioneiros. O califa foi forçado a liberar milhares de criminosos de suas gaols e armá-los para conter o avanço de Cazar. «As fontes árabes referem-se pelo menos um século mais incidente de um casamento dinástico misfired seguido de uma invasão de Khazar; e para a boa medida a crônica georgiano tem uma particularmente horrível para adicionar para a lista (em que a Princesa Real, em vez de ser envenenado, mata-se para escapar a cama do Kagan). Os detalhes e as datas exatas são, como de costume, duvidosas, 4 e assim é a verdadeira motivação por trás destas campanhas. Mas a menção recorrente nas Crônicas de noivas vendidas e rainhas envenenadas deixa pouca dúvida de que este tema teve um forte impacto da pessoas imaginação e possivelmente também sobre acontecimentos políticos.

Não mais é ouvida sobre Khazar-árabe combate após o final do século VIII. Com a entrada do nono, Cazares pareciam desfrutar de várias décadas de paz, pelo menos, há pouca menção nas crônicas e nenhuma notícia é boa notícia na história. As fronteiras do Sul do país tinham sido pacificadas; as relações com o Califado tinham estabelecido-se a um Pacto de não agressão Tácito; relações com Bizâncio continuaram a ser

definitivamente amigável. Ainda no meio deste período idílico comparativamente há um episódio sinistro que prenunciado novos perigos. 833, Ou por aí, o Khazar Kagan e Bek enviou uma embaixada para o leste Romano imperador Teófilo, pedindo arquitectos qualificados e artesãos para as construir uma fortaleza na parte inferior chega do Don. O imperador respondeu com entusiasmo. Ele enviou uma frota através do mar Negro e o mar de Azov até a boca do Don para local estratégico onde a fortaleza estava a ser construído. Assim surgiu Sarkel, a famosa Fortaleza e sítio arqueológico inestimável, praticamente o único que rendeu pistas para cazar história - até que ele foi submersa no reservatório Tsimlyanskoye, adjacentes do canal Volga-Don. Constantino Porfirogênito, que relacionados com o episódio em alguns detalhes, diz que, uma vez que não há pedras estavam disponíveis na região, Sarkel foi construída de tijolos, queimados em fornos especialmente construídos. Ele não menciona o fato curioso (descoberto por arqueólogos soviéticos enquanto o site era ainda acessível) que os construtores também utilizadas colunas de mármore de origem bizantina, datando do século VI e provavelmente recuperadas de algumas ruínas bizantinas; um bom exemplo de Imperial thrift.⁵ O potencial inimigo contra quem este impressionante fortaleza foi construída pelo esforço conjunto de Roman-Khazar, foram esses recém-chegados formidáveis e ameaçador na cena mundial, quem a oeste chamado Vikings, ou nórdicos, e a leste chamado Rhous ou Rhos ou rus. Dois séculos mais cedo, os Árabes tinham avançado no mundo civilizado em um gigantesco movimento de pinça, conquistando seu pino esquerdo alcançando através dos Pirinéus, seu direito prong através do Cáucaso. Agora, durante a era Viking, história parecia criar uma espécie de imagem de espelho da fase anterior. A explosão inicial que tinha disparado fora as guerras de conquista muçulmanas teve lugar na região mais meridional do mundo conhecido, o deserto da Arábia. As invasões de Viking e conquistas originou-se na região mais ao norte, Scandinavia. Os árabes avançou para o norte por terra, os nórdicos para o Sul por mar e por vias navegáveis. Os árabes foram, pelo menos em teoria, conduzindo uma guerra Santa, as guerras profana empreendeu uma Vikings de pirataria e pilhagem; mas os resultados, tanto quanto as vítimas estavam em causa, foram muito mesmo. Em nenhum dos casos os historiadores conseguiram fornecer explicações convincentes das razões econômicas, ecológicas ou ideológicas que transformaram estas regiões aparentemente quiescentes da Arábia e na Escandinávia durante a noite-kokutei-k em vulcões da vitalidade exuberante e empresa imprudente. Ambas erupções passaram sua força dentro de um par de séculos, mas deixaram uma marca permanente no mundo. Ambos evoluíram no presente período de selvageria e destrutividade esplêndida realização cultural. Sobre o tempo quando Sarkel foi construída pelos esforços conjuntos bizantino-Khazar na expectativa do ataque pelos Vikings orientais, seu ramo ocidental tinha já penetrou todas as vias principais de Europa e conquistou metade da Irlanda. Dentro das próximas décadas Eles colonizaram a Islândia, conquistaram a Normandia, repetidamente saquearam Paris, invadiram a Alemanha, a delta Rhne, o Golfo de Gênova, circunavegou a Península Ibérica e atacaram Constantinopla através do Mediterrâneo e o Dardanelos - simultaneamente com um ataque de Rus para baixo Dnieper e o mar Negro. Como Toynbee escreveu: 6 "no século IX, que foi o século em que o Rhos imiscuiu sobre os cazares e os romanos do Oriente, os escandinavos foram invadindo e conquistando e colonizando em arco imenso que eventualmente estendido do Sul-Oeste... a América do Norte e sudeste de... o mar Cáspio." Não é à toa que uma oração especial foi inserida nas ladainhas do Oeste: A furor Normannorum libera nos Domine. Não admira que Constantinopla necessários seus aliados Khazar como um escudo protetor contra os dragões esculpidos em arcos de navios de Viking, como ele tinha precisava de um par de séculos anteriores contra as bandeiras verdes do profeta. E,

como na ocasião anterior, Cazares foram novamente para suportar o peso do ataque e eventualmente para ver seu capital em ruínas. «Não só Byzantium tinha razões para agradecer aos Cazares bloqueando o avanço das frotas Viking para baixo das vias grandes do Norte. Agora que adquirimos uma melhor compreensão da enigmática passagem na carta de Joseph a Hasdai, escrito um século mais tarde: "com a ajuda do todo-poderoso protetor da boca do Rio e não permitem que o Rus que vêm em seus navios para invadir a terra dos árabes.... Eu lutar guerras pesadas [com o Rus]."

3

A marca dos Vikings que os bizantinos chamados "Rhos" eram chamados "Varegues" por cronistas árabes. A mais provável derivação de "Guest", de acordo com Toynbee, é "pela palavra sueca 'rodher', que significa remadores". 7 como para "Varegues", foi usado pelos árabes e também na primeira crônica russa para designar Vikings ou escandinavos; o Báltico foi realmente chamado por eles "o mar de varegues". 8 embora este ramo dos Vikings se originou da Suécia Oriental, como distinto de noruegueses e dinamarqueses que invadiram a Europa Ocidental, seu avanço seguido o mesmo padrão. Foi sazonal; foi baseado em Ilhas estrategicamente colocadas, que serviram como fortalezas, arsenais e bases de abastecimento para ataques no continente; e sua natureza evoluiu, onde as condições eram favoráveis, para incursões predatórias e forçaram comércio a mais ou menos assentamentos permanentes e em última análise, fusão com as populações nativas conquistadas. Assim, a penetração Viking da Irlanda começou com a captura da ilha de Rechru (Lambay) na Baía de Dublin; Inglaterra foi invadida de Ilha de Thanet; penetração do continente começou com a conquista das ilhas de Walcheren (fora de Holland) e Noirmoutier (no estuário do Loire). «No extremo oriental da Europa os nórdicos estavam seguindo o mesmo esquema para conquista. Depois de atravessar o mar Báltico e o Golfo da Finlândia navegaram até o Rio Volkhov em Lago Ilmen (Sul de Leningrado), onde encontraram uma ilha conveniente - o Holmgard das Sagas islandesas. Sobre isso, eles construíram um povoado que viria para a cidade de Novgorod.* [não deve ser confundido com Nizhny Novgorod (agora renomeado Gorky).] A partir daqui que eles forayed para o Sul nas vias navegáveis grandes: no Volga no mar Cáspio e o Dnieper no mar Negro. «A antiga rota levou através dos países do militante búlgaros e Cazares; o último entre os territórios de diversas tribos eslavas que habitavam a periferia noroeste do Império Khazar e tributo pago para o Kagan: Polyane na região de Kiev; Viaticchi, sul de Moscou; Radimishchy leste do Dnieper; o Severyane no Rio Derna, bicicletas [Constantino Porfirogênio e a crônica russo estão em acordo justo concering os nomes e os locais destas tribos e sua sujeição à Cazares.] Esses eslavos pareciam ter desenvolvido métodos avançados de agricultura e eram aparentemente de uma disposição mais tímida do que seus "Turco" vizinhos sobre o Volga, para, como Bury colocá-lo, eles se tornaram a presa "natural" invasores escandinavos. Estes eventualmente vieram a preferir o Dnieper, apesar da sua catarata perigoso, o Volga e o Don. Foi o Dnieper que tornou-se a "grande hidrovia" - o "Austrvegr" das Sagas nórdicas - desde o Báltico ao mar Negro e assim a Constantinopla. Eles até mesmo deram nomes escandinavos para a sete principal catarata, duplicar seus nomes eslavas; Constantino conscienciosamente enumera as duas versões (por exemplo, Baru-fors em nórdico, Volnyi em eslavo eclesiástico, para "Cachoeira billowy"). «Estes varegues-Rus parecem ter sido uma mistura única exclusiva mesmo entre seu irmão Vikings - combinando os traços de piratas, ladrões e comerciantes meretricious, que trocou nos seus próprios termos, imposta pela espada e

facilmente. Eles trocados peles, espadas e âmbar em troca de ouro, mas sua principal mercadoria eram escravos. Um cronista árabe contemporâneo escreveu:

Nesta ilha [Novgorod] há homens para o número de 100000 e estes homens constantemente sair para invadir os eslavos em barcos e eles apreender os eslavos e levá-los prisioneiro e eles vão para os cazares e búlgaros e vendem-os lá. [Recordamos o mercado de escravos em Itil, mencionada por Masudi]. Eles têm nenhuma terras cultivadas, nem sementes e [por ao vivo] pilhagem dos eslavos. Quando uma criança nasce a eles, eles colocam uma espada desenhada frente e seu pai diz: "eu tenho nem ouro nem prata, nem riqueza que eu pode legar ao thee, esta é a tua herança, com ela segura prosperidade para si mesmo."⁹

Um historiador moderno, McEvedy, tem resumiu muito bem:

Viking-varegue atividade, desde a Islândia até as fronteiras do Turquestão, de Constantinopla ao Círculo Ártico, era de ousadia e vitalidade incrível, e é triste que tanto esforço foi desperdiçado em pilhagem. Os heróis do Norte não deign comércio até que eles não conseguiram vencer; preferiam sangrenta, glorioso ouro para uma constante profit.¹⁰ mercantil

Assim, os comboios de Rus navegando para o Sul na temporada de Verão eram ao mesmo tempo frotas comerciais e militares armadas; as duas funções foram juntos, e com cada frota era impossível prever em que momento os mercadores seriam transformaria em guerreiros. O tamanho destas frotas foi formidável. Masudi fala de uma força de Rus entrar o mar Cáspio do Volga (em 912-13) como incluindo "sobre 500 navios, cada um ocupado por 100 pessoas". Estes homens 50000, diz ele, 35000 foram mortos em battle.* [ver abaixo, capítulo IV, 1.] Masudi pode ter sido exagerar, mas aparentemente não muito. Mesmo em uma fase inicial de suas façanhas (*cerca de 860*) Rus cruzou o mar Negro e cercou Constantinopla com uma frota estimada vária como numeração entre 200 e 230 navios. Em vista a imprevisibilidade e a proverbial treacherousness esses invasores formidável, os bizantinos e Cazares tinham de "tocar de ouvido" como diz o ditado goes. Durante um século e meio depois foi construída a fortaleza de Sarkel, acordos comerciais e o intercâmbio das embaixadas com o Rus alternaram com guerras selvagens. Só lentamente e gradualmente os nórdicos alterou seu caráter através da construção de assentamentos permanentes, tornando-se Slavonized por mescla com seus súditos e vassalos e finalmente, adotando a fé da igreja bizantina. Por esse tempo, os últimos anos do século décimo, "Rus" tinha tornam-se transformado em "Russos". Os primeiros Rus príncipes e nobres ainda deu nomes escandinavos que tinham sido Slavonized: Rurik de Hröekr, Oleg de Helgi, Igor de Ingvar, Olga de Helga e assim por diante. O Tratado comercial Príncipe Igor-Ingvar celebrados com os bizantinos em 945 contém uma lista de seus companheiros, só três dos quais têm nomes Slavonic entre cinquenta names.¹¹ escandinavo, mas o filho de Ingvar e Helga assumiu o nome Slavonic Svyatoslav e de lá diante o processo de assimilação entrou no seu passo, os varegues gradualmente perderam sua identidade como um povo separado, e a tradição nórdica desapareceu da história russa. É difícil formar uma imagem mental destas pessoas bizarras cuja selvageria fura para fora mesmo na que era selvagem. As crônicas são tendenciosos, escrito por membros da organização das Nações que tinham sofrido dos invasores do Norte; seu próprio lado da história permanece indizível, para o surgimento da literatura escandinava veio muito

tempo depois da idade dos Vikings, quando suas façanhas tinham floresceu em legenda. Mesmo assim, literatura nórdica antiga parece confirmar sua luxúria desenfreada para a batalha e o tipo peculiar de frenesi que apreendeu-os nessas ocasiões; eles tinham até uma palavra especial para ele: *berserksgangr* - a maneira furioso. Cronistas árabes foram tão desconcertadas com eles que eles contradizem não somente uns aos outros, mas também, em uma distância de poucas linhas. Nosso velho amigo Ibn Fadlan é absolutamente revoltado por hábitos sujos e obscenos de Rus quem ele conheceu no Volga na terra dos búlgaros. A seguinte passagem sobre o Rus ocorre apenas antes de sua conta de Cazares, citado anteriormente:

Eles são criaturas filthiest do Senhor. De manhã uma menina servo traz uma bacia cheia de água para o mestre do agregado familiar; Ele lavagens seu rosto e cabelo em TI, espetos e golpes o nariz para a bacia, que a menina, em seguida, as mãos sobre a próxima pessoa, que faz da mesma forma, até que todos os que estão na casa têm usado essa bacia para fundir seus narizes, cuspir e lavar seu rosto e cabelo em it.12

Em contraste com isso, Ibn Rusta escreve sobre o mesmo tempo: "Eles são corretamente em relação a suas roupas" - e deixa-lo em that.13. Mas uma vez, Ibn Fadlan é indignado sobre os Rus copulando e defecando em público, incluindo seu rei, Considerando que Ibn Rusta e Gardezi não sei nada de tais hábitos revoltantes. Mas suas próprias contas são igualmente duvidosa e inconsistente. Assim, Ibn Rusta: "eles honrarem seus hóspedes e são gentis com estranhos que procuram abrigo com eles e todos os que estão em desgraça entre 14 não permitem qualquer um entre eles para tyrannize-los e quem quer que entre eles errado ou opressiva, eles descobrir tais deles e expulsem-dentre eles." Mas alguns números ainda mais para baixo ele pinta um retrato muito diferente - ou melhor vinheta, das condições na sociedade Rus:

Nenhum deles vai para satisfazer um natural precisa sozinho, mas ele é acompanhado por três dos seus companheiros que protegê-lo entre eles, e cada um deles tem sua espada por causa da falta de segurança e traição entre eles, para se um homem tem mesmo uma pequena fortuna, seu irmão e seu amigo que está com ele cobiçam-lo e procuram matar e despoil him.15

Sobre suas virtudes marciais, no entanto, as fontes são unanimidade:

Estas pessoas são enérgicas e corajosas e quando eles descem em terreno aberto, nenhum pode escapá-los sem ser destruída e suas mulheres tomadas posse de e eles próprios tomados em slavery.16

Tais foram as perspectivas que agora confrontados os cazares. Sarkel foi construído apenas no tempo; Ela permitiu a eles controle os movimentos das Rus flotillas junto a inferior atinge o Don e o portage Don-Volga (o "caminho de Khazar"). Em geral, parece que durante o primeiro século da sua presença sobre a cena [muito aproximadamente, 830 1.-930.] das incursões saqueadoras dos Rus foram principalmente dirigidas contra Bizâncio (onde, obviamente, mais rica pilhagem era tinha de ser), considerando suas relações com os cazares eram essencialmente numa base comercial, embora não sem atritos e confrontos intermitentes. De qualquer forma, Cazares foram capazes de controlar as rotas de comércio do Rus e a aplicar

seu imposto de 10 por cento sobre todas as cargas passando através de seu país para Bizâncio e das terras muçulmanas. „Eles também exerceram alguma influência cultural sobre os nórdicos, que, para todos os seus caminhos violentos, tinham uma vontade ingênua de aprender com as pessoas com quem eles entraram em contato. A extensão dessa influência é indicada pela adoção do título "Kagan" pelos primeiros governantes Rus de Novgorod. Isto é confirmado por fontes Byzantine e árabes; por exemplo, Ibn Rusta, após descrever a ilha em que foi construída Novgorod, afirma "Eles têm um rei, que é chamado de Kagan rus." Além disso, Ibn Fadlan relata que o Kagan Rus possui um general que lidera o exército e representa-lo às pessoas. Zeki Zurique salientou que a delegação do comando do exército era desconhecida entre os povos germânicos do Norte, onde o rei deve ser o guerreiro mais importante; Zurique conclui que Rus obviamente imitava o sistema Khazar regra gêmeas. Isso não é improvável que o facto de que os cazares eram as mais prósperas e culturalmente avançada de pessoas com quem o Rus nas fases iniciais de suas conquistas feitas territorial de contato. E esse contato deve ter sido bastante intenso, uma vez que havia uma colônia de mercadores de Rus em Itil - e também uma comunidade de judeus cazar em Kiev. „É triste relatar neste contexto que mais de mil anos após os eventos em discussão, o regime soviético fez seu melhor para expungir a memória do papel histórico dos Cazares e realizações culturais. Em 12 de Janeiro de 1952, *The Times* levaram a seguinte notícia:

INÍCIO CULTURA RUSSA DESPREZADA HISTORIADOR SOVIÉTICO REPREENDIDO

Outro historiador soviético foi criticado pelo *Pravda* para menosprezar a cultura antiga e o desenvolvimento do povo russo. Ele é Professor Artamonov, que, numa sessão recente do departamento de história e filosofia na Academia de Ciências da União Soviética, repetiu uma teoria que ele tinha apresentado em um livro em 1937 que a antiga cidade de Kiev muito devida aos povos de Cazar. Ele retrata-los no papel de um povo avançado que foi vítima de aspirações agressivas dos russos. ".Todas estas coisas," diz o *Pravda*, "ter nada em comum com os fatos históricos. O Reino de Khazar que representou a fusão primitiva de diferentes tribos, não desempenhou qualquer papel positivo independentemente em criar o estado dos eslavos orientais. Fontes antigas testemunham que formações de Estado surgiram entre os eslavos orientais, muito antes de qualquer registro dos Cazares. O Reino de Khazar, longe de promover o desenvolvimento do Estado russo antigo, retardou o progresso das tribos eslavas orientais. Os materiais obtidos por nossos arqueólogos indicam o elevado nível de cultura na Rússia antiga. Apenas por ignorar a verdade histórica e negligenciar os fatos pode se falar da superioridade da cultura Khazar. A idealização do Império Khazar reflete uma sobrevivência manifesta dos modos de exibição com defeito dos historiadores burgueses que desprezados o desenvolvimento indígena do povo russo. A erroneousness deste conceito é evidente. Tal concepção não pode ser aceite pela historiografia Soviética." „Artamonov, quem frequentemente têm citado, publicado (além de inúmeros artigos em periódicos aprendidos) seu primeiro livro, que tratou o início da história dos Cazares, em 1937. Sua magnum opus, *história dos Cazares*, foi aparentemente em preparação quando golpeado *Pravda* . Como resultado, o livro foi publicado somente dez anos mais tarde - 1962 - transportando um recantation em sua seção final que se elevou a uma negação de tudo o que foi antes - e, na verdade, o autor trabalho de vida. Ler as passagens relevantes na mesma:

O Reino de Khazar desintegrou-se e caiu em pedaços, do qual a maioria fundiu-se com outros povos relacionados, e a minoria, fixando-se em Itil, perdeu sua nacionalidade e se transformou em uma classe parasitária com uma coloração

judaica. «Os russos nunca evitado as realizações culturais do Oriente.... Mas os cazares Itil russos teve nada. Assim, também a propósito, o judaísmo czarar militante foi tratado por outros povos relacionados com ele: os magiares, búlgaros, pechenegues, alanos e polovtsianos.... A necessidade de lutar com os exploradores de Itil estimulado unificar o Ghuzz e os eslavos ao redor do trono de ouro de Kiev, e esta unidade por sua vez criou a possibilidade e a perspectiva de um crescimento violento não só do sistema estado russo, mas também da cultura russa antiga. Esta cultura tinha sido sempre original e nunca dependida em Khazar influência. Esses elementos orientais insignificantes na cultura Rus que foram passados para baixo pelos cazares e que um normalmente tem em mente ao lidar com os problemas dos laços de cultura entre o Rus e Cazares, não penetrou no coração da cultura russa, mas permaneceu na superfície e foram de curta duração e de pequena importância. Eles oferecem nenhum solo em tudo por apontar a um período de "Khazar" na história da cultura russa.

Os ditames da linha do partido concluíram o processo de apagamento que começou com a inundação dos restos de Sarkel.

5

Intensivo de comércio e de intercâmbios culturais não impediram o Rus de comer gradualmente sua maneira no Império Khazar apropriando seus súditos Slavonic e vassalos. De acordo com a primeira crônica russa, por 859 - ou seja, alguns vinte e cinco anos depois de Sarkel foi construído - o tributo de povos Slavonic foi "dividido entre os cazares e os varegues de além do mar Báltico". Os varegues cobrado tributo em "Chuds", "Krivichians", etc.-ou seja, o povo eslavo mais ao norte - enquanto os cazares continuaram a cobrar o tributo sobre o Viatchi, o Seviãe e, mais importante de tudo, a Polyane da região central de Kiev. Mas não por muito tempo. Três anos mais tarde se podemos confiar a datação (na crônica russa), a cidade chave de Kiev no Dnieper, anteriormente sob a suserania de Khazar, passou para mãos de Rus. «Este era provar um evento decisivo na história da Rússia, embora aparentemente aconteceu sem uma luta armada. De acordo com a crônica, Novgorod era na época governada pelo Rurik de Príncipe (semilegendary) (Hröekr), que manteve sob sua influência todos os assentamentos de Viking, eslavos do Norte e algumas pessoas finlandês. Dois dos homens de Rurik, Oskold e Dir, viagem para baixo Dnieper, viram um lugar fortificado em uma montanha, que a visão de que eles gostaram; e foi-nos dito que esta era a cidade de Kiev, e que "pagou tributo aos Cazares". Os dois se estabeleceu na cidade com suas famílias, "reuniam muitos nórdicos para eles e governaram os eslavos vizinhos, mesmo como o Rurik governado em Novgorod. Cerca de vinte anos filho de posteriores Rurik Oleg [Helgi] veio para baixo e colocar Oskold e Dir à morte e Kiev em anexo à sua influência." «Kiev em breve obscureceu Novgorod em importância: se tornou a capital dos varegues e "mãe das cidades russas"; enquanto o Principado que teve seu nome tornou-se o berço do primeiro Estado russo. «Carta de Joseph, escrita cerca de um século após a ocupação do Rus de Kiev, já não menciona-lo na sua lista de Khazar posses. Mas influentes comunidades judaico-Khazar sobreviveram tanto na cidade e província de Kiev, e após a destruição final do seu país foram reforçadas por um grande número de emigrantes de Cazar. A crônica russa mantém se referindo aos heróis vindos *Zemlya Zhidovskaya*, "o país dos judeus"; e o "portão de Cazares" em Kiev manteve a memória dos seus governantes erstwhile vivo até tempos modernos.

Nós agora ter progredido na segunda metade do século IX e, antes de continuar com o conto de expansão russa, deve voltar a atenção para alguns desenvolvimentos vitais entre os povos das estepes, particularmente os magiares. Esses eventos correu paralelos com o aumento do poder de Rus e tinham um impacto directo sobre os cazares - e sobre o mapa da Europa. Os magiares tinham sido aliados dos Cazares e aparentemente dispostos vassallos, desde o surgimento do Império Khazar. "O problema da sua origem e andanças precoce têm muito perplexos estudiosos", escreveu Macartney; 17 em outro lugar ele chama-lhe "um do mais escuro dos enigmas históricas" 18 sobre sua origem todos sabemos com certeza é que os magiares foram relacionados com os finlandeses, e que a sua língua pertence à família de línguas chamada Finno-Ugrian, juntamente com a do povo Vogul e Ostyak vivem em regiões de floresta dos Urais do Norte. Assim, eles eram originalmente independentes para as nações eslavas e turco das estepes em cujo seio eles vieram morar - uma curiosidade étnica, que eles ainda estão até hoje. Hungria moderna, ao contrário de outras pequenas nações, tem sem vínculos linguísticos com os seus vizinhos; os magiares se mantiveram um enclave étnico na Europa, com os finlandeses distantes quanto seus primos únicos. Em data desconhecida durante os primeiros séculos da era cristã esta tribo nômade foi expulso do seu habitat erstwhile nos Urais e migraram para o sul através das estepes, eventualmente estabelecendo-se na região entre os rios de Kuban e do Don. Assim, tornaram-se vizinhos dos Cazares, mesmo antes ascensão da sua à proeminência. Por um tempo, eles eram parte de uma federação de povos semi-nômadas, Onogurs ("The Arrows dez" ou dez tribos); acredita-se que o nome "Húngaro" é um eslavo versão dessa palavra; 19 enquanto "Magyar" é o nome pelo qual eles chamaram-se desde tempos imemoriais. Partir de meados do sétimo programa-quadro para o final do século nono foram, como já disse, súditos do Império Khazar. É um fato notável que durante este período, enquanto outras tribos foram envolvidos em um jogo de cadeiras musicais, assassino não temos nenhum registro de um único conflito armado entre Cazares e magiares, Considerando que cada um dos dois foi envolvida uma vez ou outra em guerras com os seus vizinhos imediatos ou distantes: búlgaros do Volga, Danúbio búlgaros, Ghuzz, pechenegues, e assim por diante - para além dos árabes e o RUS. Paraphrasing as fontes Russian Chronicle e árabes, Toynbee escreve que durante todo este período os magiares "tirou tributo", em nome dos Cazares, os povos eslavos e Finn na zona de terra preta para o norte do domínio dos magiares da estepe e na zona da mata para o norte do que. A evidência para o uso do nome Magyar até esta data é sua sobrevivência em um número de nomes de lugares nesta região da Rússia ao norte. Esses nomes de lugar presumivelmente marcam os locais da antigas guarnições Magyar e postos avançados." 20 Assim os magiares dominou seus vizinhos Slavonic e Toynbee conclui que na cobrança de tributo, "Cazares foram usando os magiares como seus agentes," embora sem dúvida os magiares feita esta Agência rentável para si também 21. A chegada dos Rus mudou radicalmente esta situação rentável. Em sobre o tempo quando Sarkel foi construído, houve um movimento conspícuo dos magiares em toda o Don a sua margem ocidental. De cerca de 830 avante, a maior parte da nação foi re-settled na região entre o Don e Dnieper, mais tarde a ser nomeado Lebedia. A razão para esta mudança tem sido muito discutida entre os historiadores; Explicação de Toynbee é o mais recente e mais plausível:

Nós... pode inferir que os magiares eram na ocupação de estepe a oeste do Don pela permissão de seus suseranos Khazar.... Uma vez que o estepe-país tinha pertencido anteriormente aos Cazares, e desde que os magiares eram aliados subordinados dos Cazares, podemos concluir que os magiares não tinham estabelecido-se nesse território cazar contra os cazares vai.... Certamente podemos concluir que Cazares não tinham permitido apenas os magiares

estabelecer-se a oeste do Don, mas na verdade tinham plantado-os lá para servir os propósitos dos Cazares. A re-localização dos povos de assunto por razões estratégicas era um dispositivo que tinha sido praticado pelos construtores de Império nômade anterior.... Esse novo local, os magiares poderiam ajudar os cazares para verificar o avanço para o Sul-Leste e para sul da telha Rhos. A plantação dos magiares para oeste do Don terá sido tudo de uma peça com a construção da fortaleza Sarkel em azulejo bank.22 Oriental de Don

7

Este arranjo funcionou bem o suficiente para quase meio século. Durante este período a relação entre os magiares e Cazares ficou ainda mais perto, culminando em dois eventos que deixaram dura marcas na nação húngara. Em primeiro lugar, Cazares lhes deram um rei, que fundou a primeira dinastia Magyar; e, segundo, várias tribos cazares juntou os magiares e transformou profundamente seu caráter étnico. O primeiro episódio é descrito por Constantino *De Administrando* (cerca de 950) e é confirmado pelo fato de que os nomes que ele menciona independentemente aparecem na primeira crônica húngara (século XI). Constantino diz-nos que antes os cazares intervieram nos assuntos internos das tribos Magyar, estes tinham nenhum rei primordial, apenas chefes tribais; o mais proeminente destes era chamado Lebedias (depois quem Lebedia foi nomeado mais tarde):

E os magiares consistiam de sete hordas, mas naquele tempo eles tinham nenhuma régua, nativa ou estrangeira, mas havia certos chefes tribais entre eles, de que o cacique principal foi o Lebedias acima mencionados.... E Kagan, o governante da Cazária, por conta de sua coragem e apoio militar, [os magiares] deu seu primeiro chefe, o homem chamado Lebedias, uma nobre senhora Khazar como esposa, que ele pode gerar filhos dela; mas Lebedias, por algum acaso, não tinha nenhuma família pela mulher que Cazar.

Outra aliança dinástica que tinha falhou. Mas o Kagan foi determinada a reforçar os laços que ligado a Lebedias e suas tribos para o Reino de Khazar:

Depois de um pouco de tempo tinha passado, Kagan, o governante da Cazária, disse os magiares... para enviar-lhe seu primeiro Cacique. Portanto, Lebedias, vindo antes de Kagan da Cazária, pediu-lhe para a razão por que ele havia enviado para ele. E o Kagan disse-lhe: envio para você, por este motivo: que, desde que você são decidida e sábio e Valente e o primeiro dos magiares, nós pode promovê-lo para ser o governante de sua raça, e que podem ser sujeitos às nossas leis e ordens.

Mas Lebedias parece ter sido um homem orgulhoso; Ele recusou, com apropriado expressões de gratidão, a oferta para se tornar um rei fantoche e propôs, em vez disso, que a honra deve ser concedida em um companheiro cacique chamado Almus ou no filho de Almus, Arpad. Assim o Kagan, "satisfeitos com este discurso", enviada de Lebedias com uma escolta adequada volta ao seu povo; e eles escolheram Arpad para ser seu rei. A cerimônia de instalação de Arpad ocorreu "após o costume e uso dos Cazares, em elevar-lhe sobre seus escudos Mas antes deste Arpad os magiares nunca tinham qualquer outro governante; portanto o governante da Hungria é extraído de sua corrida até ao presente dia." "Este dia" em que Constantino escreveu foi por volta de

950, isto é, um século após o evento. Arpad na verdade levou seus magiares na conquista da Hungria; sua dinastia reinou até 1301, e seu nome é um dos primeiros estudantes húngaros aprendem. Cazares tinham seus dedos em muitas tortas históricas.

8

O segundo episódio parece ter tido uma influência ainda mais profunda sobre o caráter nacional húngara. Numa data não especificada, Constantino diz-nos, 23 lá foi uma rebelião (*apostasia*) da parte da nação Khazar contra seus governantes. Os insurgentes consistiam de três tribos, "que foram chamados Kavars [ou Kabars], e que eram da raça dos Cazares. O governo prevaleceu; alguns dos rebeldes foram abatidos e alguns fugiram do país e se estabeleceram com os magiares, e eles fizeram amigos uns com os outros. Eles também ensinaram a língua dos Cazares para os magiares e até ao presente dia eles falam o mesmo dialeto, mas eles também falam outra língua dos magiares. E porque eles provaram-se mais eficiente nas guerras e mais viril de oito tribos [isto é, as sete tribos Magyar originais mais o Kabars] e líderes em guerra, eles foram eleitos para ser a primeira Horda, e há um líder entre eles, que está em [originalmente] três hordas de Kavars, que existe até hoje. " -A pontilham seus i ' s, Constantino começa seu próximo capítulo com uma lista "das hordas de Kavars e magiares. A primeira é que que rompeu de Cazares, esta Horda acima da Kavars. ", etc.²⁴ A Horda ou tribo que realmente chama a mesmo "Magyar" vem apenas terceiro lugar. -Parece que os magiares tinham recebido - metaforicamente e talvez literalmente - uma transfusão de sangue de Cazares. Ela afetou-las de várias maneiras. Em primeiro lugar devemos saber, para nossa surpresa, que pelo menos até meados do século décimo tanto a Magyar Khazar línguas eram faladas na Hungria. Várias autoridades modernas comentaram este facto singular. Assim, Bury escreveu: "O resultado desta língua dupla é o caráter misto da moderna língua húngara, que forneceu um argumento convincente para os dois pareceres opostos como para as afinidades étnicos dos magiares."²⁵ Toynbee²⁶ observa que embora os húngaros deixaram de ser bilíngüe há muito tempo, eles estavam assim no início de seu estado, como testemunhou por alguns duzentos empréstimo-palavras do antigo dialeto Chuvash do turco que falou Cazares (ver, supra, capítulo I, 3). -Os magiares, como o Rus, também adotaram uma forma modificada da cazar double-realeza. Assim, Gardezi: "... Seu líder passeios com 20000 cavaleiros; eles o chamam de Kanda [húngaro: Kende] e este é o título de seu rei maior, mas o título da pessoa que efetivamente as regras é Jula. E os magiares do que quer que seus comandos Jula." Não há razão para crer que o primeiro Julas da Hungria foram Kabars.²⁷ -Há também alguma evidência para indicar que entre as tribos Kabar dissidentes, que de facto assumiram a liderança das tribos Magyar, eram judeus, ou adeptos de "uma religião judaizante".²⁸ parece perfeitamente possível - como Artamonov e Bartha têm suggested²⁹ - que o Kabar "apostasia" estava de alguma forma relacionada com, ou uma reação contra as reformas religiosas iniciadas pelo rei Obadiah. Lei rabínica, regras dietéticas rígidas, 26.07.2010 de talmúdica poderia ter ido muito na contramão desses estepe-guerreiros em brilhante armadura. Se eles professavam "uma religião judaizante", deve ter sido mais estreita para a fé do antigos deserto-Hebreus do que a ortodoxia rabínica. Pode até mesmo foram seguidores da seita fundamentalista dos caraitas e, portanto, considerados heréticos. Mas isso é pura especulação.

9

A estreita cooperação entre Cazares e magiares chegou ao fim quando o último, AD 896, disse adeus das estepes euro-asiáticas, cruzou a Cordilheira dos Cárpatos e conquistou o território que se tornaria seu habitat duradoura. As circunstâncias desta migração novamente são controversas, mas pelo menos um pode compreender suas linhas gerais. Durante as décadas finais do século IX, ainda outro jogador uncouth juntou-se o jogo de nômade de cadeiras musicais: o pechenegs.* [ou "Paccinaks", ou em húngaro, "Bescnyk".] O que pouco sabemos sobre esta tribo turca é resumir-se na descrição de Constantino deles como um monte insaciavelmente ávido de bárbaros que, para o bom dinheiro, pode ser comprado para lutar contra outros bárbaros e o RUS. Eles viveram entre o Volga e Urais rios sob suserania Khazar; de acordo com Ibn Rusta, 30 Cazares "invadiram-lhes todos os anos" para recolher o tributo que lhes é devida. No final do século IX, uma catástrofe (de carácter não é incomum) caiu sobre os pechenegues: eles foram expulsos do seu país pelos seus vizinhos da Europa Oriental. Estes vizinhos foram ninguém menos que o Ghuzz (ou Oguz) quem tanto não gostava de Ibn Fadlan - um número inesgotável de tribos turcos que de vez em quando cortar frouxamente de suas amarrações Central-asiáticos e derivou oeste. Os pechenegues deslocados tentaram resolver na Cazária, mas os cazares vencê-los off.* [Esta parece ser a interpretação plausível de declaração que "o Ghuzz e Cazares Guerra do Pecheisegs" Constantino. [Cf. enterrar, p. 424.]] Os pechenegues continuaram sua caminhada para o oeste, atravessaram o Don e invadiram o território dos magiares. Os magiares, por sua vez foram forçados a se enquadrar voltar mais oeste da região entre os rios Sereth e Dnieper. Eles chamaram esta região *Etel-Kz*, "a terra entre os rios". Eles parecem se instalaram lá em 889; mas em 896 os pechenegues golpeou outra vez, aliados para os búlgaros do Danúbio, após o que os magiares retirou-se na atual Hungria. Esta, no esboço, é a história de saída os magiares da estepes orientais e o fim da conexão Magyar-Khazar. Os detalhes são contestados; alguns historians³¹ manter, com uma certa paixão, que os magiares sofreram apenas uma derrota, não duas, nas mãos dos pechenegues e esse *Etel-Kz* foi apenas outro nome para Lebedia, mas podemos deixar estes sofismas para os especialistas. Mais intrigante é a aparente contradição entre a imagem dos magiares como poderosos guerreiros e seu retiro inglório de habitats sucessivas. Assim, podemos aprender com a crônica de Hinkmar de Rheims³² em 862, eles invadiram o Império Franco rápido - o primeiro as incursões selvagens que eram aterrorizar a Europa durante o século seguinte. Também ouvimos falar de um encontro com medo que S. Cirilo, Apóstolo dos eslavos, teve com uma horda de Magyar em 860, caminho da Cazária. Ele estava dizendo suas orações quando eles correram para ele *luporum ululantes mais* - "uivando à maneira dos Lobos". Sua santidade, no entanto, protegeu de harm.³³ outro chronicle³⁴ menciona que os magiares e Kabars, entrou em conflito com os francos em 881; e Constantino diz-nos que, dez anos mais tarde, os magiares "fez guerra contra Simeon (régua dos búlgaros Danúbio) e trucidaram ele tranquilamente e chegou tão longe como Preslav e fechou-up da fortaleza chamado Mundraga e voltou para casa."³⁵ Como é um conciliar todos estes actos valentes com a série de retiros de Don em Hungria, que teve lugar no mesmo período? Parece que a resposta é indicada na passagem em Constantine imediatamente seguinte àquela acaba de citar:

"... Mas depois de Simeão o Bulgar novamente fez as pazes com o Imperador dos gregos e tenho segurança, ele enviou para o Patzinaks e fez um acordo com eles para fazer a guerra em e aniquilar os magiares. E quando os magiares partiu em uma campanha, o Patzinaks com Simeão veio contra os magiares, completamente aniquilado suas famílias e afugentou miseravelmente esquerda

magiares para proteger suas terras. Mas os magiares retornando e localizar seu país assim desolado e arruinada, mudou-se para o país ocupado por eles hoje [ou seja, Hungria].

Assim, a maior parte do exército foi "afastado em uma campanha" quando suas terras e famílias foram atacadas; e a julgar pelas crônicas mencionadas acima, eles eram "away" ataque distantes países bastante freqüência, deixando suas casas com pouca proteção. Eles poderiam ter recursos para saciar este hábito arriscado desde que eles tinham apenas seus governantes Khazar e as tribos eslavas pacíficas como seus vizinhos mais próximos. Mas com o advento dos pechenegues terra-com fome a situação mudou. A catástrofe descrita por Constantino pode ter sido apenas o último de uma série de incidentes semelhantes. Mas pode ter decidido a procurar uma casa nova e mais segura além das montanhas, num país que eles já sabiam pelo menos duas incursões anteriores. "Há uma outra consideração que fala a favor desta hipótese. Os magiares parecem ter adquirido o hábito de ataque somente na segunda metade do século IX - sobre o tempo quando eles receberam essa crítica-transfusão de sangue de Cazares. Ele pode provaram uma mistura abençoada. O Kabars, que eram "mais viril e mais eficientes na guerra", tornou-se, como vimos, a tribo líder e infundido seus anfitriões com o espírito de aventura, que logo foi para transformá-los no flagelo da Europa, como os hunos tinham sido anteriormente. Eles também ensinaram os magiares "essas táticas muito peculiares e características empregado desde tempos imemoriais por cada nação turca - hunos, ávaros, turcos, pechenegues, patrimônio - e por nenhum outro... luz cavalaria usando os dispositivos antigos do voo simulado, de tiro enquanto que fogem, de súbitos encargos com temível, como Lobo uivando."³⁶ "Estes métodos provaram murderously eficazes durante os séculos nono e décimo quando salteadores húngaros invadiram a Alemanha, os países dos Balcãs, Itália e mesmo França - mas eles não cortar muito gelo contra os pechenegues, que usou a mesma tática e podem uivar como espinha-assustadoramente. "Assim, indiretamente, pela lógica tortuoso da história, cazares eram instrumentais no estabelecimento do Estado húngaro, considerando os cazares si desapareceram na névoa. Macartney, perseguindo uma linha semelhante de pensamento, foi ainda mais longe em enfatizando o papel determinante desempenhado por transfusão Kabar:

A maior parte da nação Magyar, o verdadeiro fino-Ugrians, comparativamente (embora não muito) agricultores sedentários e Pacífico, fez suas casas no país ondulante... oeste do Danúbio. A planície do Alfld foi ocupada pela raça nômade de Kabars, verdadeiros turcos, pastores, cavaleiros e lutadores, a força motriz e o exército da nação. Esta foi a corrida que nos dias de Constantino ainda ocupava lugar de destaque como o "primeiro das hordas dos magiares". Ele foi, que eu acredito, principalmente nesta corrida de Kabars que invadiram os eslavos e os russos de estepe; liderou a campanha contra os búlgaros em 895; em grande parte e há mais de meio século depois, foi o terror da meia Europe.³⁷

E ainda os húngaros conseguiram preservar a sua identidade étnica. "O peso dos sessenta anos de guerra inquieto e habilidoso caiu sobre o Kabars, cujas fileiras devem ter sido diluídas por ela de forma extraordinária. Enquanto isso os magiares verdadeiros, vivendo em comparativa paz, aumentaram seus números."³⁸ Eles também sucedeu, após o período de bilíngüe, na preservação da língua fino-úgrica original no meio de seus alemães e eslavos vizinhos - em contraste com os búlgaros do Danúbio, que perderam sua língua turca Original, e agora falam um dialeto eslavo. "No entanto, a influência de Kabar continuou a fazer-se sentir na Hungria, e mesmo depois que eles tornaram-se separados pelas montanhas dos Cárpatos, a ligação de Khazar-Magyar não foi completamente interrompida. De acordo com Vasiliev, ³⁹ no décimo século que

taksony húngaro Duque convidou um número desconhecido de cazares para se estabelecer em seus domínios. Não é improvável que estes imigrantes continham uma boa parte dos judeus Khazar. Poderíamos também assumir que a Kabars e os posteriores imigrantes trouxeram consigo alguns de seus artesãos famosos, que ensinou os húngaros suas artes (ver, supra, capítulo I, 13). „No processo de tomar posse de sua nova e permanente casa, os magiares tiveram de expulsar seus antigos ocupantes, morávios e búlgaros do Danúbio, que mudou-se para as regiões onde ainda vivem. Seus outros vizinhos Slavonic demasiado - sérvios e croatas - já estavam mais ou menos no local. Assim, como resultado de chain-reaction que começou nos Urais, distantes - Ghuzz perseguindo pechenegues, perseguindo magiares, perseguindo búlgaros e morávios, o mapa da Europa Central moderno estava começando a tomar forma. O caleidoscópio de deslocamento foi fixando-se em uma quebra de mais ou menos estável.

10

Agora nós pode retomar a história da ascensão de Rus para poder onde nós deixou - a anexação sem derramamento de sangue de Kiev por homens de Rurik próximo de 862 AD. Esta também é a data aproximada quando os magiares foram empurrados para o oeste pelos pechenegues, privando assim os cazares de proteção em seu flanco Ocidental. Pode explicar por que razão o Rus poderia obter o controle de Kiev tão facilmente. „Mas o enfraquecimento do poder militar Khazar expostos os bizantinos, também, para atacar o fecho de Rus. à data de quando o Rus liquidada em Kiev, seus navios, vela para baixo Dnieper, atravessaram o mar Negro e atacou Constantinopla. Enterrar descreveu o evento com muito gosto:

No mês de Junho, de 860 AD, o imperador [Miguel III], com todas as suas forças, estava marchando contra os sarracenos. Provavelmente, ele havia ido longe quando recebeu a notícia surpreendente, que lembrou-lhe com toda a rapidez para Constantinopla. Um host russo tinha navegado através do Euxino [Mar Negro] em duzentos barcos, entrou o Bósforo, saqueado os mosteiros e subúrbios em suas margens e saturação da Ilha dos príncipes. Os habitantes da cidade foram completamente desmoralizados pelo horror repentino do perigo e sua própria impotência. As tropas (Tagmata) que geralmente estavam estacionadas na vizinhança da cidade foram muito longe com o imperador... e a frota estava ausente. Tendo forjado naufrágio e ruína nos subúrbios, os bárbaros preparado para atacar a cidade. Com esta crise... o Patriarca aprendido, Fócio, subiu para a ocasião; Ele assumiu a tarefa de restaurar a coragem moral de seus concidadãos.... Ele expressou o sentimento geral quando ele morava em incongruência que a cidade Imperial, "Rainha de quase todo o mundo", deve ser ridicularizado por um bando de escravos [sic] uma multidão média e Bárbara. Mas a população foi talvez mais impressionado e consolou quando ele recorreu à magia eclesiástica que tinha sido utilizada eficazmente em cercos anteriores. A preciosa vestimenta da Virgem mãe foi ter-se em procissão ronda os muros da cidade; e acreditava-se que ele foi mergulhado nas águas do mar de levantar uma tempestade de vento. Nenhuma tempestade surgiu, mas logo depois os russos começaram a recuar e talvez não houvesse muitos entre os cidadãos alegres que não imputar seu relevo para a intervenção direta da Rainha de heaven.⁴⁰

Poderemos adicionar, de piquantry, que o "Patriarca aprendido", Fócio, cuja eloquência salvou a cidade Imperial, era ninguém menos que "Cara de cazar", que havia enviado S.

Cirilo em sua missão evangelizadora. Como para o retiro de Rus, foi causado pelo retorno apressado do exército grego e da frota; mas "Cara de cazar" tinha salvo moral entre as pessoas durante o período de agonia da espera. ■Toynbee também tem comentários interessantes sobre este episódio. Em 860, ele escreve, os russos "talvez veio mais próximo ao capturar Constantinopla do que até agora nunca vieram desde então",⁴¹ e ele também partilha da opinião expressa por vários russos historiadores, que o ataque por Flotilha de Dnieper do nórdicos leste através do mar Negro foi coordenado com o ataque simultâneo de uma frota de Viking Ocidental, aproximando-se a Constantinopla em todo o Mediterrâneo e o estreito de Dardanelos:

Vasiliev e Paszkiewicz e Vernadsky estão inclinados a acreditar que duas expedições navais que assim convergiram para o mar de Mármara não eram apenas simultâneas, mas foram concertadas, e eles até mesmo dar um palpite a identidade da mente mestre que, na sua opinião, elaborou este plano estratégico em grande escala. Eles sugerem que Rurik de Novgorod foi a mesma pessoa que Rorik de Jutland.⁴²

Isso faz um apreciar a estatura do adversário com quem os cazares tinham de lutar. Nem era bizantina diplomacia lenta em apreciá-lo- e jogar o jogo duplo que a situação parecia demanda, alternando entre guerra, quando ele não poderia ser evitado e o apaziguamento na esperança piedosa que os russos seriam eventualmente se converteu ao cristianismo e trouxe para o bando do Patriarcado Oriental. Quanto aos Cazares, eram um trunfo importante para o momento e iria ser vendidos para fora na primeira oportunidade decente - ou indecente - que ofereceu-se

11

Para os próximos duzentos anos as relações russo-bizantino alternaram entre tratados de amizade e de conflito armado. Guerras foram travadas em 860 (cerco de Constantinopla), 907, 941, 944, 969-71; e tratados celebrados em 838-9, 861,911,945, 957, 971. Sobre o conteúdo destes acordos mais ou menos secreto sabemos pouco, mas ainda o que sabemos revela a desconcertante complexidade do jogo. Alguns anos após o cerco de Constantinopla os relatórios de patriarca Fócio (ainda o mesmo) que o Rus enviou embaixadores a Constantinopla e - de acordo com a fórmula bizantina para proselitismo pressurizado - "transforma o imperador para o batismo cristão". Como enterrar Comentários: "não podemos dizer que, ou como muitos, dos assentamentos russos eram representadas por esta embaixada, mas o objeto deve ter sido oferecer pazes para o raid recente, talvez para obter a libertação de prisioneiros. É certo que alguns dos russos concordaram em adotar o cristianismo... mas a semente não cair sobre um terreno muito fértil. Para mais de cem anos que ouvimos não mais do cristianismo dos russos. O Tratado, no entanto, que foi celebrado entre 860 e 866 AD, levou provavelmente outras consequências."⁴³ ■Entre essas consequências foi a contratação de marinheiros escandinavos na frota bizantina - 902 havia setecentos deles. Outro desenvolvimento foi o famoso "Guarda Varegue", um corpo de lite do Rus e outros mercenários nórdicos, incluindo até mesmo ingleses. Nos tratados de 945 e 971 que os governantes russos do Principado de Kiev comprometeu-se a fornecer o imperador bizantino com tropas no dia dos request.⁴⁴ de Constantino potphyrogenitus, ou seja, o meados do século décimo, Rus frotas no Bósforo foram uma visão habitual; eles já não caine para sitiar Constantinopla mas para vender seus produtos. Comércio foi meticulosamente bem regulamentado (exceto quando intervieram confrontos armados): de acordo com a crônica russa, foi acordado nos tratados de 907 e 911 que os visitantes de Rus devem entrar Constantinopla através do portão de uma cidade apenas, e não mais fina cinquenta por vez,

escortado por funcionários; que eles estavam a receber durante sua estadia na cidade tanto grãos como eles necessários e também até fornecimento de seis meses de outras disposições, as entregas mensais, incluindo pão, vinho, carne, peixe, fruta e instalações balneares (se necessário). Para certificar-se de que todas as transações devem ser agradável e bom, relações mercado negro em moeda foram punidas por amputação de uma mão. Nem foram negligenciados de esforços de proselitismo, como o melhor meio realizar uma pacífica convivência com os russos cada vez mais poderosos. Mas era difícil passar. De acordo com a crônica russa, quando Oleg, regente de Kiev, celebrado o Tratado de 911 com os bizantinos, "os imperadores Leão e Alexander [governantes comuns], depois de chegar a acordo sobre o tributo e mutuamente se vinculem por juramento, beijou a Cruz e convidou Oleg e seus homens a jurar um juramento da mesma forma. De acordo com a religião dos Rus, este último jurou por suas armas e por seu Deus Perun, bem como por Volos, o Deus do gado e assim confirmou o Tratado."45 Quase meio século e várias batalhas e tratados posteriormente, vitória para a Igreja de Santo parecia à vista: 957 Princesa Olga de Kiev (viúva do Príncipe Igor) foi batizado por ocasião do seu estado visita a Constantinopla (a menos que ela já tinha sido batizada uma vez antes da sua partida - que também é controversa). Os vários banquetes e festas em honra de Olga são descritas pormenorizadamente *De Caerimonus*, embora não nos dizem como a senhora reagiu a Disneylândia dos brinquedos mecânicos exibido na sala do trono Imperial - por exemplo, para os leões empalhados emitida um rugido mecânico com medo. (Outro convidado distinto, bispo Liutprando, gravado em que ele foi capaz de manter sua sang-froid só porque ele foi advertido das surpresas na loja para visitantes). A ocasião deve ter sido uma grande dor de cabeça para o mestre de cerimônias (que foi Constantino, ele mesmo), porque não só era Olga um soberano feminino, mas sua comitiva, também estava feminina; o machos diplomatas e conselheiros, oitenta e dois deles, "marcharam self-effacingly na parte traseira da delegação russa". 46 * [nove parentes de Olga, vinte diplomatas, quarenta e três Conselheiros comerciais, um sacerdote, dois intérpretes, seis servos de diplomatas e intérprete especial de Olga.] Pouco antes do banquete, houve um pequeno incidente, simbólico da natureza delicada das relações russo-bizantino. Quando as senhoras da corte bizantina entraram, eles caíram em seus rostos antes da família Imperial, como protocolo exigido. Olga permaneceu permanente ", mas ele foi notado, com satisfação, que ela pouco se sensivelmente inclinados a cabeça dela. Ela foi colocada em seu lugar por ser encaixada, como os convidados de estado muçulmano tinham sido, em uma tabela separada."47 A crônica russa tem uma versão diferente, ricamente bordada esta visita de Estado. Quando o assunto delicado do batismo foi levado, Olga disse Constantino "que se ele quiser batizar ela, ele deve realizar essa função ele mesmo; caso contrário ela estava disposta a aceitar o batismo ". O imperador concordou e pediu o Patriarca para instruir na fé.

O Patriarca encarregou na oração e no jejum, na caridade e na manutenção da castidade. Ela abaixou a cabeça dela, e como uma esponja absorvendo água, ela bebeu ansiosamente em seus ensinamentos.... Depois de seu batismo, o Imperador convocou Olga e deu a conhecer a ela que ele desejou ela para se tornar sua esposa. Mas ela respondeu: "como pode você casar comigo, depois você mesmo batizando-me e me chamando de sua filha? De entre os cristãos que é ilegal, como você mesmo deve saber". Em seguida, o imperador disse, "Olga, você tem marcador me."48

Quando ela voltou para Kiev, Constantino "enviou uma mensagem para ela, dizendo: «na medida em que me deu muitos presentes a você, você me prometeu que em seu retorno a Ros você enviar-me muitos presentes de peles, cera e escravos e serem incineradas forças para ajudar me.» Olga fez resposta para os enviados que se o imperador iria passar como há muito tempo com ela no Pochayna como ela tinha permanecido no Bósforo, ela iria conceder seu pedido. Com estas palavras, ela

dispensou os enviados."49 „Esta Olga-Helga deve ter sido um formidável Amazon escandinavos. Ela foi, como já mencionada, a viúva do Príncipe Igor, supostamente filho de Rurik, quem o russo Chronicle descreve como um governante ganancioso, tolo e sádico. Em 941 ele tinha atacado os bizantinos com uma grande frota e "do povo que eles capturados, alguns eles massacrado, outros eles configurar como destinos e baleados, alguns que eles apreenderam após e após ligação suas mãos atrás de suas costas, eles dirigiram pregos de ferro através de suas cabeças. Muitas igrejas sagradas eles deram para as chamas."50 No final que foram derrotados pela frota bizantina, jorrar fogo grego através de tubos montado em proas de seus navios. "Após vendo as chamas, os russos lançar-se em água do mar, mas os sobreviventes voltou para casa [onde] eles relacionam que os gregos tinham na sua posse o relâmpago do céu e tinham configurá-los no fogo por coloca-lo para cá, para que o Russes não poderia conquistá-los."* [Toynbee não hesita em chamar esta famosa arma secreta do napalm "gregos". Foi um químico de composição desconhecida, talvez uma fração de petróleo destilada, que inflamar espontaneamente em contacto com a água e não poderia ser posta para fora por água]. Este episódio foi seguido por outro Tratado de amizade, quatro anos mais tarde. Como uma nação predominantemente marítima, Rus foram ainda mais impressionados com o fogo grego do que outros que tinha atacado Byzantium e o "raio do céu" foi um forte argumento em favor da Igreja grega. Ainda que eles eram ainda não está prontos para a conversão. „Quando Igor foi morto em 945 por Derevlians, um povo eslavo que ele tivesse imposto um tributo exorbitante, a viúva Olga tornou-se regente de Kiev. Ela começou sua regra, tendo quatro vezes vingança sobre o Derevlians: em primeiro lugar, uma missão de paz Derevlian foi enterrada vivo; em seguida, uma delegação de notáveis foi trancada em uma casa de banhos e queimada viva; Isto foi seguido por outro massacre, e por último a principal cidade do Derevlians foi queimada. Bloodlust de Olga parecia verdadeiramente insaciável até seu batismo. Daquele dia em diante, a crônica nos informa, que ela se tornou "o precursor da Rússia de Christian, mesmo como Alvorada precede o sol e como a Aurora precede o dia. Para ela brilhou como a Lua por noite, e ela estava radiante entre os infiéis como uma pérola na lama." Em breve ela foi canonizada como o primeiro santo russo da Igreja Ortodoxa.

12

Ainda, apesar da grande acção a efectuar sobre o batismo de Olga e sua visita de estado a Constantino, não foi a última palavra no diálogo tempestuoso entre a Igreja grega e os russos. Para o filho de Olga, Sviatoslav, revertido ao paganismo, recusou-se a ouvir súplicas de sua mãe, "recolhidos uma numerosos e exército Valente e, revisão luz como um leopardo, comprometeu-se muitas campanhas" 51 entre eles uma guerra contra os cazares e outra contra os bizantinos. Foi apenas em 988, no reinado de seu filho, St Vladimir, que a dinastia governante dos russos adoptou definitivamente a fé da Igreja Ortodoxa grega - aproximadamente ao mesmo tempo como os húngaros, polacos e escandinavos, incluindo os islandeses distantes, tornou-se convertido à Igreja latina de Roma. As linhas gerais das divisões religiosas duradouras do mundo estavam começando a tomar forma; e neste processo os cazares judaica foram tornando-se um anacronismo. A crescente aproximação entre Constantinopla e Kiev, apesar de seus altos e baixos, fez a importância da Itil gradualmente diminuir; e a presença dos Cazares athwart Rus-bizantino rotas de comércio, apliquem seus 10 por cento sobre o aumento do fluxo de mercadorias, tornou-se um irritante tanto para o tesouro bizantino e os comerciantes de guerreiro russo. „Sintomática da mudança atitude Bizantino a seus antigos aliados foi a rendição do Quersoneso aos russos. Durante vários séculos

bizantinos e Cazares tinham sido insignificância e ocasionalmente escaramuças, de posse desse importante porto da Criméia; mas quando Vladimir ocupada Quersoneso em 987, os bizantinos não mesmo protestar; para, como Bury colocá-lo, "o sacrifício não foi um preço demasiado caro para a paz perpétua e amizade com o estado russo, em seguida, tornando-se uma grande potência" 52 .O sacrifício de Quersoneso pode ter sido justificado; mas o sacrifício da Aliança Khazar acabou por ser, a longo prazo, uma política míope.

A décima terceira tribo

por

Arthur koestler

IV OUTONO

1

DISCUTIR as relações russo-bizantino nos séculos nono e décimo, eu fui capaz de citar em comprimento de duas fontes detalhadas; Constantino s *De Administrando* e primeira crônica russa. Mas sobre o confronto de russo-Khazar durante o mesmo período - a que devemos agora dirigir - não temos nenhum material de fonte comparável; arquivos do Itil, se eles nunca existiram, ido com o vento, e para a história dos últimos cem anos do Império Khazar podemos novamente cair volta nas dicas desarticuladas, casuais, encontradas em várias crônicas árabes e regiões geográficas. O período em questão vai de cerca de 862 - a ocupação russa de Kiev - para *cerca de* 965 - a destruição de Itil por Svyatoslav. Após a perda de Kiev e o retiro dos magiares na Hungria, as antigas dependências ocidentais do Império Khazar (exceto para peças da Criméia) não estavam mais sob controle da Kagan; e o Príncipe de Kiev poderia abordar, sem entraves, as tribos eslavas na bacia do rio Dnieper com o grito, "pagar nada aos Cazares!" 1 .Cazares podem ter sido dispostos a aquiescer na perda de sua hegemonia no Ocidente, mas ao mesmo tempo, houve também uma crescente invasão por Rus a leste, para baixo Volga e para as regiões em torno do mar Cáspio. Estas terras muçulmanas que confinam com a metade sul da Jilan "Khazar Sea" - Azerbaijão, Shirwan, Mazandaran, Jurjan - foram alvo tentador para as frotas de Viking, ambos como objetos de pilhagem e como postos de comércio para o comércio com o Califado muçulmano. Mas as abordagens para o mar Cáspio, do passado Itil através do delta do rio Volga, eram controladas pelos cazares - como as abordagens ao mar Negro tinham sido enquanto eles ainda estavam segurando Kiev. E "controle" significava que o Rus tinha de solicitar permissão para cada Flotilha passar e pagar a alfândega de 10 por cento devido - um duplo insulto ao orgulho e bolso. Há algum tempo havia um precário *modus vivendi*. Flotillas Rus paga sua dívida, navegaram no mar Khazar e negociadas com as pessoas ao seu redor. Mas o comércio, como vimos, freqüentemente se tornou sinônimo de pilhagem. Algum tempo entre 864 e 882 uma expedição de Rus atacou o porto de Abaskun em Mazandaran. Eles foram derrotados, mas em 910 retornou, saqueou a cidade e o campo e foi levado

para fora um número de prisioneiros muçulmanos para ser vendidos como escravos. Para os cazares isso deve ter sido um embaraço grave, por causa de suas relações amistosas com o califado e também por causa do Regimento rachadura de mercenários muçulmanos em seu exército permanente. Três anos que mais tarde - AD 913 - questões veio à tona em um confronto armado que culminou em um banho de sangue. Este incidente importante - já mencionado brevemente (capítulo III, 3) tem sido descrita em detalhes por Masudi, enquanto a crônica russa o passa sobre em silêncio. Masudi diz-nos que "algum tempo depois do ano da Hégira 300 [AD 912-913] uma frota de Rus de 500 navios, cada tripulados por 100 pessoas" se aproximava Khazar território:

Quando os navios dos Rus veio aos Cazares Postado na foz do estreito... eles enviaram uma carta ao rei Khazar, solicitando permissão para passar pelo seu país e descer o Rio e então entrar no mar dos Cazares... na condição de que eles devem dar-lhe metade do que eles podem demorar no espólio de povos da Costa do mar. Ele lhes concedeu permissão e eles... desceu o rio para a cidade de Itil e de passagem, saiu no estuário do Rio, onde se junta ao mar Khazar. Desde o estuário para a cidade de Itil, o Rio é muito grande e suas águas abundantes. Os navios da Rus se espalhou pelo mar. Respectivos grupos de ataque foram dirigidos contra Jilan, Jurjan, Mazandaran, Abaskun na costa de Jurjan, o país do NAFTA [Baku] e a região do Azerbaijão.... Rus derramou sangue, destruiu as mulheres e crianças, tomou presa e invadiram e queimado em todos os sentidos....2a

Eles ainda saquearam a cidade de Ardabil - no interior de viagem de três dias. Quando as pessoas recuperado do choque e tomou armas, Rus, de acordo com sua estratégia clássica, retirou-se da costa das Ilhas perto de Baku. Os nativos, usando pequenos barcos e navios mercantes, tentaram desalojá-los.

Mas o Rus girado sobre eles e milhares de muçulmanos foram mortos ou morreram afogados. Rus continuou muitos meses nesse mar.... Quando eles tinham coletado suficiente booty e estavam cansados de o que eram sobre, começaram pela Foz do Rio Khazar, informando-o rei dos Cazares e transmitindo-lhe booty rico, de acordo com as condições que ele tinha fixado com eles.... Arsiyah [os mercenários muçulmanos no exército Khazar] e outros muçulmanos que viviam na Cazária aprendeu a situação dos Rus e disse ao rei dos Cazares: deixe-na lidar com essas pessoas. Eles invadiram as terras dos muçulmanos, nossos irmãos e derramado sangue e escravizadas mulheres e crianças. E ele não poderia gainsay-los. Assim ele enviou para o Rus, informando-os da determinação dos muçulmanos para lutar contra eles. Os muçulmanos [da Cazária] montagem e saíram para encontrar o Rus, procedendo a jusante [em terra, de Itil até ao estuário do rio Volga]. Quando os dois exércitos vieram à vista uns dos outros, o Rus desembarcaram e elaborou em ordem de batalha contra os muçulmanos, com quem eram um número de cristãos que vivem em Itil, para que eles eram cerca de 15000 homens, com cavalos e equipamentos. Os combates continuaram por três dias. Deus ajudou os muçulmanos contra eles. Rus foram postos à espada. Alguns foram mortos e outros foram afogados. dos mortos pelos muçulmanos nas margens do Khazar Rio foram contados cerca de 30000.... 2b

Cinco mil dos Rus escapou, mas estes também foram mortos, pelo Burtas e búlgaros. ■Esta é a conta do Masudi esta desastrosa incursão Rus no mar Cáspio em 912-13. Ele é, naturalmente, inclinado. A régua de Khazar vem dele como um patife de passagem de uma dupla que age, primeiro como um passivo cúmplice dos Carrascos Rus, autoriza, em seguida, o ataque com eles, mas simultaneamente os informar da emboscada preparada pelo "os muçulmanos" sob seu próprio comando. Até mesmo dos búlgaros, Masudi diz "eles são muçulmanos" - embora Ibn Fadlan, visitando os protobúlgaros dez anos mais tarde, os descreve como ainda longe de ser convertido. Mas embora coradas pelo prejuízo do religioso, conta do Masudi fornece um vislumbre do dilema ou vários dilemas - confrontando a liderança de Cazar. Eles podem não ter sido indevidamente preocupados com os infortúnios sofridos pelo povo nas margens do mar Cáspio; não foi uma idade sentimental. Mas e se o Rus predatórios, após a obtenção do controle de Kiev e do rio Dnieper, eram estabelecer uma posição sobre o Volga? Além disso, outro Rus raid no mar Cáspio pode derrubar a ira do Califado - não por Rus, que estavam além do seu alcance, mas sobre o inocente - bem, quase inocente - Cazares. ■As relações com o Califado foram pacíficas, contudo indica, no entanto, precária, como um incidente relatado por Ibn Fadlan. O raid de Rus descrito por Masudi teve lugar em 912-13; Missão de Ahmad Ibn Fadlan para Bulgar no 921-2. Seu relato sobre o incidente em questão é como segue: 3

Os muçulmanos nesta cidade [Itil] têm uma Mesquita Catedral onde orar e participar às sextas-feiras. Tem um alto minarete e vários muezzins [criers quem chamam para oração do minarete]. Quando o rei dos Cazares foi informado por a.H. 310 [AD 922] que os muçulmanos tinham destruído a sinagoga que foi Dar al-Babunaj [local não identificado no território muçulmano], ele deu ordens para destruir o minarete, e ele matou os muezzins. E ele disse: "Se eu não tivesse temia que não uma sinagoga seria deixada permanente nas terras do Islão, mas seria destruída, eu teria destruído a mesquita também."

O episódio testemunha uma sensação agradável para a estratégia de dissuasão mútua e os perigos da escalada. Ele também mostra mais uma vez que os governantes Khazar sentiram emocionalmente comprometidos com o destino dos judeus em outras partes do mundo.

2

Conta do Masudi a incursão de Rus 912-13 no mar Cáspio termina com as palavras: "Não houve nenhuma repetição da Rus de descrevemos desde esse ano". As coincidências vão, Masudi escreveu isso no mesmo ano - 943 - em que o Rus repetiu sua incursão no mar Cáspio com uma frota ainda maior; mas Masudi não poderia saber isso. Há trinta anos, após o desastre de 913, tinha lain fora dessa parte do mundo; Agora eles sentiram evidentemente fortes o suficiente para tentar de novo; e é talvez significativo que sua tentativa de coincidiu, no prazo de um ano ou dois, com sua expedição contra os bizantinos, sob o Igor extravagantes, que pereceu sob o fogo grego. ■Desta nova invasão, Rus ganhou um foothold na região na cidade de Bardha Caspian e foram capazes de segurá-la para um ano inteiro. No final pestilência eclodiu entre os Rus e os azeris foram capazes de colocar os sobreviventes de voo. Desta vez as fontes árabes não menciona qualquer compartilhamento de Khazar no saque - nem nos combates. Mas Joseph faz em sua carta para Hasdai, escrito alguns anos mais tarde: "guarda a foz do Rio e não permitem que o Rus que vêm em seus navios para invadir a

terra dos árabes... Eu lutar guerras pesadas com eles."* [Called assim "versão longa" da mesma carta (ver apêndice III), não há outra frase que pode ou não pode ter sido adicionado por uma copista: "Se eu lhes permiti durante uma hora, iria destruir todo o país dos árabes, na medida do Bagdá..." Uma vez que o Rus sentou-se no mar Cáspio não para uma hora, mas para um ano, os sons gabam-se bastante hollow - embora um pouco menos assim se nós levá-la para referir-se não para o passado, mas para o futuro.]

- Ou não nesta ocasião especial que o exército Khazar participou dos combates, a verdade é que alguns anos mais tarde eles decidiram negar o acesso de russos para o "mar Khazar" e que de 943 diante ouvimos não mais de Rus incursões no mar Cáspio.
- Esta decisão momentosa, provavelmente motivados por pressões internas da comunidade muçulmana em seu meio, envolveu os cazares em "guerras pesadas" com o RUS. Estes, no entanto, não temos nenhum registro além da instrução na carta de Joseph. Eles podem ter sido mais na natureza de escaramuças, exceto para a uma grande campanha de AD 965, mencionado na crônica de Old russo, que levou para a quebra do Império Khazar.

3

O líder da campanha foi Svyatoslav Príncipe de Kiev, filho de Igor e Olga. Já ouvimos que ele estava "pisando leve como um leopardo" e que "empreendeu várias campanhas" - na verdade ele passou a maior parte do seu reinado em campanha. Apesar das súplicas constantes de sua mãe, ele se recusou a ser batizado, "porque ele lhe faria a chacota de seus súditos". A crônica Russa também nos diz que "em suas expedições ele nem waggons nem nos utensílios de cozinha e cozido sem carne, mas cortado em tiras pequenas de horseflesh, de caça ou de carne de bovino e comeu depois assá-lo sobre os carvões. Nem ele tinha uma tenda, mas ele espalhou um cavalo-cobertor sob as suas ordens e sua sela sob sua cabeça; e sua comitiva fizeram o mesmo."⁴ Quando ele atacou o inimigo, ele desprezada fazê-lo por mensageiros stealth, mas em vez disso enviados à frente anunciando: "Estou chegando sobre TI." • A campanha contra os cazares, o cronista consagra apenas algumas linhas, no tom lacônico que ele adota normalmente na comunicação de informações sobre conflitos armados:

Sviatoslav foi para o Oka e Volga, e em vindo no contato com o Vyatichians [uma tribo eslava que habitavam a região sul de Moscou moderna], ele inquiriu da quem pagaram tributo. Eles fizeram a resposta que eles pagaram um pedaço de prateado por ploughshare aos Cazares. Quando eles [os cazares] ouviram sua abordagem, eles saíram para encontrá-lo com seu príncipe, Kagan, e os exércitos veio a golpes. Quando a batalha assim aconteceu, Svyatoslav derrotou os cazares e tomou a cidade de Biela Viezha.^{4a}

Agora Biela Viezha - Castelo Branco - foi o nome eslavo de Sarkel, a famosa Fortaleza cazar em Don; mas deve notar-se que a destruição de Itil, capital, em nenhum lugar é mencionada na crônica russa - um ponto ao qual voltaremos. • A crônica prossegue e relata que Svyatoslav "também conquistou o Yasians e o Karugians" [ossetas e Chirkassians], derrotou os búlgaros do Danúbio, foi derrotado pelo Byzantincs e em seu caminho de volta para Kiev foi assassinado por uma horda de pechenegues. "Eles cortaram sua cabeça e fez uma Copa fora de seu crânio, sobreposto com ouro e beberam dele."⁵ • Vários historiadores têm considerado a vitória de Svyatoslav como o fim da Cazária - que, como se verá, é comprovadamente errado. A destruição de Sarkel em 965 sinalizou que o fim do Império Khazar, não do Estado Khazar - como 1918 sinalizou o

fim do Império Austro-Húngaro, mas não da Áustria como uma nação. Khazar controle das tribos eslavas far-flung - que, como já vimos, esticado para as proximidades de Moscou - agora tinha chegado a um fim definitivo; mas o coração de Khazar entre Cáucaso, Don e Volga permaneceu intacto. **As abordagens ao mar Cáspio permaneceram fechadas para o Rus, e ouvimos falar de nenhuma outra tentativa da sua parte para forçar seu caminho a ele.** Conforme Toynbee incisivamente observações: "O Rhus conseguiu destruir estepe-Império Cazar, mas o único território Khazar que adquiriram foi Tmutorakan na Península de Tanian [enfrentando a Crimeia], e este ganho foi efêmero.... Não era até meio do século XVI que os moscovitas fez uma conquista permanente, para a Rússia, do rio Volga... a dbouchure do Rio para o mar Cáspio."6

4

Após a morte de Svyatoslav, eclodiu uma guerra civil entre seus filhos, dos quais o mais jovem, Vladimir, saiu vitorioso. Ele também começou a vida como um pagão, como seu pai e ele também, como sua avó Olga, acabou como um pecador arrependido, aceitou o batismo e eventualmente foi canonizada. Ainda em sua juventude St Vladimir parecia ter seguido o lema do Santo Agostinho: Senhor me dar castidade, mas não ainda. A crônica russa é bastante severa sobre isso:

Agora Vladimir foi superado pela luxúria para as mulheres. Ele tinha três cem concubinas Vyshgorod, trezentos no Óblast de Belgorod e duzentos em Berestovo. Ele era insaciável na vice. **Ele mesmo seduziu mulheres casadas e garotas jovens violadas, pois ele era um libertino como Solomon.** Por isso é dito que Salomão teve setecentas esposas e trezentas concubinas. Ele era sábio, mas no final ele veio a arruinar. Mas Vladimir, embora a primeira salvação iludida, eventualmente encontradas. Grande é o Senhor e grande seu poder e da sua sabedoria não há nenhuma extremidade.

7

Batismo de Olga, cerca de 957 não corte muito gelo, mesmo com seu próprio filho. Batismo de Vladimir, AD 989, foi um importante evento que teve uma influência duradoura sobre a história do mundo..Ele foi precedido por uma série de manobras diplomáticas e teológicos discussões com os representantes das quatro grandes religiões - que oferecem um tipo de imagem de espelho para os debates antes da conversão ao judaísmo cazar. De facto, conta da crônica de Old russo essas disputas teológicas constantemente recordar uma das contas do hebraico e árabe de confiança de cérebros erstwhile do King Bulan - somente o resultado é diferente. **„Desta vez houve quatro em vez dos três concorrentes - como o cisma entre o grego e as latinas igrejas já era um fato realizado no décimo século (embora ele tornou-se oficial apenas em décimo primeiro).** „Conta a crônica russa conversão de Vladimir menciona pela primeira vez uma vitória que ele alcançou contra os búlgaros do Volga, seguido por um Tratado de amizade. "Os protobúlgaros declararam: «Paz prevaleça entre nós até carros alegóricos pedras e palhas sumidouros.»" Vladimir retornou a Kiev, e os búlgaros enviou uma missão religiosa muçulmana para convertê-lo. Descreveram-lhe as alegrias do paraíso onde cada homem será dada setenta mulheres justas. Vladimir ouvi-los "com aprovação", mas quando chegou a abstinência de carne de porco e o vinho, ele desenhou a linha. **„"Beber,' disse ele, ' é a alegria dos Russes. Nós não pode existir sem esse prazer."**8.Em seguida veio uma delegação alemã dos católicos romanos, adeptos do rito latino. Eles se saíram nenhuma melhor quando eles trouxeram, como um dos requisitos principais da sua fé, o jejum de

acordo com a sua força. "... Em seguida, Vladimir respondeu: ' partem daqui; nossos pais não aceitaram nenhum tal princípio.'"9 "A terceira missão consistia dos khazares judeus. Eles se saíram pior. Vladimir perguntei-lhes por que eles já não governaram Jerusalém. "Eles fizeram a resposta:"Deus estava com raiva de nossos antepassados e espalhados nos entre os Gentios de nossos pecados." O Príncipe então pediu: "como você pode esperar para ensinar aos outros enquanto vocês são lançados e espalhadas no exterior pela mão de Deus? Você espera-na aceitar que o destino também?" "O quarto e último missionário é um estudioso enviado pelos gregos de Bizâncio. Ele começa com uma explosão contra os muçulmanos, que são "amaldiçoado acima de todos os homens, como Sodoma e Gomorra, sobre a qual o senhor deixar cair ardente de pedras, e que ele enterrados e submersos.... Para eles umedecem seus excrementos e despeje a água em suas bocas e annoint suas barbas com ele, lembrando Mahomet.... Vladimir, ao ouvir estas declarações, cuspiu na terra, dizendo: 'Isso é uma coisa vil.'"10 "O erudito bizantino, em seguida, acusa os judeus de ter crucificado Deus e os católicos romanos - em termos muito mais suaves - de ter "modificado os ritos". Após essas preliminares, ele lança em uma longa exposição do antigo e Novo Testamento, começando com a criação do mundo. No final dele, no entanto, Vladimir aparece somente metade convicto, pois quando pressionado para ser batizado he respostas, "eu deve esperar ainda um pouco mais." Ele envia seus emissários, "dez os homens boas e sábios", para diversos países para observar suas práticas religiosas. Dentro do prazo, esta Comissão de inquérito relatórios a ele que o serviço bizantino é "mais justo do que as cerimônias de outras nações, e não sabíamos se estávamos no céu ou na terra". "Mas Vladimir ainda hesita, e a crônica continua com um *non sequitur*: "Depois que tinha passado um ano, em 988, Vladimir prosseguiu com uma força armada contra Quersoneso, uma cidade grega.... "11 (recordamos que o controle deste importante porto da Criméia tinha sido por muito tempo disputado entre bizantinos e Cazares). Chersonese Valente se recusou a se render. Vladimir tropas construída terraplenagem dirigida às muralhas da cidade, mas o Chersonese "cavou um túnel sob o muro da cidade, roubou a heaped-para cima terra e levou-a para a cidade, onde eles se empilhados". Em seguida, um traidor atirou uma flecha para o acampamento de Rus com uma mensagem: "há molas atrás de você, a leste de quais fluxos de água em tubulações. Se aprofundar e cortá-los "quando Vladimir recebeu essas informações, ele levantou os olhos para o céu e jurou que, se esta esperança foi realizado, ele seria baptized.12 "Ele conseguiu cortar o abastecimento de água da cidade, e Quersoneso se renderam. Vladimir arrefecida, aparentemente esquecendo seu voto, "mensagens enviadas para o imperadores Basílio e Constantino [governantes comuns na época], dizendo: ' Eis que eu ter capturado sua cidade gloriosa. Eu também ouvi que você tem uma irmã unwedded. A menos que você lhe dar-me a esposa, eu deve lidar com sua própria cidade como tenho com Quersoneso.'" "Os imperadores responderam: "se você é batizado você deve tê-la à esposa, herdar o Reino de Deus e ser nosso companheiro na fé." "E assim aconteceu. Vladimir finalmente aceitou o batismo e casou-se com a princesa bizantina Ana. Alguns anos mais tarde o cristianismo grego se tornou a religião oficial não só dos governantes, mas também do povo russo, e de 1037 diante da igreja russa era governada pelo Patriarca de Constantinopla.

5

Foi um triunfo importantíssimo da diplomacia bizantina. Vernadsky chama-lhe "um daquelas voltas abruptas que tornam o estudo da história tão fascinante... e ele é interessante especular sobre o possível curso de história tinha os príncipes russos... adotado qualquer uma dessas religiões [judaísmo ou islamismo] em vez do cristianismo.... A aceitação de uma ou outra destas religiões deve necessariamente ter determinado o futuro desenvolvimento cultural e político da Rússia. A aceitação do Islã seria chamaram a Rússia no círculo de cultura árabe - ou seja, uma cultura asiática-

egípcio. A aceitação do cristianismo Romano dos alemães teria feito Rússia um país de cultura latina ou Europeia. A aceitação do judaísmo ou cristianismo ortodoxo seguro independência cultural Rússia da Europa e da Ásia." 13 "Mas os russos necessária Aliados mais do que eles precisavam de independência e o Império Romano Oriental, porém corruptos, ainda era um aliado mais desejável em termos de poder, cultura e comércio, do que o Império de desintegração dos Cazares. Também não se deve subestimar o papel desempenhado pelo estadista bizantina em trazer sobre a decisão que ele tinha trabalhado por mais de um século. Conta ingênua da crônica russa do jogo de Vladimir de procrastinação nos não dá nenhuma informação em manobras diplomáticas e difícil negociação que deve ter ido antes que ele aceitou o batismo - e assim, em verdade, tutela bizantina para si mesmo e seu povo. Quersoneso foi, obviamente, parte do preço, e assim foi o casamento dinástico para a Princesa Ana. Mas a parte mais importante do negócio foi o fim da Aliança bizantina-cazar contra o Rus e sua substituição por uma aliança de bizantino-russa contra os cazares. Alguns anos mais tarde, em 1016, um exército combinado bizantino-russo invadiu Cazária, derrotou seu governante e "subjugou o país" (ver abaixo, IV, 8). "Ainda o de reflexão no sentido dos Cazares já tinha começado, como vimos, nos dias de Constantino Porfirogênito, cinquenta anos antes da conversão de Vladimir. Recordamos musings de Constantino sobre "como guerra deve ser feita na Cazária e por quem". A passagem citada anteriormente (II, 7) continua:

Se o governante de Alânia não manter a paz com os cazares, mas considera a amizade do Imperador dos romanos de maior valor para ele, então, se Cazares não optar por manter a amizade e a paz com o imperador, o Alan pode fazem-lhes grande mal. Ele pode suas estradas de emboscada e atacá-los quando eles estão fora de sua guarda em suas rotas de Sarkel e "nove regiões" e de Quersoneso... Black Bulgária [os búlgaros do Volga] também está em posição de fazer a guerra sobre a Khazars.14

Toynbee, depois de citar essa passagem, faz o seguinte, um pouco tocar comentário:

Se esta passagem no manual de Constantino Porfirogênito para a condução das relações externas do Leste Romano Imperial do governo nunca tinha caído nas mãos de Khazar Khaqan e seus Ministros, eles teriam sido indignados. Eles seriam salientaram que hoje em dia Cazária foi um dos Estados mais pacífico do mundo, e que, se ela tivesse sido mais bélico em seus primórdios, seus braços tinham nunca foi dirigidos contra o Império Romano Oriental. As duas potências, na verdade, nunca estiveram em guerra com os outros, enquanto, por outro lado, Cazária tinha sido frequentemente em guerra com os inimigos do Império Romano Oriental e isso a vantagem do sinal do Império. Com efeito, o Império pode ter devido ele a Cazares que ela tinha sobrevivido as sucessivas investidas da Sasanid persa imperador Khusraw II Parviz e árabes muçulmanos.... E, posteriormente, a pressão sobre o Império da investida dos árabes tinha sido aliviada pelo vigor da resistência de ofensiva-defensiva dos Cazares ao avanço dos árabes em relação ao Cáucaso. A amizade entre Cazária e o Império tinha sido simbolizada e selada em duas alianças de casamento entre as respectivas famílias imperiais. O que, então, tinha sido na mente de Constantino, quando ele tinha pensado formas de Cazária tormenting induzindo seus vizinhos a cair sobre ela? 15

A resposta à pergunta de retórica de Toynbee é, obviamente, que os bizantinos foram inspirados pela *Realpolitik* - e que, como já disse, deles não era uma idade sentimental. Nem é nossa.

6

No entanto, ele acabou por ser uma política míope. Para citar enterrar mais uma vez:

O primeiro princípio da política Imperial neste trimestre do mundo foi a manutenção da paz com os cazares. Esta foi a consequência imediata da posição geográfica do Império Khazar, mentindo como ele fez entre o Dnieper e o Cáucaso. Desde o século VII, quando Heraclius tinha procurado a ajuda dos Cazares contra a Pérsia, a décima, em que o poder do Itil diminuído, esta foi a política constante dos imperadores. Ele foi para a vantagem do Império que o Chagan deve exercer um controlo eficaz sobre seu neighbours.¹⁶ bárbaro

Esta "controlo efectivo" foi agora a ser transferido do Khazar Kagan para o Rus Kagan, Príncipe de Kiev. Mas não funcionou. Os cazares foram uma tribo turca das estepes, que tinha sido capaz de lidar com a onda após a onda de turco e invasores árabes; eles tinham resistiu e subjugou os protobúlgaros, Burtas, pechenegues, Ghuzz e assim por diante. Os russos e seus súditos eslavos foram páreo para os guerreiros nômades das estepes, sua estratégia de móvel e tactics.* de guerrilha [O poema épico russo mais notável do período, "A postura do Host de Igor", descreve uma das campanhas desastrosas dos russos contra o Ghuzz.] Como resultado da pressão constante nômade, os centros do poder russo foram transferidos gradualmente das estepes do Sul para o norte arborizado, os principados de Galiczia, Novgorod e Moscou. Os bizantinos tinham calculado que Kiev assumiria o papel da Itil como guardiã da Europa de Leste e centro do comércio; em vez disso, Kiev entrou em declínio rápido. Era o fim do primeiro capítulo da história russa, seguido por um período de caos, com uma dúzia de principados independentes travando intermináveis guerras uns contra os outros. Isto criou um vácuo de poder, em que derramou uma nova onda de nômades conquista - ou melhor um novo fora-tiro de nossos velhos amigos Ghuzz, quem Ibn Fadlan tinha encontrado ainda mais repugnante do que as outras tribos bárbaras que foi obrigado a visitar. Estes "pagãos e sem Deus inimigos", como a crônica descreve-los, eram chamados Polovtsi pelos russos, patrimônio pelos bizantinos, Kun por húngaros, Kiptchaks por seus colegas turcos. Eles governaram as estepes na medida da Hungria da décima primeira final do século XIII (quando eles, por sua vez, foram inundados pela invasão Mongol). * [um ramo substancial de patrimônio, fugindo dos mongóis, foi concedido asilo na Hungria em 1241 e fundiu-se com a população nativa. "Kun" é ainda um sobrenome freqüente na Hungria.] Eles também lutaram várias guerras contra os bizantinos. Um outro ramo da Ghuzz, os seljúcidas (nomeados após sua dinastia) destruiu um enorme exército bizantino na histórica Batalha de Manzikert (1071) e capturou o Imperador Romano IV Diógenes. Daí em diante os bizantinos foram incapazes de impedir que os turcos tenham controle da maioria das províncias da Ásia menor - a atual Turquia - que já havia sido o coração do Império Romano Oriental. Apenas pode-se especular se história teria tomado um rumo diferente se Byzantium não tinha abandonado sua política tradicional, mantida ao longo dos três séculos anteriores, de depender da fortaleza cazar contra os invasores muçulmanos, Turco e Viking. Seja como for, Realpolitik Imperial acabou por não ter sido muito realista.

7

Durante os dois séculos de domínio Kuman, seguido pela invasão Mongol, estepes orientais foram mais uma vez mergulhadas na idade das trevas, e a história posterior dos

Cazares é envolta em obscuridade ainda mais profunda do que a sua origem. As referências ao Estado Khazar em seu período final de declínio são encontradas principalmente em fontes muçulmanas; mas eles são, como veremos, tão ambíguos que quase cada nome, a data e a indicação geográfica é passível de várias interpretações. Historiadores, esfomearam para fatos, têm nada mas alguns ossos branqueados para roer como fome bloodhounds, na esperança de encontrar algum pedaço escondido para sustentá-los forlorn. Atendendo o que foi dito antes, parece que o evento decisivo, precipitando o declínio do Khazar poder não foi vitória de Svyatoslav, mas conversão de Vladimir. Quão importante era, de fato, essa vitória, que os historiadores do século XIX * [seguindo uma tradição definida pelo Fraehn em 1822, na *Memnoirs da Academia Russa*.] habitualmente igualado com o fim do Estado Khazar? Devemos lembrar que o russo crônica menciona apenas a destruição de Sarkel, a Fortaleza, mas não a destruição de Itil, capital. Que Itil, de facto, foi saqueada e arrasada sabemos de várias fontes árabes, que são demasiado insistentes para ser ignorado; mas quando e por quem foi demitido é de nenhuma maneira claro. Ibn Hawkal, a principal fonte, diz que foi feito por Rus que "destruíram totalmente Khazaran, Samandar e Itil"-aparentemente acreditando que Khazaran e Itil eram cidades diferentes, Considerando que sabemos que eles eram um gêmeo-cidade; e seu datando do evento difere a crônica russa datando da queda de Sarkel que Ibn Hawkal não menciona em tudo, assim como a crônica não menciona a destruição de Itil. Por conseguinte, Marquart sugeriu que Itil foi demitido não por Rus da Svyatoslav, que só tem tanto quanto Sarkel, mas por alguma onda fresca dos Vikings. Para complicar as coisas um pouco mais, a segunda fonte de árabes, ibn Miskawayh, diz que foi um corpo de "Turcos", que desceu sobre Cazária no ano crítico 965. Por "Turcos" ele pode ter significado a Rus, como Barthold mantida. Mas poderia também ter sido uma horda de Saqueador de pechenegues, por exemplo. Parece que nunca saberemos quem destruiu Itil, no entanto há muito mastigar os ossos. E quão seriamente foi destruído? A principal fonte, Ibn Hawkal, primeiro fala de "total destruição" do Itil, mas, em seguida, ele também diz, escrevendo poucos anos mais tarde, que "Khazaran ainda é o centro em que o comércio de Rus converge". Assim, a frase "total destruição" pode ter sido um exagero. Este é o mais provável, porque ele também fala de "total destruição" da cidade de Bulghar, capital dos búlgaros do Volga. Ainda os danos que o Rus causou na Bulghar não poderiam ter sido muito importante, pois temos moedas que foram cunhadas lá no ano 976-7 - apenas cerca de dez anos depois de raid de Svyatoslav; e no século XIII Buighar ainda era uma cidade importante. Como Dunlop colocá-lo:

A fonte definitiva de todas as declarações que os russos destruíram Cazária no décimo século é, sem dúvida, IbnHawkal... Ibn Hawkal, entretanto, fala tão positivamente a destruição de Bulghar no médio Volga. É certo de que, no momento dos ataques mongóis no século XIII, Bulghar era um florescente cornmunity. A ruína da Cazária também era temporária? 17

Obviamente era. Khazaran-Itil e as outras cidades dos Cazares, consistiam principalmente de tendas, residências de madeira e "casas redondas" construídas da lama, que eram facilmente destruído e reconstruído facilmente; apenas os edifícios públicos e reais eram de tijolo. O dano feito, no entanto, deve ter sido grave, para árabes vários cronistas falam de um temporário êxodo da população para a Costa do mar Cáspio ou ilhas. Assim, Ibn Hawkal diz Cazares da Itil fugiu de Rus para uma das ilhas da costa "NAFTA" [Baku], mas mais tarde retornou a Itil e Khazaran com o auxílio de muçulmano Shah de Shirwan. Isso soa plausível uma vez que o povo de Shirwan não

teve nenhum amor por Rus que tinha pilhado anterior em suas costas. Outras cronistas árabes, Ibn Miskawayh e Muqaddasi (escrito até de Ibn HIawkal), também falam de um êxodo dos Cazares e seu retorno com ajuda do muçulmano. De acordo com Ibn Miskawayh, como um preço por esta ajuda "todos eles adotaram o Islão com exceção de seu rei". Muquadassi tem uma versão diferente, que não faz referência à invasão Rus; Ele apenas diz que os habitantes da cidade Khazar desceram ao mar e voltaram se converteu ao Islã. A sua fiabilidade é indicada pelo fato de que ele descreve Bulghar como sendo mais perto do mar Cáspio que Itil, que ascende a colocação Glasgow sul de London.* [ainda uma autoridade moderna, Barthold, chamou-lhe "um dos maiores geógrafos de todos os tempos". [Citado por Dunlop (1954), p. 245]] Apesar da natureza dessas contas, confusa e tendenciosa que parece demasiado evidente, há provavelmente alguma verdade nelas. O choque psicológico da invasão, a fuga para o mar e a necessidade de adquirir ajuda muçulmana pode ter conduzido a algum negócio que deu a Comunidade muçulmana na Cazária uma maior participação nos assuntos de Estado; Recordamos um acordo similar com Marwan dois séculos antes (I, 7), que envolveu o Kagan-se, mas não deixou nenhuma marca na história Cazar. De acordo com outra fonte de árabes - Biruni, que morreu em 1048 - Itil, em seu tempo, estava em ruínas - ou melhor, mais uma vez no ruins.18 foi reconstruída novamente, mas doravante correu sob o nome de Saksin.* ["A probabilidade é que Saksin era idêntico, ou pelo menos não há grande distância da Itil Khazaran, e o nome pode ser Sarisshin mais velho reviveu" (DunlopP.248, citando Minorski).] Ele repetidamente figuras 19 e, eventualmente, de acordo com uma fonte, as crônicas até o século XII como "uma grande cidade no Volga, superado por nenhum no Turquestão", tornou-se vítima de inundações. Mais um século mais tarde o governante Mongol Batu construiu sua capital em sua site.20 Em suma que a crônica russa e as fontes árabes nos dizem sobre a catástrofe de 965, podemos dizer que a Itil foi devastada uma medida desconhecido por Rus ou alguns outros invasores, mas reconstruída mais de uma vez; e que o estado Khazar emergiu o calvário consideravelmente enfraqueceram. Mas pode haver pouca dúvida de que dentro de suas fronteiras encolhidas sobreviveu pelo menos mais duzentos anos, ou seja, para o meio do século XII e talvez - embora mais duvidosamente - até o meio do décimo terceiro.

8

A primeira menção não-árabes da Cazária após o fatal ano 965 parece ocorrer em um relatório de viagem por Ibrahim Ibn Jakub, o embaixador espanhol-judeu Oto o grande, que, provavelmente escrita em 973, descreve os cazares como ainda florescente em sua time.21 em seguida, em ordem cronológica é a conta no Chronicle de judeus russos da Cazária chegam em Kiev AD 986, em sua tentativa de misfired para converter Vladimir em sua fé. À medida que entramos no século XI, lemos pela primeira vez da já mencionada campanha bizantino-Rus conjunta de 1016 contra Cazária, em que o país mais uma vez foi derrotado. O evento é relatado por uma fonte bastante confiável, o cronista bizantino do século XII Cedrenus.22 A considerável força aparentemente era necessária, para Cedreno fala de uma frota bizantina, suportado por um exército dos russos. Cazares evidentemente tinham as qualidades de uma Jack-in-the-Box, derivado de sua origem turca, ou fé mosaica ou ambos. Cedreno diz também que o nome do líder do Khazar derrotado era Georgius Tzul. Georgius é um nome cristão; sabemos do relatório anterior que havia cristãos como os muçulmanos no exército de Kagan. A menção seguinte Cazares é uma entrada lacônico na crônica russa no ano 1023, segundo a qual "[Príncipe] Mtislav marchou contra seu irmão [Príncipe] Yaroslav com uma força

de Cazares e Kasogians". * [A Kasogians ou Kashaks eram uma tribo de caucasianos sob regra Khazar e Maio ou pode não ter sido os ancestrais dos Cossacos.] Agora Mtislav era o governante do Principado espanhol de Tmutorakan, centrado na cidade Khazar de Tamatarkha (agora Taman) no lado oriental das rectas de Kerch. Isso, como já disse, foi o único território de Khazar Rus ocupada após a vitória de 965. Cazares no exército do Mtislav, assim, foram provavelmente cobrados da população local pelo príncipe russo. Seven anos posteriores (AD 1030) um exército de Khazar é relatado para ter derrotado um curdo invadindo vigor, 10000 mortos de seus homens e capturaram seus equipamentos. Isso teria adicionado provas que cazares eram ainda muito muito vivo e retroceder, se poderia tomar o relatório pelo seu valor nominal. Mas ele vem de um único twelfthcentury fonte de árabes, ibn-al-Athir, não considerado muito confiável. Lutar em nossa cronologia, ansioso para pegar o que pedaços de provas são deixados, deparamos com um curioso conto sobre um obscuro santo cristão, Eustratius. Em torno de 1100 AD, ele aparentemente era um prisioneiro em Quersoneso na Crimeia e foi maltratado pelo seu "mestre judeu", que forçou ritual alimentar de Pessach em him.²³ uma necessidade não colocar muita confiança na autenticidade da história (St Eustratius é dito ter sobrevivido quinze dias na Cruz); o ponto é que leva uma forte influência judaica na cidade para concedido - em Quersoneso de todos os lugares, uma cidade nominalmente sob o domínio cristão, que os bizantinos tentaram negar aos Cazares, que foi conquistada por Vladimir mas revertidos mais tarde (por volta de 990) a Bizâncio. Eles foram ainda igualmente poderosos em Tinutorakan. Para o ano de 1079 a crônica russa tem uma entrada obscura: "Cazares [de Tmutorakan] tomou prisioneiro Oleg e enviado-lhe no ultramar para Tsargrad [Constantinopla]." Isso é tudo. Obviamente, os bizantinos estavam engajados em uma de suas intrigas de manto e adaga, favorecendo um príncipe russo contra seus concorrentes. Mas novamente encontramos que Cazares devem ter exercia o poder considerável nesta cidade russa, se eles foram capazes de capturar e despachar um príncipe russo. Quatro anos posterior Oleg, tendo chegado a um acordo com os bizantinos, foi permitido para retornar ao Tmutorakan, onde "ele 'abatidos os cazares que tinham aconselhado a morte de seu irmão e tinham plotados contra si mesmo". Irmão de Oleg Roman realmente havia sido morto por Kiptchak-patrimônio no mesmo ano, como os cazares capturaram Oleg. Eles também de máquinas assassínio do seu irmão pelo patrimônio? Ou eram vítimas de jogo de Macchiavellian os bizantinos de jogar fora Cazares e Rus uns contra os outros? De qualquer forma, estamos nos aproximando do final do século XI, e eles ainda estão muito em cena. Alguns anos mais tarde, *sub anno* 1106, a crônica russa tem outra entrada lacônico, segundo a qual o Polovtsi, ou seja, o patrimônio, invadiu a vizinhança de Zaretsk (oeste de Kiev), e o príncipe russo enviou uma força a persegui-los, sob o comando dos três generais Yan, Putyata e "Ivan, o Khazar". Esta é a última menção a Cazares na crônica de Old russo, que pára de dez anos mais tarde, em 1116. Mas na segunda metade do século XII, dois poetas persas, Khakani (*circa* 1106-90) e a mais conhecida Nizami (*circa* 1141-1203) mencionam em seus épicos uma invasão conjunta de Khazar-Rus de Shirwan durante a sua vida. Embora eles o espectáculo na escrita de poesia, que merecem ser tomadas seriamente como eles passaram a maior parte de suas vidas como funcionários públicos na região do Cáucaso e tinham um conhecimento íntimo das tribos caucasianas. Khakani fala de "Derventa Cazares" - Darband sendo o desfile ou "catraca" entre o Cáucaso e o mar Negro, através do qual os cazares costumavam Geórgia de raid nos dias old bom do sétimo século, antes que eles desenvolveram um estilo de vida mais calmo. Eles reverter, no final, para os hábitos de liquidar nômade-guerreiro de sua juventude? Depois - ou possivelmente antes - estes testemunhos persas, temos as observações tantalizingly curtas e mal-humorado que

famoso viajante judeu, rabino Petachia de Regensburg, citado anteriormente (II, 8). Devemos lembrar que ele foi tão huffed pela falta de talmúdica aprendizagem entre os judeus khazares da região da Criméia que quando ele atravessou Cazária adequada, ele ouviu apenas "wailing das mulheres e o latido de cães". Isso era meramente uma hipérbole para expressar seu desapontamento, ou ele estava atravessando uma região devastada por uma recente Kuman raid? A data é entre 1170 e 1185; o século XII foi extraíndo a seu fim, e o patrimônio agora eram os governantes onipresentes das estepes. À medida que entramos no século XIII, a escuridão engrossa e até mesmo nossas fontes magras SECAM. Mas há pelo menos uma referência que vem de uma excelente testemunha. É a última menção a Cazares como uma nação e é datada entre 1245-7. Por essa altura os mongóis já varreu o patrimônio da Eurásia e estabeleceu o maior império nômade que do mundo ainda tinha visto, estendendo-se desde Hungria à China. Em 1245, o Papa Inocêncio IV sent uma missão de Batu Khan, neto de Jhingiz Khan, governante da parte ocidental do Império Mongol, a explorar as possibilidades de um acordo com esta nova potência mundial - e também sem dúvida para obter informações sobre a sua força militar. Cabeça desta missão foi o frade franciscano de sessenta anos de idade, Joannes de Plano Carpini. Ele foi um contemporâneo e discípulo de São Francisco de Assis, mas também um viajante experiente e diplomata de Igreja que ocupava altos cargos na hierarquia. A missão estabelecidas no dia de Páscoa 1245 de Colônia, atravessada Alemanha, cruzou o rio Dnieper e Don e chegou um ano mais tarde na capital de Batu Khan e sua Horda Dourada no estuário do rio Volga: o alias de cidade de Sarai Batu, alias Saksin, Itil. Após seu retorno a oeste, Carpini escreveu seu célebre *Historica Mongolorum*. Ele contém, em meio a uma riqueza de histórico, dados etnográfico e militares, também uma lista das pessoas que vivem nas regiões visitadas por ele. Nesta lista, enumerando os povos do Cáucaso do Norte, ele menciona, juntamente com os alanos e os circassianos, "Cazares observando the Jewish religião". Ele é, como já disse, a última menção conhecida deles antes que a cortina cai. Mas demorou muito tempo até que sua memória foi apagada. Genovese e mercadores venezianos mantiveram referindo-se à Crimeia como "Gazaria" e esse nome ocorre em documentos italianos do século XVI. Este foi, no entanto, por esse tempo apenas uma denominação geográfica, comemorando uma nação desapareceu.

9

Ainda mesmo depois de seu poder político foi quebrado, eles deixaram marcas de influência judaico-Khazar em lugares inesperados e em uma variedade de pessoas. Entre eles estavam as seljúcidas, que podem ser considerada como os verdadeiros fundadores da Turquia muçulmana. No final do século x, esta outra ramificação do Ghuzz havia se mudado para o Sul para a vizinhança de Bokhara, de onde eles foram mais tarde entrar em erupção na Ásia menor bizantina e colonizá-lo. Eles não entrarem diretamente em nossa história, mas eles fazem-lo através de uma porta traseira, por assim dizer, para as seljúcidas grande dinastia parece ter sido intimamente associada com os cazares. Esta conexão Khazar é relatada pela barra de Hebracus (1226-86), um dos maiores entre os escritores de siríaco e estudiosos; como o nome indica, ele era de origem judaica, mas convertido ao cristianismo e ordenado bispo em vinte anos de idade. Bar Hebraeus prende-se com o pai de Seljuk, Tukak, foi um comandante do exército de Khazar Kagan, e que, depois de sua morte, Seljuk próprio, fundador da dinastia, foi educada na corte de Kagan. Mas ele era um jovem impetuoso e tomou liberdades com Kagan, que opôs-se a Katoun a Rainha-; como resultado seljúcida teve que sair, ou foi banido da court.²⁴

Outra fonte contemporânea, da ibn-al-Adim *História de Alepo*, também fala do pai, de Seljuk como "uma das notáveis dos turcos khazares"; 25 enquanto um terceiro, Ibn Hassul, 26 relatórios que Seljuk "atingiu o rei dos Cazares com sua espada e vencê-lo com uma maçã que ele tinha na mão...." Recordamos também a forte atitude ambivalente de Ghuzz no sentido dos Cazares, em *travellogue* de Ahmad Ibn Fadlan. Assim, parece ter sido uma relação íntima entre os cazares e os fundadores da dinastia seljúcidas, seguido de uma pausa. Esta foi provavelmente devido à conversão de seljúcidas ao Islão (enquanto outras Ghuzz tribos, tais como o patrimônio, permaneceram pagãos). No entanto, a influência Khazar Judaic prevaleceu durante algum tempo mesmo depois do intervalo. Entre os quatro filhos de Seljuk, um foi dado o nome exclusivamente judaico de Israel; e um neto foi chamado Daud (David). Dunlop, geralmente um autor muito cauteloso, observações:

Em conta o que já foi dito, a sugestão é que esses nomes são devido à influência religiosa entre as famílias líderes de Ghuzz dos Cazares dominante. A "casa de adoração" entre o Ghuzz mencionada por Qazwini poderia bem ter sido um synagogue.²⁷

Poderemos adicionar aqui que - segundo Artamonov - especificamente judaicas nomes também ocorreram entre que outro ramo Ghuzz, o patrimônio. Os filhos de Kobiak Kuman Príncipe foram chamados Isaac e Daniel.

10

No caso de recursos os historiadores dão, lenda e folclore fornecem dicas úteis. A primeira crônica russa foi compilada por monges; Ele está saturado com o pensamento religioso e excursões muito tempo bíblicos. Mas, em paralelo com os escritos eclesiásticos em que se baseia, o período de Kiev também produziu uma literatura secular - o chamado *bylina*, épicos heróicos ou canções folclóricas, principalmente em causa com as obras dos grandes guerreiros e príncipes semi-lendário. "A postura de acolhimento de Igor", já mencionado, sobre que a derrota do líder para o patrimônio, é o mais conhecido entre eles. *Bylina* foram transmitidos pela tradição oral e - de acordo com Vernadsky "foram ainda cantado pelos camponeses em vilarejos remotos do Norte da Rússia no início do século XX".²⁸ Em contraste flagrante com a crônica russa, estes épicos não mencionar pelo nome Cazares ou seu país; em vez deles falam do "país dos judeus" (*Zembla Jidovskaya*) e seus habitantes como "Heróis judaicas" (*Jidovin bogatir*), que governou as estepes e lutou contra os exércitos dos príncipes russos. Um tal herói, os épicos dizem-nos, foi um judeu gigante, que veio "da *Zemlya Jidovskaya* para as estepes do Tsetsar no Monte Sorochin e só a bravura do general Vladimir, Ilya Murometz, salvou exército Vladimir dos judeus".²⁹ existem várias versões deste conto, e a busca de paradeiro da Tsetsar e Sorochin de montagem fornecido historiadores com outro jogo animado. Mas, como salientou o Poliak, "o ponto a reter é que aos olhos do povo russo a Cazária vizinha no seu período final foi simplesmente "o Estado judeu", e seu exército foi um exército de judeus".³⁰ esta visão popular russo difere consideravelmente a tendência entre os cronistas árabes para enfatizar a importância dos mercenários muçulmanos nas forças Khazare o número de mesquitas em Itil (esquecendo-se de contar as sinagogas). As lendas que circularam entre judeus Ocidental na idade média fornecem um paralelo curioso com o russo *bylina*. Para citar Poliak novamente: "A lenda judaica popular não se lembra um Reino 'Khazar', mas um Reino dos judeus' vermelhos." E Barão Comentários:

Os judeus de outras terras foram lisonjeados pela existência de um Estado judeu independente. Imaginação popular encontrado aqui um campo particularmente fértil. Assim como os épicos Slavonic bíblicamente o espírito falam de "Judeus" ao invés de Cazares, fizeram assim judeus ocidentais muito tempo depois contos românticos de rotação ao redor aqueles judeus "vermelhos", assim estilo talvez por causa da pigmentação mongol ligeira de muitos Khazars.³¹

Outro pouco do folclore semi-lendário, competamente conectado com os cazares sobrevivido em tempos modernos e tão fascinado Benjamin Disraeli que ele usou como material para um romance histórico: *conto maravilhoso de Alroy*. No século XII surgiu na Cazária um movimento messiânico, uma tentativa rudimentar em uma cruzada judaica, vista a conquista da Palestina por força das armas. O iniciador do movimento era um judeu Khazar, um Solomon ben Duji (ou Ruhi ou Roy), auxiliado por seu filho Menahem e um escriba palestiniiano. "Eles escreveram cartas a todos os judeus, perto e longe, em todas as terras ao redor deles.... Eles disseram que tinha chegado o momento que Deus iria reunir Israel, seu povo de todas as terras a Jerusalém, a cidade Santa, e que Solomon Ben Duji era Elias e seu filho o Messias."* [As principais fontes para este movimento são um relatório pelo viajante judeu Benjamin de Tudela (v. supra, II, 8); uma conta hostil, o árabe escritor Yahya al-Maghribi e dois manuscritos hebraicos encontrada em o Cairo Geniza (v. supra, II, 7). Eles se somam a um mosaico confuso; Acompanhei a interpretação cuidadosa do Barão (Vol. III, p.204; Vol. IV, pp.202-4 e notas).] Estes apelos foram aparentemente dirigidos às comunidades judaicas no Oriente Médio e parecia ter tido pouco efeito, para o próximo episódio ocorre apenas cerca de vinte anos mais tarde, quando o jovem Menahem assumiu o nome de David al-Roy e o título do Messias. Embora o movimento se originou na Cazária, seu centro logo mudou para Kurdistan. Aqui David reuniu uma substancial força armada - possivelmente de judeus locais, reforçado pelos cazares - e conseguiu tomar posse da fortaleza estratégica de Amadie, nordeste de Mosul. A partir daqui ele pode esperar liderar seu exército para Edessa e lutar sua maneira através da Síria em Terra Santa. A empresa inteira pode ter sido um pouco menos quixotesca do que parece agora, atendendo os feudos constantes entre os vários exércitos muçulmanos e a desintegração gradual dos redutos Crusader. Além disso, alguns comandantes muçulmanos locais talvez acolheram a perspectiva de uma cruzada contra os cruzados Christian judeu. Entre os judeus do Oriente Médio, David certamente despertou fervorosa esperança messiânica. Um dos seus mensageiros vieram para Bagdá e - provavelmente com zelo excessivo - instruiu seus cidadãos judeus para montar em uma certa noite em seus telhados planos, donde eles iria voar sobre as nuvens para o acampamento do Messias. Um bom número de judeus passou naquela noite em seus telhados aguardam o voo milagroso. Mas a hierarquia rabínica em Bagdá, temendo represálias pelas autoridades, tomou uma atitude hostil para a pseudo-Messiah e ameaçou com uma proibição. Não surpreendentemente, David al-Roy foi assassinado - aparentemente em seu sono, alegadamente por seu próprio sogro, quem alguma parte interessada tinha subornado para fazer a escritura. Sua memória era venerada, e quando Benjamin de Tudela viajou pela Pérsia, vinte anos após o evento, "eles ainda falou carinhosamente do seu líder". Mas o culto não parou por aí. De acordo com uma teoria, as seis pontas "escudo de David" que adorna a bandeira israelense moderna, começou a tornar-se um símbolo nacional com cruzada de David al-Roy. "Desde então," escreve Barão, "foi sugerido, a seis-encurralado 'escudo de Davi', presenciaram principalmente um motivo decorativo

ou um emblema mágico, começou sua carreira em direção a se tornar o principal símbolo nacional-religiosa do judaísmo. Há muito tempo usados alternadamente com o pentagrama ou selo de Salomão, foi atribuído a David no místicos e éticos alemães escritos a partir do século XIII e apareceu na bandeira judaica em Praga em 1527."32

Barão acrescenta uma nota de qualificação nesta passagem, salientando que a conexão entre al-Roy e a estrela de seis pontas "ainda aguarda a prova e elucidação adicional". Contudo, que pode ser, podemos certamente concordar com o dictum do Barão que conclui seu capítulo sobre Cazária:

Durante meio milênio de sua existência e suas conseqüências das Comunidades Europeias a leste, esta notável experiência na política judaica sem dúvida exerceu uma influência maior sobre a história dos judeus do que ainda somos capazes de prever.

A décima terceira tribo

por
Arthur Koestler

PARTE DOIS

A herança

V

ÊXODO

1

OS elementos de prova citados em páginas anteriores indicam que - contrariamente à vista tradicional realizada por historiadores do século XIX - Cazares, após a derrota dos russos em 965, perderam seu império, mas mantiveram a sua independência dentro de fronteiras mais estreitas e sua fé judaica, até o século XIII. Eles ainda parecem ter revertido em certa medida a seus hábitos predatórios erstwhile. Barão Comentários:

Em geral, o Reino de Khazar reduzido perseverou. Ele travou uma defesa mais ou menos eficaz contra todos os inimigos até meados do século XIII, quando ele caiu vítima da invasão Mongol grande posta em movimento por Jenghiz Khan. Mesmo assim resistiu obstinadamente até a rendição de todos os seus vizinhos. Sua população em grande parte foi absorvida pela Horda de ouro, que tinha estabelecido o centro de seu Império Khazar território. Mas antes e após os mongóis convulsão Cazares enviou muitas ramificações para as terras eslavas unsubsdued, em última análise, ajudando a construir grandes centros judaicos da Europe.1 Oriental

Aqui, em seguida, temos o berço dos numericamente mais fortes e culturalmente dominante parte do judaísmo moderno. As "ramificações" a que se refere o Barão foram, de facto, ramificando para fora muito antes da destruição do Estado Khazar pelos mongóis - como a nação hebraica antiga tinha começado a ramificação na diáspora há

muito tempo antes da destruição de Jerusalém. Etnicamente, as tribos semíticas sobre as águas do Rio Jordão e as tribos Turco-cazar no Volga foram naturalmente "quilômetros", mas eles tinham pelo menos dois fatores formativos importantes em comum. Cada um viveu em uma junção focal onde as grandes rotas de comércio ligando a leste e oeste, norte e Sul interseção; uma circunstância que predisposto a se tornarem Nações de comerciantes, de empreendedores individuais, ou "cosmopolitas sem raízes" - como propaganda hostil tenha rotulado unaffectionately-los. Mas ao mesmo tempo sua religião exclusiva promoveu uma tendência para manter a próprio e pau junto, para estabelecer suas próprias comunidades com seus próprios locais de culto, escolas, bairros residenciais e guetos (originalmente auto-impostas) em qualquer cidade ou país se estabeleceram. Esta combinação rara de *wanderlust* e mentalidade de gueto, reforçada pela esperança messiânica e orgulho de raça escolhida, antigos israelitas e Cazares medieval compartilhada - mesmo que esta traçada sua descendência não Shem mas a Jafé.

2

Este desenvolvimento é bem ilustrado pelo que poderíamos chamar de diáspora Khazar na Hungria. Lembramos que há muito tempo antes da destruição do seu estado, várias tribos cazares, conhecidos como o Kabars, juntou os magiares e migraram para a Hungria. Além disso, no século x, o Duque húngaro Taksony convidou uma segunda onda de emigrantes Khazar para se estabelecer nos seus domínios (ver supra, III, 9). Dois séculos mais tarde John Cinnamus, o cronista bizantino, que menciona o tropas observando a lei judaica, lutando contra o exército húngaro na Dalmácia, AD 1154.2 lá pode ter sido pequenos números de "judeus reais" vivendo na Hungria de dias romanos, mas pode haver poucas dúvidas de que a maioria desta parte importante do judaísmo moderno se originou em ondas migratórias de Kabar-Cazares que jogam uma parte tão dominante no início da história húngara. Não só foi o país, como Constantino nos diz, bilíngües no seu início, mas teve também uma forma de dupla realeza, uma variação do sistema Khazar: o rei partilha o poder com seu general em comando, que deu o título de Jula ou Gyula (ainda um popular húngaro primeiro nome). O sistema durou até o final do século x, quando St. Stephen abraçou a fé católica romana e derrotou um Gyula rebelde - que, como seria de esperar, era uma Khazar, "vain em fé e recusando-se a tornar-se um cristão". 3 Este episódio pôs fim à realeza dupla, mas não para a influência da comunidade judaica de Khazar na Hungria. Um reflexo do que a influência pode ser encontrado na "Bula dourada" - o equivalente a húngaro da Carta Magna - emitido AD 1222 pelo rei Endre (Andrew) II, em que judeus eram proibidos de atuar como mintmasters, cobradores de impostos e controladores do monopólio real sal - indicando que antes do Edital numerosos judeus devem ocupou estes postos importantes. Mas eles ocuparam posições ainda mais exaltadas. Guardião do King Endre das receitas da câmara real foi Teka contagem de Chamberlain, uma origem judeu de Khazar, um rico proprietário de terras e, aparentemente, um gênio financeiro e diplomático. Sua assinatura aparece em vários tratados de paz e acordos financeiros, entre eles um, que garante o pagamento de 2000 marcas pelo governante austríaco Leopold II Rei da Hungria. Irresistivelmente lembra um papel semelhante ao espanhol judeu Hasdai ibn Shaprut na corte do califa de Córdoba. Comparando episódios semelhantes da diáspora Palestina no Ocidente e na diáspora Khazar no leste da Europa, faz a analogia entre elas talvez apareçam menos tênue. Também vale a pena mencionar que, quando rei Endre foi obrigado pelos seus nobres rebeldes para emitir, com relutância, a Bula Dourada, ele manteve Teka no escritório contra disposições expressas

da Bull. O camareiro real realizou seu post feliz para outro onze anos, até pressão papal sobre o rei fez aconselhável para Teka de demissão e betake ele mesmo a Áustria, onde foi recebido com os braços abertos. No entanto, filho de Endre rei Bela IV, obtido a permissão papal para chamá-lo de volta. Teka devidamente retornado e pereceram durante a invasão.* de Mongol [meus agradecimentos à senhora deputada St g. Saunders para chamar minha atenção para o episódio de Teka, que parece ter sido negligenciado na literatura sobre Cazares.]4

3

A origem Khazar do elemento numericamente e socialmente dominante da população judaica da Hungria durante a idade média, portanto, está relativamente bem documentada. Pode parecer que a Hungria constitui um caso especial, em vista da conexão Magyar-Khazar precoce; mas na verdade o afluxo de Khazar na Hungria foi apenas uma parte da migração de massa geral das estepes euro-asiáticas em direção a oeste, ou seja, para a Europa Central e Oriental. Cazares não eram a única nação que enviou ramificações para a Hungria. Assim, grande número dos pechenegues mesmos que tinham perseguido os magiares de Don através dos Cárpatos, foram obrigados a pedir permissão para se estabelecer no território húngaro quando eles, por sua vez foram perseguidos pelo patrimônio; e o patrimônio compartilhado a mesma sorte quando, um século mais tarde, eles fugiram de mongóis e alguns 40000 deles ", com seus escravos" foi concedido asilo pelo rei húngaro Bela.5 "Às vezes relativamente quiescentes este movimento para oeste geral das populações Eurasianas foi não mais do que uma deriva; em outros momentos ele tornou-se uma debandada; mas as consequências da invasão Mongol devem classificar nesta escala metafórica como um terremoto seguido de um deslizamento de terra. Os guerreiros do chefe Tejumin, chamado "Jinghiz Khan", Senhor da terra, massacraram a população das cidades inteiras como um aviso para os outros não resistir; prisioneiros usados como telas de vida na frente de suas linhas de avançada; destruiu a rede de irrigação do delta do rio Volga, que tinha fornecido que o Khazar terras com arroz e outros alimentos descontínuas; e transformou a fértil estepes para os "selvagens campos" - *dikoyeh Polo* - como os russos foram mais tarde chamá-los: um espaço ilimitado sem agricultores ou pastores, através do qual apenas cavaleiros mercenários passam a serviço deste ou desse governante rival - ou pessoas fugindo do tal regra ". 6 "A peste negra de 1347-8 acelerou o despovoamento progressivo da antiga área nuclear Khazar entre Cáucaso, Don e Volga, onde a cultura de estepe atingiu seu nível mais alto - e a recaída na barbárie foi, em contrapartida, mais drástica do que no adjacente regiões. Como Barão escreveu: "A destruição ou a partida de fazendeiros judeus industrioso, artesãos e comerciantes deixou para trás um vazio que, nessas regiões, só recentemente começou a ser preenchido."7. Não só Cazária foi destruída, mas também o país búlgaros do Volga, juntamente com os últimos fortalezas caucasiana dos alanos e patrimônio e os principados russos do Sul, incluindo a Kiev. Durante o período de desintegração da Horda de ouro, do século XIV em diante, a anarquia ficou, se possível, ainda pior. "Na maioria das estepes europeias emigração era a única maneira deixada em aberto para as populações que queriam proteger suas vidas e meios de subsistência". 8 A migração em direção a pastos mais seguros foi um processo prolongado e intermitente que passou por vários séculos. O êxodo de Khazar foi parte do quadro geral. "Havia sido precedido, como já mencionado, pela Fundação de colônias Khazar e assentamentos em vários lugares na Ucrânia e no sul da Rússia. Havia uma florescente comunidade judaica em Kiev tempo antes e depois o Rus tomou a cidade de Cazares. Colônias semelhantes existiam em Perislavel e Chernigov. Um

rabino Mosheh de Kiev estudou na França por volta de 1160, e um rabino Abraham de Chernigov estudou em 1181 na escola Talmud de Londres. As menções "Lay do Host de Igor" um famoso poeta russo contemporâneo chamado Kogan - possivelmente uma combinação de Cohen (sacerdote) e Kagan.⁹ algum tempo depois de Sarkel, que os russos chamados *Biela Veza*, foi destruíram os cazares construída uma cidade do mesmo nome perto de Chernigov.¹⁰ Há uma abundância dos topônimos antigos na Ucrânia e na Polónia, que derivam de "Khazar" ou "Zhid" (judeu): Zydowo, Kozarzewek, Kozara, Kozarzow, Zhydowska Vola, Zydaticze e assim por diante. Eles podem ter sido aldeias ou acampamentos apenas temporários das Comunidades judaicas de Khazar na sua longa caminhada para a west.¹¹ de lugar-nomes semelhantes também podem ser encontrados nos Cárpatos e montanhas Tatra e nas províncias orientais da Áustria. Até mesmo os antigos cemitérios judaicos de Cracóvia e Sandomierz, ambos chamados "Kaviory", são considerados de origem Khazar-Kabar. Enquanto a principal rota do êxodo Khazar levou a oeste, alguns grupos de pessoas foram deixados para trás, principalmente na Crimeia e no Cáucaso, onde formaram enclaves Jewish sobrevivendo em tempos modernos. Na antiga fortaleza cazar de Tamatarkha (Taman), enfrentando a Crimeia através do Estreito de Kerch, ouvimos de uma dinastia de príncipes judeus que governou no século XV sob a tutela da República Genovese e mais tarde dos tártaros da Criméia. O último deles, o Príncipe Zakharia, conduziu negociações com o Príncipe de Muscovi, que convidou Zakharia para vir para a Rússia e deixe-se ser batizado em troca de receber os privilégios de um nobre russo. Zakharia se recusou, mas Poliak sugeriu que, em outros casos, "a introdução de elementos Khazar-judaica em posições exaltados do Estado moscovita pode ter sido um dos factores que levaram ao surgimento da 'Heresia judaica' (*Zhidovst-buyushtchik*) entre russo sacerdotes e nobres no século XVI e da seita dos observadores do sábado (*Subbotniki*), que é ainda generalizado entre os Cossacos e camponeses".¹² Outro vestígio da nação Khazar são os judeus de "montanha" no Cáucaso Norte - Leste, que aparentemente ficou para trás em seu habitat original quando os outros deixaram. Eles são supostos número cerca de oito mil e viver na proximidade de outros remanescentes tribais de dias olden: Kiptchaks e Oghuz. Eles se chamam *Dagh Chufuty* (Highland judeus) na língua Tat que tenham adoptado de outro tribo do Cáucaso; mas pouco se sabe sobre them.* [os dados acima aparecem no artigo de r. h. Kniper "Cáucaso, pessoas de" na impressão de 1973 de *Enc. Brit.*, com base na recentes fontes soviéticas. Um livro escrito por George Sava, *Vale do povo esquecido* (Londres, 1946) contém uma descrição de uma suposta visita a montanha judeus, ricos no melodrama, mas, infelizmente, desprovido de informação factual.] Outros enclaves Khazar sobreviveram na Crimeia e sem dúvida em outro lugar também em localidades que pertenceram ao seu império. Mas estas são agora não mais do que curiosa histórica em comparação com o mainstream da migração cazar em regiões polaco-lituana - e os problemas formidáveis representa para os historiadores e antropólogos.

As regiões da Europa Central, em que os emigrantes judeus da Cazária encontraram uma nova lar e aparente segurança, só tinham começado a assumir importância política no final do primeiro milênio. Cerca 962, diversas tribos eslavas formaram uma Aliança sob a liderança dos mais fortes entre eles, os polanos, que se tornou o núcleo do Estado polonês. Assim, o polonês origem a eminência começada aproximadamente o mesmo tempo que o declínio de Khazar (Sarkel foi destruída em 965). É significativo que os judeus desempenham um papel importante em uma das primeiras lendas polacas

relativos à Fundação do Reino polonês. Dizem-nos que quando as tribos aliadas decididas eleger um rei para governá-los todos, que eles escolheram um judeu, chamado Abraham Prokownik.¹³ ele podem ter sido um comerciante Khazar rico e educado, de cuja experiência backwoodsmen eslava esperava vantagem - ou apenas uma figura lendária; mas, se assim for, a legenda indica que judeus de seu tipo foram realizadas em alta estima. De qualquer forma, portanto a história vai, Abraham, com modéstia unwonted, renunciou a coroa em favor de um camponês nativo chamado Piast, que assim se tornou o fundador da dinastia Piast histórica que governou a Polônia de *cerca de* 962 a 1370. „Se Abraham Prochownik existia ou não, há uma abundância de indicações que os imigrantes judeus da Cazária foram recebidos como um bem valioso para a administração de economia e o governo do país. Os poloneses sob a dinastia Piast e seus vizinhos bálticos, os lituanos, * [as duas nações tornou-se Unidos em uma série de tratados, a partir de 1386, no Reino da Polônia. Por uma questão de brevidade, eu usarei o termo "Judeus poloneses" para se referir a ambos os países - independentemente do facto de que, no final da Polônia do século XVIII, foi dividido entre Rússia, Prússia e Áustria, e seus habitantes tornaram-se oficialmente cidadãos desses três países. Realmente chamados Pale de assentamento na Rússia Imperial, a que judeus foram confinados de 1792 avante, coincidiu com as áreas anexadas da Polônia além de partes da Ucrânia. Apenas certas categorias privilegiadas de judeus foram autorizadas a viver fora o pálido; Estes, aquando do censo de 1897, numeradas somente 200000, em comparação com quase cinco milhões dentro o pálido - ou seja, no antigo território polonês.] rapidamente se expandiu suas fronteiras e foram na extrema necessidade de imigrantes para colonizar seu território e para criar uma civilização urbana. Eles incentivaram, em primeiro lugar, a imigração de camponeses alemães, burgueses e artesãos e depois dos migrantes de territórios ocupados pela Horda de ouro, * [Polônia e Hungria foram também brevemente invadida pelos mongóis em 1241-42, mas eles não foram ocupados - que fez toda a diferença para sua história futura.] incluindo os armênios, Sul eslavos e Cazares. „Nem todas essas migrações foram voluntárias. Eles incluíram grande número de prisioneiros de guerra, tais como tártaros da Criméia, que foram colocadas para cultivar as propriedades dos senhorios lituanos e poloneses nas províncias do Sul conquistados (no final do século XIV o Principado lituano esticado desde o Báltico ao mar Negro). Mas no século XV, os turcos otomanos, conquistadores de Bizâncio, avançou para o norte, e os senhorios transferidos as pessoas de suas terras em inland.¹⁴ mais de áreas de fronteira „Entre as populações assim transferidas à força foi um forte contingente de caraítas - a seita judaica fundamentalista que rejeitou aprendizagem rabínica. De acordo com uma tradição que sobreviveu entre os caraítas em tempos modernos, seus ancestrais foram trazidos para a Polônia pelo guerreiro lituano da grande Príncipe de Vytautas (Vitold) no final do século XIV como prisioneiros de guerra de Sulkhata a Crimeia.¹⁵ em favor desta tradição fala o fato de que Vitold em 1388 concedeu uma carta de direitos para os judeus de Troki, e o viajante francês, de Lanoi, lá encontrou "um grande número de judeus" falar uma língua diferente dos alemães e natives.¹⁶ que linguagem foi - e ainda é - um dialeto Turco, na verdade o mais próximo entre línguas vivas para a *lingua cumanica*, que era falada nos antigos territórios Khazar na época da Horda de ouro. De acordo com Zajaczkowski, ¹⁷ nesta língua ainda é usada na fala e na oração em comunidades de Karaites sobreviventes de Troki, Vilna, Ponyeviez, Lutzk e Halitch. As caraítas também afirmam que antes da grande Praga de 1710, eles tinham algumas comunidades trinta e dois ou trinta e sete na Polónia e na Lituânia. „Chamam seu dialeto antigo "a língua de Kedar" - tal como rabino Petachia no século XII chamado seu habitat norte do mar Negro "a terra de Kedar"; e o que ele tem a dizer sobre eles - sentado no escuro através do sábado,

ignorância da aprendizagem rabbinical - se encaixa a sua atitude sectária. „Nesse sentido, Zajaczkowski, o eminente Turcologist contemporânea, considera as caraitas desde o ponto de vista linguístico como representantes atuais mais puros do antigo Khazars.¹⁸ sobre as razões por que esta seita preservada sua língua para cerca de meio milênio, enquanto o corpo principal dos khazares judeus derramou em favor de iídiche *língua franca*, mais terá de ser dito mais tarde.

5

O Reino polonês adoptado desde o seu começo muito sob a dinastia Piast uma orientação decididamente Ocidental, juntamente com o catolicismo romano. Mas em comparação com seus vizinhos ocidentais era culturalmente e economicamente um país subdesenvolvido. Portanto, a política de atrair imigrantes - alemães do oeste, armênios e judeus khazares de Leste - e dando-lhes todos os incentivos possíveis para sua empresa, incluindo Royal Charters detalhando seus deveres e privilégios especiais. „Na carta emitida pelo Boleslav Pio em 1264 e confirmado por Casimiro o grande em 1334, judeus foram concedidos o direito de manter suas próprias sinagogas, escolas e tribunais; Mantenha a propriedade desembarcada, e participar de qualquer comércio ou profissão que eles escolheram. Sob o governo do rei Stephen Bthory (1575-86) judeus foram concedidos um Parlamento do seus próprios que conheceu duas vezes por ano e tinha o poder de cobrar impostos sobre seus correligionários. Após a destruição de seu país, judaísmo cazar tinha entrado em um novo capítulo na sua história. „Uma ilustração notável para sua condição privilegiada é dada em uma braquia papal, emitida na segunda metade do século XIII, provavelmente pelo Papa Clemente IV e dirigida a um príncipe polonês sem nome. Neste documento o Papa deixa-lo ser conhecido que as autoridades romanas estão bem cientes da existência de um número considerável de sinagogas em várias cidades da Polónia - na verdade não menos que cinco sinagogas em uma cidade alone.* [provavelmente Wroclaw ou Cracóvia.] Ele lamenta o fato de que essas sinagogas são relatadas para ser mais alto do que as igrejas, mais imponentes e ornamentais e cobertas com placas de várzea colorida pintadas, fazendo com que as igrejas católicas adjacentes olhar pobres em comparação. (Lembra da observação Alegre do Masudi que o minarete da mesquita principal era o edifício mais alto de Itil.) As queixas na braquia ainda são autenticadas pela sua decisão do legado Papal, o Cardeal Guido, datada de 1267, estipulando que judeus não devem ser permitidas mais de uma sinagoga para uma cidade.„Reunimos esses documentos, que são aproximadamente contemporânea com a conquista Mongol da Cazária, que já, nessa altura deve ter havido um número considerável de Cazares actualmente na Polónia se tivessem em várias cidades mais de uma sinagoga; e que deve ter sido bastante prósperos para construí-los tão "imponente e ornamentais". Isso nos leva à questão do tamanho aproximado e composição da imigração Khazar na Polónia. „Sobre o número de intervenientes, temos informações fiáveis nos guiar. Lembre-se que as fontes árabes falam dos exércitos Khazar trezentos mil homens envolvidos nas guerras muçulmano-Khazar (capítulo I, 7); e mesmo se o subsídio é feito para exageros bastante selvagens, isto indicaria uma população total de cazar de pelo menos metade um milhão de almas. Ibn Fadlan deu o número de barracas dos búlgaros do Volga como 50000, que significaria uma população de 300000-400000, isto é, aproximadamente a mesma ordem de grandeza que os cazares. Por outro lado, o número de judeus no kingdorn polaco-lituana no século XVII também é estimado por historiadores modernos em 500000 (5 por cento da população total).¹⁹ estes números não se ajustam muito mal com os fatos conhecidos sobre uma migração de Khazar prolongada através da Ucrânia

para a Polônia-Lituânia, começando com a destruição de Sarkel e a ascensão da dinastia Piast no final do primeiro milênio, acelerando durante a conquista Mongol e sendo mais ou menos concluída em XV-XVI séculos - no momento em que o estepe havia sido esvaziado e Cazares aparentemente tinham sido varrida face do earth.* [A última das antigas aldeias cazar no Dnieper foram destruídos no cossaco revolta sob Chmelnický no século XVII, e os sobreviventes deram um impulso mais poderoso para o número de judeus em áreas de assentamento já existente da Polônia-Lituânia.] Completamente esta transferência de população estava distribuída por mais cinco ou seis séculos de gotejamento e fluxo. Se tivermos em conta o considerável influxo de refugiados judeus do Império Bizantino e o mundo muçulmano em Cazária e um aumento de pequena população entre si Cazares, afigura-se plausível que os números preliminares para a população de Khazar no seu auge no século VIII devem ser comparável dos judeus na Polónia no século XVII, pelo menos por ordem de grandeza - dar ou tomar alguns cem mil como um símbolo da nossa ignorância. Não há ironia escondida nesses números. De acordo com o artigo "estatísticas", na *Encyclopaedia judaica*, no século XVI o total da população judaica do mundo ascendeu a cerca de um milhão. Isto parece indicar, como Poliak, Kutschera²⁰ e outros têm dito, que, durante a idade média, a maioria daqueles que professaram a Judaic fé eram Cazares. Uma parte substancial desta maioria foi para a Polónia, Lituânia, Hungria e os países dos Balcãs, onde eles fundaram essa Oriental comunidade judaica que, por sua vez, tornou-se a maioria dominante do Judaísmo Mundial. Mesmo se o núcleo original daquela comunidade foi diluído e agravado por imigrantes de outras regiões (veja abaixo), sua predominantemente Khazar-Turco derivação parece ser apoiada por elementos de prova forte e, pelo menos, deve ser considerada como uma teoria vale a pena uma discussão séria. Razões adicionais para atribuir o papel de liderança no crescimento e desenvolvimento da comunidade judaica na Polónia e o resto da Europa Oriental, principalmente o elemento Khazar e não os imigrantes do Ocidente, serão discutidas nos capítulos que se seguem. Mas pode ser apropriado neste momento para citar o historiador polonês, Adam Vetulani (itálico meu):

Polonês eruditos concordam que esses assentamentos mais antigos foram fundados por emigrantes judeus da estado Khazar e da Rússia, enquanto os judeus do Sul e da Europa Ocidental começaram a chegar e resolver só mais tarde... e que uma certa proporção, pelo menos, da Jewish *population* (em épocas anteriores, a maior parte) originária do leste do país Khazar e depois de Russia.²¹ Kievian

6

Muito obrigada por tamanho. Mas o que sabemos da estrutura social e da composição da comunidade imigrante cazar? A primeira impressão que se ganha é uma notável semelhança entre certas posições privilegiadas Khazar judeus na Hungria e na Polónia naqueles primeiros dias. As húngaras e polonês fontes consulte judeus empregados como mintmasters, os administradores da receita real, controladores do monopólio sal, taxcollectors e "dinheiro lenders" - isto é, os banqueiros. Este paralelo sugere uma origem comum das Comunidades em causa dois imigrantes; e como nós pode rastrear as origens da maior parte do judaísmo húngaro para nexus Magyar-Khazar, a conclusão parece óbvia. Os primeiros reflectem o papel desempenhado pelos imigrantes judeus na vida económica de brotamento dos dois países. Que era uma parte importante não é surpreendente, uma vez que comércio exterior e a cobrança dos direitos aduaneiros

tinham sido principal fonte dos Cazares da renda no passado. Eles tiveram a experiência que seus novos hosts foram limitada e apenas era lógico que eles foram chamados para aconselhar e participar na gestão das finanças do Tribunal de Justiça e a nobreza. As moedas cunhadas no décimo segundo e décimo terceiro séculos com polonês inscrições em caracteres hebraicos (ver capítulo II, 1) são um pouco bizarras relíquias dessas atividades. A finalidade exata que serviu ainda é algo de um mistério. Alguns têm o nome de um rei (por exemplo, Leszek, Mieszko), outros estão inscritos "da casa de Abraham ben Joseph o Príncipe" (possivelmente o minter-banqueiro ele próprio), ou mostrar apenas uma palavra de bênção: "Sorte" ou "Bênção". Significativamente, fontes contemporâneas húngaros também falam da prática da cunhagem de moedas de prata fornecido pelo judeu owners.²² No entanto - em contrast à Europa Ocidental - finanças e comércio foram longe de ser apenas os campos de actividade judaica. Alguns emigrantes ricos tornaram-se proprietários de terras na Polónia como Count Teka foi na Hungria; Explorações de terra judaicas composta por toda a aldeia de fazendeiros judeus registam-se, por exemplo, nas proximidades de Breslau antes 1203;²³ e nos primeiros dias lá devem ter sido Khazar camponeses em números consideráveis, como os antigos nomes Khazar parecem indicar. Um vislumbre de como algumas dessas aldeias podem ter vindo a existir tentativo é fornecido pelo Karaite registros mencionados anteriormente; eles se referem como Príncipe Vitold se estabeleceu um grupo de prisioneiros de guerra Karaite em "Krasna", fornecendo-lhes casas, pomares e terra a uma distância de milhas e meia. ("Krasna" foi tentativamente identificada com a pequena cidade judia Krasnoia na Podolia.)²⁴ Mas a agricultura não possuía um futuro para a comunidade judaica. Havia várias razões para isso. A ascensão do feudalismo no século XIV gradualmente transformado os camponeses da Polónia servos, proibidos de deixar suas aldeias, privadas de liberdade de circulação. Ao mesmo tempo, sob a pressão conjunta da hierarquia eclesiástica e senhorios feudais, o Parlamento polonês em 1496 proibiu a aquisição de terrenos agrícolas por judeus. Mas o processo de alienação do solo deve ter começado muito antes de que. Para além das causas específicas que acabo de referir - discriminação religiosa, combinado com a degradação dos camponeses grátis em servos - a transformação da nação predominantemente agrícola dos Cazares para uma Comunidade predominantemente urbana reflecte-se um fenómeno comum na história das migrações. Face a diferentes condições climáticas e métodos agrícolas, por um lado e por outro com inesperadas oportunidades para uma vida mais fácil oferecido pela civilização urbana, populações de imigrantes são aptas alterar sua estrutura ocupacional dentro de algumas gerações. Descendentes de camponeses Abruzzi no novo mundo tornou-se garçons e restauradores, os netos de agricultores polacos podem se tornar engenheiros ou psychoanalysts.* [processo oposto de colonos, fixando-se em solo Virgem aplica aos imigrantes de mais altamente desenvolvido nas regiões menos desenvolvidas.] No entanto, a transformação do Khazar Judaísmo Judaísmo polonês não implicou qualquer ruptura brutal com o passado, ou a perda de identidade. Foi um processo gradual, orgânico de mudança, que - como mostrou convincentemente Poliak - preservadas algumas tradições vitais da vida comunal de Khazar nos seus novos países. Isto foi conseguido principalmente através do surgimento de uma estrutura social, ou modo de vida, encontrado em nenhum outro lugar do mundo diáspora: a pequena cidade judia, nos *ayarahem* Hebraico, em iídiche *shtetl*, em polonês *miastecko*. Todas as três denominações são diminutivos, que, no entanto, não necessariamente referência a pequenez de tamanho (alguns eram bastante grandes de cidades de pequeno), mas dos direitos limitados de autárquicos municipais gozavam. *Shtetl* não deve ser confundido com o gueto. Este último consistia de uma rua ou bairro em que judeus foram obrigados a viver dentro dos limites de uma cidade

Gentile. Partir da segunda metade do século XVI, foi o habitat universal dos judeus em toda o cristão e a maioria do mundo muçulmano. O gueto foi cercado por muros, com portões que foram bloqueados durante a noite. Ele deu origem a claustrofobia e consanguinidade mental, mas também a um sentimento de segurança relativa em tempos de tribulação. Como ele não poderia expandir em tamanho, as casas eram altas e peito-estreito e permanente superlotação criou condições sanitárias deploráveis. Ele teve grande força espiritual para pessoas que vivem em tais circunstâncias manter sua auto-estima. Nem todos eles fizeram. *„Shtetl*, por outro lado, foi uma proposta bastante diferente - um tipo de liquidação que, como já disse, existia apenas na Polônia-Lituânia e em nenhum outro no mundo. Era uma cidade independente do país com uma população predominantemente ou exclusivamente judaica. As origens *do shtetl* provavelmente datam do século XIII e podem representar o elo que faltava, por assim dizer, entre as cidades de mercado da Cazária e os assentamentos judeus na Polônia. *„A* função econômica e social destas aglomerações semi-rural, microempresários parece ter sido semelhante em ambos os países. Na Cazária, como mais tarde na Polônia, forneceram uma rede de postos comerciais ou cidades de mercado que mediadas entre as necessidades das grandes cidades e zonas rurais. Eles tinham feiras regulares em que ovelhas e gado, juntamente com as mercadorias fabricadas nas cidades e os produtos das indústrias de casa de campo rurais eram vendidos ou trocados; ao mesmo tempo, eles eram os centros onde artesãos enchia seus ofícios, da *wheelwrights* para ferreiros, prateiros, alfaiates, açougues Kosher, moleiros, padeiros e fabricantes de castiçal. Também foram escritores de letra para o analfabeto, sinagogas para os fiéis, pousadas para os viajantes e um *heder* - Hebraico para "quarto", que serviu de escola. Havia itinerantes de contadores de histórias e bardos populares (alguns de seus nomes, tais como Velvel Zbarzher, têm sido preservados) ²⁵ viajando de *shtetl shtetl* na Polónia - e sem dúvida mais cedo na Cazária, se poder julgar pela sobrevivência de contadores de histórias entre pessoas orientais até nossos dias. *„Alguns* comércio particulares tornou-se praticamente um monopólio judeu na Polónia. Um estava lidando em madeira - que lembra que a madeira era o principal material de construção e um importante produto de exportação na Cazária; outro era o transporte. "A densa rede de *shtetls*," escreve Poliak, ²⁶ "tornou possível a distribuir bens manufaturados em todo o país por meio do tipo judaico soberbamente construído de carrinho de cavalo. A preponderância deste tipo de transporte, especialmente no leste do país, foi tão marcada no montante de um monopólio virtual - que o hebraico word para carter, *Baal agalah** [literalmente "mestre do carro".] foi incorporada a língua russa como *balagula*. Somente o desenvolvimento do transporte ferroviário na segunda metade do século XIX levou a um declínio neste comércio." *„Agora* essa especialização em treinador-edifício e cartering poderia certamente não se desenvolveram nos guetos fechados de Jewry Ocidental; inegavelmente, ele aponta para uma origem Khazar. As pessoas dos guetos eram sedentárias; enquanto os cazares, como outros povos semi-nómadas, usados carros puxados por cavalos ou boi para transportar suas barracas, mercadorias e bens móveis - incluindo tendas reais o tamanho de um circo, ajustar para acomodar várias centenas de pessoas. Eles certamente tinham o know-how para negociar as faixas extremas nos seus novos países. *„Outras* ocupações especificamente judaicas foram manutenção da pousada, o funcionamento dos moinhos de farinha e comércio de peles - nenhum deles encontrados em guetos da Europa Ocidental. *„Como* tal, em linhas gerais, foi a estrutura do judeu *shtetl* na Polónia. Algumas de suas características foi encontradas no antigas mercado de cidades em todo o país; outros mostram uma afinidade mais específica com o que nós sabemos - pouco que seja - sobre os municípios de Cazária, que foram, provavelmente, os protótipos da polaca *shtetl*. *„Estas* características específicas deve ser

acrescentado o "estilo de pagode" das mais antigas sinagogas madeira *shtetl* sobreviventes datam dos séculos XV e XVI, que é totalmente diferente do estilo nativo da arquitetura e do estilo de construção adotados pelos judeus ocidentais e replicado mais tarde em guetos da Polônia. A decoração interior das antigas sinagogas *shtetl* também é completamente diferente do estilo do gueto Ocidental; as paredes da sinagoga *shtetl* foram cobertas com arabescos mouros e com característica de figuras animais da influência persa encontradas nos artefatos de Magyar-Khazar (I, 13) e o estilo decorativo trazido à Polônia por arménio immigrants.²⁷ O traje tradicional do judaísmo polonês é também de origem inconfundivelmente Oriental. O típico longa seda cafetã pode ter sido uma imitação do brasão usado pela nobreza polonesa, que por sua vez foi copiada da roupa dos mongóis na Horda de ouro - modas de viagem entre as divisões políticas; mas sabemos que kaftans foram desgastados muito antes que pelos nômades das estepes. O crânio-PAC (*yarmolka*) é usado para este dia de judeus ortodoxos - e pelos uzbeques e outros povos turcos na União Soviética. No topo do crânio-PAC homens usavam o *streimel*, um chapéu redondo elaborado bordado com peles de raposa, que Cazares copiado de Khasaks - ou vice-versa. Como já mencionado, o comércio de peles de raposa e sable, que tinha sido florescente na Cazária, tornou-se um outro virtual monopólio judeu na Polônia. Como para as mulheres, eles usavam, até meados do século XIX, um turbante branco alto, que era uma cópia exata de Jauluk usado por women.²⁸ Khasak e turcomenos (hoje em dia Jewesses ortodoxos tem que usar em vez de um turbante, que uma peruca feita de seu próprio cabelo, que é raspado fora quando eles serem casam.) Um pode também mencionar neste contexto - embora um pouco duvidosa - dos judeus poloneses estranha paixão pela *gefille* (recheadas) *fisch*, um nacional de um prato que os gentios polaco adoptou. "Sem peixe", foi o ditado, "não há nenhum sábado." Ele foi derivado de memórias distantes da vida no mar Cáspio, onde o peixe foi a dieta descontínuas? Vida no *shtetl* é comemorada com muita nostalgia romântica na literatura judaica e no folclore. Assim, lemos em uma pesquisa moderna de sua customs²⁹ sobre a maneira alegre de que seus habitantes comemorou o sábado:

Sempre que um é, ele vai tentar chegar em casa a tempo de saudar o sábado com sua família. Pedlar viajando de aldeia em aldeia, o alfaiate itinerante, sapateiro, sapateiro, comerciante fora em uma viagem, todos irão planejar, empurrar, pressa, tentando chegar em casa antes do sol na noite de sexta-feira. Como eles prima homeward as chamadas *shammes* pelas ruas de *shtetl*, "Judeus para banheiros!" Um funcionário da sinagoga, a *shammes* é uma combinação de sexton e beadle. Ele fala com uma autoridade mais do que sua própria, para quando ele chama de "Judeus para o Balneário" ele é convocando-os para um mandamento.

A evocação mais vívida da vida no *shtetl* é o amálgama surrealista do fato e da fantasia nas pinturas e litografias de Marc Chagall, onde símbolos bíblicos são exibidos lado a lado com o barbudo carter empunhando seu chicote e rabinos melancólico em cafetã e *yarmolka*. Era uma Comunidade estranha, refletindo suas origens estranhas. Provavelmente, algumas das primeiras pequenas-cidades foram fundadas por prisioneiros de guerra - tais como os caraítas de Troki - quem nobres poloneses e lituanos estavam ansiosos para se estabelecer em suas terras vazias. Mas a maioria destes assentamentos eram produtos da migração geral longe dos campos "selvagens" que foram transformando em desertos. "Após a conquista Mongol", escreveu Poliak, "quando as aldeias eslavas vagava para o oeste, a cazar *shtetls* foi com eles."³⁰ Os

pioneiros dos novos assentamentos foram provavelmente ricos comerciantes de Khazar que constantemente viajaram em toda a Polónia nas rotas de comércio muito frequentadas na Hungria. "A migração Magyar e Kabar na Hungria rematar a trilha para os assentamentos de Khazar crescentes na Polónia: Polónia ele virou uma zona de trânsito entre os dois países com comunidades judaicas." Assim 31 os mercadores itinerantes estavam familiarizados com as condições nas áreas potenciais de reassentamento e teve a oportunidade de fazer contato com os proprietários de terras em busca de locatários. "O proprietário iria entrar em um acordo com tais ricos e respeitados judeus" (nós somos lembrados de Abraham Prokownik) "como seria se estabelecer em sua fazenda e trazer outros colonos. Eles, como regra, escolheria pessoas do lugar onde tinham vivido."³² Esses colonos seria um monte sortida de agricultores, artesãos e artesãos, formando uma comunidade mais ou menos auto-suficientes. Assim, o Khazar *shtetl* seria transplantado e tornar-se um polonês *shtetl*. Agricultura gradualmente iria cair, mas por esse tempo a adaptação às novas condições seria concluída. O núcleo do judaísmo moderno, assim, seguiu a velha receita: riscar para novos horizontes, mas ficar juntos.

A décima terceira tribo

por
Arthur koestler

VI **ONDE PARTIR?** 1

Dois fatos básicos emergem de nossa pesquisa: o desaparecimento da nação Khazar do seu habitat histórico e a aparência simultânea nas regiões adjacentes a noroeste da maior concentração de judeus desde os primórdios da diáspora. Como os dois obviamente estão conectados, historiadores concordam que a imigração da Cazária deve ter contribuído para o crescimento do judaísmo polonês - uma conclusão apoiada pela evidência citada nos capítulos anteriores. Mas eles se sentem menos certo sobre a *extensão* desta contribuição - o tamanho da imigração cazar em comparação com o afluxo de judeus ocidentais e respectiva quota-parte na constituição genética da comunidade judaica moderna. Em outras palavras, o fato de que Cazares emigraram em números substanciais na Polónia é estabelecido além do litígio; a questão é saber se eles forneceram a maior parte do novo acordo, ou apenas seu núcleo duro, por assim dizer. Para encontrar uma resposta para essa pergunta, temos uma ideia da dimensão da imigração de "judeus reais" do Ocidente.

2

No final do primeiro milênio, os assentamentos mais importantes de judeus da Europa Ocidental foram na França e Rhineland.* [sem contar os judeus de Espanha, que formaram uma categoria à parte e não participou dos movimentos migratórios com que estamos preocupados.] Algumas destas Comunidades provavelmente foi fundadas em dias romanos, para, entre a destruição de Jerusalém e o declínio do Império Romano, judeus haviam se estabelecido em muitas das maiores cidades sob seu governo, e foram

posteriormente reforçadas por imigrantes da Itália e norte da África. Assim, temos registros do século IX em diante das Comunidades judaicas em lugares toda a França, da Normandia a Provença e o Mediterrâneo. Um grupo ainda cruzou o canal para a Inglaterra na sequência da invasão normanda, aparentemente convidada por Guilherme o conquistador, porque ele precisava de sua capital e a empresa. Sua história tem sido resumida por Barão:

Posteriormente, eles foram convertidos em uma classe de "royal agiotas" cuja principal função era fornecer créditos para empreendimentos políticos e económicos. Após acumular grande riqueza através da elevada taxa de juros, estes prestamistas foram forçadas a disgorge-lo de uma forma ou outro benefício do tesouro real. O bem-estar prolongado de muitas famílias judaicas, o esplendor da sua residência e vestuário e sua influência nos assuntos públicos cegado até mesmo experientes observadores para os perigos profundos à espreita do crescente ressentimento dos devedores de todas as classes e a dependência exclusiva dos judeus sobre a protecção dos seus mestres royal.... Rumores de descontentamento, culminando em violentos surtos em 1189-90, preuiu a tragédia final: a expulsão de 1290. A ascensão meteórica e declínio ainda mais rápido do judaísmo inglês no breve espaço de séculos dois e um quarto (1066-1290) posto em relevo acentuado os factores fundamentais moldar os destinos de todos os Jewries ocidentais na primeira crucial metade dos millennium.² segundo

O exemplo inglês é instrutivo, porque ela é excepcionalmente bem documentada em comparação com o início da história das Comunidades judaicas no continente. A principal lição que podemos tirar dela é que a influência social-econômica dos judeus era completamente fora de proporção com seus números pequenos. Havia, aparentemente, não mais de 2.500 judeus em Inglaterra a qualquer momento antes da sua expulsão no 1290.* [de acordo com a pesquisa clássica de Joseph Jacobs, *Judeus da Inglaterra Angevin*, com base em nomes de família judaicas gravados e outros documentos. [Citado por Barão, Vol. IV, p. 77.]] Esta pequena comunidade judaica na Inglaterra medieval desempenhou um papel principal no estabelecimento económico do país - muito mais assim do que seu número oposto na Polónia; ainda em contraste com a Polónia ele poderia não contar com uma rede de pequenas-cidades judaicas para fornecê-lo com uma base de massa de artesãos humildes, de classe média-baixa artesãos e operários, carters e estalajadeiros; Ele tinha sem raízes nas pessoas. Sobre esta questão vital, Inglaterra angevino simbolizadas desenvolvimentos no continente Ocidental. Os judeus da França e a Alemanha enfrentaram a mesma situação: sua estratificação ocupacional foi desequilibrada e top-pesados. Isto levou em todos os lugares para a mesma, trágica seqüência de eventos. O conto triste sempre começa com uma lua de mel e termina em divórcio e derramamento de sangue. No começo que os judeus são mimados com cartas especiais, privilégios, é favorável. Eles são *personalidades gratae* como os alquimistas de Tribunal de Justiça, porque só eles têm o segredo de como manter as rodas da economia girando. "Em"idade das trevas", " escreveu Cecil Roth, "o comércio da Europa Ocidental era em grande parte nas mãos judaicas, não excluindo o comércio de escravos, e no carolíngio cartularies judeu e comerciante são usados como termos quase permutáveis."³ Com o crescimento de uma classe mercantile nativo, eles gradualmente tornou-se excluídos não só do ocupações mais produtivas, mas também de formas tradicionais de comércio e praticamente o único campo esquerdo aberto para eles foi empréstimos capital em juros. "...A riqueza flutuante do país foi embebida por judeus, que foram feitos periodicamente para disgorge em favor da fazenda pública..."⁴

que o arquétipo do Shylock foi estabelecido muito antes da época de Shakespeare. «Em dias de lua de mel, Carlos Magno enviou uma embaixada histórica em 797 de Harun al-Rashid em Bagdá para negociar um Tratado de amizade; a embaixada foi composta por Isaac judeu e dois nobres cristãos. O amargo fim veio quando, em 1306, Philip le Bel expulsa os judeus do Reino da França. Embora mais tarde, alguns foram autorizados a regressar, que mais sofreram perseguição, e no final do século a Comunidade francesa de judeus era praticamente extinct.* [comunidade moderna dos judeus na França e Inglaterra foi fundada por refugiados da Inquisição espanhola nos séculos XVI e XVII.]

3

Se nos voltarmos para a história do judaísmo alemão, o primeiro fato a observar é que "surpreendentemente, não possuímos um abrangente histórico acadêmico do judaísmo alemão.... *Germanica Judaica* é meramente uma obra boa referência às fontes históricas derramando luz sobre comunidades individuais até 1238."5 É uma luz fraca, mas pelo menos ela ilumina a distribuição territorial das Comunidades judaicas de ocidentais na Alemanha durante o período crítico, quando a imigração Khazar-judaica na Polónia se aproximava seu pico. Solitário dos primeiros registros de uma comunidade tão na Alemanha menciona um certo Kalonymous, que, em 906, emigrou com seu kinsfolk de Lucca na Itália para Mavence. Quase ao mesmo tempo ouvimos falar dos judeus em Spire e Worms e um pouco mais tarde em outros lugares - Trves, Metz, Estrasburgo, Colónia - todos eles situados em uma faixa estreita da Alsácia e ao longo do vale do Reno. O viajante judeu Benjamin de Tudela (ver supra, II, 8) visitou a região em meados do século XII e escreveu: "Nestas cidades há muitos israelitas, sábios e ricos."6 Mas quantos são "muitos"? Na verdade muito poucos, como será visto. «Anterior em, vivia em Mayence um certo rabino Gershom ben Yehuda (cerca de 960-1030) cujo grande aprendizado lhe rendeu o título de "Luz da diáspora" e a posição de chefe espiritual da Comunidade francesa e alemã renanos. Em algum momento cerca de 1020 Gershom convocou um Conselho Rabbinical em Worms, que emitiu vários decretos, incluindo um que pôr fim legal a poligamia (que enfim tinha sido suspenso por um longo tempo). Desses decretos um codicilo foi adicionado, que desde que em caso de urgência, qualquer regulamento poderia ser revogado "por uma assembleia de delegados de uma centena de países Borgonha, Normandia, França e vilas de Mayence, pináculos e Worms". Em outros documentos rabbinical também datando do mesmo período, somente estas três cidades são nomeadas, e podemos apenas concluir que outras comunidades judaicas na Renânia eram no início do século XI ainda demasiado insignificante para ser mentioned.7 no final do mesmo século, as comunidades judaicas da Alemanha escapado por pouco de extermínio completo em explosões de multidão-histeria que acompanha a primeira cruzadaAD 1096. F. Barker tem transmitiu a mentalidade do cruzado com uma força dramática raramente encontrada nas colunas da *Encyclopaedia Britannica*:8

Ele poderia açougueiro tudo, até que ele surgisse tornozelo-profundo no sangue e, em seguida, ao anoitecer, se ajoelhar, sobbing de alegria muito, no altar do sepulcro - para ele não vermelho foi do lagar do Senhor?

Os judeus da Renânia capturados nesse lagar, que quase espremido-los à morte. Além disso, eles próprios tornou-se afetados por um tipo diferente de histeria em massa: um anseio mórbido para o martírio. De acordo com o cronista hebreu barra de Solomon Simon, considerado geralmente fiável, 9 judeus de Mainz, confrontados com a

alternativa entre o batismo ou morte nas mãos da multidão, deu o exemplo para outras comunidades, decidindo sobre suicídio colectivo: 10

Imitando em grande escala em prontidão de Abraão de sacrificar Isaac, pais abatidos seus filhos e maridos suas esposas. Estes atos de heroísmo e horror indizível foram realizados sob a forma ritualística de abate com sacrifícios facas afiadas em conformidade com a lei judaica. Às vezes os sábios líderes da Comunidade, supervisionando o immolation massa, foram os últimos a parte com a vida em suas próprias mãos.... Na histeria em massa, santificado pelo brilho do martírio religioso e compensado pela expectativa confiante de recompensas celestiais, parece que nada importa, mas a vida antes que um caiu nas mãos dos inimigos irredutíveis e teve de enfrentar a alternativa inevitável da morte às mãos do inimigo ou conversão ao cristianismo.

Passando de gore estatísticas sóbrio, nós ter uma idéia do tamanho das Comunidades judaicas na Alemanha. As fontes em Hebraico concordam em 800 vítimas (por abate ou suicídio) em Worms e variam entre 900 e 1300 para Mainz. Naturalmente deve ter havido muitos que preferiu batismo à morte, e as fontes não indicam o número de sobreviventes; não podemos ter certeza de que eles não exagerar o número dos mártires. De qualquer forma, Barão conclui de seus cálculos que "o total da população judaica de qualquer comunidade quase não tinha ultrapassado os números aqui apresentados pelos mortos sozinho" 11 então os sobreviventes em Worms ou em Mayence só poderiam ter numeradas algumas centenas em cada caso. Ainda estas duas cidades (com torres como um terceiro) foram os únicos suficientemente importantes para ser incluído no edital do rabino Gershom anteriormente. Assim, fizemos a perceber que a comunidade judaica na Renânia alemã foi numericamente pequena, mesmo antes da primeira cruzada e tinha reduzido a proporções ainda menores após ter atravessado o lagar do Senhor. No entanto, a conversão do Reno, na Alemanha central e setentrional, lá não eram ainda nenhum comunidades judaicas em todos e nenhum por um longo tempo para vir. O conceito tradicional de historiadores judeus que a cruzada de 1096 varreu como uma vassoura uma migração de massa de judeus alemães na Polónia é simplesmente uma lenda - ou um pouco uma hipótese ad hoc inventado porque, como eles sabiam pouco da história cazar, que não podia ver nenhuma outra maneira de contabilizar o surgimento, do nada, essa concentração sem precedentes dos judeus da Europa Oriental. Ainda não há uma única menção das fontes contemporâneas de qualquer migração, grande ou pequena, da Renânia mais leste para a Alemanha, para não mencionar a Polónia distante. Assim, Simon Dubnov, um dos historiadores da velha escola: "A primeira cruzada que defina as massas cristãs em movimento para Leste Asiático, dirigi ao mesmo tempo as massas judaicas para o elenco da Europa."12. No entanto, algumas linhas ainda mais para baixo ele tem que admitir: "Sobre as circunstâncias desse movimento de emigração que era tão importante para a história judaica não possuímos nenhuma informação estreita."13 Ainda possuímos informações abundantes de que estas agredidas comunidades judaicas fizeram durante as cruzadas de primeiras e subsequentes. Alguns morreram por suas próprias mãos; outros tentaram oferecer resistência e foram linchados; enquanto aqueles que sobreviveram devia sua boa fortuna ao fato de que eles receberam abrigo para a duração da emergência no castelo fortificado do bispo ou do Burgrave que, pelo menos teoricamente, foi responsável por sua proteção legal. Com frequência esta medida não foi suficiente para evitar um massacre; mas os sobreviventes, uma vez que as hordas cruzadas passaram,

invariavelmente retornou a seus lares saqueados e sinagogas para fazer um novo começo. Encontramos este padrão repetidamente nas crônicas: em Treves, em Metz e muitos outros lugares. Na época das cruzadas do segunda e mais tarde, tornou-se quase uma rotina: "No início de agitação para uma nova cruzada muitos judeus de Mainz, Worms, Spire, Estrasburgo, Wrzburg e outras cidades, fugiram para a vizinhos castelos, deixando seus livros e posses preciosas sob custódia dos burgueses amigáveis."14 Uma das principais fontes é o *Livro da lembrança* por Ephraim bar Jacob, que ele próprio, na idade de treze anos, tinha sido entre os refugiados de Colônia na barra do Castelo de Wolkenburg.15 Salomão Simon relata que, durante a segunda cruzada, os sobreviventes dos judeus de Mainz encontrado proteção em Spire, em seguida, retornou à sua cidade natal e construiu um novo synagogue.16 isso é o *leitmotiv* das Crônicas; para repetir uma vez mais, não há uma palavra sobre as comunidades judaicas emigrar para a Alemanha Oriental, que, nas palavras de Mises, 17 ainda era *Judenrein* - limpa de judeus - e permaneceu assim por vários séculos.

4

O século XIII foi um período de recuperação parcial. Ouvimos pela primeira vez dos judeus nas regiões adjacentes a Renânia: o Palatinado (AD 1225); Freiburg (1230), Ulm (1243), Heidelberg (1255), etc.18 mas ele era para ser apenas uma curta pausa, para o século XIV trouxe novos desastres ao judaísmo Franco-alemão. A primeira catástrofe foi a expulsão de todos os judeus dos domínios reais de Philip le Bel. França vinha sofrendo de uma crise econômica, para os acompanhamentos habituais de moeda abreviada e agitação social. Filipe tentou corrigi-lo pelo método habitual de imersão dos judeus. Ele exigiu deles pagamentos de 100000 libras em 1292, 215000 livres em 1295, 1299, 1302 e 1305, em seguida, decidiu sobre um remédio radical para suas finanças em dificuldade. Em 21 de Junho de 1306, ele assinou uma ordem secreta para prender todos os judeus em seu Reino em um determinado dia, confiscar sua propriedade e expulsá-los do país. As prisões foram realizadas em 22 de Julho e a expulsão de algumas semanas mais tarde. Os refugiados emigraram em regiões da França fora do domínio do rei: Provence, Borgonha, Aquitânia e alguns outros feudos de feudal. Mas, de acordo com Mises, "não há nenhum registros históricos qualquer tipo para indicar que o judaísmo alemão aumentou seus números através dos sofrimentos da comunidade judaica na França no período decisivo da sua destruição". 19 E nenhum historiador jamais sugeriu que judeus franceses caminhou em toda a Alemanha à Polônia, nessa ocasião, ou em qualquer outro momento. sucessores do IUnder Philip lá foram algumas recuperações parciais dos judeus (em 1315 e 1350), mas eles não poderiam desfazer o dano, nem impede explosões renovadas da perseguição de turba. Até o final do século XIV, a França, como a Inglaterra, foi praticamente *Judenrein*.

5

A segunda catástrofe daquele século desastrosa foi a peste negra, que, entre 1348 e 1350, matou um terço da população da Europa e em algumas regiões até dois terços. Ele veio do leste da Ásia através do Turquestão, e a forma como foi deixado solto na Europa, e o que ele fez lá, é simbólico da insanidade do homem. Um líder de tártaro chamado Janibeg em 1347 foi sitiado a cidade de Kaffa (agora Feodosia) na Crimeia, em seguida, um porto comercial genovês. A Praga era galopante no exército do Janibeg, assim ele catapultou os cadáveres das vítimas infectados para a cidade, cuja população tornou-se infectado por sua vez. Navios genoveses carregado os ratos e sua para o oeste pulgas

mortal os portos do Mediterrâneo, de onde eles se espalhou no interior. Os bacilos de *Pasteurella pestis* não eram suposto fazer uma distinção entre as várias denominações, ainda judeus, no entanto, foram apontados para tratamento especial. Depois de ser acusado anteriormente sobre o abate ritual de crianças cristãs, eles agora foram acusados de envenenar os poços para espalhar a peste negra. A lenda viajou até mesmo mais rapidamente do que os ratos e a consequência foi a queima de judeus *em massa* toda a Europa. Mais uma vez o suicídio por autoimolação mútuo tornou-se um expediente comum, para evitar ser queimado vivo. A população dizimada da Europa Ocidental não chegou novamente seu nível pre-plague até o século XVI. Como para os seus judeus, que haviam sido expostos ao ataque duplo de ratos e homens. somente uma fração sobrevivida. Como Kutschera escreveu:

A população vingou nos golpes cruéis do destino e conjunto sobre aqueles a quem a Praga tinha poupado com fogo e espada. Quando as epidemias recuaram, Alemanha, de acordo com historiadores contemporâneos, ficou praticamente sem judeus. Somos levados a concluir que, na própria Alemanha os judeus não poderiam prosperar, em nunca foram capazes de estabelecer comunidades grandes e populosas. Como, então, nestas circunstâncias, devem eles foram capazes de lançar as bases da Polónia de uma população em massa tão densa que neste momento [AD 1909] outnumber judeus da Alemanha, na proporção de dez para um? É realmente difícil de compreender como a idéia nunca ganhou terreno que os judeus orientais representam os imigrantes do Ocidente e especialmente da Germany.²⁰

Ainda, junto à primeira cruzada, a peste negra é invocada com mais freqüência por historiadores como o deus ex machina que criou o judaísmo Oriental. E, tal como no caso das cruzadas, não há um pingão de evidência para este êxodo imaginário. Pelo contrário, as indicações são que única esperança dos judeus de sobrevivência neste, como em que ocasiões anteriores, foi ficar juntos e procurar abrigo em algum lugar fortificado ou menos entorno hostil na vizinhança. Há apenas um caso de uma emigração no período peste negra mencionada por Mieses: judeus de Spire se refugiou da perseguição em Heidelberg - cerca de dez milhas afastado. Após o virtual extermínio de antigas comunidades judaicas na França e na Alemanha na sequência da peste negra, Europa Ocidental permaneceu *Judenrein* para um par de séculos, com apenas alguns enclaves vegetating em - excepto em Espanha. Era um estoque totalmente diferente dos judeus que fundou as comunidades modernas da Inglaterra, França e Holanda nos séculos XVI e XVII - Sefardins (judeus espanhóis), forçadas a fugir da Espanha, onde tinham sido residentes para mais de um milênio. Sua história - e a história do judaísmo europeu moderno - encontra-se fora do escopo deste livro. Podemos concluir com segurança que a idéia tradicional de um êxodo em massa de Jewry ocidental da Renânia para a Polónia em toda Alemanha - um talude hostil, Jewless - é historicamente insustentável. É incompatível com o tamanho pequeno das Comunidades Renano, sua relutância ramificar para fora do vale do Reno a leste, seu comportamento estereotipado na adversidade, e a ausência de referências a movimentos migratórios em crônicas contemporâneas. Mais uma prova para esta exibição é fornecida pela lingüística, para ser discutido no capítulo VII.

A décima terceira tribo

por
Arthur Koestler

VII **CRUZ-CORRENTES**

1

EM função dos elementos citados nos capítulos anteriores, um pode facilmente compreender porque polônês historiadores - que são, afinal, mais próximo às fontes - são no acordo que "nos tempos antigos, a maior parte da população judaica originou o país Khazar". 1 um pode até mesmo ser tentados a exagerar o caso, afirmando - como Kutschera faz - que judaísmo Oriental foi cem por cento de origem Khazar. Tal afirmação pode ser defensável se o malfadado Comunidade Franco-renanos foram o único rival na busca de paternidade. Mas na idade média mais tarde as coisas tornam-se mais complicadas pela ascensão e queda dos colonatos judeus todo os territórios da antiga monarquia Austro-Húngaro e os Balcãs. Assim, não só Viena e Praga tinham uma considerável população judaica, mas há pelo menos cinco lugares chamados Judendorf, "Judeu-vila", nos Alpes da Caríntia e mais Judenburgs e Judenstadts nas montanhas da Estíria. No final do século XV, os judeus foram expulsos de duas províncias e foram para a Itália, a Polónia e a Hungria; mas de onde eles originalmente veio? Certamente não é do oeste. Como Mises colocá-lo em seu estudo destas comunidades dispersas:

Durante a alta idade média, portanto, encontramos no Oriente uma Cadeia de assentamentos que se estende da Baviera a Pérsia, o Causcasus, Ásia menor e Bizâncio. [Mas] para o oeste da Bavária existe uma lacuna através de toda a extensão da Alemanha.... Apenas como a imigração de judeus para as regiões alpinas veio sobre nós não sei, mas sem dúvida os três reservatórios grandes dos judeus da antiguidade tardia jogaram sua parte: Itália, Byzantium e Persia.2

O elo perdido nessa enumeração é, mais uma vez, Cazária, que, como já vimos anteriormente sobre, serviu como um recipiente e uma estação de trânsito para os judeus emigraram de Bizâncio e do califado. Mises adquiriu grande mérito em refutar a lenda da origem do judaísmo Oriental renanos, mas ele, também, pouco sabia sobre história cazar e não tinha conhecimento da sua importância demográfica. No entanto, ele pode ter tido razão em sugerir um componente italiano entre os imigrantes para a Áustria. A Itália foi não só quasi-saturated com judeus como Roman times, mas, como Cazária, também recebeu sua parte dos imigrantes de Byzantium. Tão aqui nós podemos ter um gotejamento de "genuíno" judeus de Semitic origem na Europa Oriental; no entanto ele não poderia ter sido mais do que um gotejamento, pois não há nenhum vestígio nos registos de qualquer substancial imigração de judeus italianos na Áustria, Considerando que há uma abundância de evidência de uma migração reversa dos judeus na Itália após a sua expulsão do espaço alpino províncias no final do século XV. Detalhes como este, tendem a ofuscar a imagem e faça um desejo que os judeus tinham ido à Polónia a bordo do *Mayflower*, com todos os registos mantidos ordenadamente. ■ Ainda as linhas

gerais do processo migratório, no entanto, são perceptíveis. Os assentamentos alpinos foram provavelmente oeste ramificações da migração Khazar geral em direção a Polônia, que foi espalhada ao longo de vários séculos e seguido várias rotas diferentes - através da Ucrânia, as Slavonic regiões norte da Hungria, talvez também através dos Balcãs. Uma lenda romena conta a história de uma invasão - data desconhecida - dos judeus armados em que country.³

2

Há um outro, muito curiosa legenda relativas à história do judaísmo austríaco. Ele foi lançado por cronistas cristãs na idade média, mas foi repetido em toda a seriedade por historiadores mais tarde como o início do século XVIII. Em dias pré-cristãs, assim a lenda, as províncias austríacas foram governadas por uma sucessão de príncipes judeus. A crônica austríaco, compilado por um escriba vienense no reinado de Albert III(1350-95) contém uma lista de não menos de vinte e dois tais judaicas príncipes, que se diz ter conseguido uns aos outros. A lista fornece não somente seus nomes alegadas, algumas das quais têm um anel de Ural-Altaiian distintamente, mas também o comprimento do seu governo e o lugar onde eles estão enterrados; assim: "Sennan, governada de 45 anos, enterrado em Stubentor em Viena; Zippan, 43 anos, enterrado em Tulln"; e assim por diante, incluindo nomes como Laptan, Ma'alon, Raptan, Greenwood, Effra, Sameck, etc. Depois destes judeus veio cinco príncipes pagãos, seguido por governantes cristãos. A legenda é repetida, com algumas variações, nas histórias latinas da Áustria por Henricus Gundelfingus, 1474 e por vários outros, sendo o último um Anselmus de Schram *Flores Chronicorum Austriae*, 1702 (que ainda parece ter acreditado em sua autenticidade).⁴ Como poderia ter originado este conto fantástico? Deixe-nos ouvir Mieses novamente: "O fato de que tal legenda poderia desenvolver e manter-se obstinadamente através de vários séculos, indica que no fundo na consciência nacional da antiga Áustria dim memórias persistiram de uma presença judaica nas terras do Danúbio superior nos dias idos. Quem sabe se as ondas emanadas de domínios Khazar na Europa Oriental, uma vez varrida no sopé dos Alpes - o que explicam o sabor Turaniana os nomes desses príncipes. Os confabulations dos cronistas medievais poderiam evocar um eco popular apenas se eles foram apoiados por memórias coletivas, entretanto vagas."⁵ Como já mencionado, que Mieses é bastante inclinado a subestimar a contribuição de cazar a história judaica, mas mesmo assim ele acertou na hipótese apenas plausível que poderia explicar a origem da lenda persistente. Um pode mesmo arriscar ser um pouco mais específico. Mais de metade um século - até AD 955 - Áustria, como extremo oeste como o Rio Enns, estava sob dominação húngara. Os magiares chegaram nos seus novos países em 896, juntamente com as tribos Kabar-Khazar que foram influentes na nação. Os húngaros no momento ainda não foram convertidos ao cristianismo (que aconteceu apenas um século mais tarde, 1000 DC) e a religião monoteísta somente familiar que lhes foi judaísmo cazar. Pode ter havido um ou mais chefes tribais entre eles quem pratica um judaísmo das sortes - recordamos o cronista bizantino, John Cinnamus, mencionando judaicas tropas combates em army.* húngaro [ver acima, V, 2.] Assim, pode ter havido alguma substância a lenda - particularmente se lembre-se que os húngaros estavam ainda em sua selvagem invadindo o período, o flagelo da Europa. Estar sob seu domínio foi sem dúvida uma experiência traumática que os austríacos foram improváveis esquecer. Tudo se encaixa bastante bem.

3

Mais provas contra os supostamente Franco-renanos origem do judaísmo Oriental é fornecida pela estrutura do iídiche, a linguagem popular dos judeus massas, falada por milhões antes do Holocausto e ainda sobrevivente entre minorias tradicionalista na União Soviética e os Estados Unidos. ■ Yiddish é uma curiosa amálgama de Hebraico, alemão medieval, eslavo e outros elementos, escritos em caracteres hebraicos. Agora que ele está morrendo, tornou-se um assunto de muita pesquisa acadêmica nos Estados Unidos e Israel, mas até o século XX foi considerado pelos lingüistas ocidentais como meramente um jargão estranho, quase não vale a pena um estudo sério. Como h. Smith observou: "pouca atenção ao iídiche pelos estudiosos. Para além de alguns artigos em periódicos, o primeiro estudo realmente científico da língua foi da Miseses *Gramática histórica*, publicado em 1924. É significativo que a última edição da gramática padrão histórica do alemão, que trata alemão do ponto de vista de seus dialetos, despede iídiche em doze linhas."6 ■ À primeira vista a prevalência de palavras de origem alemãs em iídiche parece contradizer a nossa tese principal sobre as origens do judaísmo Oriental; Vamos ver neste momento que o oposto é verdadeiro, mas o argumento envolve várias etapas. O primeiro é para perguntar que tipo particular de dialeto alemão regional entrou no vocabulário iídiche. Ninguém antes Miseses parece ter prestado atenção séria a esta questão; é seu mérito duradouro para ter feito isso e vieram acima com uma resposta conclusiva. Com base no estudo do vocabulário, da fonética e da sintaxe de iídiche, em comparação com os principais dialetos alemães na idade média, ele conclui:

Não há componentes lingüísticos derivados as partes da Alemanha, fronteira com a França são encontrados na língua iídiche. Nem uma única palavra da lista inteira de especificamente origem de Moselle-francônio compilada por j. r. Ballas (*Beitrge zur Kunntnis der Trierischen Volkssprache*, 1903, 28ff.) encontrou sua maneira no vocabulário iídiche. Até mesmo as regiões mais centrais da Alemanha Ocidental, em torno de Frankfurt, não contribuíram para a língua iídiche....7 Respeita as origens do iídiche, Alemanha Ocidental pode ser escrita....8 Poderia ser que o modo de exibição geralmente aceite, segundo a qual os judeus alemães uma vez emigrou da França sobre o Reno, é errado? A história dos judeus alemães, de Ashkenazi [para "Ashkenazi" Veja abaixo, VIII, eu] judaísmo, deve ser revisto. Os erros da história muitas vezes são corrigidos por pesquisas linguísticas. A visão convencional da imigração erstwhile de Ashkenazi judeus da França pertence à categoria dos erros históricos que estão à espera de correction.9

Ele, então, cita, entre outros exemplos de falácias históricas, o caso dos ciganos, que foram considerados como uma ramificação do Egito, "até que a lingüística mostrou que eles vêm da Índia". 10 ■ Tendo descartado a alegada origem ocidental do elemento Germânico em iídiche, Miseses passou a mostrar que a influência dominante nele são os chamados "Oriente Médio alemão" dialetos que eram falados nas regiões alpinas da Áustria e da Baviera praticamente até ao século XV. Em outras palavras, o componente alemão que passou para o híbrido língua judaica originou-se nas regiões orientais da Alemanha, adjacente ao cinto eslava da Europa Oriental. ■ Assim, a evidência da lingüística suporta o registro histórico em refutar o equívoco das origens do judaísmo Oriental Franco-renanos. Mas essa evidência negativa não responde a pergunta como um alemão de leste médio dialeto combinado com elementos hebraicos e eslavos tornou-se a língua comum de que judaísmo Oriental, a maioria dos quais nós supor ter sido de origem Khazar. ■ Na tentativa de responder a essa pergunta, vários fatores tem que ser tomadas em consideração. Em primeiro lugar, a evolução do iídiche foi um

processo longo e complexo, que presumivelmente começou no século XV, ou mesmo mais cedo; ainda permaneceu durante muito tempo uma língua falada, uma espécie de *língua francae* aparece na impressão somente no século XIX. Antes disso, ele tinha nenhuma gramática estabelecida e "foi deixada ao indivíduo introduzir palavras estrangeiras como ele deseja. Não há forma estabelecida de pronúncia ou de ortografia.... O caos na ortografia pode ser ilustrado pelas regras estabelecidas pelo *Jüdische Volks-Bibliothek*: gravação (1) como você fala, (2) escrever para que poloneses e judeus lituanos podem compreendê-lo e (3) diferentemente soletrar palavras do mesmo som que tem um significado diferente. "11 Assim, Yiddish cresceu, ao longo dos séculos, por uma espécie de proliferação desimpedida, absorvendo avidamente seus ambientes sociais de tais palavras, frases, expressões idiomáticas como melhor serviram o seu propósito como *língua franca*. Mas o elemento culturalmente e socialmente dominante no ambiente da Polônia medieval foram os alemães. Sozinho, entre as populações de imigrantes, eram economicamente e intelectualmente mais influente do que os judeus. Vimos que, desde os primeiros dias da dinastia Piast, e particularmente sob Casimiro o grande, tudo foi feito para atrair imigrantes para colonizar a terra e construir cidades "modernas". Casimiro foi dito ter "encontrado num país de madeira e deixou um país de pedra". Mas essas novas cidades de pedra, como grosz (Cracóvia) ou Lemberg (Lviv) foram construídos e governada pelos imigrantes alemães, vivendo sob a chamada lei de Magdeburgo, ou seja, desfrutando de um elevado grau de autonomia municipal. No total não inferior a quatro milhões de alemães são ditos imigraram à Polónia, 12 fornece-lhe uma middleclass urbano que ele tinha não possuía antes. Como Poliak tem colocá-lo, comparando o alemão para a imigração de Khazar na Polónia: "os governantes do país importados estas massas de estrangeiros empreendedoras tão necessária e facilitou sua resolução para baixo de acordo com o modo de vida tinha sido usados para nos seus países de origem: a cidade alemã e judaica *shtetl*". (No entanto, esta separação arrumada tornou-se turva quando mais tarde judaicas chegadas do oeste também se estabeleceram nas cidades e formaram guetos urbanos.) "Não só a educada *burguesia*, mas o clero também estava predominantemente alemão - uma consequência natural da Polónia optando pelo Catolicismo Romano e girando em direção a civilização ocidental, tal como o clero Russo após a conversão de Vladimir à ortodoxia grega era predominantemente bizantina. Cultura secular seguido no mesmo sentido, os passos do vizinho ocidental mais velho. A primeira universidade polonesa foi fundada em 1364 em Cracóvia, então uma city.* predominantemente alemão [um de seus alunos no próximo século foi Nicolau Copérnico ou Mikolaj Koppernigk quem patriotas poloneses e alemães mais tarde afirmou que sua nacional.] Como Kutschera, austríaca, colocou, concebendo um pouco:

Os colonos alemães foram inicialmente consideradas pelas pessoas com suspeita e desconfiança; ainda que eles conseguiram em conquistar uma posição cada vez mais firme e mesmo na introdução do sistema educacional alemão. Os pólos aprenderam a apreciar as vantagens da maior cultura introduzida pelos alemães e imitar suas maneiras estrangeiras. A aristocracia polonesa cresceu afeiçoada de costumes alemão e encontrou a beleza e o prazer em tudo o que veio de Germany.¹³

Não é exatamente modesto, mas essencialmente verdadeira. Lembra-se a alta estima para alemão *Kultur* entre os intelectuais russos do século XIX. "É fácil ver por que imigrantes Khazar despejando em Polónia medieval tinham que aprender alemão se eles queriam obter sobre. Aqueles que tinham fechar contactos com a população nativa que

sem dúvida também teve que aprender alguns pidgin polonês (ou lituano, ou ucraniano ou esloveno); Alemão, no entanto, era uma necessidade primordial em qualquer contato com as cidades. Mas havia também a sinagoga e o estudo de thora em Hebraico. Um pode visualizar um artesão *shtetl*, um sapateiro talvez, ou um comerciante de madeira, falando alemão quebrado para seus clientes, quebrado polonês para servos da propriedade ao lado; e em casa misturando os bits mais expressivos de ambos com o hebraico em um tipo de linguagem privada íntimo. Como esta Miscelânea tornou-se communalized e padronizada na medida em que ele fez, é palpito de qualquer lingüista; mas pelo menos um pode discernir alguns fatores adicionais que facilitou o processo.

■Entre os imigrantes mais tarde para a Polônia havia também, como já vimos, um certo número de judeus "reais" dos países alpinos, Boêmia e Alemanha Oriental. Mesmo que seu número era relativamente pequeno, esses judeus de língua alemã foram superiores em cultura e aprendendo a Cazares, apenas como os gentios alemão eram culturalmente superiores aos poloneses. E assim como a Igreja Católica clero foi alemã, assim os rabinos judeus do Ocidente foram um fator poderoso para a germanização dos Cazares, cujo o Judaísmo era fervoroso mas primitivo. Citando Poliak novamente:

Os judeus alemães que chegaram ao Reino da Polônia-Lituânia teve uma enorme influência em seus irmãos do Leste. A razão por que os judeus [Khazar] foram tão fortemente atraídos a eles foi que admirava seu aprendizado religioso e sua eficiência em fazer negócios com a predominantemente alemão cidades.... A língua falada no *Heder*, escola para ensino religioso e na casa de *Ghevir* [notável, rico homem] viria a influenciar a língua do community.¹⁴ todo

Um trato rabbinical da Polónia do século XVII contém o desejo piedoso: "Podem Deus será que o país ser cheios de sabedoria e que todos os judeus falam alemão."¹⁵■Caracteristicamente, o único sector entre os judeus de Khazar na Polónia que resistiu tanto as tentações mundanas e espirituais oferecidas pela língua alemã foram as caraítas, que rejeitaram rabbinical aprendizagem e enriquecimento material. Assim, eles nunca tomaram a iídiche. De acordo com o censo de toda a Rússia primeiro em 1897, havia 12894 Karaites judeus vivendo no império czarista (que, naturalmente, incluía Polónia). Destes 9666 deu turco como sua língua materna (ou seja, presumivelmente seu dialeto original Khazar), 2632 falou russo e só falava iídiche. ■A seita de Karaites, no entanto, representa a exceção e não a regra. Em geral, populações de imigrantes, fixando-se em um novo país tendem a lançar sua língua original dentro de duas ou três gerações e adotar a linguagem do seu novo country.* [isto não, evidentemente, aplicável aos conquistadores e colonizadores, que impõem sua língua sobre os nativos.] Os americanos netos de imigrantes da Europa Oriental nunca aprendem a falar polonês ou ucraniano e encontrar a jabber-wocky dos seus avós um pouco cômico. É difícil ver como os historiadores poderiam ignorar a evidência para a migração de Khazar na Polónia pelo facto de mais de meio milénio mais tarde eles falam uma língua diferente. ■Aliás, os descendentes das tribos bíblicas são o exemplo clássico de adaptabilidade linguística. Primeiro eles falavam Hebraico; no exílio babilônico, Caldéia; na época de Jesus, aramaico; em Alexandria, grego; em Espanha, Arabic, mas mais tarde Ladino - uma mistura de Espanhol-Hebraico, escrito em caracteres hebraicos, o equivalente a sefarditas iídiche; e assim vai. Eles preservado sua identidade religiosa, mas línguas alteradas em sua conveniência. Cazares não eram descendentes de tribos, mas, como já vimos, eles compartilharam um certo cosmopolitismo e outras características sociais com seus correligionários.

Poliak propôs uma hipótese adicional sobre as origens cedo de iídiche, que merece ser mencionado, apesar de ser bastante problemática. Ele pensa que a "forma de início Yiddish emergiu nas regiões góticas da Criméia Khazar. Nessas regiões as condições de vida eram obrigadas a trazer sobre uma combinação de elementos germânicos e hebraico centenas de anos antes da Fundação dos assentamentos nos reinos da Polônia e Lituânia."16  Poliak cita como prova indireta uma certa Joseph Barbaro de Veneza, que viveu em Tana (uma colônia mercante italiana no estuário do Don) entre 1436 e 1452, e quem escreveu que seu servo alemão poderia conversar com um gótico da Criméia apenas como um florentino poderia compreender a linguagem de um italiano de Génova. Com efeito, a língua gótica sobreviveu na Criméia (e aparentemente em nenhum outro lugar), pelo menos, para o meio do século XVI. Nesse momento o embaixador de Habsburg em Constantinopla, Ghiselin de Busbeck, conheci pessoas da Crimeia e fez uma lista de palavras do gótico que eles falaram. (Esta Busbeck deve ter sido um homem notável, pois foi ele quem primeiro introduziu lilás e tulipa de Levante para Europa.) Poliak considera este vocabulário se aproximar os elementos do alto alemão médio encontrados em iídiche. Pensa os godos da Criméia manteve contato com outras tribos germânicas e que sua língua foi influenciada por eles. Qualquer um pode pensar dele, é uma hipótese merecem atenção do lingüista.

"Em certo sentido," escreveu Cecil Roth, "idade das trevas judaica pode ser disse para começar com o renascimento."17  Anterior em, houve massacres e outras formas de perseguição durante as cruzadas, a peste negra e em outros pretextos; mas estas foram focos sem lei de massviolence, opôs-se ativamente ou passivamente tolerada pelas autoridades. Desde o início da contra-reforma, no entanto, os judeus foram legalmente degradados ao status de não-muito-humanos, em muitos aspectos comparáveis para os intocáveis no sistema de castas Hindu. ".Algumas comunidades sofridas para manter-se na Europa Ocidental - ou seja, na Itália, Alemanha e as possessões papais no sul da França - foram finalmente submetidas a todas as restrições que eras anteriores geralmente tinham autorizado a permanecer um ideal "18 - ou seja, que já existia em decretos eclesiásticos e outros, mas manteve-se em papel (como, por exemplo, na Hungria, veja acima, V, 2). Agora, no entanto, essas portarias "ideais" eram impiedosamente impostas: segregação residencial, apartheid sexual, exclusão do respeitado todas as posições e profissões; vestindo roupas distintivas: amarelo crachá e chapéus cônicos. Em 1555 Papa Paulo IV em sua bula *cum nimis absurdum* insistiu na aplicação rigorosa e coerente dos decretos anteriores, confinar judeus para guetos fechados. Um ano mais tarde os judeus de Roma foram transferidas à força. Todos os países católicos, onde judeus ainda gozavam de relativa liberdade de circulação, terem de seguir o exemplo.  Na Polônia, o período de lua de mel inaugurado por Casimiro o grande tinha durado mais do que em outros lugares, mas no final do século XVI ele tinha executado seu curso. As comunidades judaicas, que agora se limita a *shtetl* e gueto, tornou-se superlotadas, e os refugiados do massacres cossacos nas aldeias ucranianos sob Chmelnicky (ver acima, V, 5) levaram a uma rápida deterioração da situação de habitação e as condições económicas. O resultado foi uma nova onda de emigração massiva em Hungria, Boêmia, ' Romênia e a Alemanha, onde os judeus que todos, mas haviam desaparecido com a peste negra ainda finas foram espalhados.  Assim, foi retomada a grande trek a oeste. Foi continuar através de quase três séculos,

até a Segunda Guerra Mundial e se tornou a principal fonte das Comunidades judaicas existentes na Europa, Estados Unidos e em Israel. Quando sua taxa de fluxo diminuiu, os massacres do século XIX forneceu um novo impulso. "O segundo movimento Ocidental", escreve Roth (datando o primeiro com a destruição de Jerusalém), que continuou até o século XX, pode ser disse para começar com os mortais Chmelnicki massacres de 1648-49 na Polónia."19

6

A evidência citada em capítulos anteriores acrescenta-se a um forte argumento a favor dos historiadores modernos - se austríaco, israelenses ou polonês que, independentemente umas das outras, têm argumentado que a maior parte do moderno judaísmo é não da Palestina, mas de origem caucasiana. O mainstream de migrações judaicas não fluiu do Mediterrâneo em toda a França e a Alemanha a leste e, em seguida, novamente. O fluxo movido na direcção oeste consistentemente, do Cáucaso através da Ucrânia à Polónia e daí para a Europa Central. Quando essa aglomeração de massa sem precedentes na Polónia entrou em beng, simplesmente não havia suficiente judeus em torno do Ocidente à conta enquanto no Oriente toda a nação estava em movimento para novas fronteiras. Naturalmente seria insensato negar que judeus de origem diferente também contribuíram para a mundo-comunidade judaica existente. É impossível estabelecer a relação numérica de Khazar o semita e outras contribuições. Mas a evidência cumulativa faz um inclinado a concordar com o consenso dos historiadores poloneses que "em tempos antigos a granel principal originou-se do país Khazar"; e que, por conseguinte, a contribuição de cazar para a constituição genética dos judeus deve ser substancial e com toda a probabilidade dominante.

A décima terceira tribo

por
Arthur koestler

VIII RAÇA E MITO

1

OS judeus de nossos tempos caem em duas divisões principais: sefarditas e Ashkenazim. As sefarditas são descendentes dos judeus que, desde a antiguidade, tinham vivido em Espanha (em Hebraico *Sefarad*) até que foram expulsos no final do século XV e se estabeleceram nos países que fazem fronteira com o Mediterrâneo, os países dos Balcãs e em menor medida na Europa Ocidental. Eles falavam um dialeto Espanhol-Hebraico, Ladino (ver VII, 3) e preservou suas próprias tradições e ritos religiosos. Na década de 1960, o número de sefarditas foi avaliado em 500000. Os Ashkenazim, no mesmo período, numeradas cerca de onze milhões. Assim, em comum linguagem, judeu é praticamente sinónimo de Ashkenazi judeu. Mas o termo é

enganador, para a palavra hebraica *que Asquenaz* foi, na literatura rabínica medieval, aplicada à Alemanha - contribuindo assim para a lenda que o judaísmo moderno se originou no Reno. Há, no entanto, não há outro termo para se referir à maioria não-sefarditas do judaísmo contemporâneo. De piquantry ser mencionado que o *Ashkenaz* da Bíblia se refere a um povo vivendo em algum lugar nas proximidades do Monte Ararat e Armênia. O nome ocorre em Gênesis 10, 3 e em Chronicles 1, 6, como um dos filhos de Gomer, que era filho de Jafé. Asquenaz é também um irmão de Togarma (e sobrinho de Magog quem Cazares, de acordo com o rei D. José, reivindicaram como seu ancestral (ver II, 5) mas pior estava por vir). Por Ashkenaz também é chamado em Jeremias 51, 27, onde o profeta chama seu povo e os seus aliados a subir e destruir Babilônia: "Apelo te os reinos de Ararat, Minni e Asquenaz." Esta passagem foi interpretada pelo famoso Saadiah Gaon, líder espiritual do judaísmo Oriental no décimo século, como uma profecia relativa ao seu próprio tempo: Babilônia simbolizava o Califado de Bagdá e Asquenaz que foram para atacá-lo foram os cazares próprios ou algum aliado tribo. Nesse sentido, diz Poliak, 1 alguns aprenderam Khazar judeus, que ouviu argumentos engenhosos da Gaon, se chamavam Ashkenazim quando eles emigraram para a Polônia. Ela não prova nada, mas aumenta a confusão.

2

Em suma uma controvérsia muito velha e amarga em um parágrafo lacônico, Raphael Patai escreveu: 2

As conclusões da antropologia física mostram que, contrariamente à opinião popular, não há nenhuma raça judaica. Antropométricas medições de grupos judaicos em muitas partes do mundo indicam que eles diferem muito entre si com relação a todas as características físicas importantes - estatura, peso, cor de pele, cephalic index, índice facial, grupos sanguíneos, etc.

Este é, de facto, a visão aceita hoje entre os antropólogos e historiadores. Além disso, existe consenso geral que as comparações de índices cranianos, tipos de sangue, etc., mostram uma maior similaridade entre judeus e seu Gentile-nação anfitriã do que entre judeus vivendo em países diferentes. Contudo, paradoxalmente, a crença popular de que judeus, ou pelo menos alguns tipos de judeus, podem ser imediatamente reconhecidos como tal, deve não ser demitida fora de mão - pela simples razão de que ele tem uma base factual na existência quotidiana. Provas dos antropólogos parecem estar em desacordo com a observação comum. No entanto, antes de tentar resolver a contradição aparente, será útil examinar alguns exemplos de dados no qual se baseia a negação dos antropólogos de uma raça judaica. Para começar com, aqui está uma citação da excelente série de folhetos sobre "A corrida pergunta na moderna ciência" publicado pela UNESCO. O autor, Professor Juan Comas, retira o material estatístico (seu itálico) à seguinte conclusão:

Assim, apesar do modo de exibição normalmente realizado, o povo judeu é racialmente heterogêneo; suas migrações constantes e as suas relações - voluntárias ou não - com uma ampla variedade de Nações e povos trouxeram sobre tal grau de cruzamentos que *o assim chamado povo de Israel pode produzir exemplos de traços típicos de cada povo*. Para a prova será suficiente para comparar a rubicund, sturdy, fortemente construído Roterdão judeu com seu co-religionist, dizer, em Salônica com

olhos brilhando em um rosto doentio e físico magro, tenso. Daí, que vai de nosso conhecimento, nós pode afirmar que judeus como um todo apresentam como grande um grau de disparidade morfológica entre si como poderia ser encontrada entre membros de dois ou mais diferentes raças.³

Em seguida, nós deve olhar para algumas das características físicas que antropólogos usam como critério e em conclusões de Comas quais sejam baseiam. Um dos mais simples - e como ele girou para fora, mais ingênua - destes critérios foi estatura corporal. Em *The Races of Europe*, uma monumental obra publicada em 1900, William Ripley escreveu: "os judeus da Europa são todos subdimensionados; não só isso, eles são mais frequentemente absolutamente atrofiados." ⁴ Ele foi até a um ponto certo no momento, e ele produziu um amplo estatísticas para provar isso. Mas ele foi perspicaz o suficiente para supor que esta deficiência na altura de alguma forma pode ser influenciada pelo factors.⁵ ambiental onze anos mais tarde, Maurice Fishberg publicado *Os judeus - A estudo da raça e do ambiente*, a pesquisa antropológica primeira de seu tipo em inglês. Ela revelou o fato surpreendente de que os filhos de imigrantes judeus europeus de Leste para os EUA cresceram a uma altura média de 167.9 cm. comparado ao 164,2 cm. em média, por seus pais - um ganho de quase uma polegada e meia em um único generation.⁶ desde então tornou-se um lugar-comum que os descendentes de populações imigrantes - se judeus Italianos ou japoneses - são consideravelmente mais altos que os pais, sem dúvida devido à sua dieta melhorada e outros fatores ambientais. Fishberg, em seguida, recolhidos estatísticas comparando a altura média de judeus e Gentios na Polônia, Áustria, Romênia, Hungria e assim por diante. Novamente, o resultado foi uma surpresa. Em geral, foi apurado que a estatura dos judeus variou com a estatura da população não judia entre os quais viviam. Eles eram relativamente altas, onde a população indígena é alto e vice-versa. Além disso, dentro da mesma nação e mesmo dentro da mesma cidade (Varsóvia) a altura corporal de judeus e gentios foi encontrada variar de acordo com o grau de prosperidade da district.⁷ tudo isto não significa que hereditariedade não tem influência na altura; mas é sobrepostas e modificado por influências ambientais, sendo imprópria como critério de raça. Agora, nós pode girar para medições cranianas - que eram uma vez que a grande moda entre os antropólogos, mas agora é considerada um pouco desatualizada. Aqui encontramos novamente com o mesmo tipo de celebração derivada de dados: "uma comparação dos índices cephalic das populações de judeus e não judeus em vários países revela uma semelhança acentuada entre os índices de judeus e não judeus em muitos países, ao mesmo tempo mostrando muito grandes variações quando são comparados os índices de cephalic de populações judaicas que habitam países diferentes. Assim, um é conduzido à conclusão de que esse recurso, sua plasticidade não resistir, aponta para uma diversidade racial dos judeus."⁸ Esta diversidade, deve ser observado, é mais pronunciado entre judeus asquenazes e sefarditas. Em geral, os Sefardins são dolichocephalic (long-headed), os Ashkenazim braquicefálico (ampla-cabeça). Kutschera viu esta diferença uma mais uma prova da origem racial separada do Khazar-Ashkenazi e judeus sefarditas de línguas semíticas. Mas acabamos de ver que os índices de curto- ou long-headedness são co-variant com as anfitrião-nações - que de certa forma invalida o argumento. As estatísticas das outras características físicas também falam contra a unidade racial. Geralmente, os judeus são cabelos escuros e darkeyed. Mas como geral é "geralmente", quando, de acordo com Comas, 49 por cento dos judeus poloneses eram luz-haired, 9. o e 54 por cento das crianças nas escolas judaicas na Áustria tinha olhos azuis? ¹⁰ é verdadeiro que Virchov¹¹ encontrou "apenas" 32 por cento dos estudantes judeus loiros na Alemanha, enquanto que a proporção dos gentios

loiros era maior; mas que apenas mostra que o co-variance não é absoluta - como seria de esperar. .A prova mais difícil até agora vem de classificação de grupos sanguíneos. Recentemente foi feita uma grande quantidade de trabalho neste domínio, mas é suficiente citar um único exemplo com um indicador particularmente sensível. Nas palavras do Patai:

Ao tipo de sangue, grupos judaicos mostram diferenças consideráveis entre si e marcadas semelhanças no ambiente Gentile. Hirszfeld "índice bioquímico"

$$\frac{(A + AB)}{(B + AB)}$$

pode ser usado mais convenientemente para expressar isso. Alguns exemplos típicos são: 2.74 de judeus alemães, alemão gentios 2.63; Romanas judeus 1.54, romenas gentios 1,55; Judeus poloneses 1,94, polonês gentios 1,55; Judeus marroquinos 1.63, marroquinos gentios 1,63; Judeus iraquianos 1.22, iraquianos gentios 1.37; Turquistão judeus 0.97, Turquistão gentios 0.99.12

Um pode resumir esta situação em duas fórmulas matemáticas:

$$GA-Ja < Ja-Jb$$

e:

$$GA-Gb \approx Ja-Jb$$

Isso quer dizer que, globalmente, a diferença de critérios antropológicos entre gentios (Ga) e judeus (Ja), num determinado país (a) é menor do que a diferença entre judeus em países diferentes (a e b); e a diferença entre gentios nos países a e b é similar à diferença entre judeus em um e b..Parece apropriado encerrar esta seção com outra citação de contribuição de Harry Shapiro à série da UNESCO - "O povo: A biológica história judaica": 13

A vasta gama de variação entre populações judaicas em suas características físicas e a diversidade das freqüências de gene de seu grupos sanguíneos render que qualquer Unificação classificação racial para eles uma contradição em termos. Pois embora moderna teoria racial admite algum grau de polimorfismo ou variação dentro de um grupo racial, ele não permite que grupos distintamente diferentes, medidos por seus próprios critérios de raça, para ser identificado como um. Para fazer isso faria efeitos biológicos da classificação racial fútil e todo o procedimento arbitrário e sem sentido. Infelizmente, este assunto é raramente inteiramente divorciado de considerações não-biológicos, e apesar da evidência os esforços continuarem a ser pagas de alguma forma segregar os judeus como uma entidade distinta racial.

Como surgiu este fenómeno de gêmeo diversidade de características somáticas e conformidade para o país-sede--? Resposta óbvia dos geneticistas é: através da miscigenação combinada com pressões seletivas. ".Isso", escreve Fishberg," é, de facto, o ponto crucial da antropologia dos judeus: eles são de raça pura, mais ou menos modificada por influências ambientais, ou eles são uma seita religiosa composta de

elementos raciais adquiridos pelo proselitismo e casamentos inter-raciais durante sua migração em várias partes do mundo? " E ele deixa seus leitores em nenhuma dúvida sobre a resposta: 14

Começando com tradições e evidência bíblica, parece que mesmo no início da formação da tribo de Israel eles já foram compostos de vários elementos raciais.... Podemos encontrar na Ásia menor, Síria e Palestina naquela época muitas corridas - amorreus, que foram Loiras, dolichocephalic e altura; os hititas, uma corrida escuro-complexioned, provavelmente do tipo mongolóide; os Cushites, uma raça negróide; e muitos outros. Com todos estes os antigos hebreus casaram, como pode ser visto em muitas passagens da Bíblia.

Os profetas podem trovão contra "se casar com filhas de um Deus estranho", mas os israelitas promíscuos não foram intimidados, e seus líderes foram acima de tudo dar um mau exemplo. Até mesmo o primeiro patriarca, Abraão, cohabitado com Hagar, um egípcio; Joseph casou-se com Asenath, que era não só egípcio, mas a filha de um padre; Moisés casou-se com uma midianita, Zípora; Sansão, o herói judeu, era um filisteu; A mãe do Rei David era uma moabita, e ele casou-se com uma princesa de Geshur; como para o rei Salomão (cuja mãe era uma hitita), "Ele amou muitas mulheres estranhas, incluindo a filha do faraó, as mulheres dos moabitas, Animonites, edomitas, Zidonians e hititas..." 15 E por isso a *chronique scandaleuse* vai sobre. A Bíblia também deixa claro que o exemplo real foi imitado por muitos, altos e baixos. Além disso, a proibição bíblica de se casar com gentios isentos cativos feminino em tempos de guerra - e não havia nenhuma falta deles. O exílio babilônico não melhorou pureza racial; mesmo membros de famílias sacerdotais casou-se com mulheres Gentios. Em suma, no início da diáspora, os israelitas já eram uma raça completamente hibridizada. Então, naturalmente, eram mais históricas das Nações, e o ponto não precisaria salientando se não fosse o mito persistente da bíblica Tribo tendo preservada sua pureza racial ao longo dos tempos. Outra fonte importante de cruzamentos foram o grande número de pessoas das mais variadas raças convertidas ao judaísmo. Testemunha o zelo catequizador dos judeus de épocas anteriores são os Falasha da pele preto Abissínia, o chinês judeus de Kai-Feng que olham como o chinês, os judeus iemenita com sua azeitona tez escura, as tribos berberes judaica do Saara que olham como Tuaregues, e assim por diante, para nosso exemplo, Cazares. Mais perto de casa, proselitismo judeu atingiu o auge do Império Romano entre a queda do Estado judeu e a ascensão do cristianismo. Muitas famílias patrícias na Itália foram convertidas, mas também a família real que governou a província de Adiabena. Philo fala de numerosos convertidos na Grécia; Flávio Josefo relata que uma grande parte da população de Antioquia foi Judaized; St. Paul encontrou-se com prosélitos em suas viagens mais ou menos em todos os lugares de Atenas para a Ásia menor. "O fervor do proselitismo", escreveu o historiador judeu th. Reinach, 16 "foi, de facto, um dos traços mais característicos do judaísmo durante a época greco-romana - uma característica que nunca possuiu no mesmo grau, antes ou desde.... Não podemos duvidar que judaísmo desta forma feitas inúmeras converte durante dois ou três séculos.... O enorme crescimento da nação judaica no Egito, Chipre e Cyrene não pode ser contabilizado sem supondo uma infusão abundante de sangue Gentile. Proselitismo balançado tanto as maiúsculas e as classes mais baixas da sociedade." A ascensão do cristianismo retardou a taxa de miscigenação, e o gueto pôr uma extremidade temporária mas antes que as regras de gueto estritamente foram aplicadas no século XVI, o processo ainda passou. Isso é

mostrado pela sempre-repetida eclesiásticas interdições de casamentos mistos - por exemplo, pelo Concílio de Toledo, 589; o Conselho de Roma, 743; o primeiro e o segundo de Latrão conselhos 1123 e 1139; ou o Édito do rei Ladislav II da Hungria em 1092. Que todas estas proibições foram apenas parcialmente eficazes é mostrado, por exemplo, no relatório do Arcebispo húngaro Robert von grão ao Papa AD 1229, queixando-se que muitas mulheres cristãs são casadas aos judeus, e que dentro de alguns anos "muitos milhares de cristãos" perderam-se desta forma a Church.¹⁷ O bar só eficaz foram as paredes do gueto. Quando estas desintegrado, intermarriages iniciado novamente. Sua taxa de aceleração de tal maneira que na Alemanha, entre 1921 e 1925, de cada 100 casamentos envolvendo judeus, 42 foram mixed.¹⁸ Como para o sefardita, ou "verdadeiros" judeus, sua estada em Espanha, para mais de um milênio deixou sua marca indelével sobre si e sobre seus hospedeiros. Como Arnold Toynbee escreveu:

Há todos os motivos para acreditar que em Espanha e Portugal hoje há uma forte tintura do sangue desses judeus convertidos em veias ibéricas, especialmente nas classes média e superior. Mas o psicanalista mais agudo iria encontrá-lo difícil, se amostras da vida superior- e classe média espanhola e portuguesa foram apresentadas a ele, para detectar quem tinha ancestors.¹⁹ judaica

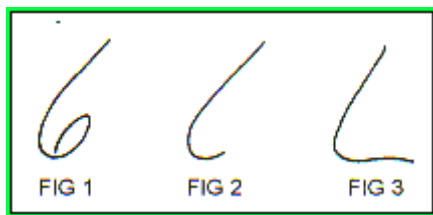
O processo funcionou ambas as maneiras. Após os massacres de 1391 e 1411 que varreu a península, mais 100000 judeus uma estimativa moderada - aceitou o batismo. Mas uma parte considerável deles continuou a prática o judaísmo em segredo. Estes cripto-judeus, Marranos, prosperados, subiram para altos cargos na corte e na hierarquia eclesiástica e casaram-se com a aristocracia. Após a expulsão de todos os judeus impenitente da Espanha (1492) e Portugal (1497) os Marranos eram consideradas com a crescente suspeita; muitos foram queimados pela Inquisição, a maioria emigrou no século XVI para os países do Mediterrâneo, a Holanda, Inglaterra e França. Uma vez em segurança, eles abertamente reverteu a sua fé em, junto com deslocadas 1492-7, fundaram novas comunidades sefarditas nestes países. Assim, observação de Toynbee sobre a ascendência de híbrido dos estratos superiores da sociedade na Espanha também se aplica, *mutatis mutandis*, às comunidades sefarditas da Europa Ocidental. Os pais de Spinoza eram Marranos portugueses, que emigrou para Amesterdão. Antigas famílias judaicas da Inglaterra (que chegou aqui muito antes do influxo do século XIX-XX do Leste), os Montefiores, Lousadas, Montecchios, Avigdors, Sutros, Sassoons, etc., tudo saiu do copo de mistura ibérico e não pode reivindicar nenhuma origem racial mais pura do que o Ashkenazis - ou os judeus chamados Davis, Harris, Phillips ou Hart. Um tipo aflitivamente recorrente do evento foi a miscigenação por estupro. Que também tem uma longa história, começando na Palestina. Dizem, por exemplo, que um certo ben Juda Flat contra seu filho casar com uma mulher que não era da "semente de Abraão", após o que seu amigo Ulla comentou: "Como sabemos para certos que nós próprios não descendem de bárbaros que violaram as donzelas de Sião no cerco de Jerusalém?"²⁰ Estupro e pilhagem (o montante destes últimos muitas vezes prefixada) foi considerada um direito natural de um exército conquistador. Há uma antiga tradição, gravada por Graetz, que atribui a origem dos primeiros assentamentos judeus na Alemanha a um episódio que lembra o estupro das mulheres de Sabine. De acordo com esta tradição, uma unidade alemã, a Vangioni que lutaram com as legiões romanas na Palestina, "tinha escolhido a vasta Horda de prisioneiros judeus as mulheres mais bonitas, trouxe-os voltar para suas estações de rádio nas margens do Rio Reno e o principal e tinha obrigou-os a ministro a satisfação dos seus desejos. As crianças assim, nascidas de pais judeus e alemães foram criadas por suas mães na fé judaica, seus pais não

incomodando-se sobre eles. É destas crianças que disseram ter sido os fundadores das primeiras comunidades judaicas entre Worms e Mainz."21 Na Europa Oriental estupro era ainda mais comum. Citando Fishberg novamente:

Tal infusão violenta de Gentile sangue nas veias do rebanho de Israel tem sido especialmente frequente em países Slavonic. Um dos métodos preferidos dos cossacos para arrancar dinheiro dos judeus era tomar um grande número de prisioneiros, sabendo bem que os judeus seriam refém-los. Que foram violadas as mulheres assim resgatadas por estas tribos semi-savage é evidente. Na verdade, o "Conselho de the quatro terras", na sua sessão no Inverno de 1650, tinha que tomará conhecimento das mulheres pobres e crianças nascidas de maridos cossaco durante o cativeiro e, assim, restaurar a ordem na família e na vida social dos judeus. Atrocidades semelhantes foram... mais uma vez perpetradas sobre mulheres judias na Rússia durante os massacres em 1903-5.22

4

E ainda - para retornar para o paradoxo - muitas pessoas, que não são nem racialists nem anti-semitas, convencidas de que eles são capazes de reconhecer um judeu em um único olhar. Como é esse possível se os judeus são tão muitos híbrido como história e antropologia mostrar-lhes ser?.Parte da resposta, eu acho, foi dada por Ernest Renan em 1883: "*Il n'y a pas un tipo juif il y um des tipos juifs.*"23 O tipo de judeu que pode ser reconhecido "at a glance" é um tipo especial entre muitos outros. Mas apenas uma pequena fração de catorze milhões de judeus pertencem a esse tipo específico, e aqueles que parecem pertencer a ela de nenhuma maneira sempre são judeus. Uma das características mais proeminentes - literal e metaforicamente - que é dito para caracterizar que tipo particular é o nariz, variadamente descritos como semítico, Aquilino, distorcido ou lembrando o bico de uma águia (*bec d'aigle*). Mas, surpreendentemente, entre os judeus 2836 em New York City, Fishberg encontrou que apenas 14 por cento - ou seja, uma pessoa em sete - tinha um nariz distorcido; enquanto 57 por cento eram hetero-cheirado, 20 por cento eram snub-nosed e 6,5 por cento tinha "narizes planas e amplas". 24. Outros antropólogos veio com smiilar resultados de Semitic narizes na Polônia e a Ukraine.25 aliás, entre os verdadeiras semitas, tais como raça Bedoums, desta forma de nariz *parece não ocorrer em todos os*.26 Por outro lado, ele é "muito frequentemente atendido entre as diversas tribos caucasianas e também na Ásia menor. Entre as raças indígenas nesta região, tais como os armênios, georgianos, Ossets, Lesghians, Aissors e também os sírios, nariz aquilino é a regra. Entre as pessoas que vivem em países do Mediterrâneo, da Europa, como os gregos, italianos, francês, espanhol e português, o nariz aquilino também é mais freqüentemente encontrado do que entre os judeus da Europa Oriental. Os índios norte-americanos também muitas vezes têm narizes 'Judeus'."27 Assim, o nariz sozinho não é um guia muito seguro para identificação. Apenas uma minoria - um determinado tipo de judeu - parece ter um nariz convexo, e muitos outros grupos étnicos também têm-lo. Ainda intuição diz um que estatísticas dos antropólogos devem estar de alguma forma erradas. Uma maneira engenhosa deste enigma foi sugerida por Beddoc e Jacobs, que sustentou que o "nariz judeu" não precisa ser realmente convexo no perfil e ainda pode dar a impressão de ser "viciado", devido a uma peculiar "tucking acima das asas", um revolver das narinas.



Para provar seu ponto que é este "nostrility", que fornece a ilusão de beakedness, Jacobs convida aos seus leitores "para gravar uma figura 6 com uma cauda longa (Fig. 1); Remover agora a vez de torção, como na Fig. 2, e muito dos judeus desaparece; e ele desaparece totalmente quando chamamos a continuação inferior horizontalmente, como na Fig. 3".

Ripley, citando Jacobs, comenta: "Eis que a transformação! O judeu tornou-se Roman para além de uma dúvida. O que nós revelaram então? Que existe na realidade este fenómeno como um nariz judeu, mesmo que seja diferente na sua composição do nosso primeiro pressuposto [o critério da convexidade].²⁸ Mas existe? Figura 1 ainda poderia representar um italiano, ou grego, ou espanhol ou armênio ou Indian Red nose, "nostrility" incluído. Que é um judeu, e não um vermelho indiano, armênio, etc., nariz podemos deduzir - rapidamente - no contexto de outros recursos, incluindo expressão, comportment, vestido. Não é um processo de análise lógica, mas sim na natureza da percepção Gestalt do psicólogo, o agarramento de uma configuração como um todo. Considerações semelhantes aplicam-se a cada uma das características faciais consideradas tipicamente judaico - "sensuais lips"; cabelo escuro, ondulado ou crinkly; melancolia, ou astúcia, ou abaulamento ou fenda olhos de Mongol e assim por diante. Tomados separadamente, são de propriedade comum das mais variadas Nações; juntos, como um semblante, elas combinam em um protótipo de - para dizê-lo mais uma vez - *um particular* tipo de judeu, de origem europeia Oriental, o tipo com o qual estamos familiarizados. Mas nossa identi-kit seria *não* caber os vários outros tipos de judeus, tais como os Sefardins (incluindo seus descendentes muito anglicizadas na Grã-Bretanha); nem o tipo Slavonic da Europa Central, nem teutônico loiro, mongolóide fenda-eyed ou os tipos de Negroid crinkly cabelos de judeus. Não podemos ter certeza de reconhecer com certeza ainda esse protótipo limitado. A coleção de retratos publicado por Fishberg ou Ripley, pode ser usado para um jogo de "believe it or not", se você cobrir a legenda indicando se a pessoa retratada é judeu ou gentio. O mesmo jogo pode ser jogado em um terraço da caf em qualquer lugar perto da Costa do Mediterrâneo. Ela, naturalmente, permanecerá inconclusiva porque você não pode andar até o assunto experimental e perguntar depois de sua religião; mas se você jogar o jogo na empresa, o montante de desacordo entre o vereditos dos observadores será uma surpresa. Sugestionabilidade também desempenha um papel. "Você sabia que Harold é judeu?" "Não, mas agora que você mencionou é claro pode ver it.," "Você sabia que a família real (este ou aquele) tem sangue judeu?" "Não, mas agora que você mencionou...." Hutchinson *Raças da humanidade* tem uma imagem de três gueixas com a legenda: japonesa com fisionomia judaica. Depois de ter lido a legenda que você sente: "mas é claro. Como poderia eu ter faltado?" E quando você jogou este jogo há algum tempo, você começará a ver judaicos recursos - ou Khazar - em todos os lugares.

Outra fonte de confusão é a extrema dificuldade de separar as características hereditárias de aqueles moldada pelo fundo social e outros fatores no ambiente. Deparámos com este problema, quando se discute a estatura corporal como um critério racial alegada; mas a influência de fatores sociais na fisionomia, comportamento, fala, gesto e traje funciona de maneiras mais sutil e mais complexas na montagem

normalizada judaica. Vestuário (mais penteado) é o mais óbvio desses fatores. Se ajustar fora alguém com costeletas longas corkscrew, crânio-cap, bordada larga chapéu preto e preto longo cafetã e você reconhecer rapidamente o tipo judeu ortodoxo; qualquer que seja sua nostrility, ele vai olhar judaico. Existem outros indicadores menos drásticos entre as preferências sartorial de certos tipos de judeus de certas classes sociais, combinadas com acentos e maneirismos de fala, gestos e comportamento social. Pode ser um desvio para fugir um pouco dos judeus e ouvir um escritor francês que descreve como seus compatriotas saber um inglês "at a glance" bem-vindo. Michel Leiris, além de ser um eminente escritor, é diretor de pesquisas no *Centre National de la Recherche Scientifique* e membro da equipe a *Muse de l'Homme*:

... É absurdo falar um inglês "raça" ou até mesmo a considerar o português como sendo da raça "Nórdica". Na verdade, a história ensina que, como todas as pessoas da Europa, o povo inglês se tornou o que é através de sucessivas contribuições de diferentes povos. Inglaterra é um país celta, parcialmente colonizado por sucessivas ondas de saxões, dinamarqueses e os normandos de França, com alguma adição de estoque romana desde a idade de Júlio César em diante. Além disso, enquanto um inglês pode ser identificado por sua maneira de vestir, ou até mesmo pelo seu comportamento, é impossível dizer que ele é um inglês apenas de sua aparência física. Entre os ingleses, entre outros europeus, existem pessoas justas e escuro, homens altos e curto, dolichocephalics e brachycephalics. Pode alegar-se que um inglês pode ser facilmente identificado de determinadas características externas que dar-lhe um "olhar" de sua autoria: retenção da gesto (ao contrário do convencional gesticulating sulista), atitude e expressão facial, todos expressando o que é geralmente incluído sob o termo um pouco vago de "catarro". No entanto, quem fez esta afirmação seria provavelmente serão encontradas em falta em muitos casos, de nenhuma maneira todos os ingleses tem estas características, e mesmo se eles são as características do inglês "típico", o facto de ainda permaneceria que essas características para fora são não "físico" no verdadeiro sentido: corporais, atitudes e movimentos e expressões do rosto todos vêm sob o título de comportamento; e sendo hábitos determinados pelo fundo social do sujeito, são culturais, não "natural". Além disso, embora vagamente descritível como "traços", eles tipificam não uma nação inteira, mas um grupo social particular dentro dele e, portanto, não podem ser incluídos entre as marcas distintivas da race.²⁹

No entanto, quando Leiris diz que expressões faciais não são "físico", mas "come sob o título de comportamento" ele parece ignorar o fato de que o comportamento pode modificar as características dos indivíduos e, portanto, deixar seu carimbo no seu "físico". Um só tem que pensar em certos traços típicos em fisionomias do envelhecimento presunto-atores, sacerdotes que vivem no celibato, de carreira-soldados, condenados que serve penas de longa duração, marinheiros, agricultores e assim por diante. Seu modo de vida afeta não só a sua expressão facial, mas também suas características físicas, dando assim a impressão errada de que estas características são de origin.* hereditário ou "racial" [Emenon escreveu em seu ensaio "Inglês traços": "cada seita tem sua fisionomia. Os Metodistas adquiriram um rosto, os Quakers um rosto, as freiras um rosto. Um inglês irá apontar fora um dissidente por suas maneiras. Profissionais esculpir suas próprias linhas em faces e formas."] Se posso acrescentar uma observação pessoal encontrei com frequência nas visitas aos Estados Unidos

Central Europeu amigos da minha juventude que emigraram antes da Segunda Guerra Mundial e a quem eu não tinha visto para alguns trinta dos quarenta anos. Cada vez que fiquei espantado ao descobrir que eles não só vestida, falaram, comeram e se comportou como os americanos, mas haviam adquirido uma fisionomia americana. Eu sou incapaz de descrever a alteração, exceto que ele tem algo com uma ampliação da mandíbula e um certo olhar em e ao redor dos olhos. (Um amigo antropólogo atribuído a antiga para o aumento da utilização da musculatura maxilar na pronúncia americana e o olhar como um reflexo da raça de rato e a propensão resultante de úlceras duodenais.) Fiquei satisfeito ao descobrir que isso era não devido a minha imaginação joga truques - Fishberg, escrito em 1910, fez uma observação similar: "... O elenco das alterações de semblante muito facilmente sob uma mudança de ambiente social. Registei uma rápida mudança entre os imigrantes para os Estados Unidos.... Note-se melhor a nova fisionomia quando alguns destes imigrantes regressarem às suas casas nativas.... Este fato oferece uma excelente prova que os elementos sociais em que um homem se move exercem uma profunda influência sobre suas características físicas."30

•O potenciômetro de derretimento proverbial parece estar produzindo uma fisionomia americana - um fenótipo mais ou menos padronizado emergindo de uma grande variedade de genótipos. Até mesmo a raça chinesa e japonesa dos Estados parece ser afetados pelo processo até certo ponto. De qualquer forma, muitas vezes um pode reconhecer um americano "at a glance", independentemente do vestido e da fala e independentemente do seu dono italiano, polonês e alemão ascendência de enfrentar.

6

Em qualquer discussão sobre a herança biológica e social dos judeus, a sombra do gueto deve avultar. Os judeus da Europa e América e até mesmo do Norte de África, são filhos do gueto, em não mais que quatro ou cinco gerações removidas. Qualquer que seja a sua origem geográfica, dentro das muralhas de gueto eles viviam em todos os lugares em mais ou menos o mesmo *ambiente*, submetidos durante vários séculos para a mesma formação, ou deformativa, influencia. •Na perspectiva do geneticista, podemos distinguir três tais influências principais: endogamia, deriva genética, seleção. •*Inbreeding* pode participaram, em um período diferente, tão grande na história judaica racial como seu oposta, hibridização. Desde os tempos bíblicos à era da segregação forçada e novamente em tempos modernos, a miscigenação foi a tendência dominante. No meio, esticado três a cinco séculos (de acordo com o país) de isolamento e endogamia - no sentido estrito de casamentos consanguíneos e em um sentido mais amplo de endogamia dentro de um grupo pequeno, segregado. Consanguinidade carrega o perigo da aproximação deletérios recessivos e permitindo que eles entrem em vigor. A elevada incidência de idiotice congênita entre os judeus tem sido conhecida por muito tempo, 31 e foi provavelmente um resultado de consanguinidade prolongada - e não, como alguns antropólogos afirmaram, uma peculiaridade racial semita. Malformações físicas e mentais são visivelmente freqüentes em aldeias alpinas remotas, onde a maioria das lápides no adro do Igreja mostram um dos nomes da família de uma meia dúzia. Não há Cohen ou Levys entre eles. •Mas consanguinidade também pode produzir cavalos de raça campeão através de combinações genéticas favoráveis. Talvez ele contribuiu para a produção de cretinos e gênios entre as crianças do gueto. Isso lembra um ditado de Chaim Weizmann: "os judeus são como outras pessoas, apenas mais ainda." Mas genética tem pouca informação para oferecer neste campo. •Outro processo que pode ter afetado profundamente o povo no gueto é "*deriva genética*" (também conhecido como o efeito Sewall Wright). Refere-se à perda dos traços hereditários em

populações pequenas, isoladas, porque nenhum dos seus membros fundadores aconteceu possuir os genes correspondentes, ou porque somente alguns possuíam-los mas não conseguiram transmiti-los para a próxima geração. Deriva genética pode assim produzir consideráveis transformações nas características hereditárias das pequenas comunidades. «As pressões seletivas ativo dentro dos muros do gueto deve ter sido de uma intensidade raramente encontrada na história. Por um lado, desde que os judeus foram excluída verificação da agricultura, eles tornaram-se completamente urbanizados, concentrado em cidades ou *shtetls*, que se tornou cada vez mais superlotadas. Como resultado, a citar Shapiro, "as epidemias devastadores que varreu cidades medievais e vilas, a longo prazo teria mais seletivo sobre populações judaicas do que em qualquer outro, deixando-os com imunidade progressivamente maior, conforme o tempo passou... e seus descendentes modernos representaria, portanto, os sobreviventes de um processo seletivo rigoroso e específico."32 Isso, ele pensa, pode representar a raridade da tuberculose entre os judeus e sua longevidade relativa (amplamente ilustrado por estatísticas coletadas por Fishberg). «As pressões hostis que rodeiam o gueto ranged from frio desprezo a actos esporádicos de violência a massacres organizados. Vários séculos de viver em tais condições devem ter favorecido a sobrevivência dos glibbest, a mais flexível e mentalmente resiliente; em uma palavra, digite o gueto. Se tais traços psicológicos baseiam-se em disposições hereditárias em que o processo seletivo Opera, ou são transmitidos por herança social através do condicionamento da infância, é uma questão controversa ainda quente entre antropólogos. Nós ainda não sabemos até que ponto um alto QI é atribuível a hereditariedade e em que medida a *milieu*. Tomemos, por exemplo, abstemiousness uma vez proverbial dos judeus que algumas autoridades sobre alcoolismo consideradas como um trait.33 racial, mas um pode assim como interpretá-lo como outra herança do gueto, o resíduo inconsciente de viver por séculos em condições precárias que tornava perigoso para baixar sua guarda; o judeu com a estrela amarela em suas costas teve que manter-se cauteloso e sóbrio, enquanto vê com desprezo divertido as palhaçadas de "goy bêbado". Repulsa contra o álcool e outras formas de debauch foi inculcada de pai para filho em sucessivas gerações - até que as memórias do gueto desapareceram e com a assimilação progressiva, particularmente nos países anglo-saxões, a ingestão de álcool aumentou progressivamente. Assim abstemiousness, como tantas outras características judaicas, acabou por ser, afinal de contas, uma questão de herança social e não biológica. «Por último, há ainda um outro processo evolutivo - seleção sexual - que pode ter contribuído em produzir os traços que temos vindo a considerar como tipicamente judaica. Ripley parece ter sido o primeiro a sugerir isso (seu itálico): "O judeu é radicalmente misturado na linha de *descendência racial*; por outro lado, ele é o herdeiro legítimo ao judaísmo tudo como uma questão de *Escolha*.... Ela afetou cada detalhe de sua vida. Por que ele também não deve reagir ao seu ideal de beleza física? e por que não influenciam suas preferências sexuais, bem como determinar sua escolha no casamento? Seus resultados, assim, tornou-se acentuado através da hereditariedade."34 «Ripley não investigar ideal com a do gueto"da beleza física". Mas Fishberg fez e veio com uma sugestão atraente: "para o judeu estritamente ortodoxo na Europa Oriental, uma pessoa muscular forte é um Esaú. O ideal de um filho de Jacó foi durante os séculos antes de meados do século XIX, «um homem jovem seda»."35 Isto foi um jovem delicado, anemia, esbelto com uma expressão melancólica, todos os cérebros e nenhum brawn. «Mas, ele continua, "na Europa Ocidental e América há neste momento uma forte tendência na direção oposta. Muitos judeus são orgulhosos do fato de que eles não se parecem com judeus. Considerando isso, é necessário reconhecer que não há mal um futuro brilhante para o

elenco de 'Judeu' chamado de semblante."36 "Menos os, poderemos adicionar, entre jovens israelenses.

Resumo

Na primeira parte deste livro que eu tentei rastrear a história do Império Cazar com base em códigos-fonte existentes escassa. Na parte II, capítulos V-VII, eu compilei a evidência histórica que indica que a maior parte do judaísmo Oriental - e, portanto, do mundo judaísmo - é de origem Khazar-turca, em vez de línguas semíticas. Neste último capítulo que tentei mostrar que a prova de Antropologia concorda com história em refutar a crença popular em uma raça judaica descende a tribo bíblica. Na perspectiva do antropólogo, dois grupos dos factos militam contra essa crença: a grande *diversidade* dos judeus à características físicas e sua *similaridade* com a população Gentile em meio a quem eles vivem. Ambos são refletidos nas estatísticas sobre altura corporal, índice craniano, grupos de sangue, cabelo e cor de olho, etc. Consoante estes critérios antropológicos é encarada como um indicador, que mostra uma maior similaridade entre judeus e seu Gentile-nação anfitriã do que entre judeus vivendo em países diferentes. Resumindo esta auto-complacência, sugeri as fórmulas: Ga-Ja < Ja-Jb; e Ga-Gb \approx Ja-JB. A explicação biológica evidente para ambos fenômenos é a miscigenação, que tomou formas diferentes em situações históricas diversas: casamentos, em grande escala proselitismo, rape como um acompanhamento constante (legalizado ou tolerado) da guerra e pogrom. A crença de que, não obstante os dados estatísticos, existe um tipo de judeu reconhecível baseia-se em grande parte, mas não inteiramente em vários equívocos. Ele ignora o fato de que características consideradas tipicamente judaica em relação aos povos nórdicos deixam de aparecer assim em um ambiente Mediterrâneo; Ele não tem conhecimento do impacto do ambiente social sobre o físico e o semblante; e confunde biológica com herança social. No entanto, existem certos traços hereditários que caracterizam um determinado tipo de judeu contemporâneo. À luz da moderna genética de populações, estas podem em grande medida ser atribuídas a processos que operou durante vários séculos nas condições de segregação do gueto: endogamia, deriva genética, pressão seletiva. Os últimos operaram de várias maneiras: seleção natural (por exemplo, através de epidemias), seleção sexual e, mais duvidosamente, a seleção de caracteres recursos favorecendo a sobrevivência dentro dos muros do gueto. adição de In a estes, hereditariedade social, por meio de condicionamento infância, agiu como um poderoso factor formativo e deformativo. Cada um desses processos contribuiu para o surgimento do tipo de gueto. **No período post-ghetto tornou-se progressivamente diluída.** Quanto à composição genética e aparência física do estoque pre-ghetto, sabemos nada. No modo de exibição apresentado neste livro, este estoque "original" era predominantemente turca misturado numa medida desconhecido com antiga Palestina e outros elementos. Não é possível dizer qual dos chamados recursos típicos, tais como o "nariz judeu", é um produto de seleção sexual no gueto ou a manifestação de um especial gene tribal "persistente". Uma vez que "nostrility" é freqüente entre os povos do Cáucaso e pouco frequente entre os beduínos semita, temos um ponteiro mais para o papel dominante desempenhado pela "décima terceiro tribo" na história biológica dos judeus.

A décima terceira tribo

por
Arthur Koestler

Apêndices
APÊNDICE I
UMA NOTA SOBRE ORTOGRAFIA

A ortografia neste livro é consistentemente inconsistente. É consistente na medida em que, onde eu ter citado outros autores, têm preservado sua própria ortografia dos nomes próprios (o que mais você pode fazer?); Isto conduziu à aparente inconsistência que a mesma pessoa, cidade ou tribo é frequentemente soletrado diferentemente em passagens diferentes. Daí Kazar, cazar, Chazar, Chozar, Chozr, etc.; mas também de Ibn Fadlan e ibn-Fadlan; Al Masudi e al-Masudi. Como para meu próprio texto, adotei essa ortografia particular que me pareceu menos desconcertante aos leitores de língua inglesa que não acontecerá a ser orientalistas profissionais. T. e. Lawrence foi um orientalista brilhante, mas ele foi tão implacável em sua ortografia como ele era em incursões turcas guarnições. Seu irmão, R. W. Lawrence, explicou no seu prefácio ao *Seven Pillars of Wisdom*:

A ortografia dos nomes árabes varia muito em todas as edições, e eu tenho feito sem alterações. Ele deve ser explicado que apenas três vogais são reconhecidas em árabe e que algumas das consoantes não têm equivalentes em inglês. Prática geral dos orientalistas nos últimos anos tem sido a adoptar um dos vários conjuntos de sinais convencionais para as letras e marcas de vogal do alfabeto árabe, transliteração Mohamed, Muhammad, muezzin como mu'edhdhin e Corão, Alcorão ou Kur'an. Esse método é útil para aqueles que sabem o que significa, mas este livro segue a moda antiga de escrever as melhores aproximações fonéticas de acordo com a ortografia do inglês ordinária.

Ele, em seguida, imprime uma lista do publisher consultas *ad* ortografia e respostas de T. F. Lawrence; por exemplo: *Consulta*: "Slip [folha de galé] 20. Nuri, Emir de Ruwala, pertence à família chefe' do Rualla'. Slip 23 'Cavalo de Rualla', e 38 de Slip, 'matou um Rueli'. Em todas as posteriores enxertos 'Rualla'." *Resposta*: "deveria ter também utilizado Ruwala e Ruala." *Consulta*: "Slip 47. Jedha, she-camel, foi Jedhah no Slip 40." *Resposta*: "ela era uma esplêndida besta." *Consulta*: "Slip 78. Sherif Abd el Mayin de Slip 68 fica el principal, el Mayein, el Muein, el Mayin e el Muyein." *Resposta*: "Bom ovo. Eu chamo isso realmente engenhoso." *Se tais são as dificuldades de transcrever o árabe moderno, confusão torna-se pior confundiu quando os Orientalistas voltam para textos medievais, que colocam problemas adicionais devido a mutilações por copistas descuidadas. A primeira tradução inglesa de "Ebn Haukal" (ou ibn Hawkal) foi publicada AD 1800 por Sir William Ouseley, Knt. LL.D.* [Ibn Hawkal escreveu seu livro em árabe, mas Ouseley o traduziu de uma Persa Tradução.] Em seu prefácio, Sir William, um orientalista eminente, proferiu esta tocando *cri de cour*:*

As dificuldades decorrentes de uma irregular combinação de letras, a confusão de uma palavra com o outro e a omissão total, em algumas linhas, de pontos diacrítico, deveria não me queixar, porque o hábito e atenção perseverante permitiram-me a

superá-los em passagens de descrição geral ou frases de construção comum; mas os nomes de pessoas ou de lugares nunca antes visto ou ouvido falar, e que o contexto não poderia ajudar na decifração, quando os pontos diacritical foram omitidos, conjectura sozinha poderia fornecer-lhes, ou agrupamento com um manuscrito mais perfeito.... «Não obstante o que acabo de dizer, e embora os escritores mais instruídos em Hebraico, Arabick e literatura persa, fizeram observações sobre o mesmo assunto, podem talvez, ser necessário demonstrar, através de um exemplo específico, a extraordinária influência desses pontos diacritical [freqüentemente omitido por copistas]. «Um exemplo será suficiente - vamos supor as três letras formando o nome Tibbet para ser alienados de seus pontos diacritical. O primeiro caractere pode ser processado, pela aplicação de um ponto acima, um N; dois pontos de um T, de três pontos um TH ou S; se um ponto é colocado sob, torna-se um B - se dois pontos, um y e se três pontos, um p. De maneira semelhante o segundo personagem pode ser afectado, e o terceiro caractere pode ser, de acordo com a adição de pontos, processado um B, P, T e TH ou S.* [original desta citação é animada por cartas no script persa, que eu tenha omitido em bondade para as editoras.]

APÊNDICE II

UMA NOTA SOBRE AS FONTES

(A) ANTIGAS FONTES

NOSSO conhecimento da história cazar é principalmente derivado de fontes árabes, bizantino, Russo e hebraico, com provas corroborativas da origem persa, síriaco, armênio, georgiano e turco. Comentarei apenas algumas das principais fontes.

1. Árabe

Os primeiros historiadores árabes diferem de todos os outros no âmbito exclusivo de suas composições. Cada evento é relacionado nas palavras de testemunhas oculares ou contemporâneos, transmitidos para o narrador final através de uma Cadeia de intermediários repórteres, cada um dos quais passados no relatório original para o seu sucessor. Muitas vezes a mesma conta é dada em duas ou mais formas ligeiramente divergentes, que vieram para baixo através de diferentes cadeias de repórteres. Muitas vezes, também, um evento ou um detalhe importante é contada de várias formas de várias instruções contemporâneas transmitido para o narrador final através de linhas distintas da tradição.... O princípio ainda é que o que já foi bem dito uma vez precisa não ser dito novamente em outras palavras. O escritor, portanto, mantém-se tão perto como ele pode para a letra de suas fontes, para que um escritor tardio reproduz muitas vezes as próprias palavras do narrador primeiro....

Assim, as duas autoridades clássicas no campo, h. r. r. Gibb e M.J. de Goeje, em seu artigo comum na historiografia árabe em edições anteriores do *Encyclopaedia Britannica*.¹ Ele explica as dificuldades excruciante no sentido de rastrear a fonte original que, como muitas vezes não é perdida - com as sucessivas versões de historiadores posteriores, compiladores e plagiadores. Torna freqüentemente impossível

colocar uma data em um episódio ou uma descrição do estado das coisas em um determinado país; e a incerteza do namoro pode variar mais de um século inteiro em passagens onde o autor dá conta no presente sem uma clara indicação de que ele cita alguma fonte no passado distante. Acrescente a isso as dificuldades de identificação de pessoas, tribos e lugares, devido à confusão sobre ortografia, além dos caprichos de copistas, e o resultado é um quebra-cabeça com metade as peças em falta, outros de origem estranha, lançada e apenas os contornos nuas da imagem perceptível. As principais contas árabes da Cazária, mais frequentemente citado nestas páginas, são por Ahmad Ibn Fadlan, al-Istakhri, Ibn Hawkal e al-Masudi. Mas somente algumas delas podem ser chamadas "principais" fontes, tais como Ibn Fadlan, que fala de primeira mão experiência. Conta do Ibn Hawkal, por exemplo, escrita *por volta de 977*, é quase inteiramente com base do Istakhri, escrito em torno de 932; que, por sua vez é suposto ser baseada em um trabalho perdido pelo geógrafo el-Balkhi, que escreveu cerca de 921. Sobre a vida desses estudiosos e a qualidade da sua erudição, sabemos muito pouco. Ahmad Ibn Fadlan, o diplomata e observador astuto, é aquele que se destaca mais vividamente. No entanto, como nós nos movemos ao longo da cadeia através do décimo século, podemos observar sucessivas etapas da evolução da ciência jovem da historiografia. El-Balkhi, o primeiro na cadeia, marca o início da escola clássica de geografia árabe, em que a ênfase principal está em mapas, enquanto o texto descritivo é de importância secundária. Istakhri mostra uma melhora acentuada com uma mudança de ênfase de mapas para texto. (Sobre sua vida, nada se sabe; e o que sobrevive de seus escritos é, aparentemente, apenas uma sinopse de um trabalho maior.) Com Ibn Hawkal (sobre quem só sabemos que ele era uma viagem mercante e missionário) é alcançado um avanço decisivo: o texto não é mais um comentário sobre os mapas (como em Balkhi e ainda parcialmente em Istakhri), mas torna-se uma narrativa em sua própria direita. Por último com Yakut (1179-1229) chegamos, dois séculos mais tarde, a idade dos compiladores e Tartaras. Sobre ele sabemos pelo menos que nasceu na Grécia e vendido como um menino sobre o mercado de escravos em Bagdá para um comerciante que tratou gentilmente e utilizava-o como um tipo de viajante comercial. Após sua libertação ele tornou-se um livreiro ambulante e acabaram por se instalar em Mossul, onde escreveu sua grande enciclopédia de história e geografia. Este importante trabalho inclui conta da Istakhri e Ibn Fadlan Cazares. Mas, infelizmente, Yakut erroneamente atribui narrativa do Istakhri também a Ibn Fadlan. Como as duas narrativas diferem em pontos importantes, sua atribuição para o mesmo autor produziu vários absurdos, com o resultado que Ibn Fadlan tornou-se um pouco desacreditado aos olhos dos historiadores modernos. Mas eventos tomaram um rumo diferente com a descoberta do texto integral do relatório de Ahmad Ibn Fadlan sobre um antigo manuscrito em Meshhed, Pérsia. A descoberta, que criou uma sensação entre os Orientalistas, foi feita em 1923 pelo Dr Zeki Validi Togan (sobre quem mais abaixo). Ele não só confirmou a autenticidade das seções do relatório de Ahmad Ibn Fadlan sobre Cazares citado por Yakut, mas também continha passagens omitidas por Yakut que assim eram previamente desconhecidos. Além disso, após a confusão criada por Yakut, Istakhri/Ibn Hawkal e Ibn Fadlan agora foram reconhecidos como fontes independentes que corroborado mutuamente uns aos outros. O mesmo valor de corroboração anexa os relatórios de Rusta de Ibn, al-Bekri ou Gardezi, que tive ocasião pouco citar precisamente porque seus conteúdos são essencialmente semelhantes para as principais fontes. Fonte de outro, aparentemente independente foi al-Masudi (morrido cerca de 956), conhecido como "o Heródoto árabes". Ele foi um viajante incansável, insaciável curiosidade, mas historiadores árabes modernos parecem ter uma visão bastante atitude dele. Assim, a Encyclopaedia of Islam diz que suas viagens foram motivadas "por um forte desejo de conhecimento. Mas isso

foi superficial e não profundo. Ele nunca entrou em fontes originais, mas se contentou com pedidos de informação superficiais e aceita contos e lendas sem crítica." Mas isso também poderia ser dito de outros historiographers medievais, cristão ou árabe.

2. Bizantino

Entre fontes bizantinas, de longe o mais valioso é de Constantino VII Porfirogênito *De Admistrando Imperio*, escrito cerca de 950. É importante não só por causa das informações que ele contém sobre Cazares próprios (e particularmente sobre a sua relação com os magiares), mas por causa dos dados fornece o Rus e os povos das estepes do Norte. (904-59) O estudioso-imperador Constantino era um personagem fascinante - nenhuma maravilha Arnold Toynbee confessou ter "perdido seu coração" para him² - um caso de amor com o passado, que começou em seus dias de graduação. O resultado foi de Toynbee monumental *Constantino Porfirogênito e seu mundo*, publicado em 1973, quando o autor tinha oitenta e quatro. Como o título indica, a ênfase é tanto sobre personalidade de Constantino e o trabalho sobre as condições do mundo em que ele - e Cazares - viveram. Mas a admiração de Toynbee por Constantino não fez-lhe esquecer limitações do imperador como um estudioso: "as informações reunidas no *De Administrando Imperio* foram coletadas em datas diferentes de diferentes fontes, e o produto não é um livro em que os materiais têm sido digerido e coordenado por um autor; é uma coleção de arquivos que foram editados apenas superficialmente."³ E mais tarde: "*De Administrando Imperio e De Caeromoniis*, no estado em que Constantino legou-los para a posteridade, atingirá a maioria dos leitores como sendo de lamentável confusão."⁴ (Constantino próprio foi azedas convencido de que *De Caeromoniis* era uma "obra-prima técnica" Além de ser "um monumento de erudição exata e um trabalho de amor" ⁵.) Críticas semelhantes tinham sido dubladas anteriormente por Bury, ⁶ e por Macartney, tentar resolver declarações contraditórias de Constantino sobre as migrações de Magyar: "...Faremos bem em recordar a composição do *De Administrando Imperio* - uma série de notas das mais diversas fontes, muitas vezes duplicar um ao outro, muitas vezes contradizendo uns aos outros e pregado junto com o amortecedor de edição."⁷ Mas devemos ter cuidado com de bathwaterism - jogando o bebê afastado com a água, como os críticos acadêmicos, por vezes, são aptos a fazer. Constantino foi privilegiado como nenhum outro historiador para explorar os arquivos imperiais e receber relatórios de primeira mão de seus funcionários e emissários retornando de missões no estrangeiro. Quando tratados com cuidado e em conjunto com outras fontes, *De Administrando* lança muita luz valiosa sobre esse período escuro.

3. Russo

Além de folclore transmitida oralmente, lendas e canções (tais como o "Lay de Host de Igor"), o mais antigo escrito fonte em Russo é o *Povezt que o Vremennikh*, literalmente "conto de idos anos", por diversas vezes referido por autores diferentes como *a crônica primária russo*, *The Old russo Chronicle*, *The Chronicle russo*, *Pseudo-Nestor*, ou *o livro de anais*. É uma compilação, feita na primeira metade do século XII, de versões editadas das crônicas anteriores remonta ao início do décimo primeiro, mas incorporando tradições mesmo anteriores e registros. Pode portanto, como Vernadsky⁸ diz, "conter fragmentos de informação autêntica mesmo com relação no período compreendido entre o sétimo ao décimo século" - um período vital para história Cazar. O principal compilador e editor da obra foi provavelmente o monge aprendeu Nestor (n. 1056) no mosteiro da cripta em Kiev, embora isto seja uma questão controversa entre

especialistas (daí "Pesudo-Nestor"). Guia de perguntas de autoria à parte, o *Povezt* é um valor inestimável (embora não infalível) para o período que ela abrange. Infelizmente, ele pára com o ano 1112, apenas no início do ato de desaparecimento misterioso dos Cazares. As fontes em Hebraico medievais na Cazária serão discutidas no apêndice III.

(B) A MODERNA LITERATURA

Seria presunçoso para comentar sobre os modernos historiadores de renome citados nestas páginas, como Toynbee ou Bury, Vernadsky, Barão, Macartney, etc - que tem escrito sobre algum aspecto da história Cazar. Os seguintes comentários são confmed para os autores cujos escritos são de importância central para o problema, mas que são conhecidos apenas por uma parte especialmente interessada do público. Mais importante entre estes são o falecido Professor Paul F. Kahle e seu antigo pupilo, Douglas Morton Dunlop, no momento da escrita o Professor de história do Médio Oriente na Universidade de Columbia. Paul Eric Kahle (1875-1965) foi um líder orientalista e estudiosos massorético da Europa. Ele nasceu na Prússia Oriental, foi ordenado pastor luterano e passou seis anos como Pastor no Cairo. Posteriormente lecionou em várias universidades alemãs e em 1923 tornou-se diretor do famoso seminário orientais na Universidade de Bonn, um centro internacional de estudo que atraiu os Orientalistas de todo o mundo. "Não pode haver nenhuma dúvida", escreveu Kahle, 9 "que o caráter internacional do seminário, seu pessoal, seus alunos e seus visitantes, foi a melhor proteção contra a influência nazista e permitiu-na continuar com o nosso trabalho não perturbado durante quase seis anos do regime nazista na Alemanha... Fui durante anos o único Professor na Alemanha, que tinha um judeu, um rabino polonês, como assistente. " Não admira que, apesar de sua ascendência Ariana impecável, Kahle finalmente foi forçado a emigrar em 1938. Estabeleceu-se em Oxford, onde recebeu dois doutorados adicionais (em filosofia e teologia). Em 1963 ele retornou ao seu amada Bona, onde morreu em 1965. O catálogo do Museu Britânico tem vinte e sete títulos a seu crédito, entre eles *The Cairo Geniza* e *estudos de manuscritos do mar morto*. Entre os estudantes do Kahle antes da guerra em Bonn foi a orientalista jovem m. m. Dunlop. Kahle estava profundamente interessado na história de Cazar. Quando o historiador belga Professor Henri Grgoire publicou um artigo em 1937 questionar a autenticidade da "Correspondência Khazar", Kahle 10 levou-o a tarefa: "indiquei para Grgoire um número de pontos em que ele não poderia estar certo e eu tive a oportunidade de discutir todos os problemas com ele quando ele me visitou em Bona, em Dezembro de 1937. Decidimos fazer uma grande publicação conjunta - mas fez o plano impraticável a evolução política. Então propus a um antigo aluno de Bona da mina, d. m. Dunlop, que ele deve assumir o trabalho em vez disso. Ele era um estudioso capaz de lidar tanto com fontes de hebraico e árabe, sabia que muitas outras línguas e tinha a formação crítica para uma tarefa tão difícil."11 O resultado desta operação acadêmica foi de Dunlop *A história da judia Cazares*, publicado em 1954 pela Princeton University Press. Além de ser um sourcebook inestimável sobre a história do Khazar, fornece novas evidências para a autenticidade da correspondência (ver apêndice III), que Kahle totalmente endorsed.12 aliás, Professor Dunlop, nascido em 1909, é filho de um divino escocês, e seus hobbies são listados no quem é quem, como "o histórico andando de colina e escocesa". Assim, os dois principais apologistas do judaísmo cazar nos nossos tempos eram bons protestantes com um fundo eclesiástico, nórdico. Outro aluno da Kahle com um fundo totalmente diferente, estava Ahmed Zeki Zuriqune, o descobridor do manuscrito Meshhed da viagem de Ahmad Ibn Fadlan

próximo de Cazária. Para fazer justiça a este personagem pitoresca, pode fazer nenhuma melhor do que a citação de memórias: 13 de Kahle

Vários orientais muito proeminentes pertenciam ao pessoal do seminário [Bona]. Entre elas menciono Dr Zeki Validi, um protegido especial de Sir Aurel Stein, um Bashkir que fez seus estudos na Universidade de Kazan, e já antes da primeira guerra tinha se empenhado no trabalho de investigação na Academia de Petersburgo. Durante a guerra, e depois que ele tinha sido ativo como líder de *Bashkir-Armee* [aliado as bolchevistas], que havia sido criado em grande parte por ele. Ele tinha sido um membro da Duma russa e tinha pertencido durante algum tempo ao Comité de seis, entre os quais havia Lenin, Stalin e Trotzki. Mais tarde ele entrou em conflito com os bolchevistas e fugiu para a Pérsia. Como especialista em Turco - Bashkiriano sendo uma língua turca - tornou-se em 1924 conselheiro de Ministério da educação Mustafa Kemal em Ancara e mais tarde Professor de turcos na Universidade de Stambul. Após sete anos, quando solicitado, com os outros professores em Stambul, ensinar que toda civilização do mundo vem dos turcos, ele demitiu-se, foi para Viena e estudou história medieval sob Professor Dopsch. Depois de dois anos, ele conseguiu seu doutorado com uma tese excelente viagem de Ahmad Ibn Fadlan ao norte búlgaros, turcos e Cazares, cujo texto árabe tinha descoberto em um MS em Meshhed. Eu mais tarde publicou seu livro no "Abhandlungen fr die Kunde des Morgenlandes". De Viena I contratou ele como professor e mais tarde *Honorar Professor para Bonn*. Ele era um estudioso real, um homem de grande conhecimento, sempre pronto para aprender, e foi muito frutuosa colaboração com ele. Em 1938 ele voltou à Turquia e mais uma vez tornou-se Professor de turcos na Universidade de Stambul.

No entanto, outra figura impressionante de maneira diferente, foi Hugo Freiherr von Kutschera (1847-1910), um dos propounders início da teoria da origem Khazar do judaísmo Oriental. O filho de um alto funcionário austríaco, ele foi destinado a uma carreira diplomática e estudou na Academia de Viena, onde ele se tornou um especialista linguista, dominando o turco, árabe, persa e outras línguas orientais Oriental. Depois de servir como um anexo na embaixada, Austro-húngaro em Constantinopla, ele se tornou diretor de administração de 1882 em Sarajevo das províncias da Bósnia-Herzegovina, recentemente ocupada pelo Império Austro-Húngaro. Sua familiaridade com formas orientais da vida fizeram de uma figura popular entre os muçulmanos da Bósnia e contribuiu para a pacificação da província (relativa). Ele foi recompensado com o título de Freiherr (Barão) e várias outras honras. ■Após sua aposentadoria, em 1909, dedicou seus dias a seu hobby ao longo da vida, a conexão entre o judaísmo Europeu e Cazares. Já como um jovem ele tinha sido atingido pelo contraste entre sefardita e Ashkenazi judeus na Turquia e nos Balcãs; seu estudo sobre as fontes antigas sobre a história dos Cazares levou a uma crescente convicção que forneceram pelo menos uma resposta parcial para o problema. Ele era um historiador amador (embora uma lingüista quasi-professional), mas sua erudição foi notável; não há mal uma origem árabe, conhecida antes de 1910, ausente de seu livro. Infelizmente ele morreu antes que ele tivesse tempo para fornecer a bibliografia e referências a ele; *Die Chasaren - Historische Studie* foi publicado postumamente em 1910. Embora ele logo entrou em uma segunda edição, ele é raramente mencionado pelos historiadores. ■Abraham N. Poliak nasceu em 1910 em Kiev; Ele veio com sua família para a Palestina em 1923. Ocupou a cadeira de história judaica medieval na Universidade de

Tel Aviv e é autor de diversos livros em Hebraico, entre eles um *história dos árabes; Feudalismo em Egipto 1250-1900; Geopolítica de Israel e o Oriente Médio*, etc. Seu ensaio sobre "A conversão ao judaísmo cazar" apareceu em 1941 no hebraico Zion periódica e levou a controvérsias animadas; seu livro *Cazária* mais ainda. Ele foi publicado em 1944 em Tel Aviv (em Hebraico) e foi recebido com hostilidade - talvez compreensível-, como uma tentativa de minar a tradição sagrada sobre a descida do moderno judaísmo bíblico da tribo. Sua teoria não é mencionada na impressão *Encyclopaedia Judaica* 1971-2. Mathias Mieses, no entanto, cujas opiniões sobre a origem do judaísmo Oriental e a língua iídiche citei, realiza-se em alta estima académica. Nascido em 1885 na Galiza, estudou linguística e tornou-se um pioneiro da Filologia iídiche (embora ele escreveu principalmente em alemão, polonês e hebraico). Ele era uma figura notável na primeira conferência sobre a língua iídiche, Czernovitz, 1908, e seus dois livros: *Die Entstehungsursache der jdischen Dialekte* (1924) e *Die Jiddische Sprache* (1924) são consideradas como clássicos em seu campo. Mieses passou seus últimos anos em Cracóvia, foi deportado em 1944 com destino Auschwitz e morreu na viagem.

APÊNDICE III A "CORRESPONDÊNCIA KHAZAR"

1

A troca de cartas entre o estadista espanhol Hasdai ibn Shaprut e rei D. José da Cazária tem por muito tempo fascinou os historiadores. É verdade que, como Dunlop, escreveu: "a importância da correspondência Khazar pode ser exagerada. Por esta altura é possível reconstruir a história cazar em algum detalhe sem recorrer às cartas Hasdai e Joseph."¹ No entanto, o leitor pode estar interessado em um breve resumo do que é conhecido da história destes documentos. Carta do Hasdai aparentemente foi escrita entre 954 e 961, para a Embaixada da Europa Oriental que menciona he (capítulo III, 3-4) é acreditado para ter visitado Cordoba em 954 e califa Abd-al-Rahman, quem ele menciona como seu soberano, governou até 961. Que a carta foi realmente escrita pelo Secretário da Hasdai, Menahem ben-Sharuk - cujo nome consta o acróstico depois do Hasdai - foi estabelecida por Landau, 2 através de comparação com outro trabalho do Menahem. Assim, a autenticidade da carta do Hasdai não está mais na disputa, enquanto os elementos relativos à resposta de Joseph são necessariamente mais indireto e complexo. As menções mais antigo conhecidas da correspondência datam dos séculos XI e XII. Por volta do ano 1100 rabino Jehudah ben Barzillai de Barcelona escreveu em Hebraico seu "livro de the festivais" - *Sefer ha-Ittim* - que contém uma referência longo, incluindo citações directas, para a resposta de Joseph ao Hasdai. A passagem em questão no trabalho do Barzillai começa da seguinte forma:

Temos visto entre alguns outros manuscritos a cópia de uma carta que D. José, filho de Arão, o sacerdote Khazar escreveu a r. Hasdai bar Isaac.* [nome do Hasdai em Hebraico foi bar Isaac bar Shaprut. R (para rabino) é um título de cortesia.] Não sabemos se a carta é verdadeira ou não, e ifit é um facto que os cazares, que são turcos, tornou-se prosélitos. Não é definitivo, se tudo o que está escrito na carta é fato e verdade ou não. Pode haver falsidades escritas nele, as pessoas podem ter adicionado a ele ou pode haver erro do escriba.... A razão pela qual precisamos

escrever nesta nossas coisas do livro que parecem ser exagerado é que encontramos na carta deste Rei Joseph para r. Hasdai que r. Hasdai lhe tinha perguntado de que família ele foi, a condição do rei, como seus pais tinham sido recolhidos sob as asas da presença [ou seja, tornam-se converteu ao judaísmo] e foram como grandes seu Reino e o domínio. Ele respondeu a ele em cada cabeça, escrever todos os elementos na letter.³

Barzillai passa a citação ou paráfrase mais passagens da resposta de Joseph, deixando assim sem dúvida que a resposta já estava em existência logo em 1100 AD. Um toque particularmente convincente é adicionado pelo cepticismo acadêmico do rabino. Viver em Barcelona provincial, ele evidentemente sabia pouco ou nada sobre os cazares.

„Sobre a época em que o rabino Barzillai escreveu, o cronista árabe, Ibn Hawkal, também ouvido alguns rumores sobre o envolvimento do Hasdai com Cazares. Lá sobrevive uma nota enigmática, qual Hawkal Ibn anotou para baixo no mapa manuscrito, datado AH 479 - AD 1086. Diz:

Hasdai ibn-Ishaq * [versão árabe do nome. do Hasdai] pensa que esta grande montanha longa [Cáucaso] prende-se com as montanhas da Armênia e percorre o país dos gregos, estendendo-se até as montanhas da Armênia e Khazaran. Ele estava bem informado sobre essas partes porque ele visitou e conheceu suas principais Reis e men.⁴ líder

Parece mais improvável que Hasdai realmente visitado Cazária; mas devemos lembrar que ele se ofereceu para fazê-lo em sua carta, e que Joseph saudou com entusiasmo a perspectiva da resposta; Talvez o industrioso Hawkal ouvido algumas fofocas sobre a correspondência e extrapolados a partir daí, uma prática não desconhecida entre as cronistas da época. „Cerca de cinquenta anos mais tarde (AD 1140) Jehudah Halevi escreveu seu trato filosófico "The Cazares" (*Kuzri*). Como já disse, ele contém poucas informações factuais, mas sua conta da conversão ao judaísmo cazar concorda em linhas gerais com que dado por Joseph na resposta. Halevi não se refere explicitamente à correspondência, mas seu livro refere-se principalmente com a teologia, excluindo-se quaisquer referências históricas ou factuais. Ele provavelmente tinha lido uma transcrição da correspondência como Barzillai menos erudito tinha diante dele, mas a evidência é inconclusiva. „É inteiramente conclusivo, no entanto, no caso de ben Abraham Daud (cf. acima, II, 8) cujo popular *Sefer ha-Kabbalah*, escrito em 1161, contém a seguinte passagem:

Você vai encontrar congregações de Israel espalhou no estrangeiro desde a cidade de Sala na extremidade do Maghrib, tanto quanto Tahart no seu início, a extremidade da África [Ifriqiyah, Tunis], em toda a África, Egito, o país dos sabeus Arábia, Babilônia, Elam, Pérsia, Dedã, o país dos gírgaseus chamado Jurjan, Mazandaran, na medida do Daylam e o Rio Itil onde vivem os povos Khazar que se tornaram prosélitos. Seu rei d. José enviou uma carta para r. Hasdai, o Príncipe bar Isaac ben-Shaprut e informou-lhe que ele e todos seus povos seguiram a fé Rabbanite. Temos visto em Toledo alguns dos seus descendentes, alunos de sábio, e disseram-nos que o remanescente deles seguiu a faith.⁵ de Rabbanite

A primeira versão impressa da correspondência Khazar está contida em um panfleto em Hebraico, *Kol Mebasser*, "Voz do mensageiro de boas notícias". * [duas cópias do panfleto que pertencem a duas diferentes edições são preservadas na Biblioteca Bodleiana.] Foi publicada em Constantinopla em ou cerca de 1577 por Isaac Abraham Akrish. No seu prefácio Akrish relata que, durante suas viagens no Egito quinze anos antes ele tinha ouvido rumores de um reino judaico independente (estes rumores provavelmente se refere a Falashas da Abissínia); e o que posteriormente obteve "uma carta que foi enviada para o rei dos Cazares e a resposta do rei". Ele então decidiu publicar esta correspondência, a fim de levantar os espíritos de seus companheiros judeus. Ou não, ele pensou que ainda existia Cazária não é clara. Pelo menos o prefácio é seguido pelo texto de duas letras, sem mais comentário. Mas a correspondência não permaneceu enterrada no panfleto pouco obscuro da Akrish. Cerca de sessenta anos após a sua publicação, foi enviada uma cópia por um amigo de Johannes Buxtorf o jovem, um estudioso calvinista de grande erudição. Buxtorf foi um clérigo perito, que publicou uma grande quantidade de estudos na literatura rabínica e exegese bíblica. Quando ele leu o panfleto da Akrish, ele foi primeiro como céptico sobre a autenticidade da correspondência como rabino Barzillai tinha sido quinhentos anos antes dele. Mas em 1660 Buxtorf finalmente impresso o texto de ambas as letras em Hebraico e em uma tradução para o latim como um adendo ao livro de Jehudah Halevi em Cazares. Talvez era um óbvio, mas não é uma idéia feliz, para a inclusão, no âmbito de capas mesmas, conto lendário da Halevi dificilmente predispostos historiadores para levar a sério a correspondência. Foi apenas no século XIX que sua atitude mudou, quando mais se tornou conhecida, de fontes independentes, sobre Cazares.

3

A única versão do manuscrito que contém *tanto* Hasdai letra e Joseph, da resposta está na biblioteca de Christ Church em Oxford. De acordo com Dunlop e o perito russo, Kokovtsov, 6 o manuscrito "apresenta uma semelhança extremamente estreita com texto impresso" e "servido directamente ou indirectamente como fonte do texto impresso" It. 7 provavelmente remonta ao século XVI e é acreditado para ter sido na posse do Reitor da Christ Church, John Fell (quem Thomas Brown imortalizado com o seu "não te amoDr caiu... "). Outro manuscrito contendo de Joseph resposta mas não Hasdai letra é preservada na biblioteca pública de Leningrado. É consideravelmente mais longo do que o texto impresso de Akrish e o manuscrito de Igreja de Cristo; Nesse sentido é geralmente conhecido como a versão longa, como distinto de Akrish-Christ Church "Versão reduzida", que parece ser uma abreviação do mesmo. A versão longa é também consideravelmente mais velha; Ele provavelmente data do século XIII, a versão curta do décimo sexto. O historiador soviético Ribakov⁸ plausível tem sugerido que a versão longa - ou um texto mais antigo - tinha sido editado e compactado por copistas espanholas medievais para produzir resposta a versão curta de José. IAt neste ponto encontramos um arenque vermelho em toda a pista antiga. A versão longa é parte da chamada "coleção Firkowich" dos manuscritos hebraicos e epitáfios na biblioteca pública de Leningrado. Ele provavelmente veio o Cairo Geniza, onde a maior parte dos manuscritos da coleção se originou. Abraham Firkowich foi um estudioso do século XIX colorido que mereceria um apêndice de tudo a mesmo. Ele era uma grande autoridade em seu campo, mas ele também era um Zelote Karaite que queriam provar ao governo czarista que os caraitas eram diferentes dos judeus ortodoxos e não devem ser discriminadas por cristãos. Tendo em mente este objectivo louvável, ele medicado alguns de seus manuscritos antigos autênticos e epitáfios, interpolação ou adicionando

algumas palavras para dar-lhes um cunho de Karaita. Assim, a versão longa, tendo passado pelas mãos de Firkowich, foi saudada com uma certa desconfiança quando verificou-se, após a sua morte, em um pacote de outros manuscritos em sua coleção pelo historiador Russo Harkavy. Harkavy tinha ilusões sobre a confiabilidade da Firkowich, pois ele próprio tinha anteriormente denunciado algumas das interpolations.⁹ espúrio da Firkowich ainda Harkavy tinha dúvidas sobre a antiguidade do manuscrito; Ele publicou no original hebraico em 1879 e também na tradução russo e alemão, ¹⁰ aceitá-lo como uma primeira versão da carta de Joseph, da qual a versão curta foi derivada. Do Harkavy colega (e rival) Khvolson concordou que todo o documento foi escrito pela mesma mão e que continha sem acréscimos de qualquer kind.¹¹ por último, em 1932, a Academia Russa publicado livro autoritativo de Paul Kokovtsov, *O hebraico-Khazar correspondência no décimo século*¹² incluindo fac-símiles da versão longa da resposta na biblioteca de Leningrado, a versão curta na Igreja de Cristo e no panfleto do Akrish. Após uma análise crítica dos três textos, ele chegou à conclusão de que as versões curto e o longo sejam baseiam o mesmo texto original, que é em geral, embora não sempre, mais fielmente preservados na versão longa.

4

Estudo crítico da Kokovtsov e particularmente sua publicação de fac-símiles do manuscrito, praticamente liquidada a controvérsia - que, de qualquer forma, afectado apenas a versão longa, mas não carta de Hasdai e a versão curta da resposta. ■ Ainda uma voz da dissidência levantou-se de um quarto inesperado. Em 1941 Poliakov avançou a teoria de que a correspondência de Khazar foi, não é exatamente uma falsificação, mas um trabalho fictício escrito no século X com o objetivo de disseminação de informações sobre ou fazendo propaganda para o kingdom.¹³ judaica (ele poderia não ter sido escrito até o século XI, para, como já vimos, o rabino Barzillai Leia a correspondência sobre 1100e Ibn Daud citado em 1161). Mas esta teoria, plausível à primeira vista, efetivamente foi demolida por Landau e Dunlop. Landau foi capaz de provar que Carta da Hasdai na verdade foi escrita pelo seu Secretário Menahem ben-Sharuk. E Dunlop apontou que em Hasdai Carta faz uma série de perguntas sobre Cazária que Joseph não responder - que não é certamente a maneira de escrever um panfleto de informação:

Não há resposta próxima de Joseph para pedidos de informação quanto ao seu método de procissão ao seu lugar de culto, e para saber se a guerra tenha decidido revogar o sábado.... Existe uma marcada ausência de correspondência entre a carta e respostas dadas na resposta. Isso provavelmente deve ser considerada como uma indicação de que os documentos são o que purport ser e não uma invention.¹⁴ literária

Dunlop prossegue uma pergunta pertinente:

Por que a carta de Hasdai em tudo, que, embora consideravelmente mais do que a resposta de José, tem muito pouco sobre os cazares, se o propósito de escrever isso e a resposta foi, como Poliakov supõe, simplesmente para dar um relato popular da Cazária? Se a letra é uma introdução para as informações sobre os cazares na resposta, certamente é um muito curioso - cheio de fatos sobre a Espanha e os Omíadas que nada têm a ver com Khazaria.¹⁵

Dunlop, em seguida, fecha o argumento por um teste linguístico que prova conclusivamente que a carta e a resposta foram escritos por pessoas diferentes. A prova diz respeito a uma das características marcante da gramática hebraica, o uso do assim chamado "waw-conversive", para definir tensa. Não tentarei explicar essa peculiaridade gramatical intrincada, * [O leitor interessado pode consultar Weingreen, j., A prática gramatical para hebraico clássico, 2nd ed, (Oxford, 1959)] e em vez disso basta citar tabulação de Dunlop dos diferentes métodos utilizados na carta e na versão longa para designar passado ação: 16

	Waw Conversive with Imperfect	Simple Waw with Perfet
Hasdai's Letter	48	14
Reply (Long Version)	1	95

A versão curta da resposta, é usado o método primeiro (Hasdai) trinta - sete vezes, os segundo cinquenta vezes. Mas a versão curta usa o primeiro método principalmente em passagens onde a formulação difere da versão longa. Dunlop sugere que este é devido à posteriores editores espanhóis parafraseando a versão longa. Ele também ressalta que Carta da Hasdai em Espanha mourisca, contém muitos Arabisms (por exemplo, al-Khazar para Cazares), enquanto que a resposta não tem nenhuma. Por último, no que se refere o teor geral da correspondência, ele diz:

... Nada de decisivo parece ter sido alegada anainst o conteúdo factual da resposta de José na sua forma mais original, a versão longa. A diferença estilística suporta sua autenticidade. É o que pode ser esperado em documentos emanados das partes amplamente separadas do mundo judaico, onde também o nível da cultura era de nenhuma maneira o mesmo. Talvez seja permitido aqui gravar a impressão, para o que vale a pena, que em geral a língua da resposta é menos artificial, mais ingênua, do que o Letter.¹⁷

Resumindo, é difícil compreender por que os historiadores anteriores foram tão relutantes em acreditar que Khazar Kagan era capaz de ditar uma carta, que era conhecido que ele correspondeu com o imperador bizantino (recordamos os selos dos três sólidos); ou que piedosos judeus em Espanha e Egito devem ter diligentemente copiados e preservados uma mensagem do rei só judeu desde tempos bíblicos.

APÊNDICE IV

ALGUMAS IMPLICAÇÕES - ISRAEL E A DIÁSPORA

ENQUANTO este livro lida com o passado histórico, inevitavelmente traz certas implicações para o presente e o futuro. Em primeiro lugar, estou consciente do perigo que pode ser maliciosamente interpretado como uma negação do direito do Estado de Israel a existir. Mas esse direito não se baseia sobre as origens hipotéticas do povo judeu, nem sobre o convênio mitológico de Abraão com Deus; baseia-se em direito internacional - ou seja, decisão das Nações Unidas em 1947 para partição de Palestina, uma vez uma província turca, em seguida, um território de Mandated britânico, em um Estado judeu e um árabe. Qualquer que seja os israelitas dos cidadãos origens raciais e tudo o que ilusões entreter sobre eles, seu Estado existe *de jure* e *de facto* e não pode ser

desfeito, exceto por genocídio. Sem entrar em questões controversas, uma pode adicionar, por uma questão de fato histórico, que a partição da Palestina foi o resultado de um século de imigração judaica pacífica e esforço pioneiro, que fornecem a justificação ética da existência jurídica do Estado. Se os cromossomos de seu povo contêm genes de origem Khazar ou semita, Romano ou espanhol, é irrelevante e não podem afetar o direito de Israel a existir - nem a obrigação moral de qualquer pessoa civilizada, Gentile ou judeu, para defender esse direito. Até mesmo a origem geográfica dos pais ou avós o israelense nativo tende a ser esquecido no Caldeirão borbulhante racial. O problema da infusão Khazar mil anos atrás, no entanto fascinante, é irrelevante para moderno Israel. Os judeus que habitam, independentemente de suas origens axadrezadas, possuem os requisitos essenciais de uma nação: um país próprio, uma linguagem comum, governo e exército. Os judeus da diáspora não têm nenhum desses requisitos de nacionalidade. O que define-os distante como uma categoria especial de gentios em meio a quem eles vivem é sua religião declarada, se eles praticam ou não. Aqui reside a diferença básica entre israelitas e judeus da diáspora. O antigo adquiriram uma identidade nacional; estão rotulados como judeus apenas por sua religião - não por sua nacionalidade, não por sua raça. Isso, no entanto, cria um paradoxo trágico, porque a religião judaica - ao contrário do cristianismo, Budismo ou islamismo - implica a adesão de uma nação histórica, uma raça escolhida. Todas as festas judaicas comemorar eventos na história nacional: o êxodo do Egito, a revolta dos Macabeus, a morte do opressor Haman, a destruição do templo. O Antigo Testamento é, sobretudo, a narrativa da história de uma nação; Ele deu o monoteísmo ao mundo, ainda seu credo é tribal ao invés de universal. Cada oração e ritual observância proclama a pertença a uma raça antiga, que separa automaticamente o judeu de racial e histórica do passado das pessoas em cujo meio vive. A fé judaica, como mostrado por 2000 anos de história trágica, é nacionalmente e socialmente self-segregating. Ele diferencia o judeu e convida seu ser à parte. Ele automaticamente cria guetos físicos e culturais. Os judeus da diáspora transformado um *pseudo-nation* sem qualquer um dos atributos e privilégios da nação, vagamente realizada em conjunto por um sistema de crenças tradicionais com base em pressupostos históricos e raciais que despejam para ser ilusória. Judaísmo ortodoxo é uma minoria de fuga. Sua fortaleza foi Europa Oriental onde a fúria nazista atingiu o seu auge e varrido-los quase que completamente a face da terra. Seus sobreviventes dispersos no mundo ocidental já não carregam muita influência, enquanto a maior parte das Comunidades ortodoxas do Norte da África, o Iémen, Síria e Iraque emigrou para Israel. Assim, o judaísmo ortodoxo na diáspora está morrendo, e é a grande maioria dos judeus iluminados ou agnósticas que perpetuam o paradoxo por lealmente agarrados ao seu estatuto pseudo-national na convicção de que é seu dever preservar a tradição judaica. É, no entanto, não é fácil definir o que o termo "Tradição judaica" significa aos olhos desta maioria iluminada, que rejeitam a doutrina escolhido-corrida da ortodoxia. Essa doutrina à parte, as mensagens universais do antigo testamento - a entronização de um e Deus invisível, os dez mandamentos, o ethos dos profetas hebreus, os provérbios e salmos - tem entrou para o mainstream da tradição judaico-Helenic-cristã e tornam-se propriedade comum de judeu e Gentile igual. Após a destruição de Jerusalém, os judeus deixaram de ter uma língua e cultura secular do seus próprios. Hebraico como uma língua vernácula cedido ao aramaico antes do início da era cristã; os eruditos judeus e poetas em Espanha escreveram em árabe, outros mais tarde, em alemão, polonês, Russo, inglês e francês. Certas comunidades judaicas desenvolveram dialetos do seu próprios, tais como iídiche e Ladino, mas nenhum desses trabalhos produzidos comparável à impressionante contribuição judeu alemão, Austro-húngaro ou americano literatura. As principais, *especificamente* atividade literária

judaica da diáspora era teológica. Ainda Talmud, Cabala e os volumosos tomos de exegese bíblica são praticamente desconhecidos para o público judaico contemporâneo, embora sejam, repeti-lo uma vez mais, as únicas relíquias de uma tradição especificamente judaica - se esse termo tem um significado concreto - durante os últimos dois milênios. Em outras palavras, tudo o que saiu da diáspora é não especificamente judeu, ou não faz parte de uma tradição viva. As realizações filosóficas, científicas e artísticas dos judeus individuais consistem nas contribuições para a cultura de seus países de acolhimento; eles não representam uma herança cultural comum ou organismo autónomo das tradições. **Resumindo, os judeus de nossos dias não têm nenhuma tradição cultural em comum, apenas certos hábitos e padrões de comportamento, derivadas por herança social desde a traumática experimentam do gueto e de uma religião que a maioria não praticar nem crer em, mas que, contudo, confere-lhes um status pseudo-national.** Obviamente - como tenho defendido elsewhere¹ - a solução a longo prazo do paradoxo só pode ser emigração para Israel ou assimilação gradual para seus países de acolhimento. Antes do Holocausto, esse processo estava em pleno andamento; e em 1975 *A revista Time* reported² que os judeus americanos "tendem a se casar fora de sua fé em uma taxa elevada; quase um terço de todos os casamentos são misturados". No entanto, a influência persistente de mensagem racial e histórica do judaísmo, embora baseado na ilusão, age como uma pausa emocional poderosa apelando a lealdade tribal. É neste contexto que o papel desempenhado pela décima terceira tribo ancestral história torna-se relevante para os judeus da diáspora. Contudo, conforme já referido, é irrelevante a Israel moderna, que adquiriu uma verdadeira identidade nacional. Talvez seja simbólico que Abraham Poliak, um professor de história na Universidade de Tel Aviv e, sem dúvida, uma patriota israelense, fez uma contribuição importante para nosso conhecimento ascendência do judaísmo cazar, minando a lenda da raça escolhida. Também é significativo que o nativo israelense "Sabra" representa, fisicamente e mentalmente, o completo oposto do "Judeu típico", criado no gueto.

A décima terceira tribo

por
Arthur Koestler

BIBLIOGRAFIA SELECIONADA

- Alfidi, "La Royaut dupla des Turcs", *2me Congrès Turc história* (Istambul, 1937).
Allen, w. e. m., *uma história do povo georgiano* (Londres, 1932).
Anais de Admont, Klebel, e., d'Éme neu aufgefundenene Salzburger Geschichtsquelle", *Mitteilungen der Gesellschaft für Salzburger Landeskunde*, 1921.
Arne, t. j., "La Su de et l'Orient", *Archives d'Études Orientales*, 8°. v. 8, Upsala, 1914.
Artamonov, m. i., *estudos na história antiga de Khazar* (em Russo) (Leningrado, 1936).
Artamonov, m. i., *História de Khazar* (em Russo) (Leningrado, 1962).
Bader, O. h., *estudos da expedição arqueológica de Kama* (em Russo, Kharkhov, 1953)
Al-Bakri, TR. francês *Livro dos reinos e estradas*, por Dfremry, *J. Asiatique*, 1849.

- Ballas, j. a., *Beitrge zur Kenntnis der Trierischen Volkssprache* (1903).
- Bar Hebracus, *cronografia* (Oxford, 1932).
- Barker, f., "Crusades" na impressão de *Enc. Britannica*, 1973.
- Barão, s. w., *um Social e Religious história dos judeus*, Vols. III e IV (Nova Iorque, 1957)
- Bartha, r., *um Társadalom de Századi Magyar IX-X* (sociedade húngara nos séculos IX-x) (Budapeste, 1968).
- Barthold, v., consulte Gardezi e *Hudud al Alam*.
- Beddoe, j., "sobre os caracteres físicos dos judeus", *Trans. EDDS. SOC.*, Vol. 1 pp. 222-37, Londres, 1861.
- Ben Barzillay, Jehudah, *Sefer ha-Ittim* ("livro dos festivais") (cerca de 1100).
- Ben-Daud, Ibrahim, *Sefer ha-Kabbalah*, nas crônicas judaica medieval, ed. Neubauer, eu, 79
- Benjamin de Tudela, *O itinerário do rabino Benjamin de Tudela*, Asher, a., TR. e Ed., 2 vols. (Londres e Berlim, 1841).
- Blake, r. p. e Frye, n. r., "Notas sobre a Risala de Ibn Fadlan" em *Byzantina Metabyzantina*, Vol. I, parte 11, 1949. Brutzkus, j., "Chasaren" judeu *Enc.* (Nova Iorque, 1901-6).
- Enterrar, j. b., *uma história do Império Romano do Oriente* (Londres, 1912).
- Enterrar, j. b., *Byzantinische Zeitschrift* XIV, pp.511-70.
- Buxtorf, j., fil., ed., Jehuda Halevi, *Liber Cosri* (Basileia 1660).
- Carpini, *The textos e versões de John de Plano Carpini*, ed. Hakluyt, obras, série Extra organism (Hakluyt. Soc., 1903).
- Cassel, Paulus (Selig), *Magyarische Alterthmer* (Berlim, 1847).
- Cassel, Paulus (Selig), *Der Chasarische Knigsbrief aus dem 10. Jahrhundert* (Berlim, 1876)
- Cedreno, Georgius, ed. Bekker (Bonn, 1839). Khvolson, d. a., *dezoito inscrições graves em Hebraico da Crimeia* (em alemão: São Petersburgo, 1865) (em Russo: Moscovo, 1869).
- Khvolson, d. a., *Corpus de inscrições em Hebraico*, alemão Ed (São Petersburgo, 1882).
- Comas, j., "A questão de raça na ciência moderna" (UNESCO, Paris, 1958).
- Constantino Porfirogênito, *De Administrando Imperio*, revista 2a edição de texto Moravcsik e Jenkins (Washington, DC, 1967).
- Constantino Porfirogênito, *De Cerimoniis*, ed., com comentário, r. Vogt (Paris, 1935-40)
- Dimaski, Muhammad, *Manuel de la Cosmographie du Moyen Age* (Copenhague, 1874).
- Disraeli, b., *O conto maravilhoso de Alroy* (Londres, 1833).
- Druthmar de Aquitania, Christian, *Expositio in Evangelium Mattei*, em Migne, *Patrologia Latina* (Paris 1844-55).
- Dubnow, s., *Weltgeschichte des jdischen Volkes*, banda IV (Berlim, 1926).
- Dunlop, d. m., *A história dos judeus Cazares* (Princeton, 1954).
- Dunlop, d. m., "The Cazares" *A história do mundo do povo judeu*, ver Roth, ed.
- Dunlop, d. m., "Cazares" na *Enc. Judaica*, 1971-2 impressão.
- Eldad ha-Dani, *le d'Eldad de relações danita, Voyageur du IXe Siècle* (Paris, 1838).
- Fishberg, m., *os judeus - um estudo de raça e ambiente* (Londres e abate-on-Tyne, 1911).
- Fraehn, *Cazares*, memórias da Academia Russa (1822).
- Frazer, Sir James, "Matar a cazar Reis" no *folclore*, XXVIII, 1917.
- Frye, n. r., consulte Blake, r. p.
- Fuhrmann, *Alt-und Neusterreich* (Wien, 1737).

Gardezi, TR. Russo Barthold, Académie Impériale des Sciences, série VIII, Vol. Eu, no. 4 (São Petersburgo, 1897).

Gibb, h. a. r. e de Goeje, m. j., artigo sobre "Historiografia árabe" na *Enc. Britannica*, impressão de 1955.

Gibbon, b., *A história do declínio e queda do Império Romano*, Vol. V (2a ed., Londres, 1901).

Goeje, de, ed., *Bibliotheca Geographorum Arabicorum* (Bona).

Goeje, de, consulte Gibb, h. a. r.

Graetz, h. h., *história dos judeus* (Filadélfia, 1891-98).

Gregoire, h., "Le Khazare 'Glozel'", *Istambul*, 1937, pp.225-66.

Halevi, Jehuda, *Kitab at Khazari*, TR. Hirschfeld, nova revista ed. (Londres, 1931); Consulte também Buxtorf, j., fil.

Harkary, a. b., "Ein Briefwechsel zwischen Cordova und Astrachan zur Zeit Swjatoslaws (um 960), als Beitrag zur alten Geschichte Süd-Russlands" em *Russische Revue*, Vol. VI, 1875, pp. 69-97.

Harkavy, a. b., *Altjdische Denkmaler aus der Krim*, memórias da Academia Russa (1876)

Herzog, e., consulte Zborowsky, M.

Hudud al Alam ("Regiões do mundo"), Barthold v., ed. (Leningrad, 1930), tradução e explicação, Minorsky, v. (Londres, 1937).

Hussey, j. m., *Cambridge Medieval History*, Vol. III c (1966).

Ahmad Ibn Fadlan, consulte Zeki Zurique une; também Blake R. p. e Frye, r. n.

Ed ibn Hawkal, *Bibliotheca Geographorum Arabicorum*; 2. Kramers (1939). Ver também Ouseley, Sir w.

Ibn Jakub, Ibrahim, Spuler, b., na *Jahrbcher morrem de peles Geschichte Osteuropas*, III, 1-10.

Ibn Nadim, *Kitab al Fihrist* ("Encyclopaedia bibliográficas"), ed. Flgel.

Ibn Rusta, de Ed. Goeje, *Bibliotheca Geographorum Arabicorum* VII.

Ibn-Said al-Maghribi. Bodleian MS citado por Dunlop (1954), p. 11.

Istakhri, de Ed. Goeje, *Bibliotheca Geographorum Arabicorum*, pars. 1.

Jacobs, j., "sobre as características raciais dos judeus modernos", *J. Anthropol. inst.*, Vol. XV, pp. 23-62, 1886.

Kahle, p. e., *Universidade de Bonn em pre-Nazi e Nazi vezes: 1923-1939. Experiências de um Professor de alemão*, em particular impressa em Londres (1945).

Kahle, p. b., *O Cairo Geniza* (Oxford, 1959).

Karpovich, m., consulte Vernadsky, g.

Kerr, s., *embriaguez* (Londres, 1889).

Kniper, a. h., "Cáucaso, pessoas de" *Enc. Britannica*, impressão de 1973.

Koestler, r., "Judá na encruzilhada" na *trilha do dinossauro* (Londres e Nova York, 1955; Danúbio Ed, 1970).

Kokovtsov, p., *A correspondência de Hebraico-cazar no décimo século* (em Russo) (Leningrado, 1932).

Kutschera, Hugo Freiherr von, *Die Chasaren* (Wien, 1910).

Landau, "A posição actual do problema Khazar", (em Hebraico), *Zion*, Jerusalém, 1942.

Lá zló", g., *A arte do período de migração* (Londres, 1974).

Lawrence, t. e., *Seven Pillars of Wisdom* (Londres, 1906 ed.).

Leiris, m., "raça e cultura" (UNESCO, Paris, 1958).

Luschan, von f., "Die anthropologische Stellung der Juden in Deutschland", *Correspondenzblatt der deutschen Gesellschaft für Anthropologie*, etc., Vol. XXIII, pp.94-102, 1891.

Macartney, r. c., *os magiares no século IX* (Cambridge, 1930).

McEvedy, c., *O Atlas do pinguim da história medieval*(1961).

Marquart, j., *Osteuropäische und ostasiatische Streifzüge* (Hildesheim, 1903).

al-Masudi, *Muruj udh-Dhahab wa Maadin ul-Jawahir* ("prados de minas de ouro e pedras preciosas), francês TR., 9 vol. (Paris, 1861-77).

Mieses, m., *Die Entstehungsuhrsache der jüdischen Dialekte* (Berlim-Wien, 1915).

Mieses, m., *Die Jiddische Sprache* (Berlim-Wien, 1924).

Minorsky, v., ver *Hudud al Alam*.

Muquadassi, *Moslemici Descriptio Imperii, Bibliotheca Geographorum Arabica* III, 3 (Bona).

Nestor e pseudo-Nestor, consulte Russo *Primeira crônica*.

Obolensky, d., *O Bizantino Commonwealth - Europa Oriental 500-1453* (Londres, 1971)

Ouseley, Sir w., *A geografia Oriental da Ebn Haukal* (Londres, 1800).

Paszkievicz, h., *A origem da Rússia* (Londres, 1954).

Patai, r., artigo "Judeus" na *Enc. Britannica*, Vol. XII, 1054, impressão de 1973.

Petachia de Ratisbon, *Sibub Ha'olam*, ed. Benisch (Londres, 1856).

Fócio, *homilias*, tradução para o inglês com introdução e comentário por c. Mango (Cambridge, Mass., 1958).

Poliak, r. s. "A cazar conversão ao judaísmo" (em Hebraico), *Zion*, Jerusalém, 1941.

Poliak, r. s., e de Cazária - *A história de um reino judeu na Europ*(em Hebraico) (*Mossad Bialik*, Tel Aviv, 1951).

Povezt Vremennikh Let, consulte *primeira crônica russa*.

Prisco, *Corpus Scriptorum Historiae Byzantinae* (Bona).

Reid, r. g., *alcoholismo* (Londres, 1902).

Reinach, th., "Judaei" no *Dictionnaire des Antiquits*.

Reinach, th., artigo "Diáspora" *ENC judaica*.

Renan, Ernest, *comme Le Judaisme Race et religião* (Paris, 1883).

Ripley, w., *as raças da Europa* (Londres, "900).

Primeira crônica russa, texto Laurenciano, TR. e Ed. Cruz, s. h. e Sherbowitz-Wetzor, c. p. (Cambridge, Mass., 1953).

Roth, c., ed. *história mundial do povo judeu*, Vol. II: *The Dark Ages* (Londres, 1966).

Roth, c., "Judeus" na *Enc. Britannica*, impressão de 1973.

Sava, g., *Vale do povo esquecido* (Londres, 1946).

Schram, Antica, *Flores Chronicorum Austriae* (1702).

Schultze - *Das Martyrium des heiligen Abo von Tiflis, Texte und Untersuchungen für Geschichte der altchristlichen Literatur, XIII* (1905).

Shapiro, h., *"O povo judeu: uma história biológica"* (UNESCO, Paris, 1953).

Sharf r., *judaísmo bizantino - de Justiniano a quarta cruzada* (Londres, 1971).

Sinor, m., "Cazares" na impressão de *Enc. Britannica*, 1973.

Smith, h., na *Universidade de Glasgow proc. Sociedade Oriental*, V, pp. 65-66.

al-Tabari, *und Geschichte der Perser Araber zur Zeit der Sasaniden* (Leyden, 1879-1901).

Une, consulte Zeki Zurique.

Toynbee, a., *Estudo de história*, simplificação dos Vols. I-VI por m. c. Somervell (Oxford, 1947).

Toynbee, r., *Constantino Porfirogênito e seu mundo* (Londres, Nova York e Toronto, 1973).

Vasiliev, r. r., *os godos na Crimeia* (Cambridge, Mass., 1936).

Vernadsky, g. *antiga Rússia* Vernadsky e Karpovich, *uma história da Rússia*, Vol. Eu (New Haven, 1943).

Vernadsky, g., *Rússia de Kiev*, da mesma série, Vol. II (New Haven, 1948).
Vetulani, r., "Os judeus na Polônia medieval", *j. judaica da sociologia*, Dezembro, 1962.
Virchow, r., "Gesamtbericht... über die Farbe der Haut, der Haare und der Augen der Schulkinder in Deutschland", *Archiv für Anthropologie*, Vol. XVI, pp. 275-475, 1886.
Weingreen, j., *uma gramática prática de hebraico clássico*, 2a ed., Oxford, 1959
Guilherme de Malmesbury, *De gestis regum Anglorum*.
Yakubi, *Buldan*, *Bibliotheca Geographorum Arabica* VII (Bona).
Yakut, *Mujam al-Buldan*, ed. Wstenfeld (Leipzig, 1866-70).
Zajaczkowski, *O Khazar cultura e seus herdeiros* (em polonês) (Breslau, 1946).
Zajaczkowski, "O problema da língua dos Cazares", *proc. Breslau SOC. das Ciências*, 1946.
Zborowscy, m. e Herzog, e., *a vida é com pessoas - A pequena cidade judaica da Europa Oriental* (Nova Iorque, 1982).
Zeki Zurique une, r., "Ibn Fadlans Reisebericht" em *Abhandlungen für die Kunde des Morgenlandes*, banda 24, Nr. 3 (Leipzig, 1939).
Zeki Zurique une, r., "Völkerschaften des Chasarenreiches im neunten Jahrhundert", *Körösi Csoma-Archivum*, 1940.

Blog Hebreu Israelita – <http://hebreuisraelita.wordpress.com>